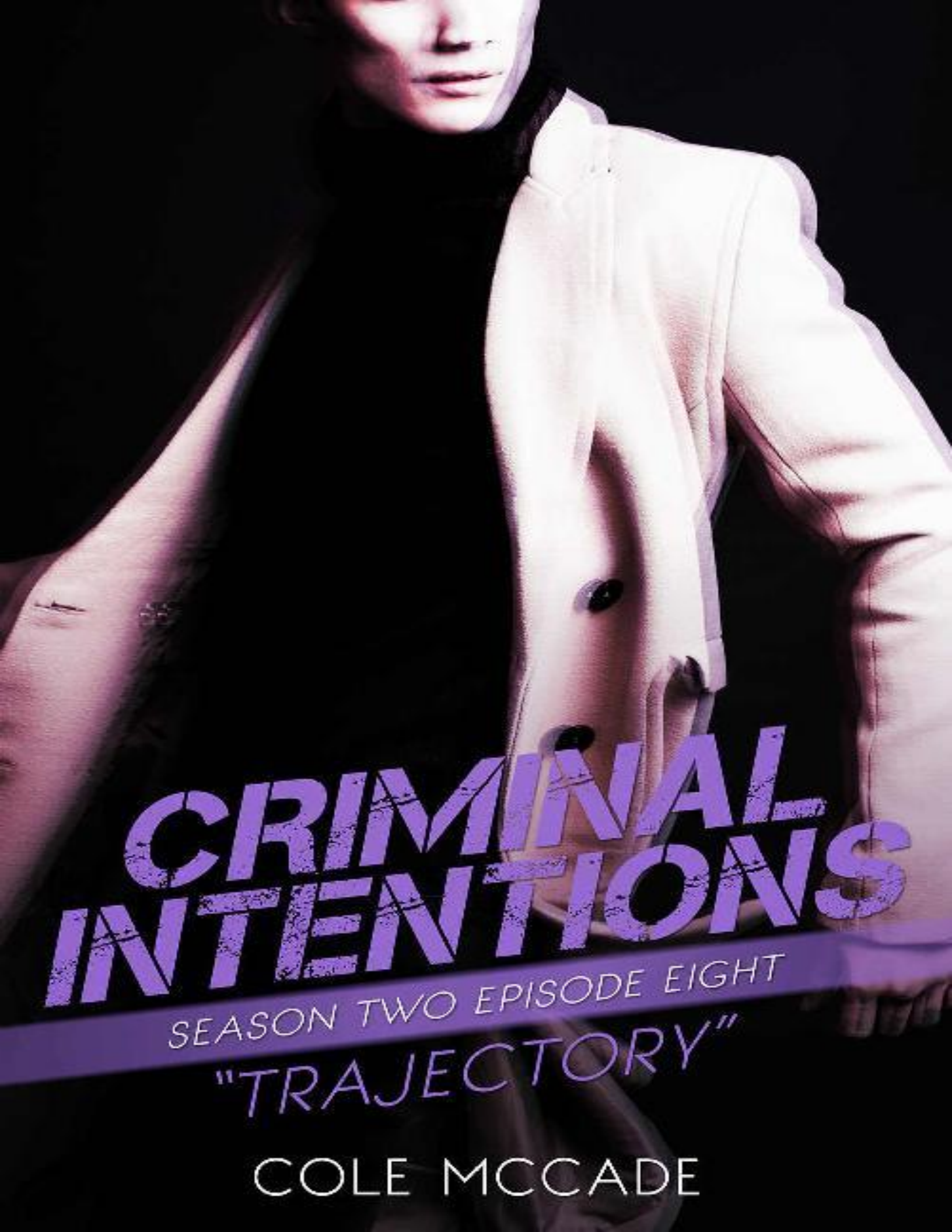

CRIMINAL INTENTIONS
SEASON TWO EPISODE EIGHT
"TRAJECTORY"
COLE MCCADE

Blue Bloods

INTENÇÕES CRIMINAIS

SEGUNDA TEMPORADA, EPISÓDIO OITO

– TRAJETÓRIA

COLE MCCADE



AVISO DE CONTEÚDO

Considerando que *INTENÇÕES CRIMINAIS* é serializado na forma de romances episódicos semelhantes a uma série de televisão, acho que é seguro avaliar isso usando os padrões de televisão FCC dos EUA e marcá-lo como TV-MA. *Criminal Intentions* segue várias investigações de homicídio e, às vezes, pode representar graficamente o ato ou as consequências de uma tentativa de assassinato bem-sucedida.

Embora seja certo que uma série sobre investigações de homicídio descreva homicídios reais, pode ser sensato revisar os avisos de conteúdo sobre as especificidades dos casos descritos em cada episódio.

Particularmente para a segunda temporada, você pode achar os crimes encenados mais gráficos e horríveis do que muitos dos crimes na primeira temporada, embora em muitos casos eu possa optar por escurecer devido à natureza semelhante da violência por um único perpetrador, e apenas mostrar as consequências. Esse resultado ainda pode ser bastante gráfico; deixe isso servir como seu aviso.

Os avisos de conteúdo para a segunda temporada, episódio oito, – Trajetória – incluem:

- Implicações de um personagem sendo graficamente torturado e fisicamente mutilado enquanto ainda vivo usando métodos característicos de incisões do Assassino da Proporção Áurea, derramamento de sangue, corte através de fricção de arame e desmembramento; inclui descrições detalhadas em POV de dor, medo e sensações associadas a isso.
- Implicações da tortura para coagir informações pertinentes e ameaçadoras aos personagens principais da série.
- Uso de imagens e músicas infantis de forma a perturbar e assustar.
- Representação de um personagem bebendo em excesso como um mecanismo de enfrentamento doentio para o luto.
- Múltiplas representações de reações traumáticas de luto em vários personagens diferentes ao longo do livro, incluindo representações de comportamento irracional como uma reação de luto.

- Representações de comportamento manipulador – tanto com intenção positiva, mas métodos menos do que ideais, e com intenção cruel de enganar e desorientar.
- Uso de ameaças contra inocentes e familiares para tentar forçar o cumprimento.
- Representações de potencial violência física agressiva entre personagens principais.
- Descrições detalhadas no POV de claustrofobia e basofobia (medo de cair) em um elevador.
- Representações de visitas de terapia obrigatórias como parte do aconselhamento ocupacional, com lembranças detalhadas de trauma e respostas ao trauma.
- Menção oblíqua de um cônjuge falecido (explicado em mais detalhes nas perguntas e respostas).
- Menção de um personagem principal fumando, além de lidar com os desejos de nicotina e usar métodos de enfrentamento para o vício em fumar.
- Discussões de relacionamentos familiares e parceiros abusivos e seu impacto no alvo - incluindo abuso parental implícito e lembranças de uso coagido de drogas e abuso sexual no passado de Seong -Jae com Sila .
- Discussões sobre como aqueles com transtorno de personalidade antissocial e características psicopáticas têm como alvo as pessoas.
- Menção de um personagem sujando/estragando alimentos com ejaculação masculina cis (sêmen) sem o conhecimento ou consentimento de quem consome o alimento.
- Discussões sobre divórcio e acordos de custódia.
- Flashbacks de uso e dependência de heroína; também inclui marcadores físicos visuais de uso de drogas mostrados em vários corpos.
- Habilidade e atitudes depreciativas em relação a viciados e viciados recuperados; também comportamento auto-recriminatório por um ex-viciado.
- Lembrança de um personagem masculino cis perseguindo uma personagem feminina cis.
- Consentir sexo masculino cis penetrativo / sexo masculino cis com troca de fluidos corporais e sem preservativo.

- **Esteja ciente de que este episódio lida fortemente com a investigação da possível morte de uma criança.** O caso tem décadas e os detalhes não são mais recentes, e não nos concentramos no imediatismo dele no enredo, não experimentamos um POV de vítima e não nos aprofundamos em nada sangrento ou gráfico - mas nos concentramos em descobrir certas verdades, consequências e as consequências a longo prazo e impacto emocional. No entanto, pode ser perturbador ler sobre isso, especialmente considerando os eventos atuais e o estresse geral dos tempos. **Os capítulos seis, sete e dez podem ser particularmente difíceis.**
- Representação de alturas e quedas de maneiras que podem afetar pessoas com medo de altura (acrofobia).
- Representação de instalações correcionais.
- Representação de um preso no corredor da morte em um estado que ainda usa a pena de morte, incluindo a discussão de procedimentos de injeção letal passados e futuros.
- Discussão sobre suicídio, tanto tentado quanto bem-sucedido, por enforcamento e por arma de fogo; inclui ideação suicida claramente descrita.
- Discussão sobre o tráfico de drogas, o vício em heroína e a vida das pessoas afetadas pelo vício, incluindo crianças usadas como mulas de drogas.
- Discussões de uma família assassinada por desmembramento e trauma de força contundente.
- Memórias de uma criança perdida por aborto espontâneo e o luto associado.
- Representação de dificuldades de relacionamento entre um caráter aromantico e um caráter aloromantico envolvendo o caráter aloromantico cruzando fronteiras aromânticas.
- Menção de morte médica temporária e ressuscitação no centro cirúrgico.
- Discussão de uma vítima de queimadura grave e tratamento médico associado.
- Implicações do adultério.
- Implicações do sexo masculino cis/feminino cis com penetração potencial.

- Implicações de uma relação envolvendo dinâmica de poder empregador/empregado e aproveitamento, ao mesmo tempo em que sugere um motivo ulterior para a parte desfavorecida.
- Lembrança da sensação de cometer um assassinato através de memórias sensoriais detalhadas da sensação de quebrar o pescoço de um homem.
- Representação da descoberta e identificação de um corpo enterrado há muito tempo através de cães cadáveres.
- Menção de várias coisas sofridas durante a prisão, incluindo fome, desidratação e sujeira.
- Representação de um cadáver começando a inchar – e severamente mutilado, incluindo remoção de pele e rosto, remoção do globo ocular, escalpelamento, remoção de dentes e danos nas mãos.

Os avisos de conteúdo para o posfácio, perguntas e respostas e agradecimentos incluem:

- Menção às mortes de negros vítimas de violência policial e racismo nos EUA, incluindo George Floyd, Ahmaud Arbery e Breonna Taylor.
- Menção da morte na vida real de um amigo.
- Menção de doença do animal de estimação na vida real/fatalidade potencial.
- Menção de COVID.
- Menção de trauma, estresse e doença física.
- Menção de relacionamentos abusivos, incluindo culpabilização da vítima, codependência, vampirismo emocional e implicações de coerção e agressão sexual.

Leia a seu critério e tome as decisões que forem melhores para você em relação ao conteúdo que pode ou não ser seguro para você.

Cuidem-se, amores.

–C

NOTA DE LEITURA

O PERSONAGEM SADE MARCUS USA os pronomes eles / deles / seus como seus pronomes preferenciais de gênero neutro para um genderqueer e dois espíritos pessoa da nação Lumbee. Eles também usam o honorífico gênero "Mx" neutro em termos de gênero. Ao invés do gênero "Sr." "Srta." ou "Sra" como quando Seong-Jae se refere a eles como Mx. Marcus.

0: AGORA FECHE SUA BOCA SUJA

Greg Torrence pensa que ele já deve estar morto.

O corpo humano não foi feito para suportar isso. Não é feito para ser sangrado por tanto tempo; não é feito para sofrer tanta dor e ainda permanecer inteiro sem entrar em choque e depois desligar, desistir, falhar. Ele se sente como se estivesse em agonia há *anos* , mesmo que, pelo que ele sabe, só tenham sido minutos. Mas se ele está com dor por tanto tempo sem alívio, ele deve estar morto, simplesmente preso naquele último momento de angústia e forçado a vivê-lo por uma eternidade que pode durar apenas um único segundo.

O tempo se dilata com a dor.

Ele sabe disso agora.

Ele sempre pensou no tempo como uma coisa que se move em relação à gravidade, aos buracos negros, ao giro das estrelas, galáxias e superaglomerados girando por todo o universo - mas ele sabe agora que o tempo se move em relação à dor, e que um único instante de a dor pode durar uma vida inteira se essa dor for profunda o suficiente.

Até o osso.

Ele conhece o som do fio raspando contra seus próprios ossos, e pensa que mesmo que ele sobreviva a isso, ele sempre terá ossos sulcados em espirais, a poeira que se desprendeu deles absorvida em sua corrente sanguínea, marcada em pequenas manchas em sua carne como se ele é sedimento, camadas, e seu próprio pó de cálcio está fossilizado dentro dele e preservado para as gerações futuras encontrarem quando alguém, em algum lugar, descobrir seu corpo e o estudar como um espécime de *homo sapiens* do século XXI.

Por favor, por favor, deixe alguém encontrar o corpo dele.

Por favor, deixe que haja o suficiente de seu corpo para encontrar.

Por favor, não deixe esse bastardo doente transformá-lo em um boneco depois de arrancar tudo de Greg que ele pode espremer de sua garganta seca e ofegante.

– Pronto, pronto, aquela voz cantante hedionda canta, e essa voz tem assombrado os pesadelos de Greg toda vez que ele tem a abençoada fortuna

de desmaiar de puro delírio, pura desesperança, talvez até a infecção crescente que ele pode sentir a febre queimando em seu corpo. carne esculpida. – Você deve estar com muita sede.

Ele sabe que está chegando, e ele se odeia por ser grato por isso – a pressão de uma garrafa de água contra seus lábios. É a única sensação que ele conhece além da dor, quando uma bolsa ou tubo de algum tipo de material preto é puxado sobre sua cabeça, bloqueando totalmente a luz. Ele não conhece o sentido do dia ou da noite; não tem ideia de quanto tempo ele está aqui ou mesmo onde está *aqui*, quando tudo está escuro e o tempo se estendeu em um único instante sem fim, um horizonte de eventos congelado, um ponto de ouro ardente derretido que foi esticado e esticado e esticado em um filamento infinito costurando seu caminho através dele até que ele pensa que está alucinando, pensa que não é real, pensa que deve estar morto e isso é purgatório e não há tempo, apenas punição.

Ele se desculparia por todas as pequenas coisas que ele já fez em sua vida, se pudesse - se ao menos isso acabasse com isso.

Mas ele só pode engasgar, ofegar e engolir, enquanto seu corpo desidratado implora por mais do frescor que escorre por sua garganta.

Ele se afasta muito cedo. E ele conhece, então, o aperto de terror que nunca o deixa fora de seu alcance; apenas relaxa, mas depois o aperta com tanta força que ele pode vomitar porque o que vem a seguir faz com que cada momento de breve misericórdia pareça muito mais cruel.

A pressão de dedos grossos dentro das luvas, contra os lados de sua cabeça.

A carícia delicada do pano se afastando.

A áspera picada de luz de uma única lâmpada no teto, perfurando suas pupilas rapidamente e dolorosamente contraídas.

E o olhar insípido e malicioso da máscara brilhantemente sorridente, pressionada tão perto de seu rosto que ele só pode *gritar* enquanto ela enche sua visão e se torna seu mundo e suga toda aparência de luz e esperança e vida que já existiu dentro de seu coração e dentro de sua mente.

– Agora, diz o coelho branco, alto e doce e sedutor. – Fale comigo, Gregory. Conte-me um pouco mais sobre esses homens que jogam meu jogo. Cante para eles, cante doce, Gregory... Cante, oh cante Girando *em volta das rosas* comigo.

1: LEMBRE-SE DE MIM ASSIM

Aanga encolheu-se em sua cadeira e observou as luzes piscantes de um avião traçar lentamente o céu azul profundo de uma noite além da meia-noite, além das estrelas, além da lua e capturados nos momentos mais escuros antes que o sol começasse a aparecer, pouco a pouco, para apagar a sombra e afogar o mundo em sua luz ardente e invasiva.

Ele sabia que não deveria estar aqui – sozinho na sala de guerra, cada estação de trabalho escura e morta, cada cadeira vazia, exceto a sua. Em algum lugar escondido da cidade, um apartamento apertado, apertado e horrivelmente feio esperava por ele; uma vida sob guarda, onde ele nunca poderia estar sozinho. Porra, ele nem estava sozinho agora. Seu pobre maldito guarda-costas, parado do lado de fora da porta e dando a ele alguma aparência de privacidade quando o homem provavelmente só queria tirar algum tipo de cochilo.

Em vez de tomar conta de Aanga enquanto... Enquanto...

Enquanto ele bebia até ficar tonto, e tentava se fazer chorar.

Quando diabos ele perdeu a habilidade? Quando ele deixou de ser capaz de deixar a coisa inchada dentro dele *explodir* e apenas deixar a dor sair antes que começasse a apodrecer dentro dele? Caramba, ele sempre foi orgulhoso, mas agora ele daria qualquer coisa para cuspir o nó preto e venenoso de arrogância e raiva sufocando sua garganta.

E apenas *lamentar*.

Doía respirar, e se ia doer respirar, ele poderia muito bem ter uma fodida razão para isso. Então ele se serviu de outro gole de Bourbon da garrafa meio vazia em sua mesa; ele disse a si mesmo dois dedos, mas de alguma forma ele não parou de contar até quatro – e ele jogou tudo de uma só vez. A bebida desceu quente e forte por sua garganta, até que ele se sentiu como um cuspidor de fogo engolindo aquela tocha ardente em sua garganta e inflamando seus pulmões. Seus olhos ardiam como o inferno, suas narinas formigando, sua garganta batendo para dentro como se ele pudesse conter a queimadura.

Mas mesmo que sua visão lacrimejasse, borrasse…

Nenhuma coisa.

Porra *nada*.

Talvez ele não tivesse permissão para sofrer. Talvez ele não merecesse, depois de sua série de fracassos. Talvez ele tivesse que viver com esse prédio dentro dele, enchendo-o, tomando conta dele, e isso não pararia de sufocá-lo até que ele pegasse aquele pedaço de merda e—e—

Deus, eu vou matá-lo com minhas próprias mãos.

Talvez então, ele pudesse encontrar alguma paz.

Talvez então…

Ele teria permissão para dizer adeus.

Ele fechou os olhos, pressionando a boca na borda fria do copo, tomando uma respiração lenta que parecia estar respirando os mortos. Como se os últimos vapores que subiam do vidro fossem o incenso do luto, a fumaça da memória, e ele os engoliu dentro de si e preencheu todos os lugares cavernosos que ecoavam vazios de tudo, exceto de mil amargos *poderia ter sido*.

Aanga serviu, então.

Mais uma rodada para anestesiar a dor.

Ele olhou para a poça dourada de licor, suja e marrom pelas sombras do quarto, então ergueu o copo para aquela janela aberta e o céu vazio onde ele sabia muito bem que ninguém estava olhando para ele.

– Um brinde a essa bebida que nunca tomamos, ele sussurrou.

Então jogou a cabeça para trás e derramou o Bourbon goela abaixo.

E só esperava que pudesse apagar a dor com a queimação inebriante e espiralada de um fogo purificador que não tinha esperança de torná-lo limpo novamente.



Quando o motorista os deixou fora do prédio do FBI, Malcolm revirou os ombros doloridos . A cama daquele apartamento não valia merda nenhuma, e por mais que ele amasse Seong -Jae, o corpo de seu omr-am era muito

apertado e tonificado para fazer um bom travesseiro – especialmente quando Seong - Jae passou a noite inteira tenso, mesmo dormindo.

Malcolm não podia culpá-lo.

Levou tudo nele, ontem à noite, para não sair daquele pesadelo hipercolorido de um apartamento para encontrar Joshi e exigir que ele *olhasse* para as evidências. Supere seu orgulho, supere seu medo de falhar novamente e pare de descartar a conexão com Sila quando ela estava *bem ali* nas discrepâncias entre as fotos de Mik Christiansen antes e depois do assassinato de sua família.

Seong-Jae foi o único a acalmá-lo.

Eu o conheço. Mão quente no braço de Malcolm, acalmando-o, lembrando-o de respirar e não pular muito rápido. *Se enviarmos mensagens de texto, ligarmos para ele, até mesmo confrontá-lo em particular, ele não ouvirá. Especialmente agora, quando a dor de perder seu amigo ainda está fresca.* Olhos negros de corvo o observaram com seriedade, pulsando em um tom baixo e fervoroso de barítono. *Deixe-o dormir nele por uma noite. Acalmar. E então…*

E então? Malcolm perguntou, aproximando Seong -Jae contra seu lado, correndo os dedos pela pele lisa e esticada ao longo de suas costelas e cintura para se estabelecer nos ângulos rígidos de seu quadril.

Nós o encurralamos, Seong - Jae dissera, algo afiado brilhando em seus olhos. A mesma *coisa* que primeiro dissera a Malcolm, todos aqueles meses atrás, que seu novo parceiro aparentemente rígido e certinho - e tecnicamente, seu superior - era mais do que parecia, e havia um homem selvagem imprudente e perigoso e furioso. temperamentos e convicções profundas sob aquele exterior gelado. *Apresente as informações a ele na frente dos analistas. Ele já perdeu a cara na frente deles mais de uma vez. Se deixarmos claro que ele está sendo irracional, ele não vai querer que seus subordinados o vejam sendo irracional; eles vão perder o respeito por ele.*

Malcolm bufou e inclinou a cabeça para descansar o rosto na bagunça macia de cabelo preto na cabeça de Seong -Jae. *Isso é manipulador.*

É psicologia, Seong-Jae disse simplesmente. *Apenas aplicado para obter o resultado desejado.*

Manipulador.

Semântica.

Ontem à noite, Malcolm apenas riu cansado e virou Seong-Jae de volta para beijá-lo, demorando-se suave e lentamente em toques gentilmente trocados, beijos castos mais para conforto e afeição do que qualquer outra

coisa, aliviando o peso pesado do dia um beijo em um beijo. tempo até que ele finalmente conseguiu afundar contra Seong-Jae e *dormir.*

Mas agora, enquanto ele colocava as alças de sua bolsa de mão e da mochila do laptop no ombro e olhava para a alta lança branca do prédio do FBI...

Esse peso o empurrou novamente.

Ele carregava uma ampulheta nas costas.

E ele só podia estimar a areia deixada nele pela pressão esmagadora que pesava sobre seu corpo e sua alma, até que ambos ameaçaram quebrar.

– Eu odeio ter que fazer isso, disse ele suavemente. – Gostaria que tivéssemos tempo para deixar Joshi respirar. Para deixá-lo sofrer e magoar, sem que nós o empurremos e cutuquemos seu ego e suas dores.

– Não há tempo para essas coisas, neste trabalho. – Seong-Jae bateu a porta do SUV e se acomodou ao lado de Malcolm, a coluna movendo-se fluidamente enquanto ele se endireitava e girava a cabeça, as vértebras em seu pescoço estalando em uma série audível de *estalos*. – É um dos motivos de eu ter saído. O trabalho disso, as demandas disso... Não permitem que os momentos sejam humanos. Eles não param, desaceleram, param para deixar você recuperar o fôlego. – Ele tocou o pequeno rasgo de bala não consertado na manga de sua jaqueta de corrida de couro preto, olhando para o prédio com olhos desfocados, o sol da manhã refletindo nos ângulos de seu rosto até que ele fosse todo arte poligonal e estética afiada. – Às vezes me sinto culpado por deixar isso para trás. Mas então me lembro que é puro ego sentir que é minha única responsabilidade deter essas pessoas. Para salvar os outros. Se meu coração não está nisso, não há nada que eu possa fazer que outros que ainda têm coragem para isso não possam fazer. – Ele virou a cabeça para Malcolm, aqueles olhos desfocados clareando até que Seong-Jae estava *presente* novamente, ocupando a mesma realidade e espaço que Malcolm ao invés de algum lugar onde Malcolm sentia que simplesmente... Não podia alcançar. – Você também não precisa se sentir culpado por estar pronto para deixar isso para trás.

– *Ei*. – Malcolm apontou um dedo para seu omr-am. – Eu te disse. Nada de me psicanalisar.

Os labios de Seong -Jae se curvaram no canto; menos o fantasma de um sorriso e mais o que realmente passava por um sorriso naquela boca rosada e madura demais. – É muito difícil desligar. Não se preocupe. Eu não *manipulo* você do jeito que faço com Aanga.

– ... Você me diria se o fizesse?

E pela primeira vez, Seong -Jae sorriu largo, caloroso não importa o quão cansado ele pudesse estar, um flash de dentes brancos e aquela astúcia que transformou seu rosto desapaixonado e pétreo em maldade de raposa. – Não.

Então Seong -Jae agarrou a alça do suspensório de Malcolm em um dedo, puxando um Malcolm um tanto paralisado como se o arrastasse pela coleira enquanto Seong-Jae caminhava pela calçada, sua voz de veludo atraindo Malcolm tão seguramente quanto aquele aperto.

– Além disso, Seong -Jae disse. – Você é um velho lobo teimoso demais para me deixar manipulá-lo. Agora vem. Vamos discutir com meu ex-namorado e esperar que possamos forçá-lo a ver a razão.

Malcolm apenas encarou Seong-Jae.

E embora ele guardasse para si mesmo, engolindo em silêncio...

Uma risada brotou em seu peito e ficou lá, um ponto de calor para afastar a fria e terrível certeza da escuridão em que viviam imersos dia após dia.

Apenas Seong-Jae, ele pensou.

Apenas Seong-Jae poderia fazê-lo sentir isso, mesmo agora.

Ele seguiu Seong-Jae para dentro do prédio, um rápido flash de suas credenciais no saguão e depois para aquele elevador horrível que Malcolm não podia nem se sentir muito mal, agora mesmo, quando ele se acostumou entorpecido com aquele pequeno e fechado espaço. Seong-Jae, no entanto, estava inquieto ao seu lado, incapaz de ficar parado, batendo a ponta de uma bota no chão repetidamente enquanto seu olhar se fixava firmemente nos números acima.

– Você está de mau humor esta manhã. – Malcolm encostou-se à parede. – O que te deixou tão animado?

– Isso parece *certo.* – Seong-Jae estalou a língua bruscamente. Sua energia era uma coisa transbordante, enchendo o pequeno espaço como estática enjaulada flutuando e formigando no ar. – Desde o momento em que encontramos este caso, estamos nos *afogando.* Muita informação. Muita violencia. Muitos suspeitos, possibilidades, conexões, partidas falsas, pistas ruins, decisões ruins. Muita *dúvida.* Mas isso... – Ele balançou a cabeça – mas estava apertada, espasmódica, fazendo seu cabelo balançar em sua testa em mechas pretas, para frente e para trás. – Meus instintos dizem que estamos realmente no caminho certo. Mais, eu acho, do que o coelho branco espera. Podemos finalmente estar um passo *à frente* na decifração disso.

Ah.

Malcolm entendia, agora.

No final, seu omr-am realmente era um caçador – e se Sila estava certo sobre uma coisa, era que Seong-Jae quase sempre pegava sua presa.

E essa energia inquieta foi o aguçamento de seus sentidos, agora que Seong -Jae finalmente havia dito a presa em sua mira.

Malcolm desejou poder compartilhar dessa alegria, dessa ansiedade, dessa sensação de antecipação de que eles estavam finalmente colocando em movimento a cadeia de eventos que poderia levar ao fim disso. Mas depois do passo em falso de Neil Samson, depois de seus próprios saltos lógicos apressados que levaram Joshi a decisões ainda mais precipitadas...

Malcolm teve que andar com mais cuidado, conter-se um pouco mais.

Ele não podia permitir outro erro.

Não com seus pais em jogo; não com a família de Seong-Jae na mira do coelho branco.

Mas ele também não iria cagar com a excitação de Seong -Jae, não quando os dois pudessem precisar dessa energia para passar por isso. Então ele apenas sorriu e estendeu a mão para segurar levemente a mão de Seong -Jae na sua por alguns momentos, entrelaçando seus dedos até que as pontas desgastadas dos dedos de Seong -Jae roçassem entre os nós dos dedos.

Antes que ele se soltasse e saísse, enquanto as portas do elevador se abriam e os deixavam em seu andar.

O clima na sala de guerra era sombrio; o assento vazio pertencente a Greg Torrance não havia sido preenchido, e sua conspícua ausência parecia assombrar o espaço até que o ruído constante e típico do trabalho foi abafado, moderado, a digitação mais suave, os murmúrios carregando com eles o silêncio dos enlutados em um velório. Joshi, como sempre, estava na ponta da sala, rígido como pedra e nem um fio de cabelo fora do lugar - a imagem do diretor Joshi, em vez de Aanga, seu terno perfeitamente passado e seus óculos bem empoleirados em seu nariz, sua expressão remoto e seus olhos negros angulosos completamente fechados.

Ele não olhou para cima quando eles entraram.

Mas a vacilação sutil que sacudiu seus ombros disse que ele sabia.

Ele sabia, e talvez não estivesse em estado mental para lidar com eles.

Sinto muito, pensou Malcolm, mesmo que Joshi fosse a última pessoa para quem ele pensaria que diria essas palavras. *Lamento que tenhamos que fazer isso agora, dessa maneira.*

Ele chamou a atenção de Seong-Jae, inclinando a cabeça interrogativamente. *Você ou eu?*

Seong-Jae separou os lábios, então deu de ombros impotente, espalhando as mãos levemente. *Nem uma porra de pista.*

Sim.

Bom ponto.

Havia um milhão de razões pelas quais Joshi não iria querer ouvir *qualquer um* deles, então... Maldito se eles quisessem, malditos se eles não quisessem.

Malcom suspirou.

OK. Ele estava de pé, então. Pelo menos a animosidade entre ele e Joshi não tinha uma história tão profundamente enraizada e pessoalmente dolorosa, e seu temperamento era *um pouco* menos explosivo do que o de Seong-Jae agora, então havia aproximadamente dois por cento de chance de ele conseguir uma melhor resposta do que Seong-Jae.

Ele olhou para a apertada mandíbula de Joshi.

… Risca isso.

Um por cento de chance.

Foda-se. Aposta, Khalaji.

Ele deu um sorriso a Seon-Jae, pesaroso, já se preparando para o inferno, e apressou o passo para assumir a liderança. Mas quando chegou ao lado de Joshi, Joshi já estava falando, sua voz fria e cortante e... Malcolm só podia descrevê-lo como estranhamente *superior*, como se Joshi tivesse se enrolado no manto de seu posto e não saísse para o meros camponeses o incomodando agora.

– Eu, Joshi disse, não quero ver você até que você compareça às suas consultas de terapia.

OK. Sim. *Aqui vamos nós.* Já procurando colocar Malcolm em seu lugar, mantenha os dois na defensiva.

Não suba a isso.

– Nós temos tempo. – Malcolm respondeu. – Nós não devemos chegar antes de trinta minutos, e há algo que você realmente precisa ver sobre o caso.

Joshi manteve os olhos na tela, o queixo erguido em uma inclinação orgulhosa, e entrelaçou os dedos atrás das costas. – Você pode me informar depois de suas sessões de aconselhamento.

– Não. Não podemos. Porque você está nos mandando para Vegas logo depois, e esse pode ser o caminho errado. Se precisarmos corrigir o curso, não podemos esperar por mais algumas horas, disse Malcolm – então, antes que Joshi pudesse afastá-lo ou tentar conduzir a conversa, Malcolm continuou com firmeza: – Preciso que você *ouça* o que estou dizendo. prestes a dizer. Ouça, e não o descarte por uma reação instintiva. Eu sei que as coisas estão difíceis para você agora, e você está sofrendo...

– Meus sentimentos pessoais não fazem parte desta investigação, e não são um tópico de discussão, – Joshi cortou, cada palavra uma lasca de gelo que não derrete. – Eu agradeceria a você ter um mínimo de respeito pela minha privacidade.

São eles?

Seus sentimentos estão realmente separados desta investigação?

Mas Malcolm respirou fundo, fechou os olhos, controlou-se, lembrou a si mesmo que estava fazendo isso por Seong-Jae para que Seong-Jae não precisasse; seu omr-am permaneceu em silêncio, pairando logo atrás de Malcolm, o calor na forma de um homem delineando-o contra as costas de Malcolm.

Fique firme. Fique calmo.

– Sinto muito, ele se obrigou a dizer, abrindo os olhos. – Eu não vou trazer isso à tona novamente. Mas eu ainda preciso pedir que você tente nos ouvir agora.

– Estou ouvindo.

Sim.

Sobre bem como uma parede de tijolos.

Foi com isso que Malcolm sentiu que estava falando, observando o perfil de Joshi e aquela expressão severa e proibitiva, mas ainda assim ele se obrigou a dizer: — Sila — Lucas Aleks — não é Mik Christiansen. Comparamos as fotos e...

– *Não.* – Nem uma única mudança na inflexão, ou nas feições impassíveis. Nada atravessava aquela parede que Joshi havia erguido ao seu redor. – Não estamos discutindo isso. Fim da história. Avisei que se você continuar tentando desperdiçar recursos em um lead inviável, eu o removerei deste caso. Isso inclui todas as proteções do FBI para sua família.

Malcom parou.

Ódio vil borbulhou no fundo de sua garganta tão abrupta e agudamente como um tiro disparado – mudando o teor da sala com a mesma violência, azedo, preto e oleoso, sufocando suas palavras. Mas ele não precisava falar; Seong-Jae empurrou-se para frente, olhando para Joshi com os olhos vazios, voz de aço, borda rouca desaparecendo para deixar um barítono lixado repleto de ódio.

– Se você quer punir alguém por seu ego ferido, – ele disse, – me castigue. Não Malcom. E não a família de Malcolm. Mas, mais do que tudo, não use pessoas inocentes como moeda de troca para evitar admitir que está rejeitando essa via de investigação porque tem medo de ser humilhado na frente de seus superiores por outro erro, se estivermos errados.

– O que eu temo, disse Joshi, a voz quase baixa demais, misturando-se ao zumbido dos analistas no trabalho, é que temos um assassino desonesto à solta, sem ideia de onde ele está, e uma contagem regressiva para trinta e mais um cadáver quando não temos ideia de quanto tempo resta. Se eu perder um *minuto* deixando você expor outra teoria de merda, como a sua última sobre Neil Samson, isso pode significar uma, dez ou trinta pessoas mortas. Se não tivéssemos desviado tantos recursos e perdido tanta confiança dos altos funcionários na caçada de Sansão, é muito possível que pudéssemos ter salvado todas as vidas que o coelho branco acabou desde então. Mas nós não.

O sangue correu do rosto de Malcolm para deixá-lo frio quando a consciência o atingiu com a força total de uma marreta. – Você me culpa por isso. Por essas mortes. Para o detetive Shane Luxe.

O instante em que a expressão vazia e morta de Joshi quebrou foi horrível - como se o nome *Shane Luxe* dissipasse um glamour fantástico, transformando-o de um homem calmo e sombrio em um pesadelo de feições flácidos derretidos em plasticidade pelo calor do luto que queimava ele sem parar.

Aquelas paredes ao redor dele não estavam escondendo nada, Malcolm percebeu.

Eles estavam segurando todas aquelas coisas terríveis.

Mas tão rápido quanto rachou, a máscara de Joshi alisou, sua respiração superficial e alta por apenas um batimento cardíaco antes de se acalmar e ficar em silêncio novamente.

– Eu culpo nós dois, disse ele. Tão calmo, as palavras tão vazias, mas aqueles olhos negros fechados ficaram vidrados, distantes, não realmente focados na tela na frente dele. – Todos nós. Ao tentar fazer as pazes com você, esqueci que *sou* o responsável por esta investigação. Você não. Espero que você se lembre disso. Enquanto eu tento nos colocar de volta nos trilhos, ao invés de seguir quaisquer teorias de curingas que você tenha sem fundar, e baseado apenas nas memórias possivelmente defeituosas de Seong-Jae.

Agora foi a vez de Seong -Jae ficar quieto.

Malcolm sentiu como se Joshi estivesse trabalhando neles como suspeitos — jogando com seus medos, suas mágoas, as coisas que ele sabia que os faria ficar frios de pavor e apreensão, qualquer coisa para desequilibrá-los. Ele não achava que Joshi sequer percebeu que ele estava fazendo isso.

Algumas pessoas aprenderam a análise psicológica como uma habilidade.

Alguns o aprenderam como um mecanismo de defesa e o usaram como arma com muita frequência e facilidade.

Seong-Jae olhou para Joshi. – Você ainda não acredita em mim, disse ele com a voz rouca. – Você ainda acha que Sila é uma invenção da minha imaginação. Mesmo depois do que aconteceu em Baltimore. Mesmo depois que ele tentou nos *matar.*

– Acredito que esses eventos aconteceram. – Os dedos de Joshi se curvaram onde descansavam contra a parte inferior de suas costas, batendo contra a palma pálida e bronzeada. – Não acredito que o envolvimento dele em sua vida ou neste caso vá além disso. Nem acredito que você já esteve naquela casa que pertenceu aos Duvonne antes do dia em que a investigamos.

– Mas eu *tenho!* Seong-Jae se inflamou, uma carranca piscando em suas feições graciosamente afiadas, seus olhos angulosos se estreitando até brilharem como fendas de obsidiana. – Você realmente acha que minha memória é tão defeituosa? Você acha que eu inventaria uma memória de uma casa tão distinta?

– Acredito que o cérebro é extremamente capaz de criar falsas memórias para preencher as lacunas causadas pelo tempo, idade... Outras coisas. Você pode fazer alguém se lembrar de algo que nunca aconteceu apenas 'lembrando' de uma maneira que cria as imagens que seu cérebro retorna falsamente como uma memória. E isso está se referindo a um cérebro básico que não está operando sob nenhuma influência. – Joshi finalmente virou a cabeça, um olho deslizando em direção a Seong - Jae como uma mira em movimento, travando nele. – Você quer que eu explique por que não confio em suas memórias daquele período, Seong - Jae? Aqui? Na frente de todos? Porque eu vou, se isso fizer com que você largue.

Essa sensação fria e doente dentro de Malcolm se solidificou em um nó estrangulador de raiva. Ele quase não conseguia respirar, mas isso não o impediu de se mover, empurrando-se entre Seong -Jae e Joshi.

– O inferno que você vai, ele rosnou, olhando para Joshi. – Diga uma palavra. Você não vai gostar de como isso termina .

Joshi lentamente se virou para encará-los completamente, sua cabeça inclinada para um lado em um gesto quase insetóide enquanto seu olhar vagava sobre Malcolm, tomando-o como se o definisse, notando o espaço que ele ocupava, deixando Malcolm intensamente consciente de quão grande ele era. comparado a Aanga Joshi.

– Você está me ameaçando? – Suave. Quase sedosa, cada palavra espaçada em uma respiração, enquanto o olhar de Joshi subia para os olhos de Malcolm. – Porque eu não acho que você vai gostar muito de como isso termina também.

Malcolm cerrou o punho lentamente, como se agarrasse as próprias rédeas para se arrastar. A força dessa coisa entre ele e Joshi estava atingindo níveis de colapso nuclear, e ele não sabia se confiava em si mesmo se sobrecarregasse e perdesse o controle. temperamento aqui, agora. De todas as malditas coisas para fazer para manter Malcolm na linha, de todas as malditas coisas para dizer a Seong-Jae…

Ele sentiu a violência crescendo em seus punhos como granadas.

Este não é quem você é, disse a si mesmo.

Mas ele se perguntou, pelo jeito que Joshi estava olhando para ele...

Se Joshi não *queria* que ele perdesse a paciência e perdesse o controle.

– Então agora eu sei quem você é. – Mesmo que Malcolm estivesse escolhendo palavras em vez de golpes, ele não conseguia manter essas palavras suaves, calmas; não conseguiu conter o ácido se moldando em sua língua e em algo cruel. – Alguém que faz os outros sofrerem por sua dor e seu orgulho. Alguém que acha que é bom abusar dos outros, desde que você possa descartá-lo dizendo 'Não sou eu, eu só tive um *dia ruim* ' como se isso apagasse a destruição que você causou naquele *dia ruim.* – Ele deu um passo mais perto, enquanto Joshi olhava para ele com desdém. – Quem você é naqueles dias ruins é quem você é, ponto final, Joshi. E quem você machucou naqueles dias ruins ainda está machucado quando você está pronto para ignorá-lo e deixar isso para trás.

A mandíbula de Joshi se projetou. Ele levantou o queixo mais alto e avançou um único passo. Um único passo, mas foi o suficiente para invadir o espaço de Malcolm para torná-lo um desafio silencioso; uma ameaça silenciosa, o empurrão e puxão da força viciosa entre eles esmagado em um espaço tão apertado que beirava o estouro.

– Se você acha que está melhor, quando eu posso ver através do que você estava tentando fazer ao me confrontar na frente de meus subordinados... – A curva dos lábios de Joshi gotejou com desprezo. – Saia da minha frente. Seu voo para Las Vegas sai às uma. Espero ouvir dos conselheiros que você foi cooperativo, e talvez a ajuda profissional possa orientá-lo a trabalhar com essas *questões* antes que você tenha que representar meu departamento ao trabalhar com pessoas de interesse.

Aquelas rédeas finas de contenção que Malcolm agarrou com tanta força menos *quebrada* e mais *desintegrada,* como se pulverizada em pó em seus punhos cerrados.

Seu corpo se contraiu até que ele sentiu como se seus próprios músculos o estivessem apertando até a morte, rolos de tendão enrolados e não deixando nenhum lugar para impulsionar essa energia, mas para fora,

começando a mandá-lo para frente – até que a mão de Seong-Jae pressionou contra seu peito. Luz, aqueles dedos angulosos abertos, o toque mal ali, e ainda assim era o poder de Seong -Jae sobre Malcolm que tudo o que bastou para detê-lo foi aquela mão, uma pena parando uma avalanche.

– Malcom. – Seong-Jae falou com Malcolm, mas olhou para Joshi, encarando-o como se estivesse olhando para algum inseto repelente que inspirava uma mistura de repulsa e... Não exatamente medo, não. Malcolm não achava que Seong-Jae tivesse medo de Joshi, não importava as mudanças de duas caras que Joshi mostrasse a ele. Mas certamente um tipo de guarda cauteloso, como continuou Seong-Jae: – Acho que nosso tempo seria melhor gasto em outro lugar. Fazendo *nossos* trabalhos. Para que Joshi possa fazer o que ele acha que deve fazer para preservar seu ego frágil.

Joshi.

Malcolm achava que nunca tinha ouvido Seong-Jae se referir a Joshi apenas pelo sobrenome. No fundo de sua mente, Malcolm coçava, essa consciência do que significava para Seong -Jae falar com alguém pelo nome, e a intimidade implícita em cada murmúrio de *Aanga.*

Tirar isso pode parecer pequeno, para alguns.

Mas esse era o jeito de Seong -Jae.

Coisas pequenas, às vezes, são as mais difíceis de todas.

E ele percebeu pela maneira como Joshi simplesmente *parou de respirar*; o jeito que ele olhou para Seong-Jae tão inexpressivamente. A parte feia de Malcolm sentiu um prazer obscuro e imundo naquele lampejo de mágoa nos olhos de Joshi.

O resto de Malcolm só queria sair daqui antes que ele realmente explodisse, e nem mesmo a mão calmante de Seong-Jae seria capaz de impedi-lo de fazer algo lamentável - até que Joshi se tornou a vítima de um *dia ruim.*

Talvez Malcolm tivesse o direito de estar com raiva agora. Isso não significava que mais tarde, ele não se arrependeria de machucar um homem enlutado.

Não importa o *idiota* que aquele homem era.

Então foi um alívio quando Joshi virou as costas, girando nos calcanhares com precisão mecânica, dando-lhes nada além do conjunto impassível de seus soldados.

– Dispensados, disse ele. Formal. Calmo. – Os agentes que o acompanharão ao aeroporto estarão esperando com suas passagens assim que você concluir suas sessões.

Foi Seong-Jae quem se retirou primeiro, recuando como uma sombra se desfazendo da luz. Malcolm permaneceu por mais um momento, apenas

porque não confiava em suas pernas, se as destrancasse, para levá-lo para *longe* e não *para frente*. Mas ele se desenrolou, deu um passo para trás, respirou fundo como facas cortando sua garganta, então se virou. Seguiu Seong-Jae da sala. Deixe a porta se fechar atrás dele.

Em seguida, virou-se e encostou a palma da mão na parede ao lado da porta, a dor reverberando nos ossos do pulso e do braço com força suficiente para fazê-los vibrar até o ombro, enquanto o vidro na fenda fina de uma janela alta acima sacudiu em sua vidraça.

– *Malcom.*

Seong -Jae atrás dele, então: braços em volta da cintura, cabeça descansando entre os ombros de Malcolm, cabelo macio contra a nuca. Segurando-o junto, segurando-o por *dentro*, antes que ele explodisse em todos os lugares e se transformasse em algum tipo de maldito animal.

Com a palma da mão ainda pressionada contra a parede, Malcolm se inclinou com força contra sua mão, bufando várias vezes até que parassem de *doer* tanto, seu esterno comprimindo dolorosamente a cada inspiração.

– Sinto muito, ele conseguiu dizer depois de alguns momentos, as palavras alojadas em sua garganta quando a última vez que ele as disse, elas foram desperdiçadas. – Apenas... Quando ele ameaçou minha *família*...

– Ele não faria isso, disse Seong -Jae. Calmante, aquele zumbido lírico de volta em sua voz, aquecendo-a e tornando-a gutural e doce. – Eu prometo. Ele não iria. Eu não estou defendendo ele. A maneira como ele está se comportando é indefensável. Eu simplesmente reconheço o que ele está fazendo, e fazer algo que ameace inocentes por despeito comprometeria seu senso de moralidade.

– Que *moral?* Que porra de moralidade existe nessa porra de jogo que ele está jogando conosco? Em nos empurrar de volta para nossos lugares do jeito que ele está tentando? Achei que estávamos trabalhando juntos.

– Nós estamos, mas... – A sobrancelha de Seong -Jae descansou contra a nuca de Malcolm, respirações quentes filtrando por seu colarinho. – Joshi é... Mais velho. Eu sei, eu te chamo de velho... Mas você e ele ainda estão separados por uma geração, e por certas... Diferenças nas normas culturais. Ele é mais velho, ele é nosso superior direto, ele tem certas crenças sobre salvar a face e preservar sua reputação para evitar se envergonhar, e isso significa que ele está fazendo escolhas que acredita serem mais seguras, menos arriscadas – enquanto tenta restaurar sua posição de antiguidade. E para ele, é totalmente normal ser inflexível e autoritário sobre isso, principalmente quando a dor o deixou instável e procurando desesperadamente criar estabilidade – pela força, se necessário.

– 'Respeite os mais velhos ou deixarei um serial killer assassinar sua família.' – Malcolm olhou para seus dedos abertos, as cicatrizes em seus dedos, lembranças de tempos em que ele possuía menos controle do que gostaria; quando ele foi menos do que o homem que tentou ser, o homem que seu pai o ensinou a ser. – E daí? Agora vamos para nossas sessões de terapia como bons garotinhos, fazemos o que nos dizem e ignoramos completamente o ângulo de Sila?

Os braços de Seong-Jae se apertaram ao redor da cintura de Malcolm, pressionando até que eles fizeram com que as reviravoltas de raiva parassem de empurrar para fora com tanta força. – Vamos à terapia. Vamos para Las Vegas. Ainda precisamos dessa informação. Ainda precisamos falar com os parentes próximos dos suspeitos e outras pessoas de interesse. Mas não ignoramos o ângulo Sila . Nós simplesmente procuramos nossa oportunidade e a aproveitamos quando a encontramos.

– Eu não sei se posso suportar se 'quando' é mais tarde ou mais cedo, – Malcolm sussurrou, então fechou os olhos, inclinando-se para frente e batendo a cabeça contra a parede ao lado de sua mão. –... Eu odeio isso. Eu odeio que nossas mãos estejam atadas sem a aprovação dele, tudo por causa de legalidades e burocracia.

– Nossas mãos só estão atadas porque as deixamos em paz. – Cada murmúrio fazia os lábios de Seong-Jae se moverem contra o cabelo da nuca de Malcolm. – Porque nos comprometemos a honrar e cumprir as regras que mantêm os cidadãos seguros. Não apenas de uma potencial atividade criminosa... Mas de nós.

–... Eu sei. Eu ainda posso odiá-lo. – Malcolm suspirou, abrindo os olhos, olhando para o grão de estuque monótono logo além das pontas de seus cílios. – Vou com uma condição.

– O que é aquilo?

– Eu posso cortar os pneus de Joshi no caminho para fora da porta.

A risada de Seong -Jae foi um leve puxão que sacudiu o corpo de Malcolm, emparelhado com um bufo silencioso. – Você nem sabe qual é o carro dele. Ele provavelmente estava com motorista aqui, assim como nós.

–... Eu vou cortar os pneus de um carro da agência, também. Veja se não vou.

– Você não vai.

– Eu poderia. – Malcolm se virou, então, movendo-se cautelosamente, quando a última coisa que queria era puxar os braços de Seong-Jae ao seu redor. Apoiando as costas na parede, ele deslizou as mãos para cima dos ombros de Seong-Jae, absorvendo seu calor através do couro daquela jaqueta

preta de corrida. – Mas e você? Ele... Atingiu bem abaixo da cintura. Isso foi malditamente baixo, cavando em você sobre... *Isso.* Tentando você a se acender a gás. Você está bem?

– Eu não... – Seong-Jae vacilou, suas sobrancelhas baixando, sua boca ficando frouxa; ele olhou para Malcolm estranhamente. – Eu não sinto nada. Isso é normal? Eu deveria estar com raiva, mas em vez disso estou apenas vagamente enojado.

– Joshi está corroendo qualquer boa vontade que você sinta em relação a ele desde que começamos este caso, disse Malcolm. – Ele continua... Começando a ser decente, então deixando suas emoções tomarem conta dele. O que significa que estamos vendo o *pior* dele, e posso entender completamente não estar no controle de si mesmo em sua dor, mas isso vem acontecendo desde bem antes da morte de Luxe. E parecia que você já tinha começado a se distanciar, mas... – Malcolm franziu a testa. – Amor, você o chamou de *Joshi.* Esse é um belo desapego final, não é? E você é praticamente tudo ou nada.

Seong-Jae piscou, sua cabeça inclinada para um lado; corvo curioso, de olhos negros e curioso. – Eu sou?

– Sim. – Malcolm não pôde deixar de rir afetuosamente, estendendo a mão para afastar o cabelo de Seong -Jae, passando os dedos pela testa. – Ou você ama as pessoas ou as odeia. Não no meio.

– Isso não é verdade.

– Não?

Seong-Jae se levantou com um pequeno bufo. – Às vezes sou vagamente ambivalente. Outras vezes, sou totalmente indiferente à existência de humanos e prefiro não interagir com eles.

– Claro. – Deus, como Seong-Jae poderia fazê-lo sorrir mesmo agora? Malcolm balançou a cabeça. – Ainda. Meio que parece que Joshi cruzou uma linha que fez você simplesmente... Parar de sentir qualquer coisa em relação ao homem que ele é agora, porque ele é um estranho comparado ao homem que você achava que era seu amigo... Então por que dar energia emocional a um estranho?

– Isso... Sim. Essa parece ser uma descrição precisa do que estou sentindo, disse Seong-Jae lentamente. – Ou não sentindo. Talvez mais tarde eu me sinta traído, uma vez que tenha a chance de processar. Mas neste momento estou apenas um pouco irritado.

– Ou, na sua língua, *tch.*

Com um som exasperado, Seong-Jae franziu os lábios vermelhos exuberantes. – *Tch* não é uma palavra coreana.

– Os não-verbais também fazem parte de padrões e normas linguísticas. Mas eu não estava falando sobre coreano. Eu estava falando sobre Seong-Jae-ese.

– Seong -J— – Seong -Jae parou com um balbucio, olhando para ele. – Por que você está assim?

– Porque se eu não estivesse, eu entraria lá e quebraria o pescoço de Joshi.

–… Aceitável. Você pode continuar assim.

– Que gentileza sua me conceder tal graça, Sua Majestade.

Seong -Jae suspirou. – Não abuse da sorte.

– Não estou forçando nada. – Nós vamos. Qualquer *outra coisa*. Malcolm olhou para o corredor, em direção ao elevador. – Devemos ir ou vamos nos atrasar. Não que eu queira sentar em um sofá e desnudar minha alma ou algo assim.

– Não temos que desnudar nossas almas. Simplesmente temos que reclamar o suficiente para satisfazer os conselheiros de que desabafamos o tormento de nossos corações angustiados.

– Mn. – Malcolm apenas afundou um pouco mais contra a parede, puxando Seong-Jae para mais perto dele até que o peso de Seong-Jae fosse uma camada de calor envolvendo-o em um conforto sinuoso, como se estivesse se enterrando em uma camada quente de homem derretido. – Sempre parece... Superficial. Apenas repetindo coisas que eu já sei, mas para que um estranho possa acenar e *hmm* e me fazer perguntas importantes sobre isso. Eu não sei se isso realmente ajuda em alguma coisa.

– Só me deixa com raiva. – Seong -Jae franziu o nariz daquele jeito que fez sulcos finos aparecerem nas cavidades macias dentro de suas órbitas oculares. – Tenho quase certeza de que traumatizei meu típico terapeuta designado. O Dr. Caldwell não gosta muito de mim, mas pelo menos ele é familiar.

– É por isso que sinto falta de Ryusaki. Eu conheço ela. Eu não tenho que informá-la sobre a história de fundo, apenas os novos detalhes.

— E você sabe como contorná-la.

Malcom riu. – Nunca é divertido analisar os analistas. Espero que eles recebam pagamento de periculosidade por isso.

– Espero *que recebamos* pagamento de periculosidade por isso, – Seong-Jae murmurou, então inclinou a cabeça em direção aos elevadores. – Devemos?

– Ei. Beije-me primeiro.

Um aguçamento instantâneo do olhar de Seong-Jae. Uma inspiração instantânea. Mas sem hesitação; nenhuma restrição. Seong-Jae curvou a mão contra a nuca de Malcolm, dedos longos esticando para que a ponta do polegar pudesse roçar o lábio inferior de Malcolm, pressão suave e ainda a textura áspera e acariciante da pele calejada o suficiente para fazer sua boca latejar de dor para *mais.* Com aquela necessidade de se perder em Seong-Jae por alguns segundos onde o mundo lá fora não importava; com a necessidade de ser *egoísta* por apenas um momento e se preocupar com nada além de si mesmo, seu omr-am, e a maneira como ele se sentia em vez de carregar o peso e a responsabilidade de todos os outros.

Em um momento, Malcolm voltaria a fazer o que tinha que fazer por sua família, a família de Seong-Jae, as vítimas em potencial do coelho branco.

Mas agora, ele precisava *disso*.

Ele precisava da promessa de calor, o convite para afundar na carícia luxuriante dos lábios de Seong-Jae enquanto aquela boca fascinante se aproximava, pairava sobre a dele, provocava e provocava com respirações persuasivas e as pontas de seus narizes roçando juntas, negando-o brevemente. contato apenas para fazê-lo querer mais. E *Deus,* ele queria isso, inclinando-se para Seong-Jae com um rosnado necessitado subindo no fundo de sua garganta, dedos agarrando com mais força o ombro de Seong-Jae quando Malcolm pegou a sugestão de um sorriso malvado do corvo negro, pegou aquele Seong-Jae estava *deliberadamente* fazendo-o esperar, fazendo-o sofrer, reduzindo o foco de seu mundo a nada mais do que querer aquela onda final de contato, pressão e *toque.*

– Provoque, ele sussurrou, e aquela sugestão de um sorriso se fortaleceu.

– Mas você não está pensando em Joshi agora, Seong-Jae sussurrou de volta – então fechou a última distância entre seus lábios.

Ele estava certo. Malcolm não estava pensando em Joshi agora; sobre Sila; sobre o coelho branco; sobre qualquer coisa, menos a forma como seu estômago se contorceu em um nó feroz e vertiginoso e sua cabeça nadou com o gosto de Seong-Jae. A boca vermelha de Seong-Jae se fechou contra a de Malcolm em desenho, atraindo carícias, como se tentasse envolvê-lo; como se ele pudesse comer Malcolm como uma estranha iguaria, e Malcolm se desmanchasse pedaço por pedaço e descansasse cada bocado doloroso naquela língua lambendo, enrolando e deslizando de boa vontade, deixando-se consumir tão completamente. Toda vez que Seong-Jae o beijava, Malcolm se perdia em algo novo – algo que já não o fazia se sentir como um homem feito de meras partes. Cabeça, coração, ossos, a casca da carne, a queimadura do

desejo, todas as coisas separadas amarradas em um coletivo frouxo e ligadas pelos fios de sua alma intangível, mas ainda não mais do que a soma de suas partes.

Mas quando Seong-Jae deslizou os dedos no cabelo de Malcolm e o puxou até que a pressão fosse só dentes e cabeças inclinadas e respirações rápidas e fluídas; até que seus corpos fossem inseparáveis, opostos polarizados atraídos pelas forças um do outro; até que os lábios de Malcolm ficaram molhados e ele os deixou frouxos para dar *mais* para Seong-Jae tomar, provar, afundar quando tudo o que ele queria era o calor e a umidade da carne fluindo dentro dele e sensibilizando cada fenda faminta de sua boca…

Malcolm ficou completo.

Até que ele não podia mais distinguir a batida de seu coração da pulsação de seu pênis; até que o amor que crescia dentro dele vivia na medula de seus ossos e crepitava em cada sinapse elétrica que disparava iluminando seu cérebro até que ele fosse feito de cores psicodélicas de emoção, corpo e espírito tremendo na mesma frequência iridescente.

Ele gemeu, envolvendo seus braços apertados em torno de Seong-Jae, lutou para recuperar o fôlego enquanto agarrava a camisa de Seong-Jae e inclinava sua boca com mais força contra a carne macia. Quando ele se tornou tão submisso, tão *generoso?* Não importa quantas vezes Malcolm prendeu Seong -Jae e o fez implorar, o fez se contorcer, o fez arquear e gritar o nome de Malcolm naquela voz carente, Malcolm sempre se sentia como se *ele* fosse arrastado, perdendo o controle, puxado e empurrado por ele. cada pequena mudança na voz de Seong-Jae, toque, olhos negros selvagens.

No entanto, o derretimento do corpo de Seong -Jae, o aperto desesperado de dedos no cabelo de Malcolm…

Disse ao Malcolm que não estava sozinho.

E isso era tudo que ele precisava para se render totalmente.

Mas mesmo quando ele tentou afundar mais na boca de Seong-Jae... aqueles lábios de rubi recuaram, a respiração de Seong -Jae ficou rasa enquanto ele deslizava sua língua em um deslizar vermelho escorregadio sobre sua boca já reluzente.

– Pensei, disse Seong-Jae, que pretendíamos parar de usar a intimidade como substituto da terapia que nos esperava tão pacientemente no andar de baixo.

Malcolm piscou, depois riu. – Os maus hábitos são difíceis de quebrar.

Seong -Jae ficou sério, porém, sua expressão desenhando estranhamente, um lampejo de incerteza nos olhos escuros que traçaram sobre o rosto de Malcolm com um olhar tátil e inquisitivo.

– Eu sou isso? Um mau hábito?

– Não, – Malcolm respondeu imediatamente, e puxou Seong-Jae para descansar sua sobrancelha em seu omr-am. – Você é o melhor hábito que eu poderia ter.

Fechando os olhos, Seong-Jae se pressionou contra ele tão calorosamente, mas uma ruga problemática escureceu sua testa, pesada com linhas de preocupação. – Eu sou apenas... Eu não tenho palavras.

– Os homens tendem a ficar obcecados por você. – Malcolm teve uma experiência infeliz em primeira mão com isso - com a obsessão de um homem deixando uma marca parecida com um colar em sua garganta e aquele corte diagonal vicioso de uma cicatriz entre os olhos de Seong-Jae, e a obsessão de outro homem se transformando em obstáculos e mais estresse do que isso já caso cheio realmente necessário. – Você tem medo de que é isso que está acontecendo aqui?

– Sim, – Seong -Jae admitiu – cru, rouco. – Só que eu não desejo descartar a veracidade de seus sentimentos, eu...

– Silêncio. – Malcolm roçou os lábios nos de Seong-Jae brevemente, e Seong-Jae ficou em silêncio como se Malcolm tivesse roubado o som de sua voz daquela pele de veludo. Mas Malcolm não falou novamente até que Seong-Jae abriu os olhos; Malcolm sustentou aquele olhar negro enquanto dizia: – Estou completamente absorto em você. Eu não sou obcecado por você. Eu conheço você, Seong-Jae. Eu sei que você não pode se sentir seguro a menos que tenha espaço para correr. – Ele deu um meio sorriso. – Então, eu sempre me certifico de que você tenha espaço para correr… E fico feliz quando você *escolhe* ficar.

– Ele cutucou as pontas dos dedos sob o queixo de Seong-Jae. – A obsessão faz você querer amarrar alguém para que eles não tenham nenhuma escolha.

Seong-Jae era muitas vezes tão retraído, tão inexpressivo, que para Malcolm era um presente suavizar aqueles olhos escuros; para Seong-Jae estar disposto a deixar de lado suas rédeas apertadas em suas emoções até que fosse impossível para um certo calor não sangrar em cada traço seu, em seu olhar, em sua voz.

– Você sempre me deu uma escolha, Malcolm.

Deus, se Malcolm não quebrasse esse sentimento crescendo dentro dele... Ele quebraria a si mesmo. Quebrar-se, arrastar Seong-Jae para algum lugar, e apenas *se esconder* por mais alguns dias para que ele pudesse fingir que não tinha que enfrentar as realidades feias que os esperavam.

Ele forçou um sorriso, inclinando a cabeça em direção ao elevador no final do corredor. – Infelizmente, Joshi não está dando escolha a nenhum de nós. Então... Vamos?

Seong-Jae fez um som sofrido, prolongado e profundo; Malcolm *sentiu* isso em seu estômago. – Se precisarmos, Seong-Jae murmurou.

Suas mãos entrelaçadas, um hábito doce e fácil, enquanto se afastavam da parede e caminhavam para o elevador. Mas enquanto eles se levantavam, enquanto esperavam, enquanto observavam a contagem dos números enquanto aquela caixa demoníaca claustrofóbica infernal se levantava para buscá-los, Malcolm deu voz ao pensamento perturbado que permanecia no fundo de sua mente.

– Nós não deveríamos tê-lo encurralado assim.

Ele pegou o olhar assustado de Seong-Jae com o canto do olho, pegou o movimento da cabeça de Seong-Jae em direção a ele, mas manteve seu olhar no painel de números acima das portas do elevador.

– Eu sei, disse Malcolm. – Eu sei que o caso não pode esperar. Eu sei que nenhum de nós tem o luxo de tristeza, ou dor, ou trauma, ou qualquer outra coisa até que este cronômetro pare de contar. Eu sei que não havia alternativas mais bonitas, mas... – Ele balançou a cabeça. – Ele está sofrendo. Não parecia certo.

– Eu sei, Seong-Jae disse, pesado e lento. – Poderíamos ter encontrado uma maneira melhor de lidar com isso. Uma maneira que não deixa este caso trazer à tona nosso pior eu. Mas ele também não teve que escalar dessa maneira.

– Nós realmente achamos que seria diferente?

– Não. – Seong-Jae apertou a mão dele. – Mas nós tentamos. E isso que importa.

O elevador se abriu, então, e Malcolm entrou com Seong -Jae – e teve mais alguns momentos de conforto com Seong-Jae encostado nele no espaço apertado, seu peso distraindo Malcolm daquela sensação horrível que sempre atingia quando o elevador começou a cair e, por apenas um segundo, parecia que ele não se movia com ele, pairando no lugar por um micrômetro acima do chão antes que a gravidade o levasse para baixo naquele poço de elevador sem fim, mergulhando com nada entre ele e o fundo, a não ser humano-cabeamento de aço projetado, freios que estavam sob tensão a cada hora de trabalho do dia e o piso dessa caixa minúscula e odiosa.

Só mais alguns andares. Ele entrelaçou os dedos nos de Seong-Jae, atando-os juntos, contando os segundos entre os andares baixinho. – Eu já te disse por que fico com tanta coceira nos elevadores?

– Considerando o quanto você está esmagando minha mão no momento, você tem certeza de que deseja falar sobre isso enquanto estiver *no* elevador?

Malcolm estremeceu, afrouxando seu aperto. – Desculpe.

– É insignificante. – Seong-Jae inclinou-se para mais perto, seu ombro pressionando contra o de Malcolm de forma tranquilizadora, aterrando-o como se Seong-Jae tornasse os ladrilhos sob seus pés mais sólidos, o abismo se abrindo sob o chão menos profundo. – Ainda está ruim, Malcolm?

Engolindo o nó na garganta, Malcolm assentiu. –... Eu me adaptei. Mas sim. É tão ruim toda vez.

O elevador estremeceu e parou no quarto andar, então, e o estômago de Malcolm sacudiu aquele meio segundo atrás, fora de sincronia. As portas se abriram, mas Seong -Jae não fez nenhum movimento para sair.

– Você queria me contar?

– Talvez outra hora. – Malcolm tentou sorrir, e tentou não ser tão óbvio quanto a sair do elevador e entrar no corredor o mais rápido que pôde. Ele costumava ser capaz de mascarar isso melhor, caramba, mas agora ele não estava mascarando muita coisa. – Provavelmente deveria guardá-lo para o terapeuta.

Seong -Jae foi um bufo seco, enquanto seguia Malcolm pelo corredor. Os números dos quartos que Joshi havia mandado uma mensagem para eles na noite passada estavam bem próximos um do outro – portas não marcadas, apenas números nas placas ao lado deles.

– Sem nomes? – Ele perguntou. – O FBI é tão secreto assim?

– Não. Os conselheiros da equipe simplesmente alternam o uso dos quartos e tendem a não reivindicá-los pessoalmente. – Seong-Jae deu de ombros, seu aperto na mão de Malcolm afrouxando lentamente. – Devemos?

– Sim. – Mas Malcolm parou, observando a tensão nos ombros de Seong-Jae. – Você vai ficar bem?

– Estou acostumado com o Dr. Caldwell. Ele é um idiota, mas eu sei como pelo menos satisfazê-lo. E antes que Malcolm pudesse abrir a boca, Seong-Jae estreitou os olhos para ele. – *Pare.*

– Você nunca me deixa me divertir.

– Sua ideia de *diversão* é dolorosamente pueril, às vezes. Qual de nós é mais velho?

– Eu, como você sempre me lembra. – Malcolm pegou o pulso de Seong-Jae antes que qualquer um deles pudesse se desvencilhar completamente, então o puxou para mais perto e beijou sua bochecha. – Boa sorte.

– Você não deveria estar desejando isso para mim, – Seong-Jae disse severamente. – Você deveria estar desejando isso para o Dr. Caldwell.

– Seong-Jae?

– Hum?

– Por favor, não torture seu terapeuta.

A boca de Seong -Jae se formou em uma linha teimosa. – Eu não faço promessas, ele proclamou, então empurrou a porta de seu quarto designado sem sequer bater e entrou com firmeza.

Malcolm o encarou por vários momentos depois que a porta se fechou, e não pôde deixar de sorrir.

Seu omr-am realmente era outra coisa.

O que seu omr-am não era, porém, estava aqui para fazer Malcolm entrar naquela sala e acabar com isso. – É melhor Ryusaki ficar feliz que isso é problema de outra pessoa, ele murmurou, e levantou a mão para bater.

– Entre, disse uma voz feminina calma e gentilmente flexionada.

Eu realmente não quero, pensou Malcolm, então empurrou aquele momento de petulância infantil para longe, respirou fundo e empurrou a porta para entrar.

A sala era maior e mais aconchegante do que ele esperava, considerando a rotação impessoal dos espaços e a falta de humanidade utilitária que ele tendia a associar aos órgãos governamentais. Painéis de madeira, samambaias em vasos colocados com bom gosto, móveis confortáveis estofados em linho com molduras de madeira, janelas protegidas por cortinas de tecido de linho de cor suave que transformavam a luz suavemente inundando o quarto em ouro empoeirado.

Posicionada sob uma janela contra a parede oposta, uma mulher magra, de pele escura, em um vestido envelope com estampa floral perfeitamente profissional, estava sentada com as pernas cruzadas, balançando preguiçosamente a ponta de um salto slingback bege. Ela usava seu cabelo preto repartido ao meio e preso em um coque ornamentado na nuca de seu pescoço longo e fino, e estudou Malcolm com olhos castanhos não indelicados, grandes e fortemente emoldurados em kohl esfumaçado e elegantemente acentuado. Entre suas sobrancelhas pesadas e graciosamente formadas, uma lágrima negra repousava em sua testa.

Antes que Malcolm pudesse processar muito mais, ela sorriu, levantando a mão em saudação. – Detetive Khalaji, não é?

Malcolm não pôde evitar. Ele congelou logo após a soleira, nem mesmo fechando a porta. Ele sentiu como se alguém tivesse passado um dedo por sua

espinha, fazendo com que todos os pelos de seu corpo se enrijecessem e se sobressaíssem como pequenas agulhas.

– Senhor. Khalaji ou Malcolm está bem, ele falou . – Você não precisa se dirigir a mim como meu trabalho.

Ela sorriu levemente; ela tinha um sorriso pensativo, tão pensativo quanto seus olhos, como se estivesse considerando suas palavras e seu impacto antes de dizê-las. – Você está fazendo isso para me deixar mais confortável, ou você mesmo?

Ele a olhou, então suspirou e fechou a porta. – Começando a avaliação antes mesmo de você me dizer seu nome? Eu nem te disse se sou um homem de sofá ou cadeira.

– Eu geralmente não pergunto. As pessoas se auto-selecionam. Mas fique à vontade. – Rindo, ela se levantou, desdobrando-se suavemente e oferecendo uma mão esbelta e bem cuidada. – Dr. Karandikar. Laasya , se preferir.

Malcolm hesitou por um momento. Ele não estava acostumado com profissionais de saúde mental oferecendo contato físico, e se perguntou se esse era apenas o jeito dela ou se ela estava tentando deixá-lo, especificamente, mais à vontade.

Mas ele pegou a mão dela, segurando e sacudindo brevemente. – Dr. Karandikar, ele afirmou, antes que seu olhar se voltasse para aquele ponto preto entre as sobrancelhas dela novamente. Um bindi , ele reconheceu, mas eles não eram geralmente vermelhos para...

Ah.

Porra.

E aqui estava ela, sorrindo para ele, calma e composta como se não estivesse carregando suas próprias dores.

Talvez ele pudesse tentar não ser um idiota hostil e defensivo sobre isso.

Ele desviou os olhos rapidamente e recuou para se acomodar na beirada de uma cadeira de couro tão funda e larga que quase o engoliu; não era uma sensação a que ele estava acostumado, em seu tamanho.

Dra. Karandikar voltou para sua cadeira, afundando-se confortavelmente, seu sorriso nunca vacilando. – Muito bem. Vamos manter isso à distância que você preferir, ela disse. – Embora eu possa dizer que você não está confortável nessa cadeira. Significa que você não confia em mim. Ela inclinou a cabeça. – Você também estava olhando para o meu bindi. O hinduísmo deixa você desconfortável?

– Não. – Malcolm fechou os olhos, esfregando os dedos nas têmporas.

– Eu sinto Muito. Foi grosseiro da minha parte. Eu sei... O que o preto significa. Limpando a garganta, ele abriu os olhos novamente. – Eu só estava pensando que sinto muito.

– Ah. – De repente, seu sorriso ficou menos cuidadoso; seus olhos suavizaram. – Não é sempre que um cliente me surpreende, Sr. Khalaji. – Seus olhos abaixaram, ela não disse nada, mas como marcadores reveladores em como seu polegar correu sobre o ouro fino da aliança de casamento em seu dedo anelar. O metal tinha aquele polimento certo que dizia que ela tinha feito isso muitas e muitas vezes ao longo dos anos, tão impecavelmente limpo quando nada tinha a chance de se agarrar e manchar o ouro por baixo daquele traço distraído, mas persistente. – Foi há algum tempo. Não dói mais. Mas usar o bindi dessa maneira se tornou um hábito, até o ponto de conforto. – A Dra. Karandikar ergueu a cabeça, franzindo os lábios com ironia. – Mesmo aqueles de nós licenciados para ajudar os outros têm nossas próprias pequenas idiossincrasias.

– Eu sei, disse Malcolm, e ele pensou que talvez...

Talvez ele pudesse falar com ela, afinal.

Porque ela parecia tão humana, e como se ela fosse falar com ele como se *ele* fosse humano.

Ao invés de um problema a ser analisado, dissecado, procurando as cordas certas para puxar para manipulá-lo e controlá-lo; para fazê-lo se comportar da maneira mais desejável.

Não foi isso que vocês dois tentaram fazer com Joshi?

– Senhor. Khalaji — Malcolm. – A Dra. Karandikar entrelaçou as mãos sobre o joelho. – Podemos deixar de lado as formalidades e falar uns com os outros como pessoas? Estou bem ciente de que você tem uma aversão distinta de ser questionado e psicanalisado. Também entendo que há algum atrito entre você e o diretor Joshi, mas não acho que ele estivesse errado em sua avaliação relatada lá. – Ela sorriu — conciliadora, ainda tão pensativa. – Você não tem que me dizer por que isso acontece. Mas *gostaria* que você entendesse que não estou aqui para julgar. – Palavras baixas, sua cadência melíflua, calmante.

– Você está com dor. Eu só desejo diminuir o peso dessa dor de qualquer maneira que minhas habilidades permitirem.

Se ao menos aquela voz suave pudesse fazer algo para acalmar o sentimento que crescia dentro de Malcolm.

Ele sempre pensou na raiva como vermelha como fogo, ou incandescente como uma estrela nuclear.

Mas essa coisa dentro dele tinha *peso*; não era de queima rápida, ficando cada vez mais quente até ficar sem combustível e queimar. Em vez disso , era escuro, sólido - um obelisco, preto e frio e absorvendo toda luz e calor, estabelecendo suas fundações para se tornar algo permanente que só poderia crescer para cima, esta lança perfurando seus pulmões e seu coração.

– Eu nem mesmo - Joshi relatou sobre mim para você? – Ele cerrou os punhos contra as coxas. – Eu sei que era necessário, mas—eu só— – Com um som fervente, ele ficou de pé; a cadeira funda e macia de repente parecia que o estava confinando, engolindo-o, e ele não aguentou. – *Foda*-se esse homem me deixa com tanta raiva.

– Malcolm, – Dr. Karandikar disse suavemente, e ele ficou tenso.

– … Sim?

– Como eu disse, estou ciente de que sua escolha de cadeira foi uma indicação de sua falta de confiança em mim. – Ela olhou para um sofá de couro marrom profundamente estofado contra a parede direita. – Mas o sofá está bem ali.

–… Sim. – Ele deu um passo em direção ao sofá, mas então parou, rosnando baixinho. – O que *mais* ele te contou sobre mim? Porque eu posso prometer a você, esse homem traz o pior de mim.

– Ou você pode ficar de pé, ela disse com um toque de diversão. – Isso também é uma opção.

– Ele é tão *teimoso!* Malcolm estendeu uma mão, seguindo-a com alguns passos, antes de se segurar, invertendo a direção, qualquer coisa para descarregar a raiva fria dentro dele e dar a sua energia algum tipo de saída. Algo sobre sua frieza quase o *perturbou,* quando parecia muito mais permanente – e se movendo, andando, parecia que dava energia cinética e *calor* àquela raiva para que ele pudesse derreter aquele obelisco escuro. – Entendo. Merda cultural, masculinidade, idade, orgulho. Conheço essa merda como a palma da minha mão. Mas toda vez que ele coloca um obstáculo em nosso caminho, ele pode estar *matando pessoas,* tudo porque ele tem um bug no rabo por causa de Sila .

Dra. Karandikar ergueu as sobrancelhas suavemente. – Sila ?

Malcolm parou, então soltou a gravata o suficiente para enfiar dois dedos no colarinho da camisa e arrastá-lo para baixo, expondo a garganta e aquela cicatriz permanente. – O filho da puta que fez isso comigo.

– Ah. Não me deram muito no histórico do caso sobre isso, mas entendo que ele é o ex-parceiro do Sr. Yoon. Ela o observou com discernimento. – Assim como o diretor Joshi. E você é o atual parceiro do Sr. Yoon, em mais de um significado da palavra.

–… E Joshi tem um bug na bunda por causa *disso* também. – Malcolm deixou cair as mãos, olhando em algum lugar por cima do ombro do Dr. Karandikar. – Nós temos um trabalho de merda a fazer. E muito disso depende da emoção e da intuição. Ao sentir as coisas que os suspeitos sentem, entrando em suas cabeças, entendendo o que os motiva. Mas às vezes isso significa que temos que deixar *nossos* sentimentos irem. E ele não consegue fazer isso, e parece que ele está ignorando a liderança de Sila para punir Seong-Jae por não escolhê-lo.

Dra. Karandikar não respondeu por alguns momentos, a não ser um murmúrio meditativo que soava como sua língua pressionada no céu da boca, filtrando o som e depois abafando-o atrás dos lábios. – Devo informá-lo que o diretor Joshi me avisou para desencorajar sua obsessão por esse Sila . Ele sente que isso deu a você visão de túnel e está preocupado que você fabrique conexões e correlações que não existem.

Malcolm ficou imóvel novamente, apenas olhando para ela. – Por que você está me contando isso? Você não deveria estar do lado dele?

– Não estou do lado de ninguém. – Ela deu de ombros. Seu sorriso parecia uma coisa persistente, pequena e ao mesmo tempo onipresente, como se ela tivesse sido feita para isso. – Prefiro ficar do lado de fazer o que é certo. O diretor Joshi tem seus próprios problemas que não está enfrentando, mas você... Você parece um homem que confia em si mesmo e em seu próprio julgamento. Tenho a sensação de que a confiança em si mesmo foi duramente conquistada ao longo de sua vida, Malcolm. Então , se você está seguindo esse caminho apesar do ceticismo do diretor, é porque você confia em si mesmo – e confia em seu parceiro.

–… Sim. – Malcolm acomodou-se lentamente na beirada do sofá e ajustou a gola antes de alisar e apertar a gravata. – Eu não sei. Comecei a perder essa confiança em mim mesmo. Eu estraguei tudo porque fui muito apressado, no início do caso. Isso me faz duvidar de tudo e me faz hesitar quando devo puxar o gatilho proverbial. E é como se Joshi sentisse o *cheiro* em mim e estivesse indo para aquele pouco de barriga exposta, porque ele me vê como uma competição.

— E como você o vê?

Malcolm franziu a testa. – Você não está anotando nada disso?

– Parte do que me torna boa no meu trabalho é que tenho uma excelente memória. – A Dra. Karandikar inclinou a cabeça. – Mas também as únicas notas que prefiro fazer são sobre medicamentos e condições persistentes. Você não é uma lista de diagnósticos, Malcolm. Você é uma pessoa. E quero que você se sinta uma pessoa enquanto estiver aqui, e quero

que saiba que enquanto estiver aqui, estarei ouvindo. *Apenas* ouvindo. Não há objetivo final aqui além do que você precisa.

– Levou cerca de cinco anos para Karen colocar isso na minha cabeça.

– Malcolm a olhou. – Então, vou lhe dizer algo que facilita o trabalho comigo.

– O que é isso?

– Eu fico muito menos na defensiva se você evitar aquele truque de terapeuta de repetir meu nome para fazer as coisas que você diz parecerem mais impactantes pessoalmente do que são.

– Ex-professor de psicologia comportamental. Devidamente anotado.

– Ela sorriu. – Então você gostaria de gritar um pouco mais sobre o Diretor, ou devemos ter uma breve discussão sobre o preço que este caso está cobrando de você?



Seong -Jae encarou no a homem na frente dele - um espantalho ossudo de um homem que ele não reconheceu, com a pele cinzenta como um cadáver e óculos de aros prateados e cabelo preto cortado um pouco curto demais para o jeito que ele tentou separar e lustrar perfeitamente para um lateral.

– Onde está o Dr. Caldwell? – Ele demandou.

– Ele desistiu, disse o homem com fria simplicidade. – Por sua causa, Sr. Yoon.

Seong -Jae piscou, recuando. – Perdão?

O homem suspirou, juntando os dedos. Ele já tinha um bloco de notas no colo, caneta presa na lateral das páginas, como se estivesse esperando para acabar com isso.

Seong-Jae compartilhou o sentimento.

– Pelo que entendi, disse o homem. – Dr. Caldwell sofria de pressão alta. Elevou-se significativamente durante seu tempo como seu conselheiro designado. Ele se demitiu pouco depois de você se aposentar na polícia de Los

Angeles. Ouvi dizer que ele está muito melhor de saúde e passa seu tempo cultivando orquídeas de estufa. – O homem ergueu uma sobrancelha gelada.

– Eu, por outro lado, não tenho tais condições preexistentes, nem qualquer interesse particular em uma vida sedentária como horticultor. Então, se você pudesse se sentar... Ele gesticulou com uma mão longa e ascética em direção à poltrona estofada profundamente a um lado da sala. – Meu nome é Dr. Philips, e podemos começar. – Philips ergueu as sobrancelhas finas como lápis. – Talvez você gostaria de começar com seu relacionamento anterior com o diretor Joshi.

Seong-Jae começou a dar um passo em direção à cadeira, mas congelou com o calcanhar equilibrado contra o chão, um pedaço de raiva se acumulando pesadamente no centro de seu peito enquanto olhava para Philips. – Por que você sabe disso e de que maneira isso é relevante para minha sessão de aconselhamento obrigatória?

– É uma questão de seus registros. As ligações não oficiais devem fazer parte do registro oficial quando as relações interpessoais podem afetar o desempenho do caso. Você sabe disso. Isso faz parte do seu arquivo de funcionário há anos. E pelo que tenho ouvido na sala de descanso nas últimas duas semanas... Philips bateu os dedos juntos em uma sequência fluida. – Isso não está apenas afetando o desempenho do caso, mas também causando bastante estresse. Então, por que não começamos por aí e progredimos para o resto?

– Nós podemos começar com o fato de que ele é um saco de *paus purulentos.* – Seong-Jae rosnou, e Philips ofereceu a ele um sorriso fino.

– Sim, disse Philips, e acenou com a cabeça em direção à cadeira.

– Podemos começar por aí. Sente-se, Sr. Yoon... E me conte tudo em sua mente.

Seong -Jae sentou-se, então.

E pensou…

Ele *realmente* ia precisar de uma porra de um cigarro antes que essa conversa terminasse.

2: VEM E VAI

Malcolm abriu um olho enquanto o grito crescente do avião em descida perfurou seu cochilo intermitente, emparelhado com a pressão desconfortável acumulando em seus ouvidos e fazendo suas veias parecerem que iriam inchar a ponto de estourar.

Estremecendo, ele abriu o outro olho, juntando uma orelha e trabalhando sua mandíbula até que o *estalo* entrou profundamente em seu canal auditivo; com um bocejo, ele olhou por cima do ombro em direção à janela, onde a torre bronzeada do Aeroporto Internacional McCarran assomava em direção ao voo deles como um dedo acenando.

– Ei, ele murmurou para o homem caído contra seu ombro, empurrando seu braço um pouco. O vôo deles mal tinha durado mais de uma hora, mas Seong-Jae caiu em um sono profundo antes da decolagem, enquanto Malcolm levou mais vinte minutos para afundar e tirar uma soneca inquieta e curta demais.

– Estamos aqui.

– Eu sei, – Seong-Jae murmurou sem levantar a cabeça ou abrir os olhos, sua voz quase perdida sob o gemido e o ronco dos motores. – Estou apenas fingindo estar dormindo para que nossos guardas não tentem falar comigo.

Malcolm reprimiu um gemido, curvando o lábio superior e olhando para a fenda mínima entre os dois assentos na frente de sua fileira. Os agentes Norcross e Ferriss eram apenas os vislumbres de braços vestidos de terno, cortes de cabelo quase idênticos em preto e marrom, a parte de trás de cada pescoço com um desbotamento bem aparado desaparecendo em seus colarinhos, mas eles provavelmente estavam bem acordados e alertas e prontos para relatar qualquer coisa. Seong-Jae ou Malcolm disse ou fez de volta para Joshi.

Ele sabia que eles teriam uma escolta para sua própria segurança, considerando todas as questões. Guardado a sete chaves, ladeado por guarda-costas o tempo todo.

Mas ele sentiu mais como se os agentes estivessem lá para garantir que ele e Seong-Jae se comportassem – e para garantir que Joshi soubesse o que eles estavam fazendo quando estavam sob seu olhar atento.

Eles não puderam ter uma palavra em particular desde que saíram dos consultórios de seus respectivos terapeutas para encontrar seus acompanhantes esperando no corredor para conduzi-los diretamente ao aeroporto. Mas Malcolm aproveitou, agora, deixando o barulho do avião cada vez mais alto e os murmúrios de pessoas antecipadas mascararem sua voz enquanto ele se inclinava para murmurar perto do ouvido de Seong-Jae.

E talvez tenha roubado a chance de se aninhar naquele cabelo preto macio, tão fino e fofo quanto a pele de um coelho preto e sedoso.

– Como foi sua sessão de aconselhamento?

– *Ngh.* – Um som glotal na parte de trás da garganta de Seong -Jae, e suas sobrancelhas franzidas, seus cílios se contraindo como se fosse preciso esforço para manter os olhos fechados. – Aparentemente, meu conselheiro anterior se aposentou porque eu estava piorando sua hipertensão. Sua substituição foi... Bizarro. Mas pelo menos ele não estava muito familiarizado comigo, embora estivesse muito interessado em meu relacionamento anterior com Joshi.

–… O meu também me perguntou sobre essa bagunça. Embora eu possa ter começado falando sobre ele. Malcom suspirou. – Isso... Ajudou, no entanto. Tirando essa carga dos meus ombros para um terceiro imparcial. E eu não *acho que* ela vai dedurar sobre mim para Joshi.

– Eu não tenho certezas sobre o Dr. Philips, mas admito que a sessão foi um pouco propícia a um estado de espírito mais produtivo. – Seong-Jae suspirou também, abrindo os olhos e movendo a cabeça contra o ombro de Malcolm para olhar para ele de baixo. A luz tênue e achatada da luminária acima lambeu sua garganta, seguindo os contornos dos tendões esticados com o ângulo de sua cabeça. – Ele principalmente me deixou dirigir a sessão sozinho. Falei do que queria em relação ao cansaço deste caso, o medo... E não falei do que não queria falar. – Ele franziu a testa. – Pelo menos... Eu não acho. Eu não sei. Sinto como se eu fosse mais acessível do que teria sido de outra forma. Talvez ele de alguma forma me empurrou para isso sem que eu percebesse com algum tipo de... De... De *truque.*

Seong -Jae parecia tão ofendido que Malcolm não pôde evitar uma risada suave. – Talvez ele seja um bruxo, ele sussurrou com solenidade fingida, e apenas sorriu para o olhar de desgosto que seu omr-am lançou para ele. – Não... Eu entendo, no entanto. Talvez nós dois não gostemos de todo o truque da psicanálise, mas... Estamos carregando muito dentro de nós, amor. E

estamos tentando nos apoiar um no outro, mas isso é apenas mudar o peso. Acho que nós dois precisávamos desesperadamente dar esse peso a outra pessoa. Alguém que possa largá-lo, depois de entregá-lo a eles.

– Você se sente melhor, então?

– Sinto que posso administrar. – Ele ergueu a cabeça quando o sinal de *cinto de segurança tocou* no tempo com aquele toque revelador que provocou uma reação instintiva pavloviana. – Bem o suficiente para falar com a ex-mulher do nosso suspeito sem rachar, eu acho.

Não, se alguma coisa iria derrubá-lo, era ser pastoreado como um cão recalcitrante ou uma *cabra particularmente teimosa.* Os agentes Norcross e Ferriss praticamente ensanduicharam Malcolm e Seong-Jae durante todo o processo, recuperando suas bagagens de cima e desembarcando, andando tão perto na frente e atrás que Malcolm teve que encurtar o passo para não pisar nos calcanhares de Norcross ou nos dedos de Ferriss. A carranca negra de Seong-Jae falou por ambos.

E não diminuiu até que os agentes os encurralaram no SUV preto que os esperava do lado de fora do aeroporto, aparentemente cortesia do escritório local de Las Vegas. Excelente. Colaboração entre estados para mantê-los na coleira. Malcolm mal teve um vislumbre de Vegas, apenas um flash de luzes e cores maiores que a vida através das janelas do SUV, antes que eles se ramificassem em estradas laterais e afundassem no que, em Vegas, passava por uma aproximação espalhafatosa. Do subúrbio.

As cores ficaram um pouco mais claras. As formas um pouco mais ousadas. O que fez com que a casa para a qual pararam depois de cerca de meia hora de carro se destacasse muito mais não por sua ostentação, mas por quão *simples* era: um tapume de ripas cinza, um telhado pontiagudo com telhas de alcatrão brilhantes, o jardim da frente um jardim simulado feito de rocha de lava vermelha porosa espalhada em vez de grama. Um Dodge Caliber cinza igualmente sem graça estava na entrada, do lado de fora da garagem fechada. O nome na caixa de correio dizia apenas *L. Lewis.*

O agente que dirigia parou no meio-fio e desligou o motor. No banco do passageiro da frente, Norcross começou a abrir a porta, mas Malcolm estendeu a mão e bateu levemente na parte de trás do encosto de cabeça do banco.

– Nós vamos levá-lo a partir daqui, disse ele. – Ternos pretos só vão deixá-la nervosa. Não queremos que ela se sinta encurralada. Ela ainda não atendeu o telefone, certo?

Ferriss tomou um dos assentos da janela atrás, deixando Seong-Jae espremido entre ele e Malcolm. Agora Ferriss se inclinou ao redor de Seong-

Jae, franzindo a testa para Malcolm com os lábios virados para baixo nos cantos abaixo de seus óculos espelhados.

– Não tivemos sucesso em fazer contato, sim, e estamos cientes de que ela pode resistir ao contato com a polícia. Mas o chefe disse para não deixá-lo fora de nossa vista, disse ele. – Isso inclui—

– Agente Ferriss, – Seong-Jae disse suavemente, seu olhar fixo à frente, olhando vidrado além dos bancos da frente e através do para-brisa, você está ciente de que o 'Chefe', como você o chama, e eu costumávamos namorar?

Ferriss gaguejou. – Eu—sim—mas o que isso tem a ver com—

– Não muito. – Ainda tão legal, tão calmo, quase agradável daquele jeito que Seong-Jae havia aperfeiçoado – transformando a polidez casual em uma ameaça promissora, doce como seda. – Salvo que se esta viagem for uma perda de tempo porque você intimidou nossa pessoa de interesse a se recusar a falar conosco, estou bastante certo de que poderia convencê-lo a descontar o custo das despesas de viagem do seu pagamento. – Sua cabeça virou, olhos frios travando no rosto pálido de Ferriss. – Sua chamada.

Ferriss esticou os lábios, mostrando os dentes, então grunhiu e puxou a gravata. – Nem?

Norcross esticou a cabeça por cima do ombro. – De jeito nenhum. Você é o agente supervisor nisto. Não coloque isso em mim. O homem disse que era sua chamada.

–... Mãe foda. – Ferris suspirou. – Malditos truques sujos. Tudo bem. Faremos do seu jeito, mas se alguma merda estranha aparecer, você reserva primeiro. Não tente ser corajoso. Entendido?

– Perfeitamente claro. – Malcolm disse com um sorriso, e abriu a porta do passageiro traseiro, deslizando para o sol do meio da manhã antes de estender a mão para oferecer a Seong-Jae sua mão. – Se você me permitir acompanhá-lo?

Seong-Jae deslizou sua mão na de Malcolm, segurando firme enquanto ele se levantava suavemente, então bateu a porta com um último olhar de advertência para um Ferriss de aparência bastante doentia. – Antes que você diga isso, eu sei que foi dissimulado.

– Inteiramente, mas eu estava a cinco segundos de dizer a eles para parar de morar dentro da minha bunda como se fosse uma habitação sem aluguel, então acho que a maneira como você lidou com isso foi melhor. Sem mencionar que estou bizarramente atraído pelo sádico diabólico em você. Malcolm apertou a mão de Seong-Jae, então se obrigou a soltá-la, olhando para a casa; as persianas estavam fechadas, um branco indefinido bloqueando qualquer visão do interior e qualquer possibilidade de dizer se eles estavam

sendo observados, ou se alguém estava em casa. O carro na garagem pode não significar nada.

– Ele tem um pequeno ponto, você sabe. Se Normand é nosso suspeito, eu não acreditaria que ele usasse sua ex-mulher como isca.

– Então você acha que estamos entrando em uma armadilha?

– Acho que vou reservar o julgamento até que ela atenda a porta e vejamos o que está dentro. – Ele intensificou a caminhada, Seong-Jae ao seu lado, mas ele mal deu três passos antes de parar. – Seong-Jae. Amor.

Seong-Jae fez uma pausa, se mexendo inquieto, as mãos rígidas ao lado do corpo; ele deu a Malcolm um olhar quase desvairado. – Sim?

– Baixe um pouco. Você está vibrando.

– Peço desculpas, eu... – Seong-Jae parou, e não falou novamente até que ele respirou várias vezes, cada uma parecendo visivelmente suavizar o ar de choque estático de tensão eriçada ao seu redor, as pontas dos dedos lentamente se curvando. Seu olhar fixou-se na casa, na porta. – Se ela puder nos dizer alguma coisa que confirme Normand como nosso suspeito...

– Estamos muito mais perto de ir para casa. – Malcolm terminou. – Muito mais perto de saber que as pessoas que amamos estão seguras. Eu sei amor. Eu sei. Mas nós dois estivemos em todo lugar, e precisamos parar de ser tão erráticos e lembrar que somos treinados para isso. Nós podemos *lidar com* isso.

– Nós podemos. – Seong-Jae concordou, e mudou seu olhar para Malcolm, olhos negros firmes e pensativos. – Eu estou calmo.

– Você não está calmo, mas está fingindo muito bem. – Com um pequeno sorriso, Malcolm puxou a manga de Seong-Jae. – Vamos lá.

Eles caíram no ritmo enquanto diminuíam a distância entre eles e a varanda estreita e sombreada. Malcolm começou a tocar a campainha, mas pensou melhor e bateu.

Talvez ele fosse estranho.

Mas campainhas, para ele, sempre soaram acusatórias.

Ninguém atendeu a batida depois de vários minutos de espera que passaram sob o forte brilho do sol de Nevada, que borrou as bordas de tudo em um branco indistinto. Mas Malcolm percebeu um movimento lá dentro — passos furtivos, silenciosos e lentos, e então um lampejo de movimento. No andar de cima, na janela do sótão, as persianas mal se abriram, uma ponta de dedo, um olho. Ele inclinou a cabeça para trás, olhando para cima, apenas para aquele lampejo desaparecer, recuando como um pequeno animal assustado.

– Peguei, – ele murmurou, então suspirou, levantando sua voz apenas o suficiente para ser ouvido. – Linda Lewis? FBI. – *Isso* pareceu estranho,

anunciando-se como FBI e não BPD. – Estamos aqui apenas para fazer algumas perguntas. Você não está em nenhum tipo de problema ou prestes a ser presa. Tudo o que queremos é uma conversa. Se você pudesse vir até a porta, eu agradeceria. Caso contrário, teremos que obter um mandado para entrar sem o seu consentimento, e essa conversa acabará acontecendo no escritório local do Bureau.

Seong-Jae olhou para a esquerda, depois para a direita, então ajustou sua voz para combinar com a de Malcolm. – Seus vizinhos estão escutando.

Malcolm lhe deu uma cotovelada. Mas Seong-Jae estava certo; de ambos os lados e do outro lado da rua, as pessoas estavam espiando pelas janelas da frente, demorando um pouco demais em suas varandas, um cara regando seu gramado com a mangueira inundando um pequeno pedaço de begônias enquanto ele apenas olhava descaradamente para Malcolm e Seong-Jae.

– O que? – Seong-Jae murmurou. – Eles são. Ela provavelmente...

– Não é exatamente o tipo de mulher que dá a mínima para o que seus vizinhos pensam, uma voz feminina fria interrompeu quando a porta se abriu em uma figura esguia em um cardigã cinza simples e jeans finos e gastos. Linda Lewis, ex-Linda Normand, era uma mulher alta e esguia, com olhos castanhos profundos, boca cansada e cabelos penteados para trás em algum lugar entre o ruivo e o louro avermelhado, presos em um rabo simples na nuca. Linhas tênues ao redor de seus olhos indicavam uma mulher mais próxima dos cinquenta do que dos quarenta. – No entanto, meu HOA[1] tem uma lei de ruído, então se eu deixar você entrar e falar com você, você vai *calar a boca?*

– Absolutamente. – Malcolm disse agradavelmente. – Nós preferimos deixar você falar, de qualquer maneira. – Ele ofereceu a mão. – Detetive Khalaji. Meu parceiro, Detetive Yoon. Você é a Sra. Linda Lewis?

Ela olhou para a mão dele, mas não a pegou. – Eu sou. Eu tenho uma ideia por que você está aqui. E você vai ter que me desculpar se eu não te oferecer chá na sala. Mas ela deu um passo para trás, abrindo a porta e se movendo para o lado para abrir espaço. – Vamos. Vamos fazer isso.

Então ela se virou e foi embora, deixando Malcolm e Seong-Jae parados no pequeno tapete verde com estampa de margaridas que oferecia uma *Boa vinda* que ele não achava que ela queria dizer.

Seong-Jae deu de ombros. Malcolm encolheu os ombros, deixando cair a mão.

E juntos, eles entraram.

---

[1] Homeowner Association (**HOA**) **significa**, em tradução literal, Associação de Proprietários de Casas. E a função dela é garantir que o seu condomínio em Orlando esteja organizado e funcione sem nenhum problema.

O interior da casa de Linda Lewis era esparso, todo pintado de branco e acabamento em nogueira escura, piso, prateleiras — tudo limpo e arrumado, mas utilitário. Malcolm teve a impressão de uma mulher que não gostava de se apegar às coisas; como se, se ela não se agarrasse muito aos bens materiais — e talvez às pessoas — não importasse se eles fossem tirados dela.

Ela certamente não fazia sentido quando os guiou para uma sala de jantar cheia de luz que parecia ter sido reaproveitada como um escritório, laptop empoleirado na longa mesa oval e uma impressora dobrada no canto. Ela se acomodou atrás do laptop, deixando-os de pé na porta.

– Você não se parece com agentes do FBI.

– Na verdade, estamos emprestados pelo BPD. Baltimore. – Malcolm achava que a honestidade era melhor com este. Seja o mais direto possível. – Meu parceiro é ex-BAU do FBI e foi o primeiro a reconhecer o padrão em arquivos antigos sobre o caso que estamos investigando. Quando o padrão do assassino ressurgiu, eles o recrutaram para um contrato de trabalho. Como seu parceiro no BPD, eles me deixaram acompanhá-lo. Código de vestimenta opcional.

– Isso deve ser um inferno para o seu ego, vá junto. – Ela estalou os dedos nas cadeiras em frente. – Sente. Faça isso rápido. Tenho de trabalhar.

– Meu ego consegue mancar de alguma forma. – Malcolm puxou uma cadeira e afundou, cruzando os braços sobre a mesa lustrosa. – O que você faz, Sra. Lewis?

– Testador de código de contrato. Eu trabalho remotamente para empresas que precisam de uma equipe extra de testes durante os ciclos de lançamento de software. – Ela entrelaçou os dedos, olhando-o friamente sobre as pontas. – Não foi sobre isso que você veio aqui me perguntar.

– Não senhora. – Seong-Jae tomou a cadeira ao lado de Malcolm, movendo-se com fluidez, o único indicador de sua tensão e agitação na forma como ele se sentou na beirada de seu assento. – Você foi casada com um certo Aleksander Normand até o seu divórcio antes do encarceramento dele, não foi?

– Eu fui. – Ela ergueu a cabeça com uma teimosa projeção do queixo. – E eu posso te dizer agora que eu não sei onde ele está, então você está perdendo seu tempo perguntando. Ele também não foi me ver.

Malcolm segurou a língua por alguns momentos, apenas absorvendo-a. Sem hesitação; nenhum sinal de medo contido ou dúvida. Nada de tiques nervosos, de olhares rápidos a tensão indevida e pequenos gestos irritantes; ela estava irritada por ter que lidar com eles porque seu ex-marido era um

suspeito, ele pensou. Possivelmente irritada com o ex-marido por colocá-la nessa posição.

Mas ele não achava que ela estava agindo sob pressão ou mentindo.

Ele se inclinou para trás, apoiando os ombros contra a cadeira. – Eu acredito em você, ele disse – e os olhos dela se arregalaram ligeiramente; ela lançou-lhe um olhar que lhe disse que ele tinha acertado. Parte de sua defesa era a expectativa de que eles *a* acusariam de algo, e oferecer sua crença e aceitação desde o início colocou um pouco de ding naquela armadura eriçada, pegando-a desprevenida. – Se Normand tivesse feito contato com você, nós já saberíamos. Não é? Você teria chamado a polícia imediatamente.

– Eu sim. – Suas sobrancelhas se inclinaram em uma inclinação estranha e intrigada, e ela o considerou como se ele fosse algum tipo de criatura alienígena que ela não conseguia decifrar. – Se ele é ou não esse… Coelho branco que todos falam, ele escapou da prisão. Não há amor perdido lá, e eu não vou para a cadeia por abrigar um preso.

– Decisão sábia. – Seong-Jae disse secamente. – Mas você soa como se não acreditasse que ele poderia ser o coelho branco.

– Eu-oh. – Ela olhou entre eles, então, como se os visse novamente. – É por isso que você está aqui. Você não tem certeza se ele é. Então você está tentando descobrir sobre ele.

– Astuto. – Malcolm disse.

– Eu não aceito bajulação, ela retrucou bruscamente.

– A observação factual não é lisonjeira. – Malcolm respondeu, e seus lábios se curvaram para cima nos cantos, quase involuntariamente.

– Khalaji, não é?

– Isso seria correto.

– Não vai tentar me deixar à vontade falando comigo pelo primeiro nome?

Malcom grunhiu. – Eu já tive o suficiente disso por um dia, obrigado.

– Parece uma história fascinante. – Sarcônica, sem graça, e ela se recostou na cadeira, apoiando as mãos sobre a mesa. – Eu gostaria de poder ajudá-los, cavalheiros, mas eu simplesmente não vejo isso. Alek? Ele nunca esteve *aqui.* E não me refiro apenas às viagens.

– O que você quer dizer, Sra. Lewis? – Seong-Jae solicitou.

– Ele estava sempre... Em outro lugar. Mentalmente. – Ela balançou a cabeça, abaixando a cabeça, as sobrancelhas baixando. – Honestamente, foi o que me atraiu nele no início. Ele parecia estar sonhando o tempo todo, e ele sempre tinha esse sorriso doce no rosto. Ele parecia tão *gentil,* e eu pensei... – Ela suspirou pesadamente. – Eu pensei que isso o tornaria *seguro.* Acho que eu

tinha aquela fantasia típica. Eu seria aquela que ele deixaria entrar em seu mundo interior, e seríamos sonhadores, felizes e seguros juntos.

– Mas ele nunca deixou você entrar, disse Malcolm. – Aquele sorriso era mais como uma barreira, não era?

– Sim, ela admitiu, e depois de um momento pontuou com um aceno de cabeça. – Eu me senti como... Um acessório, na maioria das vezes. Como se ele tivesse me escolhido para um propósito, e eu apenas tive que sentar na minha casinha de bonecas no meu lugar apropriado onde ele queria me colocar.

– Posso apontar algo, Sra. Lewis? – Perguntou Malcom.

– Eu suponho.

– É para contextualizar. E isso pode fazer com que suas memórias passadas dele signifiquem algo diferente. Ele cruzou as mãos entre as coxas, estudando-a com franqueza, e decidiu falar sem rodeios; ela parecia apreciar isso. – Psicopatas e outros com personalidades altamente anti-sociais, especialmente aqueles com tendências violentas, muitas vezes constroem deliberadamente a ilusão de uma vida normal em torno de si. Psicopatas não violentos fazem isso para sua própria paz de espírito e até para o conforto daqueles ao seu redor. Para se misturar, para minimizar seu próprio estresse, para que as pessoas não percebam que não se encaixam e acabem isolando-as e evitando-as. Mas psicopatas violentos... – Ele estendeu as mãos. – Eles precisam de uma cobertura. Para que, quando as pessoas começarem a fazer perguntas, sejam as últimas que você suspeitaria. Você sabe como isso sempre sai no noticiário. — Ele sempre pareceu tão legal. Ele era apenas o melhor vizinho. Tão quieto. Ele sempre trazia biscoitos para a venda de bolos da igreja.'

Ela olhou para ele; sua expressão não mudou, mas havia algo estranho e ferido em seus olhos. – Então você está dizendo que todo o nosso casamento foi um arenque vermelho?

– Só se ele for nosso suspeito. – Seong-Jae apontou. – Nós temos um outro que é igualmente atraente. É por isso que estamos falando com a ex-esposa dele também, depois de terminarmos nossa conversa com você. Estamos coletando informações para tentar diminuir uma probabilidade, para que possamos antecipar suas ações.

Malcolm acrescentou: – Estamos tentando descobrir para onde ele iria em seguida. E achamos que pode ter alguma conexão com seus anos de formação. No caso de seu ex-marido, ou o tempo que Aleksander Normand passou no sistema de adoção... Ou o tempo anterior. Sua infância em Nebraska, antes de seus pais morrerem. Ele já conversou com você sobre isso?

– Eu não. – E de repente ela riu, uma coisa frágil cheia de surpresa e uma mágoa estranha. – Você pensaria que eu acharia isso estranho, não é? As pessoas falam dessas coisas. Memórias de infância. Família. As coisas que os machucam. As coisas que os fazem felizes em pensar até agora. Eu disse a ele tudo sobre mim, mas... – Ela balançou a cabeça, puxando os braços para trás para prendê-los contra seus lados, uma mão segurando o oposto logo acima do cotovelo. – Tudo o que ele disse foi que mal se lembrava. Como se fosse um sonho, ou uma peça de teatro onde ele não podia nem ver a multidão porque todas as luzes brilhantes tornavam tudo irreal. E eu... Eu só... Eu não pressionei. Acho que uma parte de mim não queria saber.

– Sra. Lewis...? – Malcolm pediu gentilmente. Ela estava oscilando, ele sentiu. Balançando à beira de algo, e se ele empurrasse para o lado errado, ela poderia cair de um jeito ou de outro. Feche-os completamente.

Ou se abra para eles, com um sorriso frágil e dolorido. – Não olhe para mim assim, disse ela. – Como se você estivesse me julgando. Eu sei que você não está. Eu sei que sou eu. Eu sei que estou me julgando, e vendo coisas em seus olhos que não estão lá porque eu... Eu só... Ela engoliu em seco várias vezes, com um pequeno movimento frenético de sua cabeça. – E se for minha culpa? E se ele estiver lá fora fazendo todos os tipos de coisas horríveis porque eu simplesmente não percebi que algo estava *errado,* porque eu só... Eu não queria saber, desde que ele não me machucasse?

— Não — disse Malcolm, o mais firme que pôde, e ela se acalmou, olhando-o com estranheza.

– Não…?

– Eu sinto Muito. Eu me recuso a permitir que você se culpe por qualquer coisa. Especialmente algo que pode ser apenas uma hipótese. – Ele segurou os olhos dela. – Deixe-me dizer uma coisa, Sra. Lewis. Tenho me culpado por tudo o que nosso suspeito fez desde a primeira morte depois que fui levado para o caso. A culpa não faz nada. A ação sim. Então estou fazendo tudo que posso, porque quanto mais tempo eu perco me culpando, menos eu gasto fazendo algo sobre isso. Então eu me recuso a deixar você se culpar. Em vez de…

– Ajudá-lo, disse ela fracamente. – Como se eu pudesse me absolver dessa maneira.

Seong-Jae estendeu a mão sobre a mesa, apenas descansando sua mão frouxamente relaxada na madeira, e ainda assim fez uma conexão tranquila entre ele e a Sra. Lewis. – Deixe de lado a ideia de que há algo para se absolver. Pare de nublar seus pensamentos com culpa, e por favor. Tente se lembrar de algo. Qualquer coisa que possa ser significativa.

– Eu... Estou tentando, eu só... – Ela apertou os lábios. – Se ele disse que sua vida antes era como um sonho nublado... Para mim, estar com ele era um sonho nublado. Ele era tão *comum*, e eu queria isso. Eu... Meu pai, ele costumava... Seus ombros estremeceram. – E então, você sabe. Padrões. Eu continuei indo para homens como ele. E então conheci Alek, e ele era tão chato, sem graça e seguro que pensei... Pensei...

– 'Este não vai me machucar,' – Malcolm terminou suavemente.

– Sim. – Seu sorriso era vacilante, seus olhos muito brilhantes. – Só isso.

— Ele já morou nesta casa com você? perguntou Malcom.

– Não. – Linda balançou a cabeça. – Comprei este lugar depois do divórcio. – A pergunta pareceu deixá-la respirar um pouco, tirando a pressão da ferida aberta que eles cutucaram. – Sou fã de novos começos. E estou feliz por ter feito isso, porque ninguém aqui sabe que eu fui casada com o homem cujo rosto está estampado em todos os noticiários. Algumas das coisas que ouço meus vizinhos dizendo, tentando adivinhar qual deles é o único... Ela estremeceu. – Sinto pena da ex-mulher daquele cara Ecklund. Mas sinto muito, senhores. Não há nada aqui que possa ajudá-lo. Joguei tudo fora. As únicas lembranças que guardei foram...

Ela inalou, arregalando os olhos.

– *Ah* . Dê-me um momento, sim?

Ela empurrou a cadeira para trás com um grande raspar dos pés contra o chão e disparou para as escadas.

E assim, com um ranger do segundo degrau e um tamborilar de pés, ela se foi.



Seong-Jae encarou depois que Linda Lewis recuou, seu rabo de cavalo balançando para frente e para trás até desaparecer, então olhou para a expressão um tanto confusa no rosto de Malcolm .

– Isso foi... Abrupto, disse ele.

Malcolm apertou os lábios. – Aparentemente ela é um pouco…

– Imprevisível?

– Essa seria uma palavra para isso, sim, disse Malcolm. – Ela é arisca. E propensa ao impulso. Não é à toa que ela se casou com alguém sem graça e chato. Provavelmente não confia em suas decisões no calor do momento após sua história passada, então ela foi para alguém que parecia seguro.

– Os seriados sempre parecem seguros até que não sejam. – Seong-Jae suspirou. – Se Normand é nosso suspeito, o que ela descreve dele é bastante didático. Particularmente o apagamento de suas memórias de infância. Aqueles com transtorno de personalidade antissocial muitas vezes escolhem esquecer a infância porque foi um período de desamparo em que a autoridade dos pais e outros assuntos além de seu controle teriam parecido as maiores indignidades contra seus conceitos grandiosos de si mesmos.

– Mas, considerando como ele perdeu os pais, o trauma pode ser outro motivo para suprimir as memórias da infância, destacou Malcolm. – Mas ainda. Ela está acompanhando o caso, e eu acho... Ele franziu a testa. À luz do sol tênue que se filtrava pelas finas cortinas brancas, Malcolm era feito de sombras de contornos suaves que suavizavam os rochedos desgastados de seu rosto de pedra; um rosto que poderia parecer tão ameaçador, mas que para Seong-Jae apenas representava a firmeza e a firmeza inabalável das convicções de Malcolm. – Acho que ela teve um pressentimento. Ela provavelmente está olhando para trás em sua vida com ele sob uma nova luz, e eu aposto... Ela sabia que alguém viria. Ela sabia que alguém estaria fazendo essas perguntas, mas ela ainda está tentando negar.

Seong-Jae recostou-se na cadeira. Havia algo *dentro* dele, como uma bússola procurando e girando, mas incapaz de se fixar no norte. Ele entregou o que havia observado da Sra. Lewis; ela era uma mulher cautelosa, uma mulher defensiva, alguém em quem não confiava facilmente e, em vez disso, escolhia parceiros, amigos, conhecidos que fossem o menos ameaçadores possível. Não havia razão para tentar confiar neles quando a confiança não era necessária em um relacionamento tão baixo, permitindo que ela mantivesse sua defensiva.

Sim, ele pensou.

Aquela forma escura dentro dele, enrolada dentro do vazio negro que se esvaziou dentro dele para lhe dar um lugar para viver...

Isso a acharia um alvo muito atraente.

Ele simplesmente teria que se moldar na configuração correta e não ameaçadora, e fazê-la acreditar que ele não era nada importante. E suas pequenas esquisitices... Ela não iria questioná-los, porque bisbilhotar naqueles pequenos momentos de algo *exigiria* que ela baixasse suas defesas e

quebrasse a cuidadosa fachada de segurança que ela construiu em torno de si mesma.

Seong-Jae pressionou os dedos na boca, preguiçosamente esfregando o dedo indicador ao longo do lábio superior. – Se eu fosse o coelho branco, disse ele. – casaria com Linda Lewis.

Malcolm deu-lhe um olhar divertido. – Você faria, agora.

– Pense nisso, disse Seong-Jae. – Ela claramente vem de um passado enraizado no abuso. As vítimas de abuso procurarão o familiar e cairão nos mesmos padrões repetidamente, apesar de seus melhores esforços e sem culpa própria… Ou buscarão segurança com um nível extremo de cautela. Ela não esconde sua cautela em tudo. Não acho que a atitude dela em relação a nós fosse simplesmente hostilidade em relação à aplicação da lei. Ela teria sido igualmente cautelosa com Normand, e isso a tornaria um desafio interessante a ser superado... E o alvo perfeito para seu disfarce.

– Então você acha que foi uma questão de ego para ele ganhar a confiança dela antes mesmo de pretender usá-la para se normalizar.

– Seria adequado à ideia do nosso perfil de pessoas como brinquedos. Fantoches, disse Seong-Jae. – Ele simplesmente procurou encontrar a melhor forma de puxar as cordas dela. Talvez até...

Ele parou ao ouvir passos na escada. Duvidava que suas vozes tivessem ido longe, mas não queria lhe dar mais motivos para ficar na defensiva se ela ouvisse suas especulações. Malcolm olhou para a porta, olhos azuis de ardósia pensativos... Então vidrados, pupilas dilatando acentuadamente, enquanto ele olhava.

Seong-Jae seguiu sua linha de visão, observando enquanto Linda Lewis emergia na sala mais uma vez.

Carregando dois gorros vermelhos, macios, desbotados e amassados por terem sido enfiados em algum lugar, os bicos deles coroados com bandeirinhas amarelas em fios que se deformaram com o tempo.

Ele mal se controlou, inalando e pegando e treinando sua expressão para uma impassibilidade neutra.

Quando lá dentro, ele era uma massa palpitante de premonição ansiosa e formigante.

Conhecendo.

Aqueles bonés... Ele os tinha visto antes, em personagens de desenhos animados.

E a Sra. Lewis confirmou isso, ao parar na porta com os pedaços de pano amassados nas mãos, olhando para eles com um sorriso melancólico que dizia que, talvez, Aleksander Normand já a tivesse feito se sentir *amada.*

– Fomos a uma feira do condado para o nosso primeiro aniversário. Eu nem esperava que ele se lembrasse, ele não parecia o tipo de homem para celebrar coisas assim, mas... – Ela fez um som trêmulo, seus cílios baixando, seu sorriso ficando pesado. – Foi a primeira vez que o vi *excitado.* Ele disse que tínhamos que usar isso. Nós éramos um par combinado. Tweedledee e Tweedledum. Uma risada sufocada pontuou suas palavras, seus dedos se enrolando nas bordas até que se dobraram. – Achei engraçado na época, mas... Não sei. – Ela balançou a cabeça, então ergueu o olhar para eles, questionando, procurando. – Tweedledee e Tweedledum. O coelho branco. Alice no País das Maravilhas, certo?

Estou atrasado, estou atrasado!

Seong -Jae se inclinou para frente, pressionando as mãos contra a borda da mesa até que ela mordeu suas palmas, esta lâmina de navalha se desgastando na coleira que ele mal se segurava.

Ele mal conseguia soltar a voz, baixa e tensa. — Ele já disse mais alguma coisa sobre aquela peça para você?

– Não. Nunca. – Ela mordeu o lábio, enrolando os dedos com mais força nos chapéus. – E se alguma vez eu fiz uma piada sobre os chapéus, ele apenas... – A Sra. Lewis exalou. – Ele meio que olhou através de mim. Como se nunca tivesse acontecido. Nada disso, e ele não sabia do que eu estava falando.

Interessante. Interessante mesmo.

Talvez Normand tivesse se arrependido de mostrar a ela alguma verdade de si mesmo, e imediatamente optou por mascará-la e escondê-la.

Malcolm levantou-se, manuseando seu corpo daquele jeito cuidadoso que dizia que estava tentando ocupar menos espaço; para parecer menos imponente, quando ele se aproximou da Sra. Lewis - apenas para parar a alguns passos e perguntar: – Podemos pegar isso, Sra. Lewis?

Linda Lewis assentiu após uma breve, mas reveladora hesitação, estendendo as duas mãos com os chapéus amassados apoiados nas palmas abertas.

– Claro, – ela disse indiferente.

Malcolm enfiou a mão no bolso interno de seu paletó cinza escuro, bem passado, e pegou um par de luvas que colocou sobre os dedos grossos, envolvendo-os em uma camada de vinil, antes de pegar um saco de provas e abri-lo. erguendo a boca dele delicadamente e estendendo-o para ela.

– Aqui, – ele murmurou. – Vá em frente e apenas alivie-os lá.

Isso disse tudo a Seong-Jae, que por um momento seus dedos apertaram nas bordas e as amassaram antes de afrouxar enquanto ela cuidadosamente as passava pelas bordas da bolsa fechada com zíper.

Às vezes, as memórias que mais doem eram aquelas que você guardava, mesmo quando as coisas que você sabia agora mudavam tudo sobre o que elas significavam para você antes.

– Será... – Ela se interrompeu, olhando para Malcolm, seus olhos indo e voltando sobre seu rosto. – Será ruim que eu os toquei? Você está tentando não contaminá-los com impressões digitais e evidências de DNA, certo?

– Está tudo bem, – Malcolm assegurou a ela, barítono retumbando profundamente e ritmicamente calmante. – Seu DNA e impressões estão lá há muito tempo. Estou apenas me certificando de que os meus não acabem na mistura.

– Oh.

Ela observou enquanto Malcolm fechava a bolsa e a guardava no bolso interno do casaco, depois tirava as luvas; quando ele o fez, ela os alcançou com mãos inquietas.

– Aqui, ela disse. – Eu vou jogar isso fora. – Ela arrancou as luvas amassadas da mão de Malcolm e se inclinou em torno de uma segunda porta aberta para jogá-las na lixeira da cozinha. Então ela parou, endireitando-se, dando a ambos olhares estranhos. – Eu nem sequer ofereci nada a nenhum de vocês para beber.

Seong-Jae ergueu uma sobrancelha. – Você deixou bem claro que não pretendia nos oferecer sua hospitalidade. Acredito que o chá foi retirado com muita força da mesa.

Ela corou. – Eu... Sim. Acho que sim. Eu sou apenas lenta para me aquecer com as pessoas, isso é tudo. Mas eu não... Não estou tentando impedi-lo, se é isso que você pensa.

Ela estava dizendo a verdade, pensou Seong-Jae. Sua reação instantânea a qualquer um provavelmente seria um muro de desconfiança, defesas hostis que ela poderia até se arrepender mais tarde.

Ou se arrepender de ter baixado.

Há quanto tempo ela estava se questionando, examinando todas as suas decisões, todas as suas escolhas de vida e se repreendendo pela possibilidade de se casar com um serial killer sem ideia do monstro que dormia sob a pele de seu marido de papelão?

Mesmo quando Malcolm recuperou seu assento, Seong-Jae se levantou, dando um passo em direção à Sra. Lewis – então parando quando ela recuou sutilmente. Ele não achava que ela estava ciente disso, mas lembrou-lhe que ele era um homem muito alto que ocupava muito espaço - seu corpo talvez não tão imponente quanto o de Malcolm, mas sua altura por si só era

suficiente para intimidar alguns. Especialmente alguém que revelou tantos marcadores defensivos de trauma de abuso quanto Linda Lewis.

E então ele parou onde estava, vários metros entre eles, a porta aberta nas costas dela era uma clara avenida de fuga que ele não impediria de forma alguma.

– Ei. Sra. Lewis, ele perguntou suavemente. – Posso te contar algo pessoal sobre mim?

Olhos castanhos escureceram — perdidos, confusos. – Eu sim…?

– Sem dúvida você está se perguntando por que estou pedindo permissão. No entanto, eu sei algo sobre como é quando os outros tentam se tornar mais pessoais comigo do que eu desejo, e não me dão escolha no assunto. – Ele recuou um passo, sentando-se com o quadril apoiado na borda da mesa de jantar, e cruzou as mãos contra a coxa. – O primeiro homem que amei na minha vida abusou de mim, disse ele sem rodeios. – Ele me manipulou. Mentiu para mim. Gastou-me. Me coagiu a sexo, uso de drogas, uma série de outras atividades que eu nunca teria me envolvido por conta própria. – Enquanto ela olhava para ele com o rosto branco como giz, ele sorriu levemente e bateu entre os olhos, sobre a textura cerosa da marca cortada ali. – Ele me deu essa cicatriz quando tentou me matar. Malcom?

Seong-Jae olhou por cima do ombro. Atrás dele, Malcolm deu-lhe um olhar medido como se perguntasse *você tem certeza de que quer fazer isso?* antes de concordar, um gesto silencioso de confiança nas decisões de Seong-Jae e na direção que ele estava tomando quando Malcolm enganchou um dedo nas golas de seu paletó e camisa, afrouxando a gravata para que ele pudesse puxar todos para baixo para descobrir o anel de pálido. cicatriz na garganta.

– Eu também, disse Malcolm. – Me garrotearam com arame farpado.

As respirações da Sra. Lewis inspiraram rapidamente, então exalaram novamente em um som suave de simpatia. – Isso é terrível.

– Foi uma situação infeliz e crescente, disse Seong-Jae. – Mas quando o conheci... Eu era jovem, perdido, confuso, ferido e sozinho. Ele se aproveitou disso. Ele pegou meu desejo de alguém em quem confiar e torceu para seus próprios fins. E na época, para mim... Ele parecia tudo que eu deveria querer, ao invés de tudo que eu deveria temer. Ele inclinou a cabeça, observando Linda Lewis com firmeza. — Você me culparia por isso?

Ela enrolou as mãos, sua boca se enrugou um pouco. – Não... Eu não... O que ele fez não é culpa sua, é? – Então sua expressão clareou. – *Ah*.

Malcolm riu brevemente nas costas de Seong-Jae. – Ele tende a ser dolorosamente direto, ou tão tortuoso que você não entende o ponto dele até estar lá, mas quando você *chega* lá, você realmente entende.

– Eu não pedi comentários sobre meu estilo de diálogo. – Seong-Jae murmurou.

O sorriso da Sra. Lewis era pequeno, mas genuíno. – Vocês dois estão trabalhando juntos há muito tempo, não é?

Seong-Jae piscou.

Ele e Malcolm trabalhavam juntos há menos de um ano; *juntos* por menos do que isso, e ainda assim...

Ele sentia como se conhecesse Malcolm melhor do que ele mesmo, às vezes.

– Durante o suficiente, ele respondeu.

– Isto mostra. – Ela se inclinou contra o batente da porta, balançando a cabeça. – Eu entendo o que você está me dizendo, no entanto. E eu gostaria que fosse tão fácil quanto apenas acreditar, e tudo ficar bem. Mas talvez um dia. Depois... Depois que isso acabar.

– Leva tempo, disse Seong-Jae. – Isso não é uma falha.

O silêncio se instalou, pensativo e quieto, enquanto a Sra. Lewis desviou o olhar, olhando para os móveis ociosos, corrimão da escada, fotos na parede de um casal mais velho com uma semelhança o suficiente para que fossem pais ou outros parentes idosos.

Nenhuma foto de Aleksander Normand, ele notou.

Nenhuma foto dela.

E nenhuma foto do filho deles.

Ele separou os lábios para perguntar, mas a Sra. Lewis falou primeiro, um choque repentino quando ela engasgou: – Ah, espere. – Ela levantou a cabeça, os olhos focando nele novamente. – Lembro-me de uma coisa. Eu não sei se isso importa, mas... Ele me contou uma história. Mais ou menos quando ele tinha dezesseis anos, no Arizona. Ela franziu a testa, puxando os dedos contra os vincos do tecido no cotovelo de seu cardigã fino e justo. – Ele estava trabalhando em uma lanchonete, e ele... – Ela estalou a língua, seu rosto se contorcendo. – Eu sinto Muito. É assim, ele *ejaculava* nas coisas. A água do prato, ou as bebidas das pessoas, e ele... Eu nunca o vi *sorrir* assim. Como se ele estivesse orgulhoso disso, e me contando alguma história engraçada da infância em vez de algo tão nojento. – Seus olhos imploraram a Seong-Jae – por afirmação, confirmação. – Eu não percebi todos os seus sorrisos antes que pareciam falsos até que eu o vi sorrir como se ele quisesse dizer isso. Era como se ele estivesse se lembrando de algo que o deixou muito feliz, alguma lembrança carinhosa, e eu pensei... Eu pensei que não era normal. Foi isso?

– É certamente um ponto de interesse, respondeu Seong-Jae.

Mais do que interesse.

Se aquela bússola dentro dele procurava o norte, sua agulha estava tremendo agora, puxada por uma força irresistível.

Marcadores de comportamento definidos para psicopatia. Tentativas maliciosas e insensíveis de causar danos sem se preocupar com as consequências ou pessoas prejudicadas, e orgulho em desafiar as restrições e normas sociais. Uma falsa fachada para expressões gerais durante a interação social, mas seu rosto – verdadeiro – se revela ao relatar atos antissociais passados. Talvez, mesmo, não percebendo que o comportamento que ele descreveu seria considerado socialmente inaceitável.

As peças do quebra-cabeça foram se preenchendo lentamente, criando uma imagem completa.

Tentando dizer a ele quem olhou além daquela máscara, sem sombra de dúvida.

Malcolm tamborilou preguiçosamente os nós dos dedos contra a mesa em um ritmo lírico, aquele pequeno hábito que se espalhava quando ele estava pensando rápido, pensando muito. – Houve outros momentos em que você sentiu que ele não era normal? Ou talvez momentos em que você sentiu que ele estava escondendo algo de você?

– Eu... Me perguntei sobre todas aquelas viagens, ela disse lentamente.

– Se ele estava tendo um caso, ou algo assim, mas eu pensei... – Ela soltou uma risada quase silenciosa. – É tão vaidoso da minha parte, mas eu pensei... Alek era tão *simples* . Bonito, talvez, mas sem graça como mingau de aveia. Então eu pensei quem mais possivelmente tentaria levá-lo? Quem iria *notá*-lo?

— Como você o notou? Seong-Jae perguntou.

– Eu costumava ser bartender neste pequeno pub, em Phoenix. Você sabe, aqueles bares que tentam fingir que são restaurantes realmente finos? Seus olhos rolaram. – Eu estava saindo um dia e derrubei minha bolsa, e simplesmente... Derramei por todo o beco ao lado do pub, do lado de fora da saída dos funcionários. Algumas das minhas canetas e maquiagem rolaram na calçada na frente, e ele quase tropeçou nelas. E então ele parou para me ajudar a pegar tudo. Foi muito doce. – Seus lábios tentaram piscar em um sorriso e falharam, seus olhos distantes. – E na noite seguinte ele voltou para uma bebida, e ele pediu isso... – Ela abaixou a cabeça, prendendo o cabelo para trás em um gesto de menina, rindo baixinho. – É tão bobo. Eu nunca me lembraria de tê-lo visto antes, mas me lembrei de seu pedido. Um Cosmo virgem. Eu inventei Cosmos virgens tipo, pelo menos uma vez por noite na última semana, mas eles sempre saíam para uma mesa, então eu nunca vi quem os pediu. Acabou que era ele. Só que desta vez ele veio até o bar. Ele falava, não

ficava no meu caminho, mas quando eu tinha um segundo e parava para verificar se ele precisava de uma recarga... Sim.

Malcolm inclinou a cabeça com um som pensativo. – Ele sempre evitou beber?

– Sempre, disse ela. – Parecia uma coisa sensível, então não perguntei.

Seong-Jae esperou, deixando aquela agulha de bússola dentro dele balançar até que se estabelecesse em uma questão roendo as bordas de sua mente. – Ele já voltou para casa? – Ele perguntou. – Para Nebraska, ou qualquer um dos centros de adoção onde ele morava, ou para a casa de sua família adotiva?

– Não que eu saiba. Eu nunca conheci nenhum de seus parentes, embora com ele crescendo em um orfanato eu apenas presumi que não havia nenhum. Ela parecia incerta. – Mas ele poderia ter ido a qualquer lugar nessas viagens de negócios. Eu o deixei porque ele nunca esteve aqui, mas... No fundo, acho que gostei disso. A Sra. Lewis balançou a cabeça. – Como eu disse, mesmo quando ele estava em casa, ele não estava realmente... *Aqui.* Ele era como compensado, quase. Ou papel. Não entendo como uma pessoa pode ser assim. Apenas um recorte de um homem. – Ela parou por um momento, sua voz caindo. – Eu nunca passei da superfície, com ele.

— Mas você pensou que iria? Malcolm pediu.

– Sim. – Então a Sra. Lewis inclinou a cabeça para trás, olhando para o topo do batente da porta com um som confuso e espesso. – Eu não sei. Não sei o que estou dizendo.

– E a tatuagem dele? – Seong-Jae perguntou. – Certamente isso deve ter dado algum indicador de que havia mais abaixo da superfície.

Baixando a cabeça, Linda Lewis olhou para ele sem expressão.

– Tatuagem?

– Makala. – Malcolm se levantou, movendo-se para o lado de Seong-Jae, movimentos pontuados pelo som suave de suas calças deslizando juntas, lã fina sussurrando. Ele cruzou os braços contra o peito largo, os ombros bem apertados de seu terno apertados. – Cobre as costas inteiras. Bastante proeminente. Ele nunca fez uma tatuagem?

– Não enquanto estivéssemos casados. Ele deve ter feito isso depois do divórcio. O que é Maha... Muh... Mahklaw ?

– Mahakala. – Seong-Jae corrigiu. – Uma divindade budista e hindu.

– Alek nem era *religioso.* Ele era ateu, ou assim me disse. Ela zombou incrédula. – Alek. Com uma *tatuagem.* Aquele homem não suportava a dor. Ele nem olhou quando eu extraí uma lasca da ponta de seu dedo. Não consigo

imaginá-lo sob uma agulha por horas. – Outra pausa, carregada de melancolia. – Talvez eu realmente nunca o tenha conhecido.

Malcolm falou daquele jeito gentil e cuidadoso, como se cada palavra estivesse embrulhada em luvas de pelica para tocar um assunto delicado com tanto cuidado. – Ele também era diferente perto do seu filho?

Não havia como fingir a confusão, a completa incompreensão vazia no rosto da Sra. Lewis enquanto ela apenas *olhava* para Malcolm como se ele tivesse dito algo quase ofensivo.

– Que criança?

O silêncio que caiu praticamente tocou, um calafrio silencioso com total consciência, tensão, essa parada de três vias com todos eles congelados no lugar e esperando que os outros fizessem um movimento primeiro.

Que criança?

Que *diabos*.

– Sra. Lewis. – Seong-Jae disse cuidadosamente, você sabe por que Aleksander Normand foi preso?

– Eu... Algum tipo de fraude? – Aquela cautela estava de volta, aquela pergunta repentina e incongruente levando a balança de volta à suspeita, como se talvez ela estivesse errada em baixar a guarda ao redor deles. – Os detalhes do caso eram confusos e, como nos divorciamos, eu não tinha mais nenhum tipo de direito de acesso como sua esposa.

– Ele foi condenado por violar seu acordo de custódia. – Seong -Jae explicou, lenta e claramente, e a observou atentamente por sua reação. – Por sequestrar seu filho. E por tentar matricular seu filho em vários distritos escolares fora de sua jurisdição de origem.

– Isso é... – Ela parou com um som estrangulado, pasmo, recuando. – Não entendo. Acho que saberia se tivesse um filho. Lamento informar-te, mas nunca fizemos sexo sem camisinha *e* anticoncepcional. Eu nunca estive grávida na minha vida, e nunca quis estar.

– E se lhe disséssemos. – Malcolm disse solenemente, que temos documentos mostrando que você retirou as acusações de sequestro no processo judicial?

– Eu diria que você está mentindo para mim, porque Alek e eu nunca fomos ao tribunal para o nosso divórcio, muito menos a custódia de uma criança que não existe. – Sua boca se formou em uma linha picante. – Então , eu gostaria de saber o que diabos você está fazendo. E espero uma resposta honesta, ou você pode dar o fora da minha casa.

– Não estamos mentindo. – Seong-Jae se levantou, seu braço roçando o de Malcolm. – No entanto, explicar o assunto envolveria divulgar informações

confidenciais que não temos a liberdade de compartilhar. No entanto, isso foi muito esclarecedor, e agradecemos sua divulgação, Sra. Lewis.

Antes que Linda Lewis pudesse dizer qualquer coisa, Malcolm virou a cabeça, a ponta do nariz roçando a bochecha e a mandíbula de Seong-Jae enquanto ele murmurava em seu ouvido. – Você tem certeza disso? Nós apenas... *Vamos?*

Seong-Jae virou a cabeça para encontrar Malcolm, mas manteve um olho na Sra. Lewis, que parecia que iria chamar a polícia a qualquer momento - ou possivelmente ir atrás deles com um taco de beisebol de aço. Sem dúvida, agora que suas suspeitas haviam sido despertadas, ela os via como dois homens estranhos que poderiam ser potencialmente perigosos, agora conspirando contra ela.

– Ela está se tornando hostil, ele sussurrou. – E no momento esta revelação muda completamente o contexto do caso. Acredito que devemos nos retirar para discutir e, se precisarmos falar com ela novamente, podemos retornar quando ela tiver tempo de superar sua desconfiança defensiva inicial.

– É justo. – Malcolm sussurrou de volta, então levantou a cabeça, um sorriso fácil e calmo se espalhando em seus lábios enquanto falava com a Sra. Lewis. – Lamentamos a confusão, mas obrigado pelo seu tempo. Vamos sair do seu cabelo agora. Não é necessário chá no salão.

A expressão da Sra. Lewis se fechou completamente, e ela deu um passo para trás, desocupando a porta da sala de jantar e deixando um caminho muito claro para a porta da frente.

Seong-Jae entendia um convite quando via um.

E com um breve aceno de cabeça, ele se virou para ir embora, Malcolm seguindo logo atrás enquanto eles passavam por ela, pelo corredor, e saíam para a varanda; Seong-Jae protegeu os olhos contra o clarão penetrante repentino. Ela os seguiu a uma distância cuidadosa, sempre vários passos atrás e ainda claramente de olho neles – mas ela não falou até que Seong-Jae estava no último degrau da varanda da frente.

– Você realmente acha que Alek é o único?

Ele parou, virando-se para olhar para ela, enquanto Malcolm descia o último degrau e passava por ele. Ela estava emoldurada na porta da frente, uma mulher que na superfície parecia segura de si e calma, no controle de seu ambiente, mas cujo próprio controle era um mecanismo de defesa para esconder que ela não se sentia segura. Nem mesmo em sua própria casa.

Nem mesmo em suas próprias memórias da vida que ela pensava que tinha.

– Você? – Ele perguntou baixinho. — Você o conhece melhor do que nós.

– Eu não sei. Eu realmente não. – Seus olhos brilharam com um leve brilho molhado, mas ela piscou para longe com tanta teimosia. – Você já amou alguém, mas sentiu como se realmente não a conhecesse, então o que você amava deve estar dentro da sua cabeça o tempo todo? Uma invenção que você inventou para poder ver o que precisava ver?

– Sim. – Seong-Jae disse simplesmente, então deu um passo à frente, alcançando dentro de seu casaco. Quando ela enrijeceu, ele congelou - então, com o mínimo de movimento possível, ele pegou uma de suas cartões do bolso interno e ofereceu a ela entre as duas pontas dos dedos. – Por favor, entre em contato conosco se você se lembrar de mais alguma coisa, senhora. Você se importaria, também, se entrarmos em contato com você novamente se tivermos mais perguntas?

Ela olhou para aquele cartão como se estivesse olhando para uma cobra, tentando dizer se era venenoso ou não, mas então o pegou – tirando-o da mão dele rapidamente, espalmando-o contra seu braço como se tentasse escondê-lo, desviando o olhar com fingida desconfiança.

– Certo. Vou até pegar o telefone. – Mas... Ali, uma vacilação, uma ruptura naquele exterior de pedra. – Senhor. Yoon? Sr. Khalaji?

– Sim? – Seong-Jae respondeu.

– Se for Alek... – Ela o encarou como se esperasse algo dele. Como se ele pudesse fazer algo que estivesse fora de seu poder, como se soubesse de coisas que poderiam de alguma forma mudar o curso do que já havia passado. – Pare ele. Por favor.

– Estamos fazendo o nosso melhor, ele prometeu, porque era tudo o que ele conseguia dizer. – Bom dia, Sra. Lewis. Entraremos em contato em breve.

Os olhos dela o seguiram, acompanhando cada movimento dele, enquanto ele se virava para seguir Malcolm em direção ao SUV que esperava.

E aquela súplica silenciosa pairava ao redor dele como um espírito perdido.

Assombrado.

Assombrando com os sussurros não dos mortos, mas dos vivos.

Nem todas as vítimas de seus suspeitos morreram.

E ele não invejava aqueles que tinham que viver com o legado do que o coelho branco havia feito.

3: ASSIM COMO EU LHE DISSE

Malcolm estava, francamente, prestes a perder a cabeça.

Que criança?

Duas palavras.

E uma reviravolta completamente diferente neste maldito caso, porque essas duas palavras mudaram tudo e colocaram em questão tudo o que eles achavam que sabiam sobre Aleksander Normand.

Colocou em dúvida…

... E respondeu a milhares de outras perguntas abertas que tornaram o perfil do caso tão nebuloso, conexões se formando e reformando e ganhando vida em uma rede de possibilidades que se ramificam em ciclos crescentes tão fractais quanto a obsessão do coelho branco.

Estava tudo se acumulando atrás de seus lábios, e quando ele pegou a maçaneta da porta traseira do lado do passageiro do SUV, ele começou a dizer: – Então...

Seong-Jae o silenciou com os dedos ásperos pressionados em sua boca, tocando-o como um beijo. – Aqui não, ele disse suavemente, e lançou um olhar para as janelas escurecidas. – Quarto de hotel.

É justo.

Suas babás, como os conselheiros, provavelmente foram instruídos a desencorajar sua – como a Dra. Karandikar colocou – *obsessão.*

Então Malcolm mordeu a língua, forçou todas aquelas palavras e pensamentos ferventes para dentro, e se obrigou a *esperar,* apenas abrindo a porta e gesticulando para Seong-Jae o preceder.

Seong-Jae subiu dentro do SUV, dobrando-se com graça canivete, enquanto Norcross levantou a cabeça e olhou para ele no espelho retrovisor.

– Tudo feito?

– Conseguimos as informações de que precisávamos, disse Malcolm, arrastando-se depois e sentando-se no banco. – Onde a próxima?

– Hotel, respondeu Norcross, ligando o motor, saindo devagar e com facilidade. Ele assumiu o lugar do motorista, enquanto o outro homem - que não se identificou - estava agora no banco de trás, Ferriss no lado do passageiro da frente. – O próximo vôo não é até de manhã. O chefe queria dar-

lhe tempo suficiente para o caso de ser uma coisa de dia inteiro. Estamos passando pelo escritório para deixar Carter aqui... – O terceiro agente ergueu a cabeça. –... E então nos dirigimos um pouco em direção à periferia da cidade para um de nossos pontos seguros, então acomode-se. Você está com fome? Podemos parar no Mickey D's ao longo do caminho.

Malcolm contraiu o lábio superior. – Acho que vou passar.

Seong-Jae o olhou de soslaio. – Você reclamaria de qualquer batata frita, menos daquelas coisas ridículas do Swabbie's.

– No segundo em que estamos de volta a Baltimore, eu estou pegando um banquinho e comendo os ridículos. – Malcolm murmurou. — E você vem comigo.

– E *o que,* por favor, diga, o que eu fiz para merecer isso?

– Fingi que você odeia a comida de George.

– Explique-me como alguém pode gostar de comida que confunde baratas com guarnição.

Malcolm deu uma risadinha, apoiando o cotovelo na borda inferior da janela e observando a luz do sol piscando nas luminárias de metal do telhado, caixas de correio, carros enquanto o bairro suburbano passava do lado de fora. – Você sabe muito bem que a comida é boa e o lugar é limpo.

– Sua definição de 'limpo' claramente mantém um grau bastante grande de separação da minha.

Malcolm sorriu com carinho. Tão *espinhoso.* Ele olhou para Seong-Jae.

– Você mudou tanto, você sabe.

Qualquer resposta carrancuda que Seong-Jae estava prestes a dar derreteu. – Eu tenho?

– Quando começamos a trabalhar juntos, você nunca diria a uma pessoa de interesse algo tão pessoal sobre você. – Malcolm absorveu a expressão curiosa e pensativa no rosto de Seong-Jae; aquele doce momento de abertura desprotegida que Malcolm achava que Seong-Jae não conhecia, tão preso nesse complicado problema de decifrar esse contraste entre *ele* e o que Malcolm via dele. – Você ficou mais aberto com eles. Mais gentil. Você parou de esconder sua empatia como se fosse uma falha, em vez de um ponto de caráter.

– Eu... – Com uma carranca, Seong-Jae inclinou a cabeça, em seguida, afastou o cabelo de sua testa com dedos elegantes, arcos de preto macio emaranhados nas pontas dos dedos. – Eu não pensei conscientemente sobre isso. – Ele olhou para um lado, franzindo a testa; por um momento um olhar assustado deslizou para Carter, que estava incisivamente olhando pela janela

oposta e ignorando-os, antes que Seong-Jae se fixasse em Malcolm novamente. – Eu simplesmente não quero…

– Para…?

– Perder minha humanidade neste trabalho, disse Seong-Jae. – Ou para esquecer o deles. – Ele deixou sua mão cair, seu cabelo rebelde caindo de volta em seus olhos. – Suponho que o desejo influenciou subconscientemente meu comportamento.

Você não pode nem admitir quem você é, pode?

Alguém que se esforça, todos os dias, para ser um homem melhor. Uma pessoa melhor.

Alguém para quem 'bom o suficiente' nunca é bom o suficiente.

Malcolm balançou a cabeça, sem tirar os olhos de Seong-Jae. – É estranho dizer que estou orgulhoso de você?

Primeiro passo: elogie o namorado.

Passo dois: observe os olhos do namorado se arregalarem de surpresa.

Terceiro passo: espere a inevitável carranca.

Finalmente, passo quatro: sorria quando o dito namorado o encara, assobiando: – Cala *a boca*.

Havia um processo para essas coisas.

E Malcolm não era nada além de metódico.

Ele também estava totalmente impenitente, o sorriso se alargando. – Por que? É apenas a verdade.

O olhar que Seong-Jae deu a ele poderia ter esfolado a pele de um homem menor. – Agora você está apenas tentando me envergonhar.

– Só estou sendo honesto. – Malcolm respondeu suavemente. – Não tenho permissão para admirar o homem que amo?

– Talvez fosse mais permissível. – Seong-Jae retrucou por entre os dentes. – se você decidisse *parar.* Especialmente na frente dos outros.

– Ah não. Eu sou tão terrível. Gostar de coisas sobre você e ousar dizer a você.

– Eu te odeio, Seong -Jae rosnou.

– Eu também, – flutuou secamente do banco do passageiro da frente – Ferriss. – Vocês dois. Cristo. O Chefe não me avisou que vocês dois estavam...

Seong-Jae chicoteou seu olhar feroz de Malcolm para o banco da frente. – Acredito que o termo técnico que você está procurando é 'gay pra caralho', ele atirou em Ferriss friamente.

– Não, o termo técnico que eu estava procurando era 'desagradavelmente apaixonado e pingando de PDA', Ferriss retrucou sem perder o ritmo.

Malcolm engoliu sua diversão – mesmo porque ele não queria que Seong-Jae o matasse. – Tem certeza que 'pingar' é a palavra que você quer usar nesse contexto? – Ele perguntou, apenas para Norcross soltar uma risadinha do banco do motorista, enquanto Carter engolia uma gargalhada estrangulada. Malcolm estendeu uma mão para Norcross, sorrindo para Ferriss enquanto o homem olhava por cima do encosto do banco. – Seu parceiro gosta de nós.

– Na verdade não, disse Norcross. – Eu apenas gosto de qualquer coisa que *o* irrita . – Ele jogou a cabeça na direção de Ferriss, e Ferriss imediatamente fez uma careta para ele.

– Cale a boca e dirija, seu idiota.

Seong-Jae inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro, olhando para os dois, sua carranca se derretendo em um olhar curioso. – Uma sensação de déjà vu.

Ferriss suspirou, apertando as narinas. – … Nosso hotel fica a quarenta e cinco minutos de distância. Você pode se conter por tanto tempo?

– Vamos considerar isso, disse Malcolm.

Com um som de desgosto, Ferriss olhou para frente novamente, batendo a cabeça para trás contra o assento e cruzando os braços atrás do pescoço.

– Alguma coisa interessante sobre o caso? – Ele perguntou de improviso.

– Nada que você está autorizado a saber – Malcolm respondeu tão despreocupadamente, e ele pegou o sorriso bastante frio de Ferriss no espelho lateral.

– Estou autorizado a saber o que você está autorizado a saber.

– Você está? – Malcolm apenas se acomodou em seu assento, virando seu olhar pela janela mais uma vez. – Boa tentativa. Guardaremos nosso relatório para Joshi.

– Conforme você mesmo.

Malcolm, de fato, agradou a si mesmo e manteve seu silêncio pelo resto do caminho, interrompendo apenas para murmurar um adeus educado quando deixaram Carter no escritório de campo de Las Vegas, de aparência bastante enfadonha. Ele precisava de tempo para organizar seus pensamentos, de qualquer maneira, antes que eles se transformassem em uma bagunça, e ele se perdesse resolvendo todos os detalhes que pareciam completamente diferentes sob uma nova luz. Cristal refratário, ele pensou. Os fatos deste caso eram cristal refratário, e o que suas facetas mostravam mudava dependendo do ângulo e do brilho da luz que brilhava sobre eles.

Linda Lewis tinha acabado de acender um maldito holofote.

E expôs coisas que ele pensou que talvez seu suspeito — e Sila — quisesse manter no escuro.

Ele voltou sua atenção para a realidade, porém, quando percebeu que eles haviam passado pelo brilho e glamour espalhafatoso da faixa principal de Las Vegas e em ruas menores e mais decadentes, onde mesmo à luz do dia as luzes de neon estavam acesas, piscando as cores da superfície das estradas. e estacionamentos que pareciam perpetuamente lubrificados com um brilho superficial de óleo. Lixo espalhado por toda parte, as ruas repletas de pessoas que pareciam não ter mais nada a fazer além de ficar de pé em aglomerados, alguns conversando uns com os outros, alguns parecendo completamente inconscientes das pessoas ao seu redor.

E o estacionamento em que Norcross os puxou não foi diferente: esburacado, com linhas desbotadas mal marcando as vagas de estacionamento ao lado de um motel de dois andares em ruínas, cuja placa anunciava tarifas de quarto em quarteirões de quinze minutos, enquanto aglomerados apáticos de as pessoas se reuniram sob o beiral do segundo andar.

Malcolm olhou para a lixeira transbordando estacionada descaradamente bem em frente ao prédio, ao lado de uma porta do saguão cheia de adesivos de vários negócios locais. – Este é um dos seus pontos seguros?

– Você *acha* que alguém que fica aqui é um agente do FBI ou uma testemunha protegida? – Norcross perguntou, desligando o motor.

– Ele tem razão. – Disse Seong-Jae, então torceu o nariz. – Durante meu mandato, residi em meu quinhão de acomodações mais... *Econômicas.* Nenhum, no entanto, tinha o *charme particular deste estabelecimento.*

– É Vegas. – Ferriss disse. – Melhor não experimentar nenhuma luz negra em seu quarto. – Ele enfiou a mão no terno e retirou um envelope branco simples, jogando-o por cima do ombro. – Cartão-chave do quarto. Você está em dois-oh-seis. Estaremos ao lado em dois e sete. Ele virou um olhar por cima do ombro, então, fixando um olho castanho claro em Malcolm por cima dos óculos escuros. – Seu namorado explica o protocolo para esses tipos de estadias em hotel para você, garoto?

Malcolm olhou para ele sem rodeios e arrancou o envelope da ponta dos dedos. – Tenho quase certeza de que tenho pelo menos dez anos a mais de você.

– Você ainda é um bebê em termos do FBI.

Norcross suspirou. – Você pode parar de foder com ele e apenas dizer a ele? Eu preciso sair desses malditos sapatos.

– Tanto faz. – Ferriss disse. – Uma vez que a porta se fecha, é isso até de manhã. Teremos um detalhe chegando na próxima hora; eles vão trocar de turno a noite toda, dois fora do seu quarto, dois fora do nosso. Você não interage com ninguém além deles. Não ligue para a recepção. Não fazemos check-in, não fazemos check-out; mantemos uma reserva permanente para esses quartos, e nenhum nome muda de mãos ou ouvidos ou qualquer outra coisa. Nem peça comida. Há grampos na geladeira. Você tem necessidades alimentares especiais, você deixa o turno saber, caso contrário, se contenta com o que você tem. Você me entende?

– Bastante incisivamente. – Malcolm respondeu. – Se você terminou, acredito que seu parceiro quer tirar os sapatos.

– Sim Sim. Vamos deixar vocês dois pombinhos sozinhos. Apenas lembre-se: paredes finas e estamos do outro lado.

Malcolm não dignificou isso com uma resposta.

E Seong-Jae apenas os favoreceu com um *tch desdenhoso.*

Em silêncio eles estacionaram e desocuparam o veículo, e Malcolm não percebeu que Norcross e Ferriss ficaram um pouco para trás, não entrando em seu quarto até que Malcolm e Seong-Jae tivessem destrancado o seu e entrado. Ele estava esperando outro pesadelo de padrões e cores contrastantes, então o espaço limpo e arrumado o pegou desprevenido: carpete baixo azul-escuro que fazia fronteira com móveis simples e institucionais em madeira de carvalho claro e lençóis brancos dispostos em um espaço de estúdio elegante, paredes brancas com algumas fotografias emolduradas em preto e branco de bom gosto, cozinha com eletrodomésticos modernos em plástico branco. Tudo limpo, arrumado.

– É bom saber que eles estavam fodendo com a gente sobre as luzes negras, disse ele, deixando sua bolsa ao lado da mesa na pequena área de estar, demorando-se apenas para transferir a bolsa de provas com as tampas do bolso interno do casaco para um bolso externo na sua bolsa.

– Eles podem não ter sido. – Seong -Jae murmurou, chutando a porta um pouco violentamente e jogando sua bolsa em uma cadeira com força suficiente para fazê-la balançar no ritmo do batente da porta vibrando. – Embora eles claramente se ressintam de serem designados como nossos acompanhantes e babás.

– Prefiro lidar com seus antagonismos mesquinhos do que com as hostilidades personalizadas e sob medida de Joshi, entregues em mãos.

– Malcolm afundou na beirada da cama queen-size, apoiando os cotovelos nos joelhos. – Assim. Aleksander Normand e Linda Lewis nunca tiveram filhos.

– O que levanta mais perguntas do que respostas, mas... – Seong -Jae ficou sem fôlego na frente da porta fechada, cerrando os punhos. – Também pinta um retrato muito mais completo. Tudo estava se encaixando errado, mas de repente vire as peças em uma direção diferente e os lados se encaixam perfeitamente.

Era elétrico, aquele sentimento; Malcolm estava se segurando desde a casa de Linda Lewis, se reprimindo para não dar nada a Norcross ou Ferriss quando eles poderiam estar sob ordens para arrastar Malcolm e Seong-Jae de volta para Los Angeles se eles sequer mencionassem o nome de Sila.

Mas mesmo sem Sila, havia algumas conexões interessantes aqui.

Tweedledee. Tweedledum. O coelho branco. Alice no Pais das Maravilhas.

E o retrato de um mentiroso patológico que inventou situações que melhor serviam às suas necessidades, não importa o quão insondáveis essas necessidades pudessem ser.

É isso, disse a si mesmo. *Normand é o único, mas…*

Mas.

Sempre isso, *mas.*

Malcolm juntou as mãos e apoiou o queixo sobre os nós dos dedos entrelaçados. – Vamos fazer isso direito. Primeiro: tire as razões pelas quais não saia do caminho, antes de seguirmos em frente.

– Eu sim. Tudo bem. – Seong-Jae deu alguns passos agitados para cada lado, então parou, abriu duas venezianas da janela da frente com um farfalhar brusco, e olhou para fora antes de girar tão bruscamente para encarar Malcolm que o vento de seu impulso o fez cabelo em pé em pequenas penugens. – Seleção de alvo, disse ele bruscamente. – A principal razão pela qual o suspeito escolheu seus doppelgangers[2] foi porque anos de conversa com eles expuseram semelhanças que ele poderia usar para confundir a polícia e manipular para criar perfis falsos. Ele levantou um dedo comprido. – Aleksander Normand menciona um amor por Alice no País das Maravilhas, talvez. Cita algo sobre o Jaguadarte. E então nosso coelho branco tem a isca perfeita e outra maneira de nos distrair e nos atrasar.

Malcolm assentiu, pressionando a boca nos nós dos dedos, deixando seus pensamentos soltos apenas para ver quais se aproximavam um do outro por vontade própria; seu próprio magnetismo puxando-os para as configurações mais sensatas.

[2] Doppelgänger é um sósia ou duplo não-biologicamente relacionado de uma pessoa viva, por vezes retratado como um fenômeno fantasmagórico ou paranormal e geralmente visto como um prenúncio de má sorte, ou ainda para se referir ao "irmão gêmeo maligno" ou ao fenômeno da bilocação.

– Acho que ele sempre quis que fosse uma disputa entre Ecklund e Normand. disse ele. – Sua escolha de substitutos e quais ele colocou em jogo em que momento foi muito deliberada. Ecklund e Normand eram aqueles com os paralelos mais óbvios, a maioria das coisas que desenterraríamos em um mergulho profundo que poderia ligar qualquer um deles. – Ele acariciou a barba. – Um deles é um relevo.

– E o outro é um caminho claro e aberto, disse Seong-Jae. – Então Normand é nosso suspeito, ou simplesmente um exibidor comum de traços anti-sociais? Mentira, fraude, perseguição…

– Ele definitivamente a perseguiu, não foi? – Disse Malcom. – Eu diria que ele é, sem dúvida, um planejador de longo prazo. Provavelmente parte de sua fixação em matemática. Ver a equação até o fim.

– Que tal se abster de bebidas alcoólicas?

– Há uma série de ângulos possíveis lá. – Malcolm recostou-se nas mãos, acomodando-se mais fundo na cama, franzindo a testa enquanto extraía da memória os detalhes do caso. – O ângulo religioso é o mais óbvio. Esses pequenos indícios de adesão a algum tipo de fé e credo. Talvez ele siga princípios religiosos que exigem que ele apenas... Não beba.

– Também pode ser uma questão de pureza, apontou Seong-Jae. – O suspeito está fixado na pureza corporal. O álcool torna o corpo impuro.

– Pode ser até medo de perder o controle. Ele tem que controlar obsessivamente todos os detalhes ao seu redor e tem muitos segredos para arriscar os lábios soltos quando está embriagado.

Seong-Jae não disse nada. Nem Malcolm. Eles apenas olharam um para o outro, a tensão inquieta crescendo no ar entre eles como um choque estático esperando para explodir, Malcolm totalmente imóvel, Seong-Jae quase quicando na ponta dos pés com energia reprimida e agitação.

– Diga. – Malcolm murmurou.

– Aleksander Normand assassinou Alicia Duvonne e levou Seth Duvonne com ele como seu próprio filho, mas quando não conseguiu perpetuar a ficção e criar a ilusão de uma vida normal, seu encarceramento o separou do menino que já começava a se tornar Sila. – Seong-Jae saiu correndo, mal parando para respirar quando suas palavras começaram a ficar tensas. – Naquele momento Sila , abandonado, assumiu a identidade de Mik Christiansen após o assassinato da família Christiansen, e assim nasceu Lucas Aleks, nome escolhido em homenagem ao homem que poupou sua vida – e um jogo de xadrez muito longo foi iniciado. Jogar, com nós dois peões inconscientes enquanto Sila voltava para o homem que ele considera seu pai.

Malcolm assentiu lentamente. – Está lá. Tudo cai junto. Faz sentido. Mas o que eu não entendo é como temos registros médicos e acordos de custódia arquivados em tribunal para uma criança que pode ou não ter existido. – Ele bufou. – Filho de Schrödinger[3].

– Então devemos olhar, não devemos?

– Deveríamos.

Malcolm se moveu para dar espaço para Seong-Jae, enquanto Seong-Jae pegou a bolsa de Malcolm e a jogou na cama – antes de se jogar atrás dela, esparramando-se de costas ao lado de Malcolm em um emaranhado de branco e dourado e preto e apenas um toque de rosa avermelhado vívido. Por um momento a tentação explodiu, olhando para o corpo leonino de Seong-Jae oferecido em uma queda tão lânguida de graça sem esforço, cada movimento mais casual de Seong-Jae realizado com uma elegância inconsciente que o deixou inconsciente de seu próprio fascínio perigoso. Mesmo agora, as entranhas de Malcolm se contraíam ao vê-lo; ao ver esse homem enigmático que não era mais tão enigmático, e ainda assim não era menos convincente por tudo que ele havia entregado seus segredos aos cuidados de Malcolm.

Não. Se alguma coisa…

Isso só o tornou muito mais atraente.

Como se existisse uma conexão aberta entre eles, sempre e sempre convidando Malcolm a cair na corrente de sua atração.

Cair em Seong-Jae.

Seong-Jae virou a cabeça em direção a Malcolm, o edredom branco acolchoado contra sua bochecha. – O que?

– Nada. – Malcolm disse com um sorriso. – Nada mesmo.

Ele desafivelou sua bolsa e arrastou seu laptop - e fez um rápido trabalho de conectá-lo à tomada na base da lâmpada do criado-mudo, ligá-lo e clicar no enorme repositório de documentos offline que ele havia criado antes que eles ficassem bloqueados, quase o suficiente para ocupar toda a sua capacidade de movimentação. Enquanto ele vasculhava camadas e mais camadas de pastas aninhadas, Seong-Jae se levantou, chutou suas botas, então se puxou totalmente para a cama, seu peso fazendo-a saltar e empurrar enquanto ele se ajoelhava atrás de Malcolm.

E se inclinou contra suas costas, seu calor e sua musculatura lisa moldando-se contra os ombros de Malcolm e se encaixando em sua espinha,

[3] Esse experimento mental foi proposto por Erwin **Schrödinger**, em 1935, para demonstrar os estados de superposição quântica: só saberemos se o gato está vivo ou morto se abrirmos a caixa, mas se isso for feito, alteraremos a possibilidade do gato estar vivo ou morto.

enquanto Seong-Jae descansou o queixo no ombro de Malcolm e colocou os braços no peito.

– Isso é como fazer lição de casa de novo. – Seong-Jae disse – mas tão perto do ouvido de Malcolm, era uma coisa profunda, rica e vívida vibrando contra sua bochecha e mandíbula. – Tão tedioso.

– Necessário, disse Malcolm, recostando-se em seu omr-am. – Cada i pontilhado, cada t cruzado, então não há dúvida de evidência ou protocolo quando arrastamos esse filho da puta na frente de um juiz para sentenciar.

– Não é sobre isso, é?

– Hum? – Malcolm virou a cabeça até que sua bochecha roçou a de Seong-Jae, as cócegas dos cílios de Seong-Jae contra sua têmpora e a borda de seu olho.

Os lábios escarlates se curvaram. – Você só quer jogar na cara de Joshi que ele estava errado.

– Ah, com certeza. – Malcom riu. – Desculpe, você achou que eu estava de alguma forma acima do rancor mesquinho? Sinto muito por arruinar sua percepção do meu personagem.

– Malcom?

– Sim?

– Eu soube desde o momento em que te conheci que você é um homem muito mau. – Os braços de Seong-Jae se apertaram, puxando Malcolm de volta para a curva de seu corpo; no estrondo e moagem de sua voz ecoando em seu peito em impressões profundas. – Um homem honrado, um homem excessivamente e irritantemente nobre, um homem gentil, mas mesmo assim um homem muito mau.

Malcolm corou, com o rosto quente, e mexeu os lábios impotente antes de balbuciar: – Isso é um oxímoro.

– Então é você. – Seong-Jae esticou um braço para tocar a tela do laptop de Malcolm, fazendo pequenas distorções irradiarem contra o LCD antes de desaparecer. – Documentos.

– Estou quase com medo de olhar. – Expirando, Malcolm voltou seu foco para a tela, as pontas dos dedos contra o touchpad, o cursor do mouse pairando sobre a pasta com os arquivos sobre Normand e pessoas de interesse conectadas. – Tenho medo de ver algo que possa provar que Linda Lewis estava mentindo, e estamos errados. – Ele observou Seong-Jae com o canto do olho.

– Recebemos muitos golpes neste caso. É difícil ter esperança de que desta vez, o ganso selvagem que estamos perseguindo acabe por cagar ovos de ouro.

– Obrigado por essa imagem mental. – Seong-Jae se inclinou ainda mais em Malcolm, sua bochecha pressionando a mandíbula de Malcolm. – Malcom. Respire para mim, – ele respirou. – E *olhe.*

Malcolm apertou a mandíbula, preparando-se, então clicou e puxou páginas e páginas de documentos, folheando rapidamente até encontrar os que queria.

Registros médicos. Evidência de uma internação hospitalar para Linda Normand nee Lewis em 1988, registro de nascimento de um menino... Mas nenhum nome anotado, o que era estranho. Muito estranho mesmo.

– Por que eles não escreveram o nome? – Ele perguntou, olhando para o documento, o texto preto granulado da fonte Courier contra o branco, algo que havia sido digitalizado a partir de registros em papel datilografados à mão e arquivados.

– Vamos pensar logicamente primeiro. Alguns pais não nomeiam seus filhos antes de sair do hospital, não é?

– É possível, mas... É raro. Certidão de nascimento e tal. E está dizendo que não temos um registrado, eu—

Ele parou, e apenas...

Encarou.

Ele tinha que estar imaginando isso.

Mas ele se inclinou para frente, o peso de Seong-Jae contra suas costas, apertando os olhos para a tela. – Veja. – Ele bateu a ponta do dedo na tela, bem ao lado do nome da mãe no campo de registros. – A menor vantagem ali. Pode ser uma sombra de outra folha colada em cima dela e depois fotocopiada de volta ao sistema.

Ele estava vendo isso, não estava? A borda mais fraca de pixels degradados, criando pequenas linhas quadradas em torno das caixas onde os dados do paciente e da criança foram digitados. Podem ser artefatos das caixas delineadas nos formulários, ou...

– Acho que preciso dos seus óculos de leitura. – Seong-Jae murmurou.

– Mas eu vejo. É fraco, mas existe. Se assim for, é uma falsificação inteligente. Um criado com muita premeditação. Ele saberia que os registros do final dos anos oitenta não seriam iguais aos registros gerados digitalmente de hoje em dia, ou mesmo da virada do século - e, portanto, teria se dado ao trabalho de modificar um formulário existente com fita adesiva. - sobre as entradas e, em seguida, fotocopie-as para criar a aparência de um formulário original. Se isso foi feito em dois mil e um, após o assassinato de Duvonne, ele deve ter tido acesso aos sistemas do hospital para digitalizá-lo de volta aos arquivos digitais e criar um registro falso.

– Isso aponta mais para Ecklund do que para Normand, exceto que envolve a ex-mulher de Normand, disse Malcolm. – Ecklund é o ajustador do seguro médico. Normand é o contador.

– A possibilidade ainda existe. Especialmente para alguém disposto a mentir para atingir metas, incluindo falsificar identidades necessárias para obter acesso. – O som ruminante de Seong-Jae fez arrepios suaves contra as omoplatas de Malcolm, sua respiração lambendo como uma pena e aquecida contra o pescoço de Malcolm. – Considerando a natureza trivial da falsificação, sem nenhum ganho financeiro aparente ou fraude envolvida… É muito duvidoso que alguém notaria um registro de nascimento inserido falsamente.

– Eu ficaria muito curioso para saber como ele conseguiu acesso, embora talvez nunca tenhamos essa história. Ainda parece muito *lá fora.* – Malcolm balançou a cabeça. – Não é mais plausível que Linda Lewis estivesse mentindo sobre não ter um filho?

– A questão seria *por quê.*

– Vamos nos colocar no lugar dela. – Malcolm se inclinou para trás, inclinando a cabeça para descansar contra o ombro de Seong-Jae, olhando para o teto. – Ela vem de um passado abusivo. O pai que deveria tê-la protegido a machucou, em vez disso, se suas menções ao pai são alguma indicação. Então ela se casa com um homem que... A princípio ela pensa que ele está seguro, mas se ela percebe ou não, ela reconhece que algo está errado e foge, mesmo que por muito tempo ela olhe para o outro porque ela precisa olhar para o outro caminho; ela precisa acreditar que não escolheu outro ruim, não desta vez. Mas eles têm um filho. Ele abre mão da custódia sem lutar e, nesse ponto, a criança é responsabilidade dela e somente dela. O pai nem é um fator; ela pode até se ressentir dele por não estar lá para seu filho, assim como seu pai não estava.

– Malcolm virou a cabeça o suficiente para olhar para Seong-Jae, para as linhas quase régias de seu perfil anguloso e inclinado e mandíbula forte e de corte duro. – Então ela se foi Mamãe Urso. Modo protetor final. E quando se descobrir que o pai pode ser responsável por alguns dos crimes mais horríveis e hediondos atribuídos a qualquer homem neste século…

– Ela mentiria para esconder a existência da criança. – Seong-Jae terminou suavemente. – E se ela soubesse que os registros de nascimento da criança estavam incompletos porque ela estava *lá* no momento…

– … Ou se ela estava conspirando com Normand e pode até estar envolvida na alteração dos registros, disse Malcolm. – E se os registros de nascimento forem válidos, mas a identidade for o que foi alterado? Para

manter a aplicação da lei longe? Isso explicaria a incongruência do nome ausente no registro.

– Isso não explica outra coisa, no entanto.

– O que é isso?

– *Por quê?* Seong-Jae balançou a cabeça, o queixo raspando no ombro de Malcolm. – Isso significaria que ela ou ele de alguma forma encontraram uma maneira de alterar esses registros nas últimas semanas, uma vez que os detalhes do caso se tornassem mais públicos. Eu poderia achar plausível nos primeiros dois mil, quando a segurança e a tecnologia não eram tão avançadas quanto agora. Mas este ano? Com um motivo tão bizarro? Do que ela está protegendo seu filho *?*

– … Deixe-me apresentar uma teoria muito estranha por você. Estou falando uma merda de Norman Bates.

Seong-Jae bufou. – Muito bem.

– Nem Ecklund nem Normand são nossos suspeitos. Pelo menos... Não o Normand mais velho.

– … *O quê.* – Seong-Jae virou a cabeça o suficiente para encará-lo sem rodeios. – Então o tempo todo, o jovem Normand foi o coelho branco? E o Normand mais velho e sua mãe estiveram envolvidos em esconder isso, e até mesmo ajudando e incentivando ele?

Malcolm abriu a boca, depois a fechou novamente, balançando a cabeça. – Não. Não soma. Ele ou ela seria muito jovem para ser responsável pelos primeiros assassinatos, mas você me conhece. Eu tenho que sacudir a merda estranha e eliminar todas as possibilidades.

– Você assiste muita televisão terrível.

– Eu vou te dar isso. Mas preciso que você me diga como cada minuto é horrível. No comprimento.

– Eu vivo para servir. – Seong-Jae se acomodou silenciosamente contra ele novamente, dedos brincando preguiçosamente com a gravata de Malcolm, subindo até o nó e depois desceu. – Parte de mim se pergunta se isso poderia ser uma coisa herdada. A criança pega a tocha, mas... Não. Não, eu... Hum.

– Hum?

– Eliminando o bizarro... Você está certo. É mais plausível acreditar que ela está mentindo do que acreditar nessa grande conspiração e escapada, envolvendo etapas tão intrincadas. Nunca atribua à conspiração o que pode ser explicado pela simples desonestidade humana. – Ele parou, enrolando a gravata de Malcolm na ponta dos dedos. – Mas nosso assassino não é um homem normal. E ele já provou que fará as coisas mais estranhas e elaboradas

que desafiam a crença a serviço de algum plano maior que ainda temos que decifrar.

– Mas sabemos que envolve Sila.

Os dedos de Seong-Jae apertaram convulsivamente, com força suficiente para puxar a gravata de Malcolm e fazer o nó apertar em uma pressão sufocante contra sua garganta. – *Sim.*

– … Nnghk. *Seong-Jae.* – Malcolm ofegou.

– Ah. – Com um som tímido, Seong-Jae relaxou seu aperto e alisou a gravata de Malcolm contra seu peito. – Me desculpe.

Se palavra de segurança estiver envolvida. – Escondendo seu sorriso ao som engasgado de Seong-Jae, Malcolm estendeu a mão para puxar seu colarinho e desabotoá-lo, afrouxando a coisa toda e transformando sua gravata em um laço relaxado descansando contra o peito. – OK. Então estamos correndo com a teoria de não ter filhos, Linda Lewis está dizendo a verdade, e esses registros são falsos porque Normand estava tentando inserir Seth Duvonne em sua vida como seu filho legítimo. O que mais estamos olhando?

– Registros judiciais, disse Seong-Jae. – O acordo de custódia envolvido no divórcio e os registros do julgamento quando ele foi sentenciado.

– Nele.

Ele folheou mais alguns documentos, depois pegou dois PDFs separados retirados do sistema de registros do tribunal do condado de Maricopa: o acordo original de divórcio e custódia, e as acusações contra Normand com sentença por matrícula falsa, acusação de sequestro retirada. A informação neles era bastante direta; acordo de divórcio mútuo citando diferenças irreconciliáveis, nenhuma disputa sobre a custódia de uma criança novamente sem nome, e *essa* anomalia estava realmente começando a comer em Malcolm, porque isso não era normal. Os traficantes de lápis envolvidos em qualquer sistema de documentos e registros insistiriam em que os nomes fossem registrados com precisão por uma questão de responsabilidade legal e preservação factual de informações para referência futura.

A ideia de um funcionário do hospital e do condado não registrar o nome da criança em três instâncias separadas, com intervalo de dez a doze anos…

Isso era mais difícil de acreditar do que as possíveis maquinações do coelho branco para fazer tudo isso acontecer.

– Eu não gosto disso, – ele murmurou. – Seu…

– *Coceira.* – Seong-Jae rosnou. – Essa sensação de injustiça sob minha pele. Coceira, e ainda assim não consigo encontrar a fonte do irritante.

– O apagamento deliberado do nome da criança é uma coisa. É quase óbvio demais, mas faz sentido se…

– Se?

Malcolm torceu os lábios. – É isso. Ali. É mais fácil escapar do escrutínio sem identidade do que tentar construir uma identidade falsa completa que se mantenha. É por isso que Sila precisava de proteção a testemunhas para se tornar alguém novo. Porque eles podiam fazer isso por ele, enquanto o coelho branco não podia. Então faz sentido, deixando o nome em branco. Conhecendo suas limitações.

– *Limitações*, – Seong-Jae disse bruscamente. – É só isso. Esses registros. Parecem... *Novos* . A clareza da imagem dos PDFs não é algo que seria possível com limitações técnicas em dois mil e um, não sem gerar arquivos enormes, e estes foram compactados para economizar espaço, não é?

– Você está certo, – Malcolm disse. – São gerados por computador. Aposto que a análise forense digital mostraria que eles foram digitados e salvos como PDF e nunca viram nenhum tipo de registro em papel. As fontes padrão do sistema usadas se parecem com o tipo envolvido na entrada de dados digitados e impressos e na manutenção de registros, mas... – Ele se deteve nas imagens nítidas e precisas. – Ou estes são totalmente gerados digitalmente, *ou* gerados digitalmente, impressos e depois digitalizados novamente para tentar imitar a autenticidade.

Seong-Jae recostou-se, a mudança em seu peso deixou Malcolm recostado praticamente nas coxas de Seong-Jae, com a cabeça apoiada em seu estômago. – Então, disse Seong-Jae. – Temos toda uma história falsa para este homem e sua família, deliberadamente obscurecida para evitar o escrutínio que uma identidade mais detalhada poderia atrair. Uma criança que nunca nasceu, um acordo de custódia que nunca aconteceu legalmente, e ainda assim foi inserido no sistema para que o juiz no caso de violação de custódia e jurisdição escolar o condenasse com base nisso.

– Estou tão confuso. – Malcolm moveu os ombros para se acomodar um pouco mais confortavelmente no berço do corpo de Seong-Jae, deixando-se curvar com as pernas esticadas à sua frente e penduradas na cama. – Ele falsificou um acordo de custódia e de alguma forma conseguiu infiltrá-lo no sistema judicial para que sua sentença fosse mais dura? – Ele mastigou o interior de sua boca, mordendo a carne até doer. – Ele queria ficar preso por vinte anos?

– Se você é um serial killer com uma assinatura distinta que ainda não foi identificada e está esperando que sua grande jogada seja descoberta… Onde seria o lugar mais fácil para evitar a detecção?

– Bem debaixo do nariz da polícia. Hum. – Os olhos de Malcolm perderam o foco até que as cartas nos registros do tribunal e a decisão do juiz sobre a sentença ficaram embaçadas e correram juntas. – Eu me pergunto se ele queria se forçar a um período de dormência. Os assassinos ficam adormecidos por muitas razões, mas ele pode ter decidido que precisava de um pouco de fiscalização externa para se manter sob controle até que estivesse pronto.

– Pronto para *quê?*

– Eu... – Malcolm mais uma vez inclinou a cabeça para trás para olhar Seong-Jae de cabeça para baixo. – Eu acho... Que Sila chame por ele, amor. Estes dois estão colidindo como galáxias. Lento, sangrando um no outro em uma fusão gradual e inexorável que parece incremental à distância, mas uma vez que atinge o ponto de inflexão, será violento e cataclísmico.

– Eu sim. Eu posso ver isso. – As sobrancelhas de Seong-Jae baixaram, seus olhos se fecharam. – Isso pode, talvez, estar moldando as ações de Sila desde antes mesmo de nos conhecermos. Eu simplesmente fui pego em sua correnteza a caminho de outra coisa.

– Ei. – Malcolm estendeu a mão para passar a ponta dos dedos pelo ângulo da bochecha de Seong-Jae. – Olhe para mim.

Os olhos de Seong-Jae se abriram. Essas profundezas negras eram tão expressivas, apesar de qualquer fachada fria que Seong-Jae projetava na superfície; entregaram seu temperamento, suas emoções vacilantes, sua maldade e selvageria, seu tudo.

E agora eles falavam de auto-recriminação amarga, brilhando com tantos arrependimentos que era como assistir velas queimando, suspensas naquela escuridão sem fim.

– Lembre-se do que você disse a Linda Lewis, disse Malcolm. – Você não pode se culpar. Você era uma *criança,* quando se conheceram. E mesmo quando ele reapareceu em sua vida – em *nossas* vidas – como você poderia ter previsto isso? Nada disso?

– Se... Eu tivesse visto os sinais...

– Que sinais? – Malcolm se forçou a sentar-se completamente e fechou o laptop para colocá-lo de lado na cama antes de se virar para encarar Seong-Jae, estendendo a mão para segurar seu rosto nas mãos de Malcolm. – Diga-me honestamente, amor. Que sinais havia que poderiam ter apontado para isso? O que você perdeu?

– Eu... *Maldito* seja você. – Os olhos de Seong-Jae se fecharam novamente, e ele suspirou, dedos quentes e macios contra o pulso de Malcolm,

enrolando-se em um punho solto. – Não houve nenhum. Nenhuma coisa. Não perdi nada.

– Exatamente. – Malcolm pressionou os lábios na testa de Seong-Jae.

– Estamos no caminho certo. Concentre-se nisso. Não em coisas passadas que não podem ser mudadas.

– … Sim. – Seong-Jae se inclinou para ele, apertando cada vez mais.

– Então temos um modus operandi semelhante estabelecido entre Normand e Sila. Normand provavelmente usou um falso pretexto para obter acesso aos sistemas hospitalar e judicial. Sila usou seu acesso aos sistemas do FBI em Portland para fazer o mesmo, cada um para seus próprios fins. Ele pode... – Seu gole era uma coisa grossa e barulhenta. – … Ele também pode ter feito uso de meus ex-agentes supervisores. Antes de levá-los ao assassinato-suicídio.

– É algo que merece ser investigado. Já sabemos que Sila é um mestre em manipular as pessoas para seus próprios fins, e empurrá-las para fazer coisas extremas. É provável que ele tenha aprendido no joelho de seu pai substituto. Essa é outra possibilidade também. Que Normand manipulou e usou outros para fazer as mudanças de que precisava, em vez de fazê-lo ele mesmo. – Malcolm franziu a testa, então. – Seong -Jae?

Cílios escuros levantados. – Hum?

– E se Normand usasse o acesso que ele teria obtido em um contrato de trabalho? Isso não é possível?

Seong-Jae fez um som estranho de clique, seus olhos se arregalando.

– Seus registros de emprego.

Malcolm o soltou, torcendo-se para arrastar seu laptop de novo e apoiando-o aberto em sua coxa. Dois cliques e ele estava nos antigos registros de emprego de Aleksander Normand como contador consultor de uma empresa de contabilidade — e soltou uma dúzia de palavrões suaves enquanto lia os dados digitados em letras nítidas, duras e condenatórias.

— Escrivão do Tribunal Superior do Condado de Maricopa — disse ele.

– Seu último contrato de trabalho antes de ser demitido em dois mil e um. Apenas alguns meses antes de ele acabar preso.

Seong -Jae se esticou para frente ansiosamente, inclinando-se em direção à tela com os olhos brilhando. — Diz por que ele foi demitido?

– Deixou de aparecer no trabalho. – O coração de Malcolm batia forte com a descarga de adrenalina, aquela carga que ele recebia toda vez que fazia uma pausa em um caso, algo que fazia seu sangue girar e torcer e disparar.

– Você sabe o que eu estaria interessado em saber, no entanto?

– O que é aquilo?

– Onde ele estava naqueles meses entre sua demissão e sua prisão… E se Sila estava com ele na época.

– Isso, disse Seong-Jae, é algo que eu provavelmente causaria danos corporais para descobrir.

– Só podemos descobrir se eles decidirem nos contar. Mas faremos o nosso melhor para reconstruir o passado e descobrir o que diabos aconteceu naquela época que desencadeou a cadeia de eventos acontecendo agora. Mas a questão ainda permanece de *por que,* com tanto disso. É quase insondável. – Ele tamborilou as unhas inquieto na placa de palma do laptop. – Vamos passar isso pela linha do tempo mais uma vez. Ele mata a mãe de Seth Duvonne, toma Seth como seu, tenta passar por ele como seu filho e o matricula na escola como seu pai. Não funciona, então ele acaba fodendo tudo e sendo jogado na cadeia.

– Isso apresenta uma alternativa possível, disse Seong-Jae. – Talvez ele tenha criado o acordo de falsa custódia para manter a ficção de que Seth Duvonne era seu filho, e não com o objetivo específico de se ver encarcerado com uma sentença muito superior à do crime em relação aos distritos escolares.

– Mas se ele quisesse isso, ele teria listado a si mesmo como o pai com custódia primária nos documentos falsificados. É isso que faz a coisa toda desmoronar e a torna incompreensível. – Malcolm parou de tocar bateria, os dedos se curvando. – Seong-Jae... Eu realmente acho que ele queria ficar preso. Estranho como isso é. Tudo aponta para que esse seja o objetivo final o tempo todo.

– Mas ainda não consigo entender o *porquê.*

Malcom sorriu. Às vezes, Seong-Jae perguntou *por* que mais de dois anos de idade.

Mas era isso que o tornava bom em seu trabalho.

– Algumas pessoas jogam a longo prazo, disse Malcolm. – Mas para ele... Eu acho que pode ter sido uma maneira de libertar Seth, uma vez que Aleksander Normand percebeu que não seria capaz de manter a ficção de forma significativa. Embora seja estranho para mim que ninguém no serviço social tenha dado seguimento sobre a custódia e o que aconteceu com a criança pela qual ele foi preso. Ele falsificou mais documentos sobre Linda assumindo a custódia?

– Se ele fez, nós não os temos, temos?

– Não, acho que não, mas... – Malcolm balançou a cabeça. – Não. Não importa .

Seong-Jae roçaram seu braço. – Diz?

– Apenas... Isso seria um ato altruísta. Mandando-se para a prisão por causa de Sila. Isso implicaria que ele se importava com o menino. Que ele desenvolveu algum tipo de apego a ele.

– Aqueles no espectro da psicopatia são capazes de se importar com os outros, dependendo da situação. Para alguém com o perfil do nosso suspeito, seria uma situação em que cuidar de outra pessoa seria um benefício direto para si mesmo.

– Que benefício ele teria de cuidar de uma criança que não era sua e cuja família ele assassinou? - Perguntou Malcom. – É só... É demais para mim. Não consigo colocar minha cabeça nesse espaço. Mate a família do garoto, depois tome-o como seu e cuide dele. Isso implica culpa, e não acho que isso esteja em jogo aqui.

Seong-Jae permaneceu em silêncio, seu olhar especulativo, vagando sem rumo enquanto ele se sentava de pernas cruzadas, dobrando sua altura esguia para apoiar os cotovelos nas coxas e entrelaçando os dedos inquietos.

– Eu posso ver isso , disse ele suavemente, depois de vários momentos de silêncio. – Trata-se de autogratificação. Ele pode sentir que aqueles no sistema de adoção falharam com ele. Que seus próprios pais falharam com ele. Portanto, seria imensamente gratificante para o ego dele sentir como se estivesse tomando o lugar deles e fazendo certo, aos seus olhos, o que eles fizeram de errado.

– Ah. – Malcolm inclinou a cabeça, virando-a. – Um complexo de salvador.

– Perfil visionário. Com aquele sotaque adicional de missionário. Caberia.

Agora foi a vez de Malcolm ficar quieto, apenas deixando que isso se aprofundasse. Ele sentiu como se estivesse tentando formar um relacionamento pessoal com alguém que ainda era uma *ideia* e não um ser humano real e concreto, esse conceito flutuando fora de alcance enquanto Malcolm tentou aproximar-se cada vez mais.

Mas essa distância estava se aproximando.

Lentamente, inexoravelmente, estava fechando.

Ele podia sentir isso.

Karl Ecklund ainda não podia ser esquecido, mas toda essa história de documentos falsos dizia a Malcolm que ele estava certo em confiar em seu instinto. Para não desistir de sua fé em seus instintos e suas habilidades, como a Dra. Karandikar havia dito.

Percorreu preguiçosamente o arquivo de Normand, depois parou em uma foto dele, tirada há apenas um ano, durante uma atualização de seus

registros prisionais. Ele parecia exatamente como Linda Lewis o havia chamado; um homem de papelão, seus olhos azul-esverdeados vazios de tudo, exceto uma espécie de sorridente, agradável *quem, eu?* suavidade que dizia que seu pensamento mais complexo era sobre se ele tinha ou não temperado demais o jantar da noite anterior, e talvez devesse tentar algo diferente desta vez.

Mas se Malcolm tentasse ver além disso, olhando para aqueles olhos como olhar para um espelho...

Não era brandura.

Era *o vazio.*

O tipo de vazio que só poderia vir de alguém que desistiu de qualquer aparência de alma humana e se deleitou com sua própria queda.

Seong-Jae apoiou o queixo na mão, inclinando a cabeça para Malcolm.

– Há uma coisa que não levamos em conta quando analisamos a complexidade disso – o porquê disso, o como.

Malcolm saiu de seus pensamentos. – Sim?

– Não estamos pensando como o suspeito, disse Seong-Jae. – Este é alguém que não segue os mesmos padrões de pensamento que fazemos no que diz respeito ao que pode ser considerado um comportamento razoável.

– Seong-Jae bateu com a ponta do dedo na lateral de sua têmpora. – Se ele tivesse um objetivo, ele seria obstinado e disposto a fazer o que fosse necessário para alcançá-lo, independentemente de outros acharem ou não estranho, amoral ou ilegal. Ele não seria constrangido por tais coisas. Isso é parte do que o torna quem ele é. E parte do motivo pelo qual lutamos para entender seu comportamento.

– … Vale a pena perder nossas almas para entender?

– Ah...?

– Nada, desculpa. Pensando alto. – Malcolm estreitou os olhos para a tela, então suspirou. – Você sabe o que vou dizer a seguir.

– *Não.*

– Nós não temos escolha, amor. – Ele encolheu os ombros. – Precisamos de análise forense digital sobre isso. A intromissão de arquivos como essa deixa impressões digitais na codificação e nos dados do arquivo e, embora alguém inteligente possa saber como eliminá-lo, não acho que estejamos lidando com esse tipo de mentalidade. Então, precisamos colocar Joshi a bordo com isso. Trace o histórico na codificação de dados, construa uma linha do tempo e um caso sólido a partir disso e siga a partir daí.

Seong-Jae gemeu, abaixando a cabeça. – Ele vai gritar com a gente.

– Eu sei.

– Ele pode tirar a proteção de nossas famílias e nos remover do caso.

Malcolm sorriu levemente. – Você realmente acha que ele iria? Foi você quem disse que era improvável. Então, eu sou honestamente cético.

– Eu... Não sei, no momento. – Seong-Jae afundou os dentes em um lado da boca. – Antes da morte de seu amigo, eu teria dito não. Que ele estava simplesmente usando ameaças vazias para nos fazer parar de irritá-lo e importuná-lo. Mas nunca o vi lidar com a dor, Malcolm. Não sei o que ele pode fazer agora.

– Estamos dispostos a arriscar?

– Que escolha temos? – Um lampejo de desespero nos olhos de Seong-Jae, ecoando a sensação de aperto no peito de Malcolm. – Independentemente do estado mental de Joshi, independentemente das restrições que ele possa colocar sobre nós, independentemente de ele ouvir ou não… Temos o dever de resolver este caso.

– E esse dever supera tudo. – Malcolm concordou com o coração pesado. – Eu odeio isso. Odeio querer me colocar, minha família em primeiro lugar... Mas eles nunca estarão seguros se não acabarmos com isso. Então fazemos o que temos que fazer. Assumimos o risco.

– O que significa que você quer que eu ligue para ele.

– Ah, ele vai desligar na minha cara. Eu nem terminaria o *olá.*

– Tch. – Seong-Jae se desdobrou o suficiente para levantar o quadril e pegar o telefone do bolso de trás da calça jeans. – Já mencionei hoje que te odeio?

– Pode ter surgido.

– Eu sinto que você precisa de outro lembrete ou dois. – Seong-Jae bateu e passou pela tela, em seguida, jogou o telefone na cama entre eles, a tela de chamada acendeu e o botão do alto-falante destacado em verde, o som de um tom de chamada flutuando para encher o quarto. – Ele provavelmente nem vai atender por m-

Ele falou quando a ligação foi conectada com um *clique,* e Joshi cortou – Relata.

– Falamos com Linda Lewis, disse Seong-Jae, da mesma forma. – Ela forneceu dados suficientes para pelo menos começar a construir uma ideia da personalidade de Normand, bem como evidências ligando-o a uma fixação em Alice no País das Maravilhas. Mas ela também revelou que Normand e Lewis nunca tiveram um filho juntos, e o exame inicial dos registros do hospital e do tribunal indicaria que eles são falsificados. Precisamos que você designe uma equipe forense digital para...

O suspiro profundo e irritado de Joshi parou Seong-Jae no meio da sílaba. – Você quer que eu acredite que Aleksander Normand falsificou uma criança inteira em um engano tão complexo? Para qual finalidade?

Malcolm praticamente podia ouvir os dentes de Seong-Jae rangendo enquanto ele forçava a saída. – Não me faça dizer isso.

– Não, Joshi retrucou. – Diga. Diga para que eu possa ouvir exatamente que porcaria você inventou agora. Diga para que eu saiba o quão longe dos trilhos você foi.

Seong-Jae fez um som frustrado. – Mas a Sra. Lewis disse—

Joshi rosnou. – *Ela mentiu.* As pessoas mentem o tempo todo. Mentir e dizer que ela não tem uma porra de filho é estranho pra caralho, mas você a empurrou? Você tentou chegar ao fundo da verdade, ou você apenas decidiu que isso alimentou sua teoria de estimação e seguiu com ela, porque você quer que seja verdade?

Malcolm não conseguia mais segurar a língua. – Você acha que, com nossa experiência, não podemos dizer quando alguém está mentindo para nós?

– Você pode? – Joshi retrucou. – Eu não quero ter notícias suas, Khalaji. No que me diz respeito, você arruinou um maldito bom agente. Seong-Jae tinha instintos melhores do que isso antes de se juntar a você.

Malcolm recuou, olhando para o telefone. Assim como Seong-Jae.

Antes de Seong -Jae dizer, com firmeza e quase calma demais: – Foda-se, Aanga.

– Achei que você deixou claro que não estava na mesa, – Joshi retrucou. – Eu te avisei. Vocês dois. É melhor você estar muito feliz por eu estar de melhor humor agora do que eu estava esta manhã, ou eu seguiria adiante. O que eu espero que você faça. Seus acompanhantes têm seus ingressos para Portland. Você sai de manhã. Siga. Faça o trabalho. Fale com a ex de Ecklund. E faça o maldito trabalho de rastrear o garoto Normand. Volte para Lewis. Ela sabe que você está caçando o ex dela. Encontre a maldita mentira, em vez de alimentá-la.

E assim, a ligação terminou com um último som exasperado de Joshi, a tela escurecendo, o telefone parado ali em uma mancha preta entre eles como um sinal de pontuação acusatório. Malcolm olhou para ela.

– … Eu realmente acredito que estou começando a odiar aquele homem.

Seong-Jae apenas piscou. – Ele desligou, disse ele entorpecido.

– Aquele bastardo poderoso com certeza fez. – Resmungando, Malcolm arrancou o prendedor de cabelo e o jogou na mesa de cabeceira,

despenteando os dedos pelo cabelo. – Isso poderia ter sido pior, no entanto. Ele não tentou usar nossas famílias como alavanca novamente. Mas isso está ficando ridículo. Temos possíveis provas de registros falsificados, um depoimento de testemunha, não sei o que mais ele quer. Quanto tempo mais ele vai enfiar a cabeça na areia?

– Eu gostaria de saber. – Seong-Jae caiu de costas na cama, esparramando-se e olhando fixamente para o teto, a palma da mão batendo na têmpora. – O que *diabos* vamos fazer agora?

– Durma com isso, disse Malcolm. – Nós vamos chegar a Portland pela manhã. Circule de volta para Lewis. Pressione-a para satisfazer Joshi, e então…

– Então? – Seong -Jae perguntou, virando a cabeça na direção de Malcolm, olhando para ele com os olhos fervendo de brasa, quente de frustração e um espelho da raiva que Malcolm mal conseguia conter.

– Eu não sei, – Malcolm disse, mesmo quando aquele obelisco dentro dele penetrava mais fundo, perfurando seu coração e fazendo-o imaginar o quão longe ele iria para parar um homem que parecia imparável. – Mas talvez tenhamos que descobrir como é fazer qualquer coisa para alcançar nosso objetivo... Mesmo que isso signifique quebrar algumas regras.



Seong-Jae poderia não dormir.

Ele conseguiu alguns cochilos breves e inquietos durante a noite; Malcolm, porém, tinha caído com a experiência de um veterano de combate que podia dormir mesmo nas zonas de guerra mais profundas, sua respiração firme e uniforme, mas uma certa tensão em seu corpo endurecido sugerindo que ele poderia estar de pé a qualquer momento, cauteloso e alerta. e muito diferente do modo como dormia na cama deles em Baltimore.

Agora mesmo, enquanto os primeiros primórdios da aurora rastejavam pelas janelas para transformar a luz cinzenta do quarto em um ouro abafado até que ele se sentiu como se estivesse suspenso em âmbar…

Tudo o que Seong-Jae podia fazer era assistir Malcolm dormir.

E se irritava em sua coleira, quando tudo o que ele queria era que algo – qualquer coisa – o apontasse para o norte não como uma bússola, mas uma arma.

Então *fogo.*

Envie-o em seu caminho reto e verdadeiro, com um único propósito.

Porra. Ele queria tanto um cigarro que seus dentes doíam de desejo, mas não se deu ao trabalho de trazer um maço com ele quando ainda dizia a si mesmo que não precisava dos mil pequenos mecanismos de defesa que o mantinham em movimento.

Ou impediu que ele quebrasse o *rosto de alguém.*

Por que diabos Aanga estava sendo tão... Nngh. Ele afastou o pensamento. Ele o perseguiu em círculos a noite toda, mastigando-o como se pudesse lhe dar sustento, e todas as vezes ele voltava ao rancor pessoal. No entanto, parecia quase narcisista pensar isso; pensar que Joshi seria tão amargo e ruinoso sobre o relacionamento de Seong-Jae com Malcolm que ele desceria a tal irracionalidade em um caso tão importante.

No entanto, quando Seong-Jae pensou nisso, apenas o fez pensar em quão facilmente ele poderia estar errado.

Aqueles pensamentos assustadores, aquelas dúvidas que Joshi aproveitou para fazer Seong-Jae questionar se ele havia construído uma história inteira de memórias influenciadas por heroína para fazê-lo reconhecer uma casa em que nunca esteve antes em sua vida. Foi possível. Aanga estava certa sobre isso. Mesmo um cérebro não afetado pela influência de substâncias viciantes poderia ser manipulado para lembrar de coisas que nunca aconteceram, simplesmente por sugestão e a absoluta confiança da pessoa que fala que a outra pessoa deve se lembrar de algo de uma determinada maneira, tenha acontecido ou não.

Mas quando às vezes Seong-Jae via coisas em sua mente que ele não reconhecia, pensamentos negros e oleosos que pareciam pertencer a alguma sombra monstruosa que ele se recusava a reivindicar como sua…

O que mais havia que não pertencia?

Ele tinha buracos em seu cérebro que ele nem percebia, e o leve lampejo de alguma outra memória em tons de azul e verde o fez associar aquela casa a Sila à vista, e sua mente imediatamente preencheu os espaços em branco para construir uma memória que não existia?

Não.

Não, ele tinha que confiar em si mesmo.

Malcolm confiava nele.

Então Seong-Jae iria manter essa fé, até que ele pudesse construir o suficiente por conta própria.

Fechando os olhos, ele descansou a testa no ombro de Malcolm, o calor da pele bronzeada e esticada contra a sua tão reconfortante; tão reconfortante quanto a espessura do corpo de Malcolm, o velho lobo esticado de costas com um braço grosso apoiado sob a queda de seu cabelo prateado e de ferro, o outro braço frouxamente preso ao redor da cintura de Seong-Jae como se, mesmo em seu sono, ancorando Seong-Jae no lugar e segurando-o firme.

Mas agora, quando Seong-Jae se acomodou contra Malcolm e tentou roubar mais alguns minutos de sono, Malcolm se mexeu com um gemido sonolento, movendo-se contra ele com um suspiro suave que avisava que estava voltando para a vigília. Seong-Jae abriu os olhos, apoiando a bochecha no ombro de Malcolm e observando os cílios curvados se erguerem sobre os olhos azuis ardósia que eram quase crepusculares nas sombras da manhã, pesados de sono.

Malcolm virou a cabeça para Seong-Jae, e seu braço apertou contra o corpo de Seong-Jae, puxando-o com uma possessividade fácil que fez o corpo de Seong-Jae ficar quente e seu estômago apertar.

– Oi, – Malcolm disse, suave e sonolento.

– Olá, – Seong -Jae murmurou. – Eu acordei você?

– Não. Meu próprio cérebro fez. Acho que tenho *sonhado* em apertar o nariz de Joshi nisso. – E os lábios de Malcolm se abriram em um sorriso lento, então, algo prometendo maldade e calor e muito mais – algo tão magnético em sua certeza que enviou a agulha da bússola dentro de Seong-Jae girando. – Mas acho que tive uma ideia.

– Ah...?

– Nós, – Malcolm disse com firmeza, – vamos para Ohio. Parma, especificamente.

Os olhos de Seong-Jae se arregalaram; seu coração deu um único baque violentamente desenfreado. – ... Onde os Christiansens morreram? *Como?* Nunca conseguiremos que Norcross e Ferriss concordem com isso. Nós nem sairíamos da sala, considerando...

Ele empurrou o queixo em direção à janela da frente. Contra as venezianas, os agentes postados do lado de fora da porta eram apenas silhuetas borradas, mas *ali.* Não apenas ficar de guarda.

Mantendo-os presos.

Mas com isso, o sorriso de Malcolm só aumentou, e seus dedos deslizaram pelas costas de Seong-Jae em um golpe elétrico enquanto a voz de Malcolm se aprofundava, quase rosnando de prazer.

– Isso depende, omr-am. – Malcolm disse. – Até onde você acha que pode pular?

4: UMA SIMPLES PROMESSA

Seong-Jae ficou abarrotado em a pequena cozinha com Malcolm e olhou pela janela acima da pia.

A referida janela se abriu em uma queda na parte de trás do prédio, dois andares abaixo e alto o suficiente para que eles possivelmente se machucassem caindo no concreto do beco estreito entre eles.

Mas do outro lado da pequena rua pavimentada cheia de lixo e não um número insignificante de bêbados completamente inconscientes de Las Vegas...

Uma locadora de vídeos para adultos. Um andar, mas com um telhado pontiagudo que se erguia alto o suficiente para que, se caíssem da janela para o telhado, pudessem dobrar e rolar para fazer a queda com segurança, e escapar sem nem Norcross nem Ferriss saberem.

– Isso, disse Seong-Jae, deve ser uma das coisas mais loucas e absolutamente desaconselháveis que você já sugeriu, e você sugeriu muitas coisas desaconselháveis. Ele curvou as mãos contra a borda fria de metal da pia e se levantou para espiar através do vidro escuro e sujo do prédio ao lado. – Eu digo que fazemos isso.

– Eu tive a sensação de que você iria. – Malcom sorriu. – Então, qual de nós vai primeiro?

– Você, – Seong -Jae respondeu imediatamente. – Se você ficar preso, eu preferiria estar aqui para tirá-lo.

– Eu não vou ficar preso.

Seong-Jae apenas olhou para a janela – que era mais larga do que alta, uma longa fenda no estuque que não parecia abrir em ambos os lados.

Então olhou para Malcolm. O grosso e volumoso Malcolm, construído como um tanque de músculos solidamente afiados, seus ombros tão largos que às vezes ele tinha que se inclinar para passar por portas mais estreitas.

Em seguida, de volta à janela.

De volta a Malcom.

E apenas olhou para ele sem rodeios, levantando uma sobrancelha.

Malcolm abriu as mãos. – Vamos. Eu comprimo! Eu sou muito flexível—

Seong-Jae colocou a mão sobre a boca de Malcolm. – Não termine com isso.

Malcolm apenas olhou para ele.

Em seguida, lambeu a palma da mão em um golpe molhado e arrastado.

– *Eca*. – Seong-Jae puxou a mão para trás e a enxugou pela coxa, esfregando a palma da mão seca em seu jeans. – De todas as coisas que você pega da minha irmã, você faz *isso?*

– É eficaz. – Malcolm sorriu sem remorso. *Bastardo.* – Mas eu vou primeiro. Nossos acompanhantes estarão de pé em breve, então vamos nos mexer. Assim que eu terminar, jogue nossas malas no chão e siga.

– ... Eu realmente odeio você. – Seong-Jae empurrou o queixo em direção ao resto da sala. – Pegue nossas coisas. Eu vou tirar a tela.

Malcolm se afastou rapidamente com um som agudo de afirmativa, enquanto Seong-Jae se erguia para sentar na beirada da pia, girando para poder alcançar melhor. Ele abriu a janela, deixando entrar o aroma absolutamente delicioso de uma manhã cheia de lixo podre, o fedor de bebida e o cheiro de anticongelante vazado que parecia queimado no concreto abaixo. Graças aos deuses ou inferno ou o que quer que estivesse vigiando eles que eles estavam no segundo andar, barras de segurança aparafusadas consideradas desnecessárias, ou eles poderiam ter que descobrir quanta força seria necessária para tirá-los do concreto com algo tão incongruente quanto uma torneira de cozinha.

Com um empurrão e uma pequena sacudida, ele tirou a tela e a pegou antes que ela caísse, então se inclinou para trás para colocá-la em um ângulo para dentro e deixá-la cair no chão da cozinha. Franzindo o cenho, ele olhou para a abertura; ele estava certo, e a janela só abria totalmente até a metade de sua largura. – Você definitivamente não vai caber por aqui.

Malcolm pendurou a bolsa do laptop no braço e voltou para a cozinha, puxando a maleta rolante de Seong-Jae atrás de si. – Há uma chave de fenda por aqui em algum lugar?

– Não faço ideia, mas tenho várias gazuas com pontas chatas que podem substituir uma cabeça chata.

– ... Provavelmente vou arruiná-los.

– Eu posso substituí-los. – Seong-Jae desceu da bancada e enganchou os dedos na alça de seu rolo, puxando-o do aperto de Malcolm e virando-o para sentir o bolso da frente antes de ele vir com a bainha de lona com seus gazuas dobrados dentro em seus pequenos slots costurados. Ele o estendeu entre as duas mãos, apresentando-os a Malcolm. – Faça sua escolha.

– Espero que não tenha sido um trocadilho.

– *Não.*

Malcolm sorriu, os olhos brilhando enquanto estudava as fechaduras atentamente. – Nunca pensei que ficaria grato por seus talentos em arrombamentos.

Seong-Jae estreitou os olhos. – Conta como arrombamento se você me queria lá, mas estava simplesmente em negação?

Malcolm congelou ao pegar uma das palhetas, seu olhar voando para o rosto de Seong-Jae. – Ah, seu *idiota.*

– Palavra errada.

– Pau.

– Vos amo.

– *Não é justo.*

– Você faz isso comigo o tempo todo, respondeu Seong-Jae.

– *Ainda* não é justo. – Malcolm esfaqueou um dedo grosso e sem corte em Seong-Jae, rosnando, então bufou e agarrou uma das ferramentas maiores com uma ponta larga e achatada. Jogando sua bolsa de couro no chão, ele se ergueu sobre o balcão; a superfície laminada barata gemeu sob seu peso, o metal da pia dando um pequeno guincho de protesto. – Se isso desmoronar sob mim, você vai me cuidar de volta à saúde? Talvez me dê piada com a mão?

– Vou fazer piada para você, mas você pode se alimentar disso. Ou você pode se apressar. Seong-Jae apertou os olhos, observando enquanto Malcolm torcia seu corpo para um ângulo e espiava dentro da abertura da janela, olhando para a moldura. – O que você está *fazendo?*

– Tirando a janela. – Malcolm disse suavemente, então lançou a Seong-Jae um olhar gentil. – Alguém colocou. Significa que tem que sair, certo?

– Eu... O que deu *em* você hoje?

– Eu estou chateado. – Malcolm sorriu, cada centímetro do lobo, o flash de luz contra seus dentes fazendo-os parecer mais nítidos do que realmente eram – e o raio de atração que disparou através de Seong-Jae quase tirou o fôlego, uma coisa tão feroz que beirava a violência. – E talvez meu namorado um pouco ladrão esteja me contagiando.

– Eu—você— *apenas cale a boca e faça a coisa antes que eles nos peguem.*

– Trabalhando nisso, disse Malcolm, o som abafado quando ele pegou a gazua com os dentes para liberar as duas mãos para correr as pontas dos dedos ao longo da parte inferior das ranhuras do caixilho da janela. – Deve ter um parafuso por aqui de alguma forma – aha. *Lá* estamos nós.

Seong-Jae assistiu incrédulo quando Malcolm arrancou a fechadura entre os dentes e a encaixou cuidadosamente em algo invisível além do

batente da janela , seu rosto enrugado definido em máxima concentração. Ele fez uma bela imagem, equilibrado na beirada do balcão com seu corpo graciosamente gracioso torcido na cintura para que ele pudesse passar pela abertura da janela, a luz refletindo nas curvas dos cabelos escuros dos antebraços nus por um botão branco que esticava contra a curva apertada de seu corpo, as mangas arregaçadas até os cotovelos. Pequenos sons de raspagem de metal subiram... E então um parafuso grosso desceu em uma pequena chuva de pó de gesso e pó de concreto. Malcolm o pegou na palma da mão e o jogou no balcão com um pequeno *tinido,* depois se inclinou para trás.

– Uma para baixo.

Um após o outro, Malcolm torcia parafuso após parafuso, trabalhando com rapidez diligente e uma espécie de confiança firme e segura em si mesmo, mesmo quando enfrentava algo tão *estranho.* Era uma das coisas que Seong-Jae admirava em Malcolm; ele parecia determinado em seus caminhos, mas quando o empurrão veio para empurrar ele era flexível, adaptável, um pensador rápido em situações tensas e capaz de responder com clareza e soluções às vezes surpreendentes nos momentos mais críticos.

Mas ainda assim Seong-Jae ficava cada vez mais inquieto a cada segundo que passava, a luz lá fora ficando mais brilhante e o relógio marcando cada vez mais perto do momento em que eles seriam pegos no meio da fuga. Então, quando Malcolm puxou mais um parafuso apenas para ganir quando a janela – ainda em sua moldura – veio se inclinando desajeitadamente para ele, Seong- Jae soltou a respiração presa em seus pulmões.

– Aqui, – ele disse, alcançando o painel e a moldura enquanto Malcolm os entregava. – Você acha que pode fazer isso agora?

– O salto vai ser duvidoso, disse Malcolm; ele largou a gazua destroçada no balcão, depois apoiou as mãos na abertura de concreto manchada de sujeira que acabara de fazer, erguendo-se em uma poderosa flexão de músculos e encaixando a cabeça e os ombros no espaço, puxando-se para dentro e para fora de um algumas vezes antes de deslizar de volta e cair no chão da cozinha. – Mas acho que vou conseguir.

–... A outra opção é usar a porta. Acho que ambos somos fortes o suficiente para subjugar os guardas se os derrubarmos.

– Eu não acho que vamos ficar neste caso por muito mais tempo se adicionarmos as acusações de agressão e bateria à acusação menos criminalmente responsável de danos à propriedade, junto com o crime de escapar de nossos manipuladores. – Malcolm disse secamente. – Mas eu aprecio sua propensão para soluções mais simples e elegantes. Talvez na próxima vez.

Seong-Jae revirou os olhos. – Então devemos ir.

– Sim Sim. Desculpe por protelar em me jogar corporalmente no vazio.

– O velho lobo agarrou a borda da pia e ficou na ponta dos pés, espiando pela janela. – Nunca gostei de pássaros.

– … Que?

– Eu disse que nunca gostei de pássaros – com exceção de um corvo em particular. Eles são barulhentos e cheiram mal, e cagam indiscriminadamente. Mas acho que estou prestes a fazer minha melhor imitação de um. Ele respirou pesadamente. – Aqui vou eu. Me deseje sorte.

– Você não precisa de sorte, disse Seong-Jae. – Você consegue fazer isso.

Malcolm lançou-lhe um sorriso, afiado de tensão, depois voltou a olhar para a janela e ergueu-se. Com um único movimento ágil, ele se torceu para que ele passasse pela janela de costas, inclinando seu pesado torso para fora e agarrando o topo da abertura enquanto cuidadosamente dobrava seu corpo para alavancar suas pernas até que ele pudesse por os pés contra a borda inferior - agachado ali como um acrobata com todo o seu corpo preso pela tração de seus sapatos contra a abertura, seus dedos agarrados teimosamente ao concreto, e Seong-Jae não achava que seu coração iria bater novamente até o homem que ele amava não estava pairando sobre uma queda de dois andares com todo o seu peso sustentado por um aperto tão tênue.

Seong-Jae se aproximou compulsivamente, pronto para pegar Malcolm se ele começasse a escorregar, mas Malcolm se manteve firme, seu peito inchando em uma respiração profunda, a brisa da manhã jogando seu cabelo para trás longe de seu rosto em lampejos prateados tingidos de sol. e ouro. Olhos azuis ardósia se voltaram para fora, calculando, procurando. Coxas endurecidas e musculosas contra a calça de Malcolm.

E então ele se lançou para fora, as pernas o empurrando para frente com um poderoso impulso de força.

Com um som preso na garganta, Seong-Jae atirou-se contra o balcão, arrastando-se para cima e para a janela que se abriu bem a tempo de ver Malcolm descer e sair, seu corpo preso em um arco de pura graça e poder. isso teria sido impressionante, inspirador.

Se não fosse tão *alarmante* ver Malcolm cair em queda livre.

Por alguns segundos intermináveis, ele ficou suspenso no ar, preso em um momento de congelamento que parecia que nunca iria acabar, e naquele momento a mente acelerada de Seong-Jae calculou trajetória, momento, ângulo, Malcolm conseguiria, ele conseguiria…

Então Malcolm caiu.

E, ao fazê-lo, ele enfiou o corpo para dentro e atingiu o telhado da locadora de vídeos para adultos como uma bala de canhão, atingindo com um *estrondo pesado* que fez o telhado de papelão ondulado balançar e chacoalhar, a pequena chaminé de aço no pico clamando e tremendo. Malcolm cambaleou por uns 30 centímetros, então parou com os pés cravados no telhado, rolando de costas e se esparramando ali, olhando para o céu com os lábios entreabertos e o peito arfando.

– Ow, flutuou levemente. – Eu morri? Sinto que morri.

– Sua *bunda.* – Seong-Jae assobiou. – Você me assustou pra caralho.

– Eu tinha isso, Malcolm gritou de volta, então estremeceu e gemeu quando ele se levantou em uma mão. – Talvez não tanto quanto eu teria se fosse dez anos mais jovem. Vou sentir isso por uma semana. – Então ele deu um sorriso despreocupado para Seong-Jae. – Jogue as malas. Então você. Temos sorte de este lugar estar fechado ou eles já estariam chamando a polícia.

– Odeio. *Você.* – Seong-Jae rosnou, abaixando-se com um som frustrado, e fechou os olhos para se recompor por um momento. Ele mesmo não tinha medo de pular.

Mas não esperava ficar tão aterrorizado ao ver Malcolm cair.

Ele confiava no velho lobo para conhecer suas próprias capacidades, e para lidar com as coisas que ele disse que poderia lidar. Era apenas... A complexidade frustrante de ver a pessoa que você amava fazer coisas necessárias que eram, no entanto, perigosas.

Quanto mais cedo ambos os pés estivessem no chão, mais cedo sua frequência cardíaca poderia se acalmar.

Ele olhou por cima do ombro em direção à porta, mas aquelas silhuetas permaneceram imóveis. Bom. Ele ergueu a mala, empurrou-a pela abertura e deu-lhe o empurrão mais forte que pôde, fazendo-a disparar pela abertura.

– *Ei!* — gritou Malcolm.

Seong-Jae levantou-se e enfiou a cabeça para fora bem a tempo de ver Malcolm se abaixar para longe do maltratado estojo de rolos preto que caiu no telhado ao lado de onde ele estava sentado.

– Opa? –Ele disse.

– Oops, minha *bunda.* – Malcolm rosnou, pegando o rolo antes que pudesse deslizar para baixo e arrastando-o. – Seja um pouco mais gentil com a minha bolsa para laptop, sim?

– Ah eu vejo. Você está preocupado com sua bolsa de laptop, mas não comigo.

– ... Se você não... *Ei!* Malcolm soltou um som que beirava um rosnado *quando* Seong-Jae empurrou a bolsa do laptop.

Para seu crédito, ele *tentou* ser mais cuidadoso com a bolsa.

Talvez ele não conhecesse sua própria força.

Mas Malcolm se agachou quando o saco foi subindo praticamente na direção de sua cabeça, então esticou os braços para pegá-lo antes que pudesse se chocar contra ele. Ou o telhado. Com o rosto vermelho, bufando, sua boca em uma carranca escura, ele olhou para Seong-Jae.

– Você é realmente um idiota absoluto, você sabe disso?

– Eu tenho meus dias. – Seong-Jae disse – apenas para congelar quando, atrás dele, a porta do quarto deles chacoalhou. Ele se virou para olhar por cima do ombro, enquanto a voz irritantemente nasalada de Ferriss cheia de arrogância e sarcasmo flutuou pela porta, a maçaneta girando.

– Kalaji ? Yoon? Você está pronto para se mexer? Temos um cronograma a cumprir.

– Oh, foda-se. – Malcolm engasgou de baixo, e quando Seong-Jae virou de volta, Malcolm estava olhando para ele com os braços erguidos como se estivesse pronto para pegá-lo. – *Vamos!*

Seong-Jae não teve tempo de gritar com ele.

Não quando Ferriss estava batendo na porta agora e trocando murmúrios agitados com os guardas antes de chamar: – Ei, vocês dois desmaiaram ou o quê?

Nem um momento a perder.

Seong-Jae perdeu um momento de qualquer maneira.

Um pequeno recipiente de vidro no balcão chamou sua atenção, um pequeno cilindro quase como um saleiro, só que estava cheio de palitos de madeira em um arco-íris de cores.

Seong-Jae olhou para ele.

Em seguida, pegou-o, enfiou-o no bolso e puxou-se para cima do balcão.

Ele serpenteou pela janela, imitando Malcolm com os dedos cavando contra o concreto raspado enquanto ele conseguia puxar as pernas para cima o suficiente para quase sair limpo; suas pernas eram muito *longas,* e a vertigem era uma coisa nauseante quando ele se balançou o suficiente para soltar uma perna, depois a outra, apoiando as botas contra a parede abaixo da abertura e segurando apenas com as mãos completamente enroladas ao redor da borda superior da janela para enfiar a ponta dos dedos na parede interna.

Respire. Inspire, expire, prepare-se, reúna todas as suas forças e…

Salte.

O mundo caiu debaixo dele com uma velocidade ao mesmo tempo horripilante e emocionante, e ele provou sua própria respiração como se estivesse intoxicado de adrenalina enquanto o vento passava por ele e ele abriu seus braços e pernas para controlar sua queda o mínimo enquanto cores e formas correram para ele em um borrão incompreensível.

Por um momento, ele se lembrou de ter dezessete anos, e estar no telhado de um prédio abandonado com Sila ao seu lado, e sentir como se algum fio estranho os conectasse, permitindo que Seong-Jae sentisse os pensamentos do outro garoto; sentir o desejo quieto e curioso do que aconteceria se ele *empurrasse.*

E ele se lembrou da sensação de sair de seu próprio corpo, enquanto o gelo corria por suas veias e o transformava em um avatar do surreal e do estranho; um hospedeiro para o corpo negro de dor que o habitara toda a sua vida.

Mas então o teto estava batendo em direção a ele e ele instintivamente dobrou seu corpo e trouxe os joelhos para o peito e então empurrou para que ele batesse os pés primeiro, e o impacto o atingiu quando ele se soltou para que seu corpo desmoronasse e absorvesse o barulho esmagador, a dor, o pior do vibrato trêmulo *antes* que a gravidade o agarrasse e começasse a puxá-lo para trás com um puxão.

Ele esticou os braços, tentou se endireitar, encontrar seu centro de gravidade, seu equilíbrio - mas então pura força envolveu sua cintura, puxando-o para trás da beira da queda e arrastando-o de pé contra a dura laje do corpo de Malcolm, trazendo-o cara a cara com aquele sorriso feroz e totalmente lupino contra aquela espessa barba grisalha.

– Peguei, disse Malcolm.

Ofegante, Seong-Jae se firmou com as mãos apertadas contra os ombros de Malcolm. Ele nem se lembrava de ter agarrado, mas agora não o soltou até ter certeza de que seus joelhos não iriam mais cair sob ele. – Meu cavaleiro de armadura brilhante, disse ele secamente.

– O inferno que eu vou ser qualquer coisa assim, Malcolm respondeu com um grunhido de auto-zombaria, antes de olhar para o único buraco retangular aberto na parede acima, entre fileiras e fileiras de janelas brilhando à luz da manhã. Por aquele buraco, o som de vozes trêmulas e fracas emergiu, e o rosto de Malcolm ficou sombrio; seu braço soltou lentamente da cintura de Seong-Jae. – Vamos para o aeroporto antes que eles descubram que o jogo está em andamento.

Seong-Jae olhou para ele e se afastou, caindo para se acomodar na beirada do telhado e balançando os pés sobre a beirada. – Sherlock Holmes, agora? – Ele perguntou, e empurrou.

A queda para a rua foi muito menor, por falta de uma palavra melhor, *girando a cabeça*, e ele caiu agachado, então se levantou bem a tempo de pegar a primeira bolsa que veio voando em sua direção, um retângulo preto contra a fenda azul-rosada do céu acima. Sua mala o atingiu com força suficiente para arrancar um *oof* de seu peito, mas ele a pegou e a deixou cair ao seu lado antes de olhar para cima enquanto Malcolm espiava por cima da borda, seu cabelo caindo em cortinas desgrenhadas.

– … Você sabia que o cunhado dele escreveu fanfic gay sobre esses livros? – Malcolm perguntou, logo antes de jogar sua bolsa de laptop no chão.

Revirando os olhos, Seong-Jae pegou a bolsa com um *golpe* de couro nas palmas das mãos, então a jogou no ombro. – Há algumas coisas que eu não preciso saber, Malcolm.

Malcom deu de ombros. – Acho fascinante.

– Você poderia. – Seong-Jae suspirou, apontando severamente para a calçada. – *Para baixo.*

– Sim, Mestre. – Malcolm retrucou – e desceu com tanta agilidade que era uma maravilha que Seong-Jae estivesse preocupado com ele durante a queda, braços fortes suportando seu peso facilmente enquanto ele praticamente saltava para pousar suavemente ao lado de Seong-Jae, sapatos sociais derrapando brevemente quando ele afundou apenas para se segurar e se endireitar. Com graça casual, Malcolm jogou o cabelo para trás, então ajustou as mangas da camisa e alisou a calça – apenas para piscar enquanto se virava para Seong-Jae.

– O que?

Seong-Jae olhou para ele sem rodeios. – Eu vou atirar em você.

– Não ameacei isso em um tempo. – Malcolm sorriu maliciosamente, alisando as mangas da camisa, em seguida, estendendo a mão para puxar a alça de sua bolsa para baixo do braço de Seong-Jae. – Corra até o ponto de ônibus mais próximo...

Ele parou quando um barulho mais alto veio de cima, e o som da voz de Ferriss flutuando pela janela, quase gritando. – Mãe *foda!* Onde eles estão?

Seong -Jae parou, uma pequena emoção percorrendo-o que era metade ansiedade, metade uma sensação quase deliciosa do clandestino.

– Oh, merda. – Malcolm sussurrou, os olhos arregalados, mas seus lábios se contraindo nos cantos. – *Vá*.

Ele pegou a mão de Seong-Jae. Seong-Jae, como sempre, aceitou – como sempre faria. Mais maldições caíram da janela.

E juntos, eles *foram,* correndo pela rua sombria e no coração de Las Vegas.



O transporte público – mais especificamente, *se perder no transporte público* – pode ter sido a única coisa que os impediu de serem descobertos no aeroporto por Ferriss e Norcross.

Isso e o fato de que havia pouquíssimas pessoas procurando um voo de última hora para Cleveland — e se algum aeroporto se especializasse em levar as pessoas o mais rápido possível para destinos não planejados, era Las Vegas.

Seong-Jae tentou dizer a Malcolm que eles haviam escolhido o ônibus errado. Não que fosse particularmente fácil decifrar qual era o ônibus certo, em uma cidade desconhecida e apenas com seus telefones, resultados de pesquisa e placas afixadas nos quiosques de ônibus para resolver as coisas. Quando pegaram um ônibus na direção errada e dois ônibus na direção certa, já estavam a pé há quase quatro horas.

E ambos tiveram que silenciar seus telefones, quando Ferriss estava ligando para eles sem parar.

Seong-Jae tinha ouvido a primeira mensagem de voz irada, desligou quando Ferriss passou a chamá-los *de réprobos ingratos lambedores de botas* – bastante criativamente eloquentes, na verdade – e não se preocupou em ouvir a enxurrada de subsequentes que se seguiram.

Pelo menos, no tempo que levaram para navegar no sistema de transporte público de Las Vegas, Malcolm conseguiu reservar seus voos por telefone. Seong-Jae tinha sido bastante... Cauteloso, para dizer o mínimo. No momento em que Norcross e Ferriss relataram o desaparecimento deles, era bem possível que Aanga enviasse bandeiras que alertariam no momento em que tentassem viajar para qualquer lugar com seus próprios nomes - sem

mencionar a instalação de vigilância no aeroporto para pegá-los no ato da fuga. escapando.

Eles estavam apostando, francamente, em duas coisas.

Aanga não queria usar os recursos do Bureau para perseguir dois homens adultos que não estavam realmente sendo mantidos em cativeiro, apesar das aparências superficiais, e que tinham o direito e a liberdade de ir aonde quisessem, independentemente das preocupações práticas de permanecer com um destacamento de proteção.

E, mais importante, o ego de Ferriss.

Ele não tinha certeza de Norcross, realmente.

Mas ele tinha a sensação de que Ferriss iria querer tentar encurralá-los ele mesmo sem nunca ter que relatar ao Diretor Joshi que ele havia perdido seus pupilos, sem ideia para onde eles poderiam ter ido.

O tempo estava do lado deles, então. Sem dúvida, Norcross e Ferriss foram direto para o aeroporto assim que perceberam a situação, e partiram muito antes de Seong-Jae e Malcolm chegarem com tempo suficiente para passar pela segurança e correr para o portão antes que o voo decolasse. No fundo de sua mente, Seong-Jae não podia deixar de catalogar o rastro de papel que eles estavam deixando para trás. Os registos do cartão de crédito do Malcolm. Registros de passageiros e voos da TSA. O próprio fato de terem usado seus crachás para passar pela segurança rapidamente e com suas armas.

Eles teriam menos de vinte e quatro horas, pensou ele, antes que Joshi se concentrasse exatamente onde eles estavam.

A questão, então, tornou-se…

O que exatamente Joshi escolheria fazer sobre isso?

Seong-Jae preferiria ter esta aventura concluída e provas justificáveis em suas mãos antes que ele tivesse que descobrir.

O voo de Las Vegas para Cleveland durou quase quatro horas, e Seong-Jae roubou o braço de Malcolm como travesseiro enquanto ele dormia, deixando o ronco do avião empurrá-lo para baixo em questão de segundos - e ele se sentiu mais humano por a hora em que aterrissaram e atravessaram a multidão dispersa para pegar um carro alugado, preso com um Prius de modelo antigo e sujo sem uma reserva prévia, mas seria o suficiente para levá-los aonde precisavam ir.

E para onde eles precisavam ir não era nem meia hora de carro. Enquanto Malcolm assumiu o volante, Seong-Jae vasculhou o laptop e a bolsa de Malcolm até encontrar os arquivos sobre o assassinato de Christiansen e os detalhes esparsos sobre parentes mais próximos.

– O último endereço conhecido de Katherine J. Yardley, a irmã mais velha de Wendy Christiansen nee Yardley, falecida, tem mais de dez anos, disse Seong-Jae. – Nenhum endereço listado para a irmã mais nova, Hannah Yardley. – Ele folheou os documentos, uma vibração rápida de som de papel. – Quais são as chances de que a irmã mais velha ainda esteja no mesmo endereço?

– Se o universo está do nosso lado, alto, disse Malcolm, batendo o polegar contra a curva interna do volante, o olhar fixo na estrada. – Considerando que nos tornamos desonestos, não podemos cavar exatamente nos registros e encontrar seu último conhecido.

– Então o que vamos fazer?

– Esperança, disse Malcolm, e se fundiu em direção à rampa de saída para Parma.

Parma, Ohio, era uma cidade bastante pequena que parecia não conseguir decidir se queria ser urbana ou suburbana, suja ou verde, sua fachada de americana genérica inteiramente inexpressiva; Seong-Jae sentiu como se pudesse estar em qualquer cidade ou bairro do Centro-Oeste, e se perguntou se era essa mesma heteromonotonia que havia feito Sila escolher esse local, se a teoria deles estava de fato correta. Não apenas uma família com filhos próximos o suficiente para que Sila pudesse facilmente tomar o lugar do menino, mas um retrato da família americana genérica em uma cidade americana genérica onde as pessoas viviam intocadas pelo tipo de devastação que Sila causou onde quer que ele escolhesse infectar como a doença que ele era.

– Pensativo, – Malcolm disse.

– Pensando, – Seong-Jae respondeu.

– *Vire à esquerda aqui*, o GPS interrompeu.

– Você não foi convidado para esta conversa, Malcolm murmurou, mas obedientemente virou à esquerda em uma rua arborizada pontilhada com casas de tijolo e madeira quase idênticas, calçadas limpas cheias de crianças brincando, crianças correndo em seus pequenos triciclos de plástico para cima e para baixo enquanto os adolescentes mais velhos brincavam com cordas de pular e rabiscos de giz. – Você quer me dizer o que está em sua mente?

– Milímetros. – Seong-Jae brincou com o lábio inferior na ponta dos dedos, olhando pela janela, registrando detalhes sem realmente processá-los completamente. – Suponho que estou apenas maravilhado com o talento de Sila para encontrar uma maneira de pegar o comum e o normal e pervertê-lo tão completamente.

– Parece ser uma faceta de sua personalidade, disse Malcolm. – Algo que ele gosta. Pegando coisas que deveriam ser... Se não puras, pelo menos de alguma forma *limpas*, e tornando-as impuras. Deixando sua marca.

– Ele quer importar. Eu sempre soube disso. E ainda... – Seong-Jae caiu contra a porta do lado do passageiro, descansando sua têmpora no vidro frio da janela. – Ele sempre foi uma contradição. Trabalhando nas sombras, mantendo-se escondido, brincando de ser um fantasma invisível. Ele quer que seu impacto seja sentido, mas que ele mesmo permaneça desconhecido.

– Não é tão incomum para um complexo de deus. A maioria das religiões, independentemente da forma que seu deus ou deuses assuma, atribui atos à mão invisível de sua divindade de escolha, com essa divindade raramente aparecendo. – Malcolm diminuiu a velocidade, então parou em uma faixa de pedestres e estendeu a mão para tocar o joelho de Seong-Jae. – Não se perca nesse lugar, amor.

– Aquele lugar…?

– Você... – O jeito que Malcolm falou era quase tímido, seu sorriso beirando o pedido de desculpas. – Eu perco você às vezes, Seong-Jae. Você cai neste lugar cheio de memórias antigas, e elas o envolvem como esta gaiola, mas não está mantendo você dentro. Está me mantendo fora.

Seong-Jae parecia mais uma picada de prego, perfurando-o. – Peço desculpas, eu não quero, eu-eu-

– Sem desculpas. – Aquela mão contra o joelho dele virou para cima, seu peso quente pressionando a coxa de Seong-Jae, a palma de Malcolm um convite aberto. – Só quero saber se você vai voltar.

– Se... Você me alcançar desse jeito, então... – Seong-Jae deslizou sua mão na de Malcolm, palma com palma, e encaixou seus dedos entre os de Malcolm. – Voltarei sempre.

– Isso é tudo que eu preciso saber.

Malcolm manteve a mão segurando a mão de Seong-Jae, mesmo enquanto empurrava o Prius para a frente novamente e descia mais alguns quarteirões - e Seong-Jae olhou para aqueles dedos grossos entrelaçados nos seus, acariciando o polegar ao longo das costas dos dedos de Malcolm, sobre o eriçada de cabelos que cedeu e depois saltou para trás, pequenos detalhes fascinantes que eram mais importantes, para ele, do que entender por que Sila era do jeito que ele era.

Tentar entender Sila era como tentar entender um furacão.

Tentando explicar por que uma força destrutiva da natureza simplesmente fez o que foi feita para fazer, e não se importou com os mesquinhos mortais em seu caminho.

Sem sentido. Não é algo para perder tempo. Não quando o calor humano de Malcolm era algo que Seong-Jae mais do que entendia... E valia mais do que sua atenção e foco.

Esse foco mudou, no entanto, quando o GPS apitou para eles e Malcolm guiou o Prius para o meio-fio do lado de fora de uma pequena casa pintada em um tom desbotado de verde-azulado, madeira em cima e tijolo em baixo, seu quintal precisando de um acabamento, o cercado de arame em torno dela ligeiramente enferrujada. A casa parecia bastante limpa e bem conservada; simplesmente *velhas* como algumas casas eram, onde nenhuma quantidade de manutenção poderia reverter os efeitos do tempo.

A minivan na entrada era nova o suficiente, impecavelmente limpa, e dizia que *alguém* estava em casa.

Se essa pessoa acabou ou não sendo Katie Yardley determinaria para onde eles iriam em seguida, e se isso acabaria sendo um beco sem saída.

Ainda assim, Malcolm segurou sua mão e não fez nenhum movimento para sair do carro; olhos azuis ardósia procuraram Seong-Jae como se estivesse tentando encontrá-lo e puxá-lo de volta ao presente.

– Ei, – Malcolm disse. – Você está pronto para isso?

– Eu deveria estar te perguntando isso. – Seong-Jae apertou ainda mais a mão de Malcolm. – Você é eu…

Malcolm sacudiu levemente a cabeça, intrigado. – Eu sou...?

– … Nós não enfrentamos diretamente o fato de que, se estivermos corretos, e Sila é Seth Duvonne adotando a identidade de Mik Christiansen tanto como Mik quanto seu alter ego de proteção a testemunhas, Lucas Aleks, então… – As palavras coagularam na garganta de Seong-Jae, e pareciam armas que podiam cortar Malcolm mais facilmente do que qualquer outra coisa. – Estamos investigando a morte não resolvida de uma criança.

A expressão sumiu do rosto de Malcolm, e Seong-Jae imediatamente se arrependeu de ter aberto a boca.

Particularmente quando o silêncio se estendeu, e Malcolm baixou a cabeça, seu olhar ilegível – e ainda assim sua mão ainda apertada com tanta força a de Seong-Jae, aquele toque silencioso lhe dizendo que Malcolm não estava chateado com ele, não o rejeitando; ele era apenas...

Sendo Malcom.

Tomando tempo para processar seus pensamentos, antes que ele dissesse o que precisava dizer.

– Eu realmente sou tão sensível a coisas que envolvem crianças, hein, o velho lobo murmurou depois de um tempo, cada palavra cheia de amargura auto-zombadora. – Você quase se pergunta como diabos eu posso ser objetivo.

– Nós não estamos. – Seong-Jae disse suavemente, e agora... Pela primeira vez, ele sentiu como se estivesse oferecendo a Malcolm uma tábua de salvação daquela gaiola escura de memórias, ao invés do contrário – segurando firme, não deixando ir. – Nós nunca somos objetivos, Malcolm. É *por isso* que fazemos nosso trabalho. Ser objetivo significaria ser indiferente às vítimas e aos que as perderam. Somos tão racionais quanto podemos ser. Mas não somos objetivos. E você não precisa se preocupar com isso.

– É difícil lembrar disso. – Os ombros de Malcolm se ergueram lentamente para cima e para baixo, seus lábios se separaram por várias respirações, nada emergindo até que ele disse: – Eu quero isso.

– Ah...?

– Eu quero saber. Se Mik Christiansen realmente está morto… Ele merece mais do que ser enterrado e obscurecido. – A dobra da boca de Malcolm ficou escura, fria, pesada com tanta frustração. – Pense nisso, Seong-Jae. Se ele realmente está morto, ele foi completamente engolido por aquele buraco negro que se chama homem. Ele foi incluído nos coletivos da identidade de Sila e merece pelo menos ser homenageado em seu próprio nome.

– Ah. Como você diz, Malcolm.

Seong-Jae preencheu o espaço entre eles, então, para inclinar a cabeça para o ombro de Malcolm. Às vezes, o *toque* era a única maneira de dizer as coisas para as quais não tinha palavras; para oferecer as coisas que ele não sabia explicar. E quando Malcolm se inclinou para trás quase desesperadamente, como se estivesse faminto pelo calor de Seong-Jae, Seong-Jae fechou os olhos e por mais alguns segundos, deixou-se sentir como se isso fosse tudo o que havia.

Tudo o que havia, e tudo o que sempre haveria:

Ele e Malcolm juntos, e nada mais precisa substituir isso.

Mas o tempo, a vida, o caso e a contagem regressiva pairando sobre suas cabeças não esperariam por nenhum homem... E quando Malcolm lentamente se afastou dele, Seong-Jae se obrigou a soltar, levantando a cabeça e respirando secretamente em uma última inalação de O cheiro pedregoso e quente de Malcolm para segurá-lo até que pudessem ficar sozinhos, tranquilos e calmos juntos novamente.

– Devemos? – Malcolm perguntou com um sorriso melancólico.

– Ah. Quanto antes soubermos, melhor.

Juntos, eles saíram para uma calçada salpicada com o tom de folhas verde-amareladas pálidas filtrando a luz do sol em recortes em constante mudança, e empurraram o portão para abrir o caminho. De dentro, pelas

janelas da frente abertas, ele ouviu o som de uma televisão passando um canal de notícias e alguém cantando baixinho.

A cantoria parou quando eles subiram os degraus da frente para a varanda de madeira rangente, e Malcolm levantou a mão para bater.

– Um momento! – uma voz feminina alegre chamou, seguida pelo tamborilar de pés atarefados e rápidos em chinelos, antes que a porta se abrisse. Uma mulher miúda com cabelos cor de vinho profundo e olhos em um tom de verde estranho, quase cremoso, olhou para eles com curiosidade educada e cautelosa. – Posso te ajudar? Se você está vendendo alguma coisa…

Isso realmente tirou uma risada de Malcolm. – Não estamos vendendo nada, senhora. Estamos com a polícia. Ele puxou seu distintivo de dentro do casaco – não seu laminado temporário do FBI, mas seu escudo BPD, e Seong-Jae intencionalmente não olhou para como ele cobriu a insígnia BPD na parte superior com o polegar, simplesmente deixando o escudo e o *sargento detetive* gravados nele falam por si. – Você é Katie Yardley?

Ela franziu a testa. – É Katie Hancock agora. Não sou Katie Yardley há anos. Ela praticamente apontou o queixo para eles, uma facada acusatória.

– Vamos lá. Vocês são cobradores? Vocês parecem cobradores de contas. Eles são os únicos que me chamam pelo meu nome de solteira .

– Eu... Nós não somos cobradores de contas, senhora, Seong-Jae disse. Ele não tinha... Exatamente esperado esta recepção. As pessoas eram *estranhas*. – Somos detetives de homicídios. Eu sou o detetive Yoon e meu parceiro é o detetive Khalaji. Esperávamos falar com você sobre os detalhes da morte de sua irmã em...

– Vá se *foder*, disse Katie Hancock, recuando com os olhos brilhando em uma chama de fúria ferida, e começou a bater a porta, fechando-a com rapidez violenta.

Apenas para bater na palma de Malcolm com força suficiente para fazer Seong-Jae estremecer em simpatia; isso soou *doloroso.*

– Por favor. – Malcolm implorou suavemente. – É importante. Achamos que há detalhes que ainda não foram resolvidos nesse caso. Você ouviu, naquela noite. Você ouviu tudo o que aconteceu pelo telefone. E não suporto a ideia de fazer você passar por isso de novo... Mas o que você sabe pode salvar dezenas de vidas.

Sua voz falhou no final, desaparecendo em um som frágil. Katie estava na porta, segurando seu suéter solto contra si mesma com os braços presos defensivamente, olhando para ele com amarga recriminação – como se Malcolm e Malcolm fossem os únicos responsáveis pelo peso de sua dor,

enquanto Seong-Jae se sentisse como uma testemunha silenciosa. para alguma coisa estranha e terrível.

– Por que? – Ela exigiu, um engasgo áspero em cada palavra, transformando-a em uma farpa, uma flecha arremessada. – Por que você me lembraria disso? Por que você me faria viver isso *de* novo? – Ela se interrompeu, suas mãos pressionando sua boca, sua respiração ofegante alta e áspera. – Eu tive que ouvir as pessoas – *animais,* eles não são fodendo pessoas – massacrarem minha irmã. Marido dela. Minha sobrinha. Meu sobrinho. Foi tão ruim que eles nem me deixaram ver seus *corpos.* Você já foi a um funeral de caixão fechado? – Ela acusou, sua voz subindo em um estridente que sussurrava de tanta dor. – *Você* tem? Você sabe o que significa caixão fechado?

Malcolm assentiu gravemente. – Eu sei, senhora. Se-

– *Significa que sua família é tanta carne crua que ninguém aguenta olhar para eles.* – Katie sibilou. – Foda-se. Foda-se por me lembrar disso. Foda-se por me fazer lembrar disso. Foda-se por tudo. – *Tudo* saiu como um soluço irregular, e ela olhou para Malcolm com os olhos molhados, transbordando, inundando suas bochechas - antes de mudar aquele olhar para Seong-Jae, chicoteando-o com ele como um chicote. – Eu não posso viver nisso. Eu não sou como a fodida Hannah. Não posso... Ela teve a porra da *ousadia* de se mudar para aquela casa, como se quisesse chafurdar nela, quando se não... Se não...

Ela parou, olhando para eles, tremendo como um gêiser à beira de entrar em erupção.

Mas quando ela falou novamente era baixo, fervendo.

– Eu não me importo com o que diabos você quer, ela mordeu. – Eu não me importo quais são suas razões. Se você aparecer na porra da minha porta de novo, eu terei seus malditos distintivos. Aprenda a deixar bem o suficiente sozinho.

Antes que qualquer um deles pudesse responder, ela empurrou a mão de Malcolm bruscamente para longe da porta, atingindo-o no pulso. Sem pensar, Seong-Jae instintivamente se colocou na frente de Malcolm, como se Malcolm não pudesse se defender de uma mulher tão pequena quanto Katie Hancock.

Não que ele não pudesse.

Era que Seong-Jae conhecia Malcolm o suficiente para saber que ele não o *faria.*

Que ele ficaria lá e suportaria se Katie decidisse se jogar nele e arranhar seus olhos até que seu rosto ficasse em carne viva, e não faria nada para detê-la.

Mas ela não o fez. Em vez disso, com um último olhar de recriminação condenatória, ela voltou para dentro de sua casa e bateu a porta na cara deles com força suficiente para fazer as janelas pularem e chacoalharem.

Seguido pelo *clique decisivo* da fechadura.

Esse foi o fim, então.

E Seong-Jae não achava que ela falaria com eles novamente.

5: ALGO SOBRE VOCÊ

Malcolm sacudiu sua mão com uma careta, depois olhou para a palma da mão avermelhada e ardendo. – Correu bem.

– Isso foi abismal, e se tivéssemos um pingo de bom senso, teríamos esperado isso inteiramente, disse Seong-Jae sem emoção. – Você está bem ?

– Eu vou viver. – Malcolm respondeu.

O que era mais do que ele podia dizer para a mulher que os encarava furiosamente através das meadas translúcidas das cortinas da sala de estar. Ele podia ver o formato de seu celular em sua mão, seu brilho através da renda, e eles não podiam arriscar isso – ela ligando para a polícia de Parma e verificando suas credenciais.

Foda-se... Talvez seguir esse maldito impulso de frustração tenha sido uma ideia terrível. Pior até do que as implicações de irritar Joshi.

Se eles já estavam tendo que contornar tanto as questões legais, e já tinham machucado uma mulher que fez o seu melhor para enterrar sua dor...

Eles estavam realmente fazendo a coisa certa?

Não é uma pergunta para este exato momento, porém, e ele jogou a cabeça em direção ao portão. – Podemos conversar no carro. Ela não precisa de nós pairando.

– De acordo.

Malcolm gesticulou para que Seong-Jae o precedesse, então o seguiu pela caminhada até o Prius, segurando sua língua até que eles se acomodassem lá dentro. Ele não sabia qual seria o próximo destino, então parou na frente e virou a esquina, estacionando no meio-fio em frente a uma loja de móveis com vitrines coladas e pouco ensaboadas e áreas de exposição vazias; ele duvidava que alguém lhes desse algum problema aqui.

O tempo todo, Seong-Jae olhava pela janela, os dedos curvados sob o queixo e os olhos vidrados. Malcolm se acomodou no banco do motorista, colocando um braço sobre o volante, e observou Seong-Jae por vários momentos antes de murmurar: – Você está desconfortável. Inquieto.

– Você também. – Seong-Jae disse sem olhar para ele.

– Eu perguntei primeiro.

– Vamos jogar esse jogo agora? – Seong-Jae estalou a língua contra os dentes, então virou a cabeça para Malcolm. – Você se lembra do que disse a Joshi esta manhã?

– Sim. E eu estava pensando na mesma coisa. – Malcolm afundou mais contra o assento; seu próprio peso de repente era demais. – Quem somos quando agimos sob estresse é quem somos, ponto final. E estou começando a me perguntar quem eu sou agora.

– Eu só... Isso é necessário, Malcolm? Ou somos nós agindo por um ressentimento rebelde?

– Eu não posso responder a isso.

Malcolm baixou os olhos, demorando-se em onde sua mão pendia sobre o volante, dedos frouxamente curvados. Ele os apertou, cerrando-os em um punho. Ele costumava... Ferir as pessoas com aquele punho. Ele era um menino, ele mudou, ele cresceu, mas naquela época ele tinha mil justificativas para por que tinha sido necessário.

Ele estava fazendo essas mesmas justificativas agora?

– Acho que… O sistema em que trabalhamos tem muitas pessoas e funções que impedem de fazer o que é certo para *parecer* certo. E de volta a Baltimore... – Ele riu cansado. – Nós deixaríamos o cabelo de Anjulie branco saltando ao redor desses sistemas, se parecesse que era moralmente correto. E eu quero dizer a mim mesmo que é isso que estamos fazendo agora, mas…

– É difícil ter certeza. – Seong-Jae terminou para ele. – Especialmente quando acho que não estamos emocionalmente estáveis há muito tempo. Independentemente de quão bem a falta de objetividade possa servir às nossas motivações... Estamos obscurecidos, Malcolm.

– Nós somos. – Ele deixou sua mão cair novamente. – Mas eu não acho que isso seja realmente sobre o que estamos fazendo agora. Mesmo que nunca devêssemos parar de nos questionar e verificar se o que estamos fazendo é realmente certo... – Ele explodiu rudemente. As pessoas que acreditavam que estavam sempre certas, que nunca questionavam isso, muitas vezes eram as mais propensas a ferir os outros com suas convicções, não importa sua intenção — e ele não suportava ser essa pessoa agora. O que significava admitir: – Isso é sobre Joshi. É isso que eu penso. Não estamos nos sentindo bem com Joshi. Qualquer um de nós. – Ele fechou os olhos e deixou-se cair para frente até que sua testa bateu contra o volante. – O que é irritante pra caralho. *Ele é* irritante como o inferno. Você sabe o quanto isso me irrita, sentindo que devo a ele uma maldita coisa?

– Tanto quanto me irrita. – Seong-Jae disse firmemente. – Ele foi longe demais. Não posso perdoar algumas das coisas que ele disse. Mas você pode

estar certo. *Foda-se.* Eu odeio me sentir culpado por ele quando ele foi um *bastardo* esse tempo todo.

– Não é sobre quem ele é. – Malcolm abriu os olhos, olhando fixamente para os joelhos, enjaulado pela coluna de direção. – É sobre quem somos, independentemente de quem ele é. E não éramos nós mesmos esta manhã. Admitir isso para nós mesmos não faz merda nenhuma.

– ... Você acha que ele iria ouvir alguma coisa de nós agora?

– Não. Inferno, eu não iria, não depois daquela merda que fizemos. Malcolm agarrou o volante e se levantou. – Tudo bem. Voltamos a Joshi com provas *reais.* Uma verdadeira ruptura neste caso. Evidência física. Algo que ele não pode discutir. E então acertamos com ele.

– E não esquecemos quem somos.

– Sim. – Malcolm disse, e sorriu, olhando para Seong-Jae, a sinceridade em cada linha inclinada e graciosa de seu perfil. – Mesmo que este caso nos leve ao limite... Nós impediremos um ao outro de cair.

Seong-Jae se curvaram para cima, antes de ele bufar e desviar o olhar, dando uma cotovelada leve em Malcolm. – Pare de ser excessivamente sentimental comigo. Devemos decidir nossos próximos passos.

– Neste momento, definitivamente teremos que nos afastar de Katie Hancock, disse Malcolm. – Ela pode estar mais disposta a falar conosco com um pouco mais de tempo para processar. Nós a acertamos com isso do nada. Prioridade crítica ou não, isso deve ser um choque. – Ele sentiu como se ainda pudesse sentir o olhar de Katie, seguindo-o ao redor do quarteirão. – Mas já que estamos aqui sem autorização, não temos base legal para pressionar... E não quero machucá-la mais. – Ele girou a chave na ignição. – Vamos tentar a outra irmã. Pelo menos será fácil encontrá-la, se estiver morando na antiga casa de Christiansen.

Seong-Jae enfiou a mão no bolso interno do casaco; Malcolm meio que esperava que ele surgisse com o pacote reserva de Djarum Blacks que ele frequentemente mantinha lá, mas em vez disso ele pegou um palito de madeira azul fino. – E se isso não acontecer?

– Há alguns presos na Penitenciária Estadual de Ohio com quem eu gostaria de conversar. Youngstown fica a apenas uma hora de carro daqui.

– Malcolm olhou para o palito quando Seong-Jae o empurrou entre os dentes, os lábios macios se dobrando em torno dele quase obscenamente.

– Onde você conseguiu isso?

– Hotel. – Seong-Jae murmurou em torno do palito.

– Os desejos batendo…?

– Só para cigarros, mas... – Os dentes de Seong-Jae apertaram o palito com força suficiente para fazer sua ponta subir. – Eu não quero nem me tentar nem um pouco, no momento. A última coisa que preciso é cair em retiradas enquanto estiver sob estresse.

– Ei. Você sabe se você está... Se você não está...

– Eu sei, Malcolm.

Seong-Jae favoreceu Malcolm com um de seus sorrisos infrequentes que parecia menos uma raridade ultimamente - não apenas desde aquele doce dia há poucas horas na casa dos pais de Seong-Jae, mas parecia... Desde aquele dia Seong-Jae decidiu parar bloqueando-o e, em vez disso, deixando-o entrar na verdade de seus segredos, seus pensamentos taciturnos, os demônios que eles poderiam lutar *juntos,* desde que Seong-Jae parasse de se retirar de alguma tentativa equivocada de proteger Malcolm.

Uma mão longa e dourada pálida descansou no braço de Malcolm, segurando brevemente, antes de se retirar.

– Eu sei que se eu precisar de você, eu posso te alcançar. – Seong-Jae disse com a voz rouca. – E se eu fizer, eu vou. Mas eu prometo... No momento estou bem. Então você pode parar de me olhar assim.

– Como o que?

– Como se eu fosse fugir se você tirar os olhos de mim. – Aqueles dedos angulares e de pontas quadradas o atingiram, tocando levemente sua bochecha. – Eu não estou indo a lugar nenhum. Você está preso a mim, Malcolm Khalaji.

– Tanto tormento. Como vou sobreviver?

Mas Malcolm estava sorrindo quando ligou o carro - e só sorriu mais quando Seong-Jae o *tocou e* bateu em seu braço com a pilha de impressões do arquivo do caso Christiansen, com a página com o endereço da cena do crime virada para fora.

Esperançosamente Hannah Yardley os deixaria dar uma olhada ao redor. Mesmo que, depois de tantos anos, ele duvidasse que houvesse algo que valesse a pena ver. Mas também ajudava a sentir as coisas — ficar onde seus suspeitos estavam, sentir a mesma terra sob seus pés, andar pelos mesmos corredores.

No que lhe dizia respeito? Sila, neste momento, era tão suspeito quanto Normand ou Ecklund. Não importa o quanto ele tentasse ser um gênio manipulador, levando os outros ao extremo, mas nunca fazendo a ação sozinho…

Ainda havia sangue em suas mãos.

Quando eles pararam em um cruzamento, o telefone de Seong-Jae vibrou – e quando o de Malcolm o seguiu meio segundo depois, tremendo no bolso do paletó, ele nem precisou olhar para saber quem era. Com um som desdenhoso entre os dentes, Seong-Jae pegou seu telefone, então soltou um assobio divertido e virou a tela para Malcolm.

Malcolm arriscou um rápido olhar para fora da estrada, então bufou para a mensagem de Joshi.

Se você acha que não vou arrastá-lo de volta aqui algemado, pense novamente. Leve suas bundas de volta para LA imediatamente.

– Papai parece bravo. – Seong-Jae cantou, rolando o palito de um lado para o outro. – Ele pode até dar a volta com o carro e ir direto para casa.

– … Por favor, nunca me deixe ouvir você chamá-lo assim de novo. – Malcolm gemeu – mas quando Seong-Jae começou a digitar algo em seu telefone, Malcolm balançou a cabeça, voltando seu olhar para a estrada. – Ah, eu não responderia a isso.

Seong-Jae levantou a cabeça do telefone. – Você pretende deixá-lo marinar em sua raiva em silêncio?

– Sim. Mas não é por isso. – Malcolm verificou o GPS do painel, então virou à esquerda. – Ele tem a força, os contatos e a autoridade legal para fazer com que nossos provedores de celular descrevam exatamente em qual torre aquele sinal saltou para ir do ponto A ao ponto B, dizendo a ele exatamente onde estamos. Só porque desativamos o GPS em nossos telefones não significa que ele não possa encontrar uma maneira de nos rastrear.

Seong-Jae trabalhou sua mandíbula, então escureceu a tela de seu telefone e o jogou em seu casaco – mesmo enquanto ele continuava fazendo barulhos abafados de dentro do couro, enquanto o bolso de Malcolm continuava vibrando de novo e de novo. – Ele provavelmente poderia fazer o mesmo com um sinal de saída, traçando o caminho dele até nós. Ele pode até fazer isso sem contato, dependendo se ele estiver disposto a pressionar a AT&T a usar o rastreamento de localização que substitui as configurações do GPS.

– Mas enquanto ele estiver esperando para ver se vamos responder, ele não vai. – Pelo menos... Malcolm esperava. – Vai pelo menos atrasá-lo um pouco antes que ele venha aqui para nos arrastar de volta pela nuca.

Seong-Jae fez um som que não era bem uma risada, caindo contra a porta do Prius. – Eu deveria avisá-lo de algo.

– Sim?

– Joshi pode ser... *Desafiado verticalmente*... Mas ele é extremamente forte. – Olhos negros olharam para Malcolm incisivamente. O palito fez um

tique-taque como se estivesse enfatizando. – Forte o suficiente para fazer um levantamento terra com todo o seu peso.

– Acho que vou descobrir como é ser jogado por cima do ombro de alguém e carregado, chutando e gritando.

A curva dos nós dos dedos de Seong-Jae contra seus lábios, o virar de sua cabeça em direção à janela, não fez muito para esconder a curva de sua boca; o brilho de dentes brancos. – Purindo em gritos agudos e impotentes, sem dúvida.

– Claro para que meu príncipe venha salvar sua princesa.

– Você lê poesia?

– Algum. Por que?

– Uma das minhas coleções favoritas é *a princesa se salva nessa.* – Seong-Jae brincou. – Você deveria ler.

Malcolm soltou uma risada assustada. — Essa é a sua maneira de me dizer que estou sozinho se Joshi decidir me arrastar como um saco de batatas?

– E se o apocalipse zumbi vier, eu estou fazendo você tropeçar.

– Tão amoroso. Tão fiel.

– Vou derramar muitas lágrimas em sua memória, Malcolm Ibrahim Khalaji, prometeu Seong-Jae com a maior solenidade. – Que tipo de flores você quer para o seu túmulo?

– Crisântemos, disse Malcolm depois de um momento de genuína contemplação - um momento em que, pelo menos, seus telefones finalmente pararam com seus exigentes solavancos e trinados. Ele apenas... Hmn. Ele tentou afastar os pensamentos, mas eles ficaram presos; persistente, enrolando-se em seus ombros como dedos ávidos e ávidos, e ele olhou para Seong-Jae. – Eu já te disse que o cheiro das flores me faz pensar na morte? Parece que há algo que cheira a flores em mais da metade das cenas de crime em que já trabalhei.

– É estranho que comemoremos a vida, a morte e tudo mais com o mesmo gesto. – Seong-Jae bateu a ponta do dedo preguiçosamente contra sua bochecha, o olhar ainda fixo pela janela, seu sorriso desapareceu para deixar um franzido pensativo em sua testa. – Talvez seja por isso que os significados das flores sejam tão importantes para alguns. Na Coréia, crisântemos podem significar vida, em alguns contextos. Renascimento. Em outros contextos, adversidade.

– No oeste, eles são uma flor de simpatia, disse Malcolm. – Então talvez... Se você colocar crisântemos no meu túmulo, minha memória nunca morrerá.

O silêncio que se seguiu foi de expectativa, espera – e uma vez que Malcolm terminou de se juntar às pistas atrás de um Camry azul, ele olhou para encontrar Seong-Jae o observando em silêncio.

Com a mão apoiada no console entre os assentos, palma para cima e curvada.

Malcolm mudou seu aperto para dirigir com uma mão, e deslizou sua mão na de Seong-Jae. Dedos longos enrolados contra os dele, segurando firmemente, segurando.

Não deixando ir.

– Com ou sem flores... Quando esse dia chegar, acredito que muitos se lembrarão de você pela maneira como você tocou suas vidas, Malcolm.

– … Eu não fiz nada além do meu trabalho. – Malcolm limpou a garganta. – De qualquer forma, vamos torcer para que minha morte trágica e muito lamentada esteja longe. Eu sinto que essa conversa está dando azar em alguma coisa.

Seong-Jae ficou quieto com um suave som de afirmação, mas sua mão permaneceu firme na de Malcolm. Eles dirigiram vários quarteirões antes de Seong-Jae falar novamente, sua voz um murmúrio calmo flutuando entre eles, quase perdido sob os sons dos motores ao redor deles.

– Vermelho e branco.

– Hum?

– As cores das flores mudam o significado. – O polegar de Seong-Jae descreveu arcos lentos contra as costas da mão de Malcolm, carícias suaves pinicando sua pele. – Em algumas interpretações comuns, o vermelho é para o amor eterno. Branco por lealdade. Eu simplesmente pensei... Talvez devêssemos mudar essa associação com a morte.

Malcolm não pôde deixar de sorrir. – Você vai começar a me deixar flores vermelhas e brancas em todos os lugares, Seong-Jae?

– *Tch* . Como se eu fosse ser tão sentimental.

– Pereça o pensamento, Malcolm concordou.

Mas suas mãos permaneceram entrelaçadas, enquanto seguiam o fluxo do tráfego até a casa de Christiansen.

Malcolm sabia, mesmo sem verificar, quando pararam do lado de fora da casa, que não havia ninguém em casa. Nenhum carro na entrada, as janelas escuras, e a casa tinha aquele certo *vazio* que dizia que era apenas uma concha sem nada dentro para trazê-la à vida. Quase parecia abandonado, esquecido, mas... Katie Hancock disse que sua irmã estava morando aqui. A casa tinha um tom suave de cinza, com detalhes em cinza mais escuro; telhado de duas águas, janelas altas no segundo andar, uma porta pintada de um tom

incongruente de azul emoldurando um grande vidro embutido. O jardim da frente estava um pouco crescido, mas tinha sido cortado recentemente – embora não tão recentemente que pequenas flores silvestres não tivessem brotado desde a última poda, minúsculos botões de ouro amarelos pontilhados entre o verde.

– Isso é um pouco demais para o nariz, ele murmurou, e Seong-Jae levantou a cabeça de seu escrutínio silencioso da casa, puxando o palito mastigado de entre os lábios e segurando-o entre dois dedos como um cigarro.

– Ah?

– Nenhuma coisa. Só mais flores. – Malcolm desafivelou o cinto de segurança. – Devemos bater, sempre tão obedientemente?

– Claro.

Seong-Jae embolsou seu palito de dente mutilado e eles saíram do carro e subiram os degraus rangentes; apesar da luz do sol da tarde, desaparecendo em direção ao pôr do sol... Uma luz de sensor de movimento na varanda piscou, quando eles pararam na frente da porta e esperaram.

Por nada.

Malcolm bateu uma segunda vez, depois uma terceira, mas nenhuma resposta. Ele inclinou a cabeça para Seong-Jae. – Vamos dar uma olhada ao redor?

– Não tenho certeza do que a revisão do local de uma cena de crime de quase vinte anos vai conseguir, mas não pode doer.

– Dividir?

– Como sempre.

Malcolm deu um meio sorriso e acariciou o braço de Seong-Jae, então parou para saltar pela lateral da varanda; a grama estalou levemente sob seus pés quando ele aterrissou, e lentamente fez seu caminho ao redor da casa. Ele tentou imaginar o crime descrito no relatório da polícia acontecendo aqui - uma gangue de homens invadindo com pés de cabra, canos de aço, bastões de beisebol. O exterior da casa intocado, quando o pai - Samuel Christiansen - aparentemente os deixou entrar.

Por quê?

Por que, na hora da noite marcada para a hora aproximada da morte, ele abriria a porta para alguém assim?

Ele voltou para a frente da casa; Seong-Jae havia desaparecido do outro lado, e Malcolm estava parado na pequena calçada de paralelepípedos que cortava a grama, olhando para ela, observando as formas, os ângulos. A fachada frontal — ah.

A porta era ligeiramente recuada, centrada numa ampla fachada frontal plana. Janelas altas e estreitas do andar térreo instaladas acima do nível dos olhos, uma escolha de construção bastante estranha, mas que significava que olhar para fora do espaço na frente seria difícil, a menos que se olhasse por aquela porta.

Tudo o que alguém teria que fazer era dar um passo para o lado.

E espere.

Fazia sentido, pensou. Uma emboscada. Se fosse um assassinato por vingança, eles teriam planejado com antecedência. Vasculhou a casa da mesma forma que estava agora; determinaram seus pontos de vista e a melhor abordagem para causar o maior dano possível no menor tempo possível antes de fugir sem chamar a atenção e ser pego.

Ele subiu na varanda; os degraus e as tábuas da varanda rangiam sob seu peso. Ele pensou, porém, que vinte anos atrás eles teriam sido novos e silenciosos sob passos furtivos. Ele se posicionou à esquerda da porta, achatando-se contra a parede. Bem aqui — sim. Este teria sido o lugar onde o líder estava, ele pensou. Toque a campainha, espere. Sam Christiansen abrir a porta…

… Um passo à frente, pé-de-cabra na mão, desça, e Christiansen desce sem fazer barulho. Todos se amontoam dentro, a porta se fecha.

E então a carnificina acontece.

Esta casa quieta calma por fora, uma máscara enganosa que não deixava ninguém saber o que estava acontecendo lá dentro, o exterior intocado enquanto dentro de uma vida, múltiplas vidas, uma família foi brutalizada.

Ele se pegou imitando o movimento descendente – então congelou quando a voz de Seong-Jae se elevou atrás dele.

– Essa é geralmente a minha rotina, disse ele. – Reencenando fisicamente o crime.

– E me usando como seu adereço favorito. – Malcolm olhou por cima do ombro, baixando os braços. – Apenas trabalhando em algumas coisas na minha cabeça. A partir do relatório da polícia, Christiansen abriu a porta para seus agressores. Estava apenas intrigado com os possíveis motivos.

– Ah. – Seong-Jae inclinou a cabeça em direção ao pátio lateral.

– Encontrei algo interessante.

– Lidere o caminho.

Malcolm seguiu Seong-Jae de volta ao lado da casa, passando pelas janelas sombreadas com persianas e cortinas, tornando impossível vislumbrar o interior. Nos fundos, um deck de madeira empilhado com móveis

enferrujados beirando o colapso, algumas tábuas do corrimão rasgadas e penduradas em ângulo, os degraus cedendo. O quintal além parecia como se não tivesse sido tocado por mais de um ano, selvagem e escondido além da visão de vizinhos intrometidos e HOAs raivosos.

Os passos largos de Seong-Jae o levaram aos degraus do convés, onde ele se agachou para um lado, as coxas magras esticadas contra a camada preta aderente de seu jeans. – Diga-me o que você vê.

Malcolm se ajoelhou ao lado dele, inclinando a cabeça, apertando os olhos ao lado dos degraus. O lado oposto estava coberto por tábuas de madeira, mas este lado estava vazio, as tábuas soltas para revelar um buraco embaixo da escada, um espaço sombreado com finas barras de luz do sol brilhando. Malcolm franziu a testa e estendeu a mão para não tocar as lascas de madeira onde os pregos estavam. A pintura era velha, desbotada…

Mas a textura crua da madeira naqueles buracos era fresca.

O mesmo para os destroços das tábuas espalhadas no chão abaixo.

– Isso aconteceu recentemente, disse ele. – Alguém arrancou isso de propósito.

– Uma coisa muito estranha de se fazer, você não diria? – Seong-Jae levantou a cabeça; uma brisa abafada caiu sobre os dois, e levantou o cabelo selvagem de Seong-Jae para longe de sua testa enquanto ele virava a cabeça, examinando lentamente o quintal. – Se Hannah Yardley mora aqui, ela claramente faz o mínimo para manutenção. O deck inteiro está caindo aos pedaços. Por que ela deliberadamente arrancaria as tábuas laterais dos degraus, e apenas daquela área? – Ele balançou sua cabeça. – Talvez não signifique nada. Mas chamou minha atenção.

– Essa é a coisa. – Malcolm apoiou os cotovelos nas coxas e ficou de pé, tirando o pó da calça enquanto se virava para examinar o pátio. – Cada menor coisa tem um *porquê* e um *como* por trás. Como algo acabou onde estava e por quê. Você olha para as folhas e galhos caídos por todo um quintal no início de abril e pode adivinhar sem precisar saber que uma forte tempestade de primavera passou recentemente. Nós preenchemos esses *porquês* e *comos* sem nem pensar nisso, na maioria das vezes. Nem é consciente.

Então ele parou em algo que chamou sua atenção. A grama do quintal estava quase até os joelhos, botões de ouro selvagens e margaridas e girassóis e até mesmo algumas malvas malvadas salpicando o campo verde. Algo incomodava no fundo de sua mente sobre isso, mas ele estava focado em outra coisa: um pedaço retangular do quintal até a borda dos fundos da propriedade, ao longo de uma cerca de madeira em ruínas, onde as flores cresciam ainda mais selvagens, florescendo como um jardim enlouquecido.

Serralhas, grama de olhos azuis, doca da pradaria, flores de cone cor-de-rosa vivas, todas elas florescendo ricamente naquela área em particular, mas muito mais frouxamente espalhadas pelo resto do quintal.

Ímpar.

– … Mas às vezes, ele terminou, franzindo a testa naquele ponto, vemos algo que faz nossos cérebros parar na irregularidade, porque simplesmente não podemos fornecer instintivamente esse *por* que ou aquele *como* com respostas prontamente disponíveis.

– Malcom...? – Seong-Jae se levantou, a cabeça virando em direção ao fundo do quintal.

– Não é nada. É estranho que aquele remendo lá atrás seja apenas... – Ele balançou a cabeça, olhando para Seong-Jae. – Devemos deixar nossos números e ir antes que isso conte tecnicamente como invasão. Acho que ainda não teremos respostas aqui, mas talvez ela nos ligue de volta.

– Ah. Como você diz.

Enfiaram um bilhete na caixa de correio da frente com seus nomes, números e uma breve mensagem, depois voltaram para o Prius. Malcolm começou a sair, mas Seong-Jae pousou uma mão sobre a sua no volante, parando-o.

– Você está planejando dirigir para Youngstown hoje à noite?

– … Bom ponto. – Malcolm torceu os lábios. – Chegaríamos lá bem depois do horário de visita e, se vamos abrir caminho, provavelmente é melhor não abusar da sorte.

– Você ficaria surpreso com a facilidade de usar seu crachá de forma inadequada para obter acesso a uma instalação de alta segurança, disse Seong-Jae, quase em voz baixa.

– … Uh. Seong-Jae, há algo que você não está me contando?

– Nenhuma coisa.

– *Seong-Jae.*

– *Não* – ah, foda-se. – Seong-Jae bateu a cabeça para trás contra seu assento, fazendo-o balançar e chacoalhar um pouco. – Você se lembra de Sarah Sutterly?

– Difícil esquecer uma garota que transformou os ex- namorados de sua melhor amiga em um marido cadáver perfeito. – Malcom fez uma careta. – Ou nosso primeiro caso juntos. Agora que penso nisso... O modus operandum... O ela foi influenciada pela Sila, não foi? Eu lembro. Quando a prendemos, enquanto a levavam embora... Ela disse 'um verde, um azul'.

–… Sim. Não duvido que, se ele está ligado ao coelho branco, como acreditamos, então os métodos do coelho branco influenciaram as sugestões

que ele pode ter dado a Sarah. Mas eu... – Seong-Jae rangeu os dentes audivelmente, fechando os olhos. – Fui vê-la. Antes de você... Saber tudo. Eu escondi isso de você, mas eu precisava saber se ela realmente interagiu com ele. Portanto, posso ou não ter usado meu crachá de forma inadequada para obter acesso a ela na unidade de saúde mental onde ela está internada.

Ele estava tão tenso, pensou Malcolm. Como uma criança que foi punida tantas vezes pela menor infração que já estava preparada para algo muito pior depois de confessar algo um pouco menos do que aceitável. Malcolm colocou o braço nas costas do assento de Seong-Jae e mergulhou a mão na gola de sua jaqueta de couro preta para pegar o pequeno laço dentro e puxá-lo.

– Ei, disse ele. – Se importa de olhar para mim?

– … Eu tenho que?

Malcom sorriu. – Eu não sabia que era uma tortura.

– Eu já disse muitas vezes, e vou dizer de novo: foda-se, Malcolm Khalaji. – Mas, suspirando, Seong-Jae abriu os olhos cautelosamente, olhando para Malcolm de um jeito meio de lado, como se ele estivesse tentando não encontrar seus olhos completamente. – Lá. Estou olhando para você.

– Então você pode ver claramente que eu não estou chateado com você. – Soltando a jaqueta de Seong-Jae, Malcolm passou os dedos pelos cachos macios de cabelo em sua nuca. – Isso foi antes. Não estávamos juntos, mal éramos parceiros, e já dissemos que às vezes fazemos algumas coisas um pouco cinzentas quando achamos que é o melhor, e para impedir que alguém se machuque. Você me contou a verdade sobre tudo mais tarde, e você está sendo honesto comigo sobre isso agora. No que me diz respeito, somos justos, então vou precisar que você pare de se encolher como se estivesse esperando que eu o despeje aqui mesmo.

Seong-Jae gemeu, sua cabeça pendendo para frente. –… Eu odeio a facilidade com que você pode fazer isso.

– Fazer o que?

– *Veja como estou inseguro.* – Bufando, Seong-Jae deu um soco no ombro de Malcolm, balançando-o contra a porta do lado do motorista – mesmo porque Malcolm deixou, quando Seong-Jae não o atingiu com força suficiente para o mais leve pulsar de dor. – Mas... Obrigado. Por... Por saber a coisa certa a dizer.

– A qualquer momento. – Colocando sua mão contra a nuca de Seong-Jae, Malcolm o puxou para dar um beijo no topo de sua cabeça, então o soltou e mandou o Prius em marcha lenta para a rua; a pequena pista suburbana estava quase vazia antes, mas agora mais e mais carros passavam, pessoas

voltando para casa das nove às cinco. – Assim. Hotel, e vamos para Youngstown pela manhã?

– Acho que este pode ser o nosso melhor curso de ação, sim.

– Veja se você pode encontrar algum lugar limpo que tenha salas abertas, sim?

– Ah.

Qualquer lugar limpo acabou sendo um La Quinta que cobrava o dobro da tarifa do último quarto aberto e disponível para reserva imediata - mas era silencioso, limpo e parecia a maior privacidade que Malcolm teve desde que o vídeo mostrou à sua porta.

Ele olhou ao redor da sala com painéis de madeira, tudo cheio de luz do sol para assumir um leve tom rosa, irreal e suave. Suspirando, ele afundou nos padrões suaves da colcha pastel, tirando o casaco.

– É... Eu não tinha percebido o quanto eu precisava me sentir sozinho até que estivéssemos realmente *sozinhos,* ele disse, puxando sua gravata. – Só eu e você. Ninguém assistindo.

– Sei exatamente o que você quer dizer. – Seong-Jae tirou sua jaqueta de corrida e jogou-a sobre o sofá debaixo da janela. – Os agentes, o coelho branco... há dias sinto como se houvesse olhos perfurando minhas costas. É um tipo particular de inferno que é difícil de descrever, a menos que você o tenha experimentado.

– É *um* inferno. Mas... – Malcolm se esparramou na cama, passando as mãos pelo cabelo e olhando para o teto. – Acho que ganhamos mais tempo.

– Quão?

– ... Joshi não é o único que vai querer saber onde diabos nós fomos.

– Hm. – Seong-Jae afundou na cama ao lado de Malcolm. – Se estivermos corretos sobre o envolvimento de Sila, o coelho branco provavelmente não acha que fizemos essa conexão ainda. Portanto, não lhe ocorreria imediatamente que nosso destino seria uma investigação dos antecedentes de Sila, quando não é de relevância aparente imediata.

– Então, o que quer que ele esteja fazendo, ele vai parar até descobrir onde diabos estamos, disse Malcolm. – Por uma vez, estamos um passo à frente. E eu gosto dessa sensação.

– Não posso deixar de me preocupar. – Seong-Jae se inclinou para trás o suficiente para se apoiar nos cotovelos, seu corpo puxado em uma curva preguiçosa, ombros tensos, pernas esticadas sobre a beirada da cama. – Ele pode chegar a extremos para nos tirar do esconderijo. Um desvio inesperado de nossa parte, perder o rastro de nós, movimentos imprevisíveis... Isso desafiaria seu senso de controle e possivelmente o enfureceria.

– Seriais raivosos são seriais imprudentes. – Malcolm apontou suavemente. – E seriados imprudentes cometem erros que levam à sua captura. – Ele rolou de lado, o colchão afundando debaixo dele, e estendeu a mão para tocar a manga apertada de Seong-Jae, brincando com o algodão preto. – A questão é que estamos mudando a cartilha, amor. Uma vez que ele não dita mais todos os movimentos, isso nos dá a chance de assumir o controle.

Seong-Jae virou a cabeça em direção a ele. – É um risco.

– Tudo o que fazemos é um risco.

– Você está se arriscando agora, disse Seong-Jae. – Porque só estamos aqui porque você confia em mim e em minhas memórias.

– Eu faço. – Abaixando a cabeça, Malcolm pressionou os lábios no ombro de Seong-Jae. – Eu confio em *você.*

– Isso não é... Algo que muitos homens poderiam me dizer.

– Você já foi tão honesto com eles quanto é comigo?

– … Não. – Um sorriso cintilou nos lábios de Seong-Jae. – Essa é uma das primeiras coisas que notei em você, Malcolm. Você tem a tendência de extrair a verdade das pessoas. Para fazer com que até os mais cautelosos se sintam seguros o suficiente para confiar em você.

–… Eu pensei que você não estava planejando ficar ridiculamente sentimental. – Malcolm pressionou seu rosto em chamas no ombro de Seong-Jae. – Mas... Estou feliz.

Seong-Jae tremeu sob sua têmpora com uma risada silenciosa. – Você está se *escondendo* de mim?

–... Um pouco. – Malcolm admitiu. – Eu também posso estar muito cansado para me levantar. Provavelmente vou adormecer aqui. Terno, sapatos e tudo.

Ele estava esperando a risada silenciosa de Seong-Jae.

Ele não esperava o toque suave em sua garganta, acariciando ao longo de seu colarinho com a textura de pontas de dedos ásperas, antes que os dedos ágeis enganchassem no nó de sua gravata e começassem a soltá-la.

Malcolm ergueu a cabeça; Seong-Jae se inclinou tão perto dele que quando Malcolm se moveu, seus cabelos escovados e emaranhados, e Malcolm pôde distinguir a textura da pele de Seong-Jae, os vincos finos ao longo das bordas de seus olhos, enquanto observava seu omr-am trabalhar em sua gravata com os olhos abaixados, focados com máxima concentração.

– Ajudando-me a me despir? – Malcom murmurou.

– Eu seria totalmente relaxado se não fizesse um esforço para cuidar do meu namorado exausto. – Dedos confiantes soltaram sua gravata... Então a

puxaram para longe com um silvo de tecido a tecido, a pressão apertando e depois relaxando, mas foi o suficiente para puxar Malcolm, fazendo-o se inclinar mais perto mesmo quando aqueles dedos tortuosos caíram no pescoço de sua camisa e soltou o botão de cima, os nós dos dedos roçando o colarinho sensível de sua cicatriz. – Você deveria me agradecer, Malcolm.

– ... Continue fazendo isso e eu vou fazer mais do que agradecer.

Ele inclinou a cabeça o suficiente para encostar o nariz no de Seong-Jae. Essa boca vermelha, tão perto; sempre o capturava, o mantinha, a fonte de todo conforto, tormento e sedução que tomava conta da mente de Malcolm tão facilmente. Parecia uma eternidade desde que ele conseguira beijar Seong-Jae sem sentir a presença do coelho branco pairando por perto, essa coisa doentia envenenando cada toque, cada sabor.

Mas eles estavam sozinhos agora.

Por apenas um momento... Eles estavam *livres.*

E quando os olhos negros se ergueram para ele, para ele Seong-Jae era a única coisa no mundo, mantendo-o cativado enquanto aqueles dedos habilidosos deslizavam sobre seu peito, soltando botão após botão como se liberasse Malcolm de suas amarras, parando apenas na cintura de sua calça... E deslizando dentro de sua camisa aberta, o calor da palma da mão de Seong-Jae queimando através do tecido fino da camiseta de Malcolm, descansando bem sobre o tremor apertado do estômago de Malcolm, sangrando aquele calor nele.

Malcolm respirou fundo, o estômago se contraindo enquanto se inclinava para mais perto daquele olhar escuro que o segurava tão profundamente.

– Você está tentando começar alguma coisa?

Os olhos de Seong-Jae caíram para a boca de Malcolm, um único olhar eletrizando seus lábios com a dor de um beijo que ele podia sentir vindo como uma contagem regressiva para uma detonação.

– Sinto sua falta. – Seong-Jae sussurrou.

Então beijou Malcolm, aquela contagem regressiva atingindo zero e balançando através dele com uma explosão concussiva de desejo tão forte que deixou sua cabeça cambaleando e tirou o fôlego dele. Como se, por trás das paredes de tristeza e trauma e dor e medo, a frustração, a raiva...

Essa necessidade sempre presente de Seong-Jae estava se construindo incessantemente, uma represa empurrada a ponto de romper.

Com aquelas paredes gastas mais finas, esculpidas pelo alívio silencioso de deixar suas dores irem, colocando-as nas mãos de um profissional... Não havia nada para impedir que a barragem rompesse, quando a boca de Seong-

Jae pressionou a de Malcolm. O filtro embotado que fazia todo sentido parecer *menos* de alguma forma retirado, até que Malcolm foi pego na selvageria elétrica da estufa, na sobrecarga sensorial, completamente dominado apenas pela textura, sabor, *calor da* boca de Seon-Jae. Pegando um som faminto na parte de trás de sua garganta, Malcolm pressionou Seong-Jae, enrolando uma mão contra sua nuca e puxando-o para mais perto, mais fundo, apenas para que Malcolm pudesse sentir aquela pressão, aquele afundamento, aquela sensação voluptuosamente maravilhosa. de carne macia dando lugar ao encontro de suas bocas.

Cada centímetro de Seong-Jae estava endurecido, tonificado, áspero, cheio de cicatrizes, toda nitidez e ângulos implacáveis e tendões tensos.

Mas essa boca.

Essa boca continha toda sua suavidade, toda sua doçura, e Malcolm precisava dessa boca esmagada contra a dele, rendendo-se à sua, aberta para ele em todos os sentidos.

Mal reprimindo um rosnado, ele mordiscou o lábio superior de Seong-Jae, chicoteou sua língua contra a carne avermelhada, brincou e roçou com as bordas de seus dentes até que Seong-Jae soltou um suspiro dolorido e abriu os lábios para deixar Malcolm entrar. suas bocas juntas em um estrondo aquecido e desesperado, selando-os até que não houvesse mais fôlego que Sung-Jae não retivesse; até que não sentiu nada além de calor e carne azeda e aquele sabor particular que só eles conseguiam fazer juntos.

Seong-Jae agarrou-se a ele com dedos ásperos, agarrando os braços de Malcolm, puxando-o para mais perto – puxando-o com Seong-Jae enquanto Seong-Jae caía para trás, caindo totalmente para se esparramar contra a cama, o emaranhado puxando Malcolm como uma ligação quântica até que ele caiu com ele, estendendo-se sobre aquele corpo lindo e leonino e encaixando-os com uma retidão que o fez suspirar um gemido, a fusão e o emaranhado de seus corpos tão *perfeitos* , tão parecidos com o lar, quanto a sensação de afundar todo o caminho até a raiz em carne desejosa e arrebatadora.

Carne que ele desejava com uma urgência irresistível.

carne que ele precisava tocar com uma compulsão que formigava nas pontas dos dedos, guiando suas mãos sob a camisa de Seong-Jae para empurrar o algodão preto sobre as ondulações de seu estômago. Malcolm se moveu quente contra Seong-Jae, deixando seu omr-am *sentir* cada centímetro do quanto Malcolm precisava dele preso entre eles, lutando contra suas calças, arrastando os quadris de Seong-Jae com a mesma fricção que levava as mãos de Malcolm a acariciar, a acariciar, a reaprender cada cume e fluxo do abdômen bem afilado de Seong-Jae, saboreando cada puxão trêmulo e

contração dos músculos ao encontrar aqueles pontos sensíveis que poderiam fazer Seong-Jae se contorcer.

E Seong-Jae se *contorceu:* arqueando-se sob Malcolm em ondulações fluidas como se dividido entre a luta e o derretimento total, seu corpo alternando entre tensão e submissão frouxa e frouxa, sua boca uma coisa ofegante deixada solta e frouxa para Malcolm tomar. Língua para língua, numa dança faminta com respirações elétricas surgindo cada golpe em relâmpagos líquidos, deslizando de carne em carne que combinava e montava e intensificava o ritmo de seus corpos fluindo juntos.

De repente, cada pedaço de roupa era demais; Malcolm não tinha certeza se ele ou Seong-Jae se debatiam primeiro, mas de uma respiração para a outra todos estavam arrastando as mãos e ofegantes aquecidos e centímetro após centímetro de pele nua para tocar, *sentir*, até que não havia nada barrando a sensação perfeita e emocionante da musculatura aquecida movendo-se contra ele, terminações nervosas se beijando para criar fogo. Ele havia tocado Seong-Jae tantas vezes, de novo e de novo ao longo dos meses - e ainda assim a dor, a perda, o período de tempo sem fazer com que cada toque parecesse novo novamente. Como se ele estivesse beijando, tocando, aprendendo, possuindo seu omr-am pela primeira vez, e ofegando pela redescoberta da textura dele.

Seus pênis deslizaram quentes e escorregadios juntos, pingando em túneis misturados até ficarem molhados um com o outro, o cheiro de necessidade mútua brilhando e riscando contra sua pele, até que Malcolm pudesse até mesmo *saboreá*-lo em cada mergulho e torção de línguas acasaladas, cada esmagamento de lábios lascivamente reivindicando. Ele deslizou as palmas das mãos pelas coxas nuas de Seong-Jae, agarrando-as, amassando-as, puxando-as para flanquear seus quadris para que Malcolm pudesse encontrar aquele ritmo antecipado e ofegante que apenas tornava a tortura de querer *mais* o corpo de Seong-Jae. Empurrando. Esmerilhamento. Arrastando até que o prazer rasgou o comprimento de seu pau como uma língua lambendo, e cada vez que sua carne pressionava e pulsava juntas Malcolm pegou os pequenos sons subindo dos lábios de Seong-Jae e os bebeu como se pudesse mantê-los para si mesmo e apenas ele mesmo.

Ele podia sentir: o desejo de Seong-Jae era a resposta para o seu, uma energia vibrante de intenção se formando entre eles. Mas tudo o que eles passaram – a dor, o horror, os pesadelos persistentes tanto do presente quanto do passado – chegaram até sua garganta como aquela cicatriz, prendendo-o, arrastando-o de volta, lembrando-o de ter algum tipo de controle sobre si mesmo. Lembrando-o de pensar em seu omr-am e não

apenas em seu próprio desejo; lembrando-o das palavras que ele precisava para realmente se deixar levar e se perder em Seong-Jae até que esse lindo e selvagem corvo de homem se tornasse seu mundo inteiro.

Relutantemente, ele recuou do gosto dos lábios de Seong-Jae, roubando uma última mordida, uma última lambida antes de apoiar a mão nos lençóis e se empurrar para cima. Levou toda a sua força de vontade para se manter quieto, para parar o estremecimento e contração de seus quadris se esforçando para aquele prazer de pressão e contato acariciando – especialmente quando Seong-Jae era a interpretação de um artista de sedução abaixo dele, longos membros dourados pálidos tão flexíveis; seu cabelo, um borrifo de tinta nos lençóis; o arco de seu corpo a manifestação do puro erotismo em músculos magros e furtivos, no fascinante puxão e fluxo dos tendões; a parte escura e inchada dos lábios molhados; roupas amassadas pretas ao redor dele, mas nunca tão pretas e sem profundidade quanto as profundezas aquecidas e nebulosas dos olhos esfumaçados.

Malcolm traçou o polegar sob um daqueles olhos escuros, seguindo o traço vermelho nas bochechas de Seong-Jae, as pontas dos cílios de penas mal beijando sua pele.

– Seong-Jae, ele respirou. – Eu... Foda-se. Eu preciso de você... Mas preciso saber se você está bem com isso.

Seong-Jae respondeu com uma flexão apertada de seu corpo, aquele ritmo hipnotizante de cada plano tonificado dele levantando-o para arrastá-lo contra Malcolm para eletrificar sua pele onde quer que tocassem; em todos os lugares, Seong-Jae o *atormentava* com o fascínio do desejo compartilhado, dando sua resposta sem palavras enquanto suas coxas agarravam a cintura de Malcolm e Seong-Jae contorcia seus quadris em torções deliberadas e lascivas, até que os olhos de Malcolm quase rolaram para trás em sua cabeça e ele xingou. suavemente, cavando os dedos nos lençóis, respirando fogo enquanto lutava para manter a queimadura furiosa através dele sob controle enquanto seu batimento cardíaco batia violentamente, *desejando desesperadamente* pulsar através de seu pênis.

Seong-Jae não era um corvo ou um gato.

Agora, ele era um fodido *atrevido.*

– Eu preciso me sentir perto de você. – Seong-Jae sussurrou roucamente, e tocou os dedos graciosos nos lábios de Malcolm. – Fique comigo, Malcolm.

– Então ele parou com um som vacilante, atraindo os olhos de Malcolm para abrir, olhando para baixo quando um lampejo de incerteza cruzou o

rosto de Seong-Jae e ele curvou os dedos contra a palma da mão. – Quero dizer... Só se você...

– Eu quero. – Nunca Malcolm poderia deixar Seong-Jae duvidar disso, e ele pegou a mão de Seong-Jae e beijou sua palma. – Eu quero *você.* Se isso estiver em questão... Eu vou te mostrar quantas vezes você precisar, omr-am.

Com um silvo suave, Seong-Jae arregalou os olhos, o rubor em suas bochechas escurecendo antes de virar o rosto de lado amuado. Malcolm se inclinou e acariciou sua bochecha, então deu um beijo na crista de sua bochecha... Ganhando outro som mal-humorado, resmungando, e outro quando Malcolm beijou sua bochecha, sua mandíbula, o canto de sua boca.

– Está tudo bem, ele murmurou. – Não há problema em ser inseguro. Não há problema em precisar de garantias. – Ele encostou o nariz no de Seong-Jae. – Beije-me... E deixe-me mostrar o quanto eu quero você.

Um rosnado petulante e irritável, completamente em desacordo com a submissão felina e lânguida em cada linha do corpo de Seong-Jae.

Antes que Seong-Jae virasse a cabeça e pressionasse sua boca quase timidamente na de Malcolm, uma pergunta sem palavras em cada roçar de lábios nos lábios.

Malcolm respondeu a essa pergunta com um beijo demorado, como se pudesse imprimir seu desejo nos lábios de Seong - Jae, transformar aquelas superfícies flexíveis em argila que poderiam manter a forma do amor de Malcolm. Repetidamente ele beijou Seong-Jae; repetidas vezes ele o tocou, passando as pontas dos dedos sobre seus ombros, seu peito, demorando-se em seus mamilos quando cada leve toque fazia a respiração de Seong-Jae falhar e seu corpo ficar um pouco mais solto debaixo de Malcolm. Então, com sua boca – Malcolm roubou gostos de Seong-Jae de todos os lugares como se pudesse comparar os diferentes sabores de pele salgada de sua mandíbula, sua garganta, suas clavículas, aqueles mamilos avermelhados, a inclinação dramática de seu estômago para baixo. Pélvis. A parte interna de suas coxas, trêmula e tensa ao toque de Malcolm, escorregadia de suor.

Em seguida, a ponta de seu pau, tomando sua doçura almiscarada, seu calor, sua espessura em sua boca enquanto ele afundava os dedos com força nas curvas da bunda de Seong-Jae, levantando-o... A carne tocou a língua de Malcolm, Seong-Jae gritou, jogando a cabeça para trás e puxando-se para cima como se Malcolm tivesse puxado suas cordas. Malcolm adorava isso; quão receptivo Seong-Jae era, como cada lambida e gosto dele fazia Seong-Jae se desenrolar em um prazer retorcido, se debatendo, entregando-se completamente ao toque de Malcolm.

Mesmo enquanto Malcolm continuava amassando a bunda de Seong-Jae com uma mão, lambendo seu comprimento em movimentos longos e lentos e pegando o gosto dele em sua língua, ele estendeu a outra mão sem ver até encontrar o couro de sua bolsa, as fivelas de metal legais, a bolsa com zíper na lateral. Trabalhando pelo toque, ele pegou um pequeno frasco de vidro transparente meio vazio de lubrificante escorregadio, antes de dar um último beijo de sucção na cabeça do pau de Seong-Jae – provocando-o, bebendo dele, engolindo o gosto salgado de seu pré-sêmen – Malcolm se afastou, lambendo os lábios e recuperando o fôlego.

Seong-Jae abriu os olhos, olhando para Malcolm com o peito arfando, o olhar escurecido pela pergunta - até que ele virou a cabeça ligeiramente, olhando para o frasco de lubrificante, antes de jogar a cabeça de volta para os lençóis com um som ironicamente divertido.

– ... Você já foi a algum lugar sem isso?

– Não quando eu sempre quero você, e estou eternamente esperançoso. – Malcolm passou o polegar pela sutil borda levantada da tampa. – Você quer isso, amor? Ou você quer que eu seja rude?

Com um estranho som assustado, Seong-Jae rapidamente desviou os olhos. – … Ah. – Ele engoliu. – Hoje à noite... – Uma longa mão se ergueu, hesitante, então pousou delicadamente no peito de Malcolm, antes de enfiar lentamente em seus pelos do peito em uma carícia que fez o coração de Malcolm bater mais forte, mais rápido, mais doce. – … Que seja fácil esta noite, Malcolm.

– Para pedir uma frase sua... Como você diz.

Antes que o flash nos olhos negros pudesse se tornar uma maldição, então, Malcolm levou o pau de Seong-Jae em sua boca novamente, roubando essas palavras e fazendo tudo ao seu alcance para transformá-las em gritos necessitados enquanto trabalhava sobre o comprimento total de Seong-Jae lentamente, amorosamente, tendo profundo prazer em cada momento quando a cabeça grossa e firme pressionava contra a parte de trás da garganta de Malcolm e deslizou mais fundo, engolindo qualquer resistência até que ele pudesse afundar cada centímetro dentro de si mesmo. Mesmo enquanto lambia, chupava, tocava quente em cada veia, circulava sob a cabeça queimada... Ele abriu a tampa do lubrificante e pingou sobre os dedos, trabalhando com uma mão para cobri-los completamente antes de deixar cair a garrafa nos lençóis.

Quando ele pressionou os dedos na fenda da bunda de Seong-Jae, Seong-Jae assobiou, curvando-se para frente, enfiando os dedos no cabelo de Malcolm e ficando tenso, deslizando *lentamente* dois dedos no calor apertado

das profundezas de Seong-Jae, Seong-Jae o puxou, enrolando-se *em* volta de sua cabeça e puxando seu cabelo descontroladamente com pequenos sons necessitados enquanto seu corpo apertava os dedos de Malcolm de uma forma que fez Malcolm desesperadamente. desejo que a carne agarrando estava apertando seu pênis dolorido, dolorosamente ignorado.

Só mais um pouco. Um terceiro dedo; impulsos mais profundos, esticando e trabalhando e dobrando nas paredes internas. Ele precisava saber que Seong-Jae estava pronto, precisava tomar seu tempo, caso a tristeza e a fúria desse caso os deixassem esgotados e incapazes mais uma vez, amanhã e depois e depois de se confortar no toque um do outro e no memória remanescente disso, mas preso e congelado atrás de paredes de trauma mais uma vez. Mas quando ele sentiu Seong-Jae se contraindo, estremecendo, chegando a um ponto de ruptura que sinalizava no tom crescente de sua voz, a maneira como cada grito se interrompeu inacabado, a maneira como seu corpo parecia ter se derretido, a temperatura subindo contra a língua de Malcolm. Seus dedos...

Malcom parou.

Ele deixou o pênis vazando de Seong-Jae escapar de seus lábios e se empurrou para cima, tirando os dedos de dentro de seu amado para tatear o frasco de lubrificante novamente. Apenas o suficiente; apenas o suficiente para alisar seu próprio pênis, suas costas arqueando bruscamente quando seu próprio toque fez seu pênis empinar contra sua palma com uma sacudida quase agulhada de doce dor, antecipação, necessidade crua. E quando ele se pressionou contra Seong-Jae, se inclinou até a pele encontrar a pele e ele cutucou o músculo tenso de sua entrada…

Seong-Jae o puxou para baixo e o atraiu.

Bocas e corpos se encontraram quando Seong-Jae enroscou os dedos no cabelo de Malcolm e o beijou, enquanto Malcolm se permitia *empurrar* - afundando lentamente em um deslizar sedoso que parecia óleo quente deslizando sobre seu pau, enterrando-se em Seong-Jae com um doce, ofegando com fluidez enquanto o corpo e a boca de seu omr-am se abriam para ele com tanta vontade, tão deliciosamente. Lábios e línguas de sal doce, carne e membros emaranhados de sangue do coração, imersão sensorial lavando Malcolm em um mergulho profundo enquanto Seong-Jae revirava os quadris para levá-lo mais, levá-lo *mais fundo*, persuadi-lo para onde ambos desejavam. Até que Malcolm não pudesse afundar mais; até que seus quadris ficaram alinhados com as curvas tensas da bunda de Seong-Jae, e *foda*-se, ele nunca se sentiu mais perto de ninguém do que naquele momento em que as linhas se confundiam para torná-los inseparáveis.

Ele disse uma vez que cada novo amor fazia o último parecer pálido; cada novo amor seria aquele que fosse real, verdadeiro, duradouro, para sempre… Até o próximo, e o próximo.

Mas enquanto ele beijava seu próprio nome nos lábios de Seong-Jae, enquanto ele acariciava os quadris de Seong-Jae e o puxava para o ângulo certo *e* transformava aquela mecha de corpos unidos em um choque perfeito de paixão elétrica…

Ele sabia no fundo do seu coração que não haveria próxima vez.

Não haveria o suficiente dele para amar novamente, quando perder Seong-Jae o destruiria além do reparo.

Mas ele tinha Seong-Jae agora – e Seong-Jae o tinha, enquanto Malcolm o segurava com mais força, enquanto ele traçava os lábios de Seong-Jae com sua língua, enquanto ele tensionava suas costas e apoiava seus joelhos e dava a Seong-Jae seu tudo em medidas, impulsos prolongados, lutando com cada um para se controlar, para tirar, para deixar cada um *sentir* a fricção, a pressão, aquela sensação de ser consumido e entrelaçado como se cada momento juntos tivesse que mantê-los, mantê-los, satisfazê-los entre eles pelos intermináveis segundos de intervalo a cada vez que Malcolm puxava para fora, apenas para afundar novamente.

Seong-Jae estava tão *aberto* para ele, cada corrida ofegante desse ritmo deslizando tão facilmente, envolto em calor, e a cabeça de Malcolm girava com isso enquanto ele se perdia nessa coisa atemporal que poderia ter durado horas e horas. fim – contanto que ele pudesse segurar Seong-Jae assim, beijar Seong-Jae assim, pegar Seong-Jae assim, sentir Seong-Jae agarrando-se a ele como se Malcolm fosse tudo de que ele pudesse precisar. Nada poderia quebrar isso, poderia acabar com isso...

Até que Seong-Jae deslizou uma mão do cabelo de Malcolm, arrastou-a por sua espinha, acariciou aquela depressão na cavidade de suas costas que poderia fazer Malcolm estremecer e se soltar, e então... Mais baixo. Amassando sua bunda, enviando pequenos choques duros através de Malcolm que irradiavam para todos os pontos de prazer em seu corpo, apenas para sua respiração estrangular em sua garganta quando os dedos de Seong-Jae deslizaram mais fundo e pressionaram levemente, interrogativamente contra sua entrada.

Malcolm afastou-se do beijo com um suspiro áspero, olhando para Seong-Jae ardentemente, incapaz de parar os empurrões erráticos e estremecimentos de seus quadris, incapaz de parar de se mover dentro de Seong-Jae mesmo quando seus próprios movimentos aumentaram e relaxaram tão sensíveis, pressão tentadora. Seong-Jae o observou com um

olhar ardente, a língua presa entre os dentes enquanto ele lentamente, gentilmente circulou, tocando Malcolm com um toque de especialista antes de pressionar com força o suficiente para atingi-lo, fazendo-o apertar com um som estrangulado, espinhos atirando através dele. Ele.

– Queres isto? – Seong-Jae respirou, aveludado e áspero. – Posso tocar em você, Malcolm?

– *Foda-se.* – Malcolm exalou, seu peito inteiro queimando, esfregando, enquanto ele apoiava suas mãos com força no colchão de cada lado de Seong-Jae para não desmoronar, ficando fraco até os ossos. – Sim... *Porra,* sim.

Ele não conseguia ficar parado nem mesmo nos momentos em que Seong-Jae puxou a mão, seguido pelo *estalo* revelador da tampa da garrafa. Malcolm enrolou o braço em volta da cintura de Seong-Jae, levantando aquele corpo flexível contra ele, o constante empurrão e puxão entre eles nunca terminando, mesmo enquanto ele tremia de antecipação - antecipação que logo foi satisfeita, quando dedos lisos e quentes o pressionaram novamente... Dentro.

Seus olhos se fecharam. Seu corpo inteiro apreendido. Ele baixou a cabeça, enterrando-se no ombro de Seong-Jae, agarrando-se a ele desesperadamente enquanto aqueles dedos lentamente se torciam e mergulhavam dentro dele, enchendo-o com um calor ardente, capturando-o em dolorosa intimidade. Tanto para preencher Seong-Jae quanto para ser preenchido, para derreter no calor da carne apertada ao redor de seu pau enquanto dedos longos empurravam lenta e docemente dentro dele e aquela voz ronronante e sedutora ofegava e gemia contra seu ouvido…

Malcolm ia quebrar.

E ele não queria – ainda não, mas cada toque, cada impulso o empurrava cada vez mais perto, usava sua resistência cada vez mais fina enquanto ele se movia preso entre uma sensação e outra até que toda vez que ele saía de Seong-Jae ele empalou-se naqueles dedos e pegou um grunhido engasgado em sua garganta, ofegante. A outra mão de Seong-Jae deslizou sobre suas costas, mas Malcolm o pegou pelo pulso, empurrou sua mão para a cama, entrelaçou os dedos, prendeu-o. Não mais. Não *mais*, ele não aguentava mais estímulos, porque se Seong-Jae continuasse *tocando* nele, Malcolm perderia o controle antes que ele estivesse pronto para deixar essa selvageria vertiginosa ir.

Seong-Jae torceram habilmente dentro dele, procuraram, *roçaram*, encontraram aquele ponto escaldante que poderia desfazer Malcolm em um piscar de olhos, e ele quase o perdeu, travando da cabeça aos pés e abrindo as coxas para apoiar os joelhos enquanto lutava para não vir ainda. Ainda *não*, e

– lutando para respirar – ele mordeu com força o ombro de Seong-Jae para abafar seu grito contra a pele suada, mas isso só piorou quando Seong-Jae soltou um gemido de lamento e ficou tenso, apertando ao redor dele, apertando seu pênis com tanta força que Malcolm quase não podia puxar para a próxima estocada. Porra, ele estava desmoronando, torcendo-se em pedaços, sentindo como se estivesse lutando contra si mesmo e lutando contra Seong-Jae enquanto se esforçava mais, mais rápido, deslizando a mão entre eles para agarrar o pau de Seong-Jae e acariciar, provoque, *por favor, Deus, omr-am, por favor, eu preciso de você, eu preciso que você*...

– Seong-Jae, – ele engasgou, implorando, implorando, *exigindo* com cada golpe quando ele não podia esperar mais um momento, não podia suportar mais um segundo desta tortura perfeita. – *Seong-Jae*…

Mas Seong-Jae lutou embaixo dele, envolvendo suas pernas totalmente ao redor da cintura de Malcolm, esticando, a boca molhada movendo-se contra a orelha de Malcolm. – Não... Mmnnh... Ainda não... *Malcolm*... – Ofegante, ofegante, seu nome ao mesmo tempo maldição e oração. – Deixe... Deixe-me sentir você primeiro.

Essas palavras *fizeram* algo para Malcolm. Algo animal; algo profundo; algo possessivo que ansiava por marcar Seong-Jae por dentro e por fora, que precisava conhecer Seong-Jae o desejava tão profundamente, queria sentir Malcolm daquele jeito, *precisava* de Malcolm para seu próprio prazer. Alguma coisa primitiva dentro dele se enrolou, inchou... Estourou.

E ele desmoronou contra Seong-Jae, toda a sua força saindo dele em um último impulso que rasgou o último de sua contenção para deixá-lo rosnando, estremecendo, gastando-se em golpes agudos e viciosos de prazer que eram demais, não o suficiente, deixando sua alma nua e fraca e deixando-o inteiramente vulnerável ao quão lindamente retorcido era ouvir Seong-Jae ofegando com um prazer tão sensual e pecaminoso só de Malcolm gozando dentro dele.

Ofegante, e mais... Quando os dedos entrelaçados de Seong-Jae apertaram os dele, e aquela mão que provocava dentro de Malcolm em estocadas lentas parou, a palma apertando com força a bunda de Malcolm antes de Seong-Jae sacudir todo o seu corpo uma, duas vezes, a carne interna se fechando *ao* redor. O pênis sensível e exausto de Malcolm para arrancar outro grito de dor limítrofe dele enquanto a superestimulação daquela bainha apertada e contraída o esmagava para torcer mais algumas gotas, mesmo quando Seong-Jae derramou, molhado e pingando e transbordando, sobre a mão de Malcolm .

Se seu desejo tinha sido emparedado atrás de uma barragem de trauma e cansaço antes, essa barragem estava mais do que quebrada. Estava em ruínas, em pedaços quebrados, tanto destroços quanto ele era um destroço de homem. Malcolm afundou com força contra Seong-Jae, apenas o aproximando, apoiando a têmpora em seu ombro e lutando para recuperar o fôlego.

Deus, esse amor parecia tão destrutivo.

E, no entanto, em vez de menos... Com cada entrelaçamento, cada beijo, cada toque, cada vez que eles sussurravam os nomes um do outro no silêncio e escuro rescaldo...

Sempre, com Seong-Jae... Malcolm só se tornou *mais.*



Seong-Jae deitado pegando sua respiração com a cabeça de Malcolm apoiada no peito, aquela queda selvagem de cabelo caindo sobre as costelas de Seong-Jae; ele deslizou os dedos por ela preguiçosamente, enrolando os fios prateados em torno de seus dedos, vagamente traçando vislumbres contra o teto enquanto os faróis da estrada se derramavam pelas persianas para pintar fendas e manchas brilhantes em arcos através do estuque.

Ele estava *dolorido* por dentro de uma forma que não estava há algum tempo – e dolorido por fora também, seu corpo desgastado por tensão e esforço, a marca de mordida em seu ombro latejando. Ele não tinha percebido o quanto sentia falta daquele sentimento; quanto aquele sentimento o lembrava a cada momento de cada dia que quando ele andava, quando se movia, quando sentia aquela dor e aquele estiramento dentro dele que lhe dizia o quanto ele tinha sido usado, tomado, *amado*...

Malcolm estava com ele.

E ele estava com Malcolm.

Era uma coisa pequena, uma coisa que não deveria importar tanto quando ele sempre, toda a sua vida, foi tão indiferente ao sexo...

Mas com Malcolm, isso *importava.*

Era impossível para Malcolm tocar o corpo de Seong-Jae sem tocar o coração de Seong-Jae.

E agora, com aquela sensação de Malcolm dentro dele ainda, demorando muito depois que eles se separaram e desmoronaram para relaxar um no outro...

Seong-Jae estava calmo, cheio e limpo.

Pela primeira vez em dias, sentiu-se *livre daquela* sombra; aquela mácula negra e terrível que o empurrou para desejar as coisas profanas que o levariam de volta à escuridão.

– Malcom? – Ele sussurrou, e o velho lobo se mexeu com um som rouco e sonolento.

– Milímetros…? – Braços grossos se apertaram ao redor de Seong-Jae, travados em sua cintura.

– Nós podemos fazer isso, não podemos? – Ele traçou o comprimento de uma mecha de cabelo de volta para a têmpora de Malcolm, deslizando as pontas dos dedos ao longo da linha do cabelo. – Eu... Eu preciso acreditar que realmente somos iguais a esta tarefa. Que realmente estamos nos aproximando.

– Nós estamos, – Malcolm prometeu, e selou essa promessa com um beijo no ápice das costelas de Seong-Jae, barba um arranhão reconfortante contra sua pele. – Juntos, Seong-Jae… Somos iguais a qualquer coisa que o mundo possa jogar contra nós.

Juntos.

Seong-Jae iria segurar isso.

Enquanto ele segurava Malcolm, como juntos...

Eles caíram no sono.

E pela primeira vez em dias, ele realmente *descansou.*

6: LEVE-O PARA DENTRO

Malcolm acordou sentindo-se na verdade relaxado e calmo, pelo menos uma vez - e ele rolou de lado para ver Seong-Jae dormir, demorando-se na maneira como seu rosto relaxou em algo suave e quieto e quase infantil quando o sono tirou sua guarda dele para deixá-lo um homem e só um homem.

E tudo que Malcolm sempre precisou que ele fosse.

Ele quase queria pensar que tudo o que ele precisava para ficar bem, no final, era Seong-Jae. Naquela última noite, os dois juntos, apagaram as marcas gravadas em sua alma e desfiguraram sua forma, escurecendo sua cor.

Mas Malcolm sabia, mais do que tudo, que não era justo com Seong-Jae. Que isso era algo que eles poderiam carregar um com o outro, mas não um *para* o outro, e não um fardo que ele pudesse colocar em Seong-Jae.

Se ele fosse honesto consigo mesmo...

Conversar com a Dra. Karandikar tinha ajudado. Se ele fosse ainda *mais* honesto consigo mesmo, ver um conselheiro sempre o fazia, mesmo que ele estivesse acostumado com Ryusaki e pudesse deixar seus hábitos defensivos um pouco mais fácil em sua companhia familiar. Ele só tinha que teimar em admitir isso. Mesmo sabendo da próxima vez que ele precisava?

Ele voltaria a reclamar sobre isso ser desnecessário.

O que ele poderia dizer? Ele era velho e firme em seus caminhos.

Seong-Jae, naquele jeito particular de *Seong-Jae,* não se moveu nem um pouco para deixar Malcolm saber que ele estava acordado. Mas Malcolm podia sentir isso, uma certa vibração nele que o trouxe de volta à vida, e Malcolm estava esperando por isso antes mesmo de Seong-Jae abrir a boca para resmungar,

– Se eu abrir meus olhos e você estiver olhando para mim de novo, você estará dormindo no carro amanhã à noite.

– Eu não chamaria isso de 'olhar' tanto quanto 'olhar com amor'.

– ... Dormindo *no* carro, e estou pegando as chaves. – Seong-Jae abriu um olho, aquele silêncio relaxado permanecia em torno de suas feições apesar do olhar sujo que ele deu a Malcolm. – Você é absolutamente nojento quando está apaixonado. Você sabia disso? *Nojento*.

Malcolm não pôde evitar uma gargalhada. – É bom saber que estou na mesma categoria das batatas fritas de George. Algo que você chama de nojento, mas secretamente ama.

– Hng.

– Traduza por favor.

Seong-Jae fechou o olho novamente com um resmungo. – Eu não estou acordado o suficiente para suas besteiras.

– Obrigado, vou adicionar isso ao livro de referência linguística.

– Malcolm se ergueu e beijou a ponta do queixo de Seong-Jae, o tênue fio de barba que tinha crescido desde a manhã de ontem fazendo cócegas em seus lábios. – Mas é melhor você estar acordado. Devemos chegar a Youngstown o mais rápido possível.

– *Hngh.* – Seong-Jae repetiu – e empurrou a palma da mão contra a testa de Malcolm, virando o rosto. – Por que esta é a minha vida? Por que *você está* na minha vida?

Malcolm sorriu e mordeu a ponta do polegar de Seong-Jae. – Tão mal-humorado de manhã.

– ... Nas manhãs?

– Você tem diferentes sabores de mau humor. Isso é mau humor matinal. Tem um gosto diferente do mau humor do 'fim do dia' e do mau humor 'gostaria que os humanos parassem de respirar tão alto na minha direção geral'.

– O prazer que você sente no meu humor taciturno é realmente desconcertante. – Gemendo, Seong-Jae se empurrou para cima, jogando o cabelo para fora do rosto, revelando olhos negros que se abriram para olhar Malcolm turva. – Tudo bem. estou acordado. Alimente me.

Malcolm apenas sorriu ainda mais.

Ele tinha a sensação de que falar com seu conselheiro realmente ajudou Seong-Jae também.

Quando Seong-Jae normalmente só se sentia livre para ser um pirralho completo e total quando ele realmente se sentiu *seguro.*

Mas Malcolm se levantou. Ele menos alimentou Seong-Jae do que ajudou Seong-Jae a alimentar os dois, abaixando-se um ao redor do outro para preparar um café da manhã rápido na pequena cozinha, reunidos de uma ida à loja de conveniência no saguão do primeiro andar . Em seguida, lutando por espaço no chuveiro, na frente do espelho, Seong-Jae se barbeando enquanto Malcolm penteava a barba e a aparava para mantê-la arrumada, se não necessariamente curta, os dois se inclinando no espelho e batendo ombro a ombro, ainda fumegando do chuveiro e fazendo uma imagem bastante

doméstica em seu reflexo, parados lá com nada além de toalhas em volta da cintura.

Qualquer lugar parecia um lar enquanto Seong-Jae estivesse lá, pensou Malcolm.

Em todos os lugares parecia em casa.

Especialmente quando Seong-Jae deu a ele um olhar de nojo em sua imagem no espelho, mesmo quando ele inclinou o queixo para cima para passar a navalha lentamente pela garganta, marcando uma linha precisa no creme de barbear em sua pele pálida.

– Eles vão nos cobrar mais se você entupir a pia, disse ele, e Malcolm bufou, olhando para a pia e os cachos de cabelos grisalhos, prateados e ocasionalmente ainda tingidos de castanho contra a cerâmica branca.

– Vou limpá-lo antes de partirmos. Em seguida, você me dirá que usei toalhas demais novamente.

Seong-Jae não disse nada.

Mas o caminho da navalha parou, e olhos escuros cortaram em direção ao chuveiro no reflexo atrás deles, olhando incisivamente para a haste da cortina e as quatro grandes toalhas brancas e úmidas penduradas sobre ela.

Malcolm apenas riu.

Seong-Jae suspirou. – *Corte o cabelo.*

– Não, pai.

– Não é minha torção. Só porque eu chamei Joshi de 'papai' sarcasticamente *uma vez* não significa que eu quero que você introduza esse tipo de brincadeira em nosso relacionamento. Mas a forma como Seong -Jae deu uma cotovelada em Malcolm foi como uma risada silenciosa capturada em movimento, enquanto ele baixava a navalha e ligava a torneira para enxaguar brevemente a espuma e os fios de cabelo preto macio. – Não me culpe se a pia se esvaziar.

– Nós não estaremos aqui para ver isso. – Malcolm enganchou um braço ao redor da cintura de Seong-Jae e se inclinou para beijar o ângulo molhado e brilhante de sua mandíbula, antes de se afastar. – Vou me vestir e prender meu cabelo para que você não tenha que ver o quão ofensivamente é longo.

Os xingamentos suaves e irritáveis de Seong-Jae seguiram Malcolm da sala, música de fundo confortável para uma rotina que não mudava muito, não importa onde eles estivessem. No momento em que Malcolm vestiu um terno limpo, pressionado na tábua de passar de cortesia, Seong-Jae havia terminado de se barbear e se vestido – e caiu em um silêncio bastante obstinado, como se estivesse se agarrando à sua carranca apenas para fazer uma observação.

Malcolm evitou apontar que era bastante adorável.

Pode realmente fazer Seong-Jae *parar.*

E apesar do beicinho de Seong-Jae, o silêncio entre eles era fácil enquanto eles se dirigiam para o carro e chegaram à estrada coberta de flores silvestres, seguindo o GPS em direção ao marcador para a Penitenciária Estadual de Ohio, outros carros passando por eles com seus pára-choques e capuzes piscando no sol da manhã muito brilhante. Enquanto Malcolm navegava no trânsito matinal, Seong-Jae folheava os arquivos do caso novamente, franzindo a testa enquanto folheava os impressos, ocasionalmente parando para tomar um gole de chá de um copo de isopor do hotel.

Quando a saída deles surgiu, Malcolm olhou para ele, observando a linha pensativa de sua testa. – Apenas certificando-se. Realmente bravo comigo, ou apenas com vontade de ficar de mau humor?

– Não estou bravo com você, mas isso pode mudar se você fizer outro comentário sobre eu estar de *mau humor.* – Seong-Jae murmurou distraidamente. – Levemente irritado com o quão dolorido estou esta manhã, mas principalmente atendendo aos seus caprichos, já que você parece gostar de mim quando estou *irritado.*

Malcolm riu, fixando seu olhar na estrada novamente, deixando a textura pedregosa do volante deslizar contra suas palmas enquanto ele se fundia cuidadosamente em direção à rampa de saída. – Alguns dias eu acho que você gosta de ficar irritado comigo.

– Se eu não o fizesse, haveria pouca substância em nosso relacionamento. – Mas com um som distraído sob sua respiração, Seong-Jae bateu contra as páginas. – Apenas um dos assassinos está preso nas instalações de Youngstown?

– Pelo que li no arquivo, sim.

E Malcolm não pôde evitar uma sensação de desconforto, enquanto o GPS os direcionava por uma estrada sinuosa e em direção a um amplo campo verde cultivado ladeado por árvores, dominado pelas formas bastante imponentes da penitenciária de tijolos: duas seções em forma de estrela ladeando uma octógono central, cercado por uma cerca alta encimada por arame farpado, com uma pista pavimentada marcando um pentágono ao redor do perímetro. A última vez que ele esteve em uma instalação correcional, ele entrou na cena de crime mais horrível que ele já viu em sua vida. Mas ele se obrigou a respirar fundo e guiou o aluguel em direção ao estacionamento fora do perímetro.

– Estamos aqui para ver James Berry, disse ele. – Havia outros listados, mas eles estão em diferentes instalações correcionais em todo o estado ou já

enfrentaram injeção letal. – Uma sensação pesada se instalou em seu estômago, quando ele encontrou uma vaga de estacionamento e aliviou o carro. Berry não seria o primeiro preso no corredor da morte com quem ele falaria em sua carreira, mas todas as vezes o deixava com a sensação assombrosa e abalada de conversar com um cadáver que ainda não sabia o suficiente para parar de se mover. – Berry está carregando mais acusações como o líder do ataque, e aquele que cometeu mais atos que levaram à morte de nossas vítimas. Mas mais acusações significam mais recursos legais, atrasando sua execução.

– Ah. – Seong-Jae ficou quieto, olhando para a pasta aberta em seu colo, antes de fechá-la com uma espécie de firmeza tensa, olhando pela janela. – Vou poupá-lo dos meus pensamentos sobre a pena de morte.

– Eles são parecidos com os meus?

– Dependeria de qual é o seu.

– Eu só... – Malcolm deu de ombros, dobrando as mãos contra o topo do volante. – Eu me pergunto por que fazemos isso. Não é justiça, quando não traz ninguém de volta à vida. Justiça significaria desfazer o mal feito, e isso não é possível. É vingança. Claro e simples. E fazemos isso porque olho por olho nos faz sentir que algo acalmou a dor e criou uma sensação de encerramento. Ele franziu a testa. – Isso… é uma questão de conveniência grosseira. Nenhuma instituição quer continuar a pagar para alimentar, vestir e abrigar alguém que nunca poderá voltar à sociedade.

– ... A perda torna as coisas morais que de outra forma consideraríamos inconcebíveis, – Seong-Jae murmurou distantemente, seus olhos semicerrados. – Perda, e talvez uma certa fome animal por violência e sangue, desde que não sejamos seus alvos.

– Você poderia dizer a mesma coisa sobre as pessoas com quem trabalhamos, disse Malcolm. – Para as pessoas não serem feridas, a violência é como um esporte para espectadores. Alguns de nós, quando somos tocados por ela, mesmo adjacentemente... Nós a sentimos. Sentimos isso o suficiente para não querer perpetuá-lo. Mas alguns de nós estão famintos por isso.

– … Eu não gosto disso.

– Hum? Qual parte?

Seong-Jae virou a cabeça, olhos preocupados fixos no rosto de Malcolm. – Ouvir você dizer assim. 'Nós.' Talvez se tornar um policial, para alguns, ative uma fome latente de violência. Mas isso não é quem você é, Malcolm.

Malcolm conseguiu sorrir. – Você tem certeza disso? Eu realmente teria gostado de socar Joshi. *Realmente*.

Mas Seong-Jae não retribuiu aquele sorriso, apenas o observando com discernimento. – Sim, – ele disse suavemente. – Tenho certeza.

Então, pensou Malcolm.

Agora ele sabia como Seong-Jae se sentia, quando disse que Malcolm tinha mais fé em Seong-Jae do que Seong-Jae tinha em si mesmo. Era uma leveza interessante, ele descobriu, saber que a fé de Seong-Jae em Malcolm era tão forte.

Ele balançou a cabeça, com um sorriso firme, e estendeu a mão para bater levemente na coxa de Seong-Jae. – Vamos lá. Vamos cravar nossa entrada.

Seong-Jae, como sempre fazia, não respondeu em palavras.

Mas ele pegou a mão de Malcolm e a segurou brevemente com muita força, antes que eles saíssem do carro e entrassem no mundo liminar cinza e frio que os esperava do outro lado daquela cerca.

Descobriu-se que abrir caminho não era tão difícil quanto Malcolm previra. Um par de guardas cansados na estação barrando a entrada pela cerca; uma troca de identidades, seu BPD e crachás temporários do FBI, uma reclamação de que se os federais fossem passar, eles poderiam ter ligado antes, murmúrios em um walkie, registro de visitantes, breve explicação – e então os portões se abriram, correntes. link brilhando opacamente ao sol da manhã enquanto se afastava e os deixava entrar, subindo a longa caminhada com um dos guardas seguindo vigilantemente em seu rastro.

Enquanto eles subiam a calçada de concreto, Seong-Jae se inclinou para perto, a pasta debaixo do braço roçando o lado de Malcolm, sua cabeça virando para murmurar contra o ouvido de Malcolm. – Você sabe que usar nossa autorização temporária será relatado de volta. Alguém fará uma verificação cruzada. Joshi saberá onde estamos.

– Quando ele souber, estaremos de volta, – Malcolm sussurrou de volta.

Seong-Jae se achatou em uma linha sardônica. – Algo que estou esperando. Imensamente. Eu aprecio o pensamento de retornar à sua ira.

Malcolm pegou sua risada no fundo da garganta. – Você não precisava vir comigo.

– Sim eu fiz. Alguém tem que mantê-lo longe de problemas. Além do mais. – E Seong-Jae se inclinou para um passo mais perto, o peso pressionando Malcolm, antes de se afastar. – Você realmente acha que eu deixaria você fazer isso sozinho?

Atrás deles, o guarda falou, vibrando com aquela cadência particular do Meio-Oeste que era quase country, mas não exatamente. – Vocês têm algum

tipo de problema acontecendo lá em cima? – Ele perguntou, com o mesmo tipo de suspeita com que ele verificou seus distintivos.

– Estamos absolutamente bem, oficial, – Malcolm jogou por cima do ombro – e então eles foram conduzidos para dentro.

Por um momento, ocorreu-lhe: o cheiro particular de uma penitenciária, fria e um tanto oleosa e espessa; o cheiro de corpos amontoados, suando um no outro, carne supurando dentro da pele e apodrecendo lentamente em osso vivo, o estranho tom metálico que poderia ser o ferro de barras rígidas ou poderia ser a impressão persistente de sangue. E algo elétrico, pungente, cinzas em suas narinas, ele não conseguia explicar... Macio como fuligem, um cheiro de pó, o que mais grudava e entupia o fundo de sua garganta.

Mas por apenas um instante, quando ele cruzou o limiar...

Ele tinha um cheiro doce e pegajoso, enjoativo de sangue coagulado, aquele cheiro espesso e carnudo que o assaltou em Phoenix.

Como se o coelho branco estivesse esperando por eles aqui.

Um pedaço de sua história, uma única página em seu livro, encharcado de sangue e esperando para ser costurado na encadernação do conto maior.

mesa de segurança. Mais check-ins, mais assinaturas, mais IDs e crachás e discussões e explicações. Não, eles não podiam falar com Berry sozinhos. Não, eles não poderiam estar com ele em uma sala de interrogatório. Sim, eles teriam que se contentar em falar com ele sob supervisão e através do vidro, conectados apenas pelos telefones de cada lado.

Malcom suspirou. Não era o ideal, mas…

Teria que servir.

– Sinto falta de Baltimore, – ele murmurou, baixo o suficiente para apenas Seong-Jae ouvir.

– O que você sente falta, disse Seong-Jae, – está sendo mimado quando a Capitã permite que você faça tudo do seu jeito, e não de acordo com o protocolo.

Malcolm fez uma careta para ele. – Sigo o protocolo. Majoritariamente.

– Malcom. – Seong-Jae apenas olhou para ele sem rodeios. – Eu tive que escrever seu relatório de desempenho durante o ano novo. Você certamente não. Então suas sobrancelhas se juntaram. – Você leu mesmo?

– … Uh.

Seong-Jae ergueu o queixo. – No segundo que estivermos de volta a Baltimore vai ler.

– Sim, *senhor*.

Depois: pelos estreitos corredores institucionais, pintados daquela cor que era branca, mas não branca, estranhamente escorregadia, o material por baixo não era estuque ou concreto, mas quem sabe o que estava por baixo daquela camada de osso gomoso. O frio da corrente de ar com cada porta de segurança que só destravava do lado de fora. Os olhares desconfiados de cada guarda que passavam. As luzes do teto que deixavam tudo morto, frio e pálido.

E depois a sala, as mesas compridas, as paredes dividindo-as em cabines, as cadeiras, o vidro, o espaço com paredes de concreto do outro lado, a grossa porta de aço que dava para outro lugar, onde além de sua visão, homens amontoados em gaiolas como ratos.

O guarda que os acompanhava apontou um dedo para uma das cabines. – Sente-se Nós vamos trazê-lo para fora. Apenas espere. – Ele lhes deu um olhar maligno. – Você tem dez minutos.

Em seguida, a batida da porta que eles atravessaram menos de trinta segundos atrás.

A torção e a manivela pesadas das travas de uma fechadura deslizando no lugar.

E eles estavam sozinhos, com a sensação trêmula de espera.

– A hospitalidade, Seong-Jae murmurou, – deixa a desejar.

Malcolm esboçou um sorriso e puxou a manga de Seong-Jae, balançando a cabeça. – Vamos lá.

Malcolm roubou uma segunda cadeira de uma cabine vazia; os outros estavam todos desertos, e ele se perguntou se era cedo demais, ou se as pessoas ali haviam sido guardadas para serem esquecidas até que, quando a areia acabasse em suas ampulhetas, qualquer um que pudesse ter sentimentos persistentes por suas mortes já havia sofrido e seguido em frente.

Eles se acomodaram para esperar, apoiados em suas cadeiras, nenhum som na sala a não ser, em algum lugar distante, o ruído mecânico lento e trabalhoso de ventiladores, manipuladores de ar. Até que a porta do outro lado do vidro chacoalhou em sua moldura, seguida por um som mais oco e fantasmagórico de correntes, como se o fantasma do Natal algo ou outro tivesse parado para uma visita. Uma luz vermelha sobre a porta abriu seu olho sinistro, antes de se abrir em uma moldura maciça.

Um homem atarracado em laranjas de prisão passou por ali, algemado nos braços e tornozelos com correntes que se estendiam entre as pesadas algemas em torno de seus pulsos. O guarda em suas costas o cutucou com um porrete contra sua espinha, antes de entrar atrás dele e fechar a porta, posicionando-se firmemente na frente dela mesmo quando ela se fechou e se trancou automaticamente com um *chhk pesado*.

O prisioneiro deu alguns passos apáticos à frente, a cabeça calva abaixada, a fraca luz branca brilhando nela — pele envelhecida e flácida, uma pitada de barba grisalha, as linhas desbotadas das tatuagens sobre o crânio, a bochecha. Seu rosto parecia ter sido duro no passado, mas o tempo e a penitência o lixaram e o erodiram até que as faces das montanhas e os penhascos se suavizaram em penhascos de bordas arredondadas.

Ele parou, levantando a cabeça, olhando para Malcolm e Seong-Jae com cautela, antes de virar um olhar quase suplicante para o guarda como se perguntasse: *Eu realmente tenho que fazer isso?*

O guarda apenas olhou através dele impassível, e com um suspiro longo e pesado, o homem se virou e cruzou a última distância para afundar no assento do outro lado do vidro, olhando para eles sem dizer uma palavra.

Malcolm começou a falar, mas uma *mudança* ao seu lado o fez parar, como se Seong-Jae tivesse subitamente carregado, irradiando uma energia negra e silenciosa, e Malcolm franziu a testa, olhando para seu parceiro.

Mas Seong-Jae estava olhando para o prisioneiro, seus olhos fixos e planos, algo tenso e alerta até que ele parecia um caçador de asas negras pronto para mergulhar, garras estendidas, em uma presa em fuga.

OK.

Seu omr-am não estava muito bem, pensou Malcolm, mas eles tinham dez minutos para terminar... Então é melhor Malcolm falar.

Ele alcançou o fone pendurado na parede e acenou para o gêmeo do outro lado. Enquanto Malcolm colocava o fone no ouvido, inclinando-se para que Seong-Jae pudesse captar o som do fone, o prisioneiro relutantemente fez o mesmo, observando-os com um estranho ar de perplexidade.

– James Berry? – perguntou Malcom.

– Jim, – ele disse lentamente. Sua voz estava áspera com um leve sotaque, um pouco arrastada enquanto sua língua se movia nas lacunas onde seus dentes superiores e inferiores da frente costumavam estar. Era estranho ver seus lábios se moverem, mas ouvir o som no ouvido de Malcolm. – A maioria das pessoas me chama de Jim. – Então ele franziu a testa. – Vocês não são repórteres, são ? Geralmente são os repórteres que vêm me ver. – Sua carranca se aprofundou, sulcos duros em sua testa, vincos afiados nos cantos de sua boca. – Eles iam fazer um programa de TV sobre isso . Talvez eles fizeram. Eu não sei. Eu não falaria com aquela senhora. Não parecia certo.

Seong-Jae fez aquele som de *tch* suave, mas baixo, quase inaudível, quente de desdém.

Malcolm gentilmente cutucou sua coxa sob a mesa com o joelho. *Não vamos colocá-lo no limite.* Para Berry, porém, ele disse: – Nós somos o FBI. Está

claro que você já adivinhou que estamos aqui por causa do caso Christiansen. Precisamos fazer algumas perguntas sobre os eventos daquela noite.

E então Seong-Jae jogou a pasta fechada na mesa; aterrissou com uma *pancada forte* e, embora Berry não pudesse ter ouvido do outro lado do vidro à prova de som, ele ainda pulou, estremecendo, olhando para a pasta como se ela fosse atravessar a barreira grossa para mordê-lo.

– Eu já contei muitas coisas para muitas pessoas, disse Berry. Arejado; essa era a melhor maneira de descrever sua voz, as respirações que ele tomava para falar correndo pelos espaços entre os dentes. – Não sei o que posso dizer que ninguém mais já tenha ouvido.

– Nós não somos outra pessoa, Jim, – Malcolm disse. – E estamos seguindo uma pista diferente. Você não pode assistir TV aqui, não é?

– Eu? – Desconsolado, aquela pitada de humor irônico. – Eu fico em uma caixa menor do que um armário. Esta é a primeira vez que consigo ficar em pé em um mês. Você acha que temos Pay-Per-View lá? Não. Não aqueles como eu.

– Como você, – Seong-Jae repetiu categoricamente, quase um silvo sussurrado, mas deve ter sido carregado porque os olhos castanhos lamacentos de Berry dispararam para ele.

– O pior, – Berry disse sem sombra de dúvida. – As pessoas onde não importa o quão limpo estejamos. Como lamentamos. Somos veneno para sempre.

– Se você sente muito, – Malcolm interveio, – fale conosco. Porque o que você não consegue ver na televisão é que há um homem lá fora matando mais pessoas do que você já viu em sua consciência. Há uma conexão com o que você fez com a família Christiansen, mas precisamos descobrir o que é. Então preciso ouvir sua história, Jim. Eu preciso que você me diga por que você foi até a casa de Sam e Wendy Christiansen, bateu na porta deles e brutalizou aquela família inteira.

Berry fechou os olhos, os lábios se esticando em uma careta de dor.

– Você sabe como cortar, não sabe.

– Estou apenas descrevendo o que aconteceu.

– Sim. – Berry suspirou, abrindo os olhos novamente. – Sim, você é. – Ele parou, considerando longos momentos, então olhou para Seong-Jae novamente; o que quer que ele visse no rosto fervendo e petrificado de Seong-Jae parecia resolvê-lo, e embora sua voz rolasse no ouvido de Malcolm, era mais como se ele estivesse falando com Seong-Jae, o olhar nunca quebrando aquele caminho bloqueado entre eles. – As coisas ficaram tão fodidas. Havia um cara grande encarregado de toda a operação lá em Parma, poucos outros

lugares ao redor. Todos o chamavam de Castiçal. – Ele bufou sem rir, sem graça.

– Cauldwick. Esse era o nome dele. Cauldwick. Ele tinha essa... Coisa. Desta forma sobre ele. Você estava com medo dele, mas você o amava também. Ele cuidou de você. A menos que você tenha fodido com ele. Então ninguém nunca quis fodê-lo.

Sim, pensou Malcolm, e se perguntou se, enquanto eles falavam, Huang havia cedido aos ferimentos e morrido... Ou se ainda estava aguentando. *Eu conheço esse tipo.*

– Então nós éramos os caras dele, – Berry continuou. – Então, quando alguém avisou os policiais sobre um dos locais para nossas casas de cozinha, eles o pegaram lá... Deu errado. Muitos caras se aproximaram para protegê-lo, levaram um tiro, e então Cauldwick levou um tiro também. Bem na cabeça. Sem volta. Todo mundo estava muito, muito louco. – No entanto, ele não parecia zangado. Ele parecia triste, arrependido, e deixou seu olhar se desviar de Seong-Jae, vagando pela sala como se estivesse absorvendo e imprimindo cada detalhe do mundo fora de sua jaula. – Tínhamos um cara lá dentro. Policial sujo. E ele nos avisou que era um cara, um cara das finanças suburbanas, que nem usou a linha anônima como se estivesse sendo esperto. Ligou e deu o nome dele e tudo. Disse que seu filho lhe contou, disse que estava fazendo tarefas para 'os homens maus' e levando saquinhos para as casas das pessoas em sua bicicleta por um dinheirinho extra para doces. *Dinheiro doce.*

– Você não achou que era um pouco suspeito? – Perguntou Malcom.

– Que ele não era anônimo. Que ele se identificou tão claramente.

– Na época, eu não pensava nada, mas que alguém tinha que voltar para Cauldwick. – Berry balançou a cabeça. – Eu estava louco como uma maldita vespa. Não pensando direito. E sim, eu estava fora da minha maldita mente e pronto para alguma violência. Nosso cara, ele entregou as informações sobre a família, nomes e descrições. Assemelham-se. Nosso cara que lidava com as mulas disse que havia apenas um garoto que se parecia com aquele que ele descreveu administrando nossas coisas. Pequeno galho magro. De aparência estranha, o cabelo era quase maldito branco. A maioria de nós não fode com as crianças, mas coisas estranhas como essa chamam sua atenção. Acho que me lembro de vê-lo uma ou duas vezes. Ele parou de olhar em volta, olhou diretamente para Malcolm. – O que você quer dizer, suspeito?

– Nenhuma coisa. Termine a história, Jim.

– Eu... – Berry tinha um pescoço grosso, músculos sólidos, e inchava nas laterais com a flexão do tendão enquanto ele engolia. – Quero dizer, você sabe

o resto, certo? Nós os emboscamos. Como se fosse uma brincadeira de Halloween. Toque a campainha e se esconda. Só que não gritamos 'doces ou travessuras'. Nós empurramos aquele cara para dentro e quebramos a cabeça dele. Rasgamos a sala de estar. Esposa vem correndo, nós dividimos o crânio dela também. E acho que acordamos as crianças, porque então a garotinha sai e começa a chorar 'Mãe...? *Mãe!* ' antes que o garotinho saia e comece a gritar, apenas parado lá e berrando para o inferno. – Ele respirou estremecendo. A esclera de seus olhos tinha o tom amarelo de linho manchado e apodrecido pela água, molhado e ficando cada vez mais úmido com cada palavra que ele dizia.

– É como um sonho, o que fizemos com eles, crianças. O que *eu* fiz. Mesmo todos esses malditos anos depois, cada detalhe está bem ali, mas é como se eu estivesse vendo isso acontecer através da mente de outra pessoa. Eu estava chapado pra caralho e digo a mim mesmo que se estivesse sóbrio eu nunca teria, mas nunca teria, não importa, não é? Eu fiz isso. Eu não posso esquecê-lo. Nunca mais cheirei desde então, mas isso não apaga a memória. – Os ombros de Berry tremiam agora, sua mão descansando sobre a mesa com a corrente se estendendo em direção ao fone e estremecendo o suficiente para fazer os elos chacoalharem e deslizarem contra o papelão, o som flutuando pequeno e fino através do telefone. – Eu nunca paro de pensar nessas crianças, senhor. Nunca.

– Garoto, – Malcolm corrigiu suavemente. Um risco, quando se tratava de informação confidencial, mas ele *precisava* saber o que Berry sabia. – Mik Christiansen sobreviveu. Você só tem um em sua consciência.

Berry o encarou por vários segundos, nos quais Malcolm viu a esperança brilhar em seus olhos e morrer com a mesma rapidez - um fósforo aceso apenas para se apagar.

– Um é o suficiente, – Berry disse severamente. – Mas você não precisa mentir para tentar facilitar as coisas para mim. Não sei por que você faria isso. – Ele inclinou a cabeça como se estivesse orando, adorando em um altar de arrependimento. – Eu vi o que eu fiz. A forma em que essas crianças estavam... – Sua voz embargou. – Eu sei que eles estavam mortos, senhor. Ambos.

Ele ergueu os olhos sem levantar a cabeça, o olhar assombrado fixo em Malcolm com o impulso de uma lança enquanto olhava para Malcolm com o olhar de alguém que sabe o dia e a hora de sua morte.

– Veja. Estou no corredor da morte. Eu mereço isso, – Berry sussurrou.

– Deixe estar.

– Eu posso respeitar isso, disse Malcolm.

Respeite-o, mas não o abandone totalmente.

Desculpe não importava em casos como este.

Fazer o que era certo fez.

E Malcolm pegou aquela pasta que Seong-Jae tinha derrubado, puxando-a com uma lâmina sibilante de papel para laminar. – Mas eu preciso te perguntar mais uma coisa. – Ele abriu o arquivo; a página mais alta era a foto tirada de Mik Christiansen depois da entrada da polícia, e ele a ajustou entre os dedos, virou-a e apertou-a contra a janela. – Você já viu esse garoto antes?

Berry se encolheu como se tivesse levado um golpe vital no peito, seu corpo inteiro se curvando para frente. Sua cabeça virou para o lado, olhos redondos fixos desesperadamente para o lado.

– Eu... – Ele engoliu em seco, um som alto e áspero. – Eu sinto Muito. Eu não posso olhar para isso.

– Jim—

– Eu *não posso.* – Berry fechou os olhos, balançando a cabeça ferozmente, o fio espiral do telefone chicoteando contra seu pescoço. – Eu deito no meu beliche à noite e os vejo. Eu os *vejo*, você me entende? Me encarando. Esperando que eu morra. – O próximo ruído incoerente que escapou de seus lábios beirava um soluço. – Eu não posso vê-los enquanto estou acordado também. Eu sei que eu mereço. Mas não *posso.*

Seong-Jae quebrou seu silêncio intencionado e frio com o barulho alto de sua cadeira enquanto a empurrava lentamente para trás - deixando espaço para ele se inclinar para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e olhando para Berry com um olhar fixo e sem piscar, as bordas de cada íris negra afiado para uma agudeza de corte que transformava cada olhar em uma arma de corte.

E quando, sem uma palavra, ele estendeu a mão para Malcolm para o telefone, Malcolm hesitou por um instante.

Ele conhecia aquele olhar no rosto de Seong-Jae. Algo o levou a um ponto de ruptura – e foi quando Seong-Jae estava mais quieto que ele estava mais imprevisível.

Mas Malcolm confiava em seu parceiro.

Então ele afastou o telefone do ouvido, o som rouco da respiração de Berry sumindo, e esticou o fio pelo corpo para colocar o fone na mão de Seong-Jae.

Sem nunca tirar o olhar de Berry, expressão fixa em pedra feroz e exigente, Seong-Jae levou o telefone ao ouvido. – Senhor. Berry. – Aço. Insistente. Cada palavra quase desafiava Berry a olhar para ele. – Sinto pena do homem que você é agora. – Sua voz caiu, fervendo, pesada. – Mas não tenho

nada para o homem que você era então. – Ele pressionou a mão livre no vidro atrás da impressão com a foto do menino, empurrando a mão de Malcolm para longe e espalhando os dedos como se tentasse empurrar o papel através do vidro. – E o homem que você era então precisa olhar para essa foto.

Berry fechou os olhos com mais força, os lábios tremendo. – Não. – Malcolm mal podia ouvir pelo fone, a voz estreita de um rato.

– Isso não foi um pedido, – Seong-Jae rosnou. – Se minha irmã morrer porque você se recusa a olhar, eu não vou esquecer.

A malícia, o ódio, na voz de Seong-Jae eram forças palpáveis com uma gravidade própria, arrastando Malcolm de observar Berry para encarar Seong-Jae. No entanto, pareceu capturar Berry também, porque ele virou a cabeça, seu olhar cheio de culpa se fixando em Seong-Jae com confusão, horror, algo próximo ao terror.

Mas Seong-Jae não terminou.

– Vou me certificar de que a vida dela o assombre de maneiras que você não pode imaginar, ele sussurrou - e enquanto falava, ele se levantou lentamente da cadeira, a luz fria e áspera do quarto tomando sua sombra e transformando-a em uma cortina caindo sobre a tabela; em Berry. – Tudo o que você fez, tudo o que você deixou em seu rastro, não é simplesmente o passado. É um *legado*. – Cada palavra como uma bala, mirada e acertando com precisão, seu olhar sem piscar nunca vacilando. – E um legado vive em cada vida que você ajudou a destruir. Em cada monstro que você criou. – Sua mão bateu contra o vidro, farfalhando o papel, quando ele se inclinou para mais perto, seus dentes à mostra. – *Eu* sou um desses monstros, James Berry. Agora *olhe* para o que você fez.

– C-como eu...? – Sob sua pele corada, Berry ficou pálido, olhando para Seong-Jae impotente. Malcolm se aproximou, ouvindo aqueles sons finos pelo telefone, combinando-os com os movimentos de seus lábios. — Eu não... Eu não conheço você.

– Não, – Seong-Jae rosnou ao telefone. – Mas sua influência alcançou minha vida mesmo assim. Você tirou de mim coisas que não pode *compreender.* Você me deve isso. Veja. A. Porra. Foto.

Congelado, Berry apenas olhou para Seong-Jae como se Seong-Jae fosse o rosto de todos os pesadelos que o assombraram nos últimos vinte anos.

Antes com um gemido, ele desviou o olhar para a impressão pressionada contra o vidro, tenso como se já esperasse ser atingido.

Mas então um olhar de confusão cruzou seu rosto, franzindo as sobrancelhas e franzindo a boca.

– Eu não... – Berry balançou a cabeça lentamente, lançando um olhar para Malcolm como se estivesse implorando por algum tipo de ajuda; para algum tipo de alívio do ácido do olhar de Seong-Jae corroendo por ele. – Você deve ter confundido as fotos da cena do crime. Isso é... Não é ele. Estou certo disso. Eu conheço o rosto dele. Eu sei que o matei, senhor. Aquele brilho molhado em seus olhos ameaçou se transformar em mais, brotando em gotas trêmulas como chuva pegando em um painel de vidro. – Eu odeio isso. Eu odeio isso, mas eu *sei.*

Malcolm quase esqueceu como respirar.

Sua intuição não estava errada.

Se a criança naquela fotografia não era Mik Christiansen, então só poderia ser uma outra pessoa.

– Então *quem é esse?* – Seong-Jae exigiu, implacável.

– Seong-Jae, – Malcolm murmurou, estendendo a mão para tocar a parte de baixo do braço de Seong-Jae, pegando seu calor através do couro macio de sua manga.

Seong-Jae não estava com raiva.

Ele estava *sofrendo*, e Malcolm não teve que pensar muito para descobrir o porquê. Mas se ele não se controlasse, eles se veriam expulsos antes que seu tempo acabasse, e aquele sentimento inquieto e inquieto dentro de Malcolm precisava disso.

Precisava disso para chegar à sua conclusão inevitável, para apagar qualquer dúvida e dizer-lhe que estava avançando no caminho certo, sua bússola apontada para a direita e para a direita.

Seong-Jae estremeceu, olhando para Malcolm; sua expressão ficou em branco, antes que ele piscasse, parecendo voltar a si mesmo com uma respiração trêmula. Um aceno sutil disse tudo a Malcolm:

Sim, eu entendo.

Lentamente, Seong-Jae afundou em sua cadeira novamente, e Malcolm se inclinou para mais perto dele, braço com braço – ambos para oferecer a Seong-Jae o conforto do toque, e para que ele pudesse ouvir Berry melhor enquanto o homem os observava, sua expressão tão perdido beirava a infantilidade. Seong-Jae deixou a foto cair, caindo em cima dos outros documentos, o rosto assombrado daquele garoto olhando para todos eles como uma acusação e sentença final em uma fotografia condenatória.

Malcolm se inclinou para frente, batendo na página, e virou a cabeça para falar ao telefone sem tirar os olhos do rosto caído de Berry. – Eu preciso que você seja muito claro para mim, Jim. Eu preciso que você me diga sem dúvida – e me diga com sinceridade – que este não é o garoto que você matou.

Ao ver *você morto,* Berry fez uma careta, doeu, e fechou os olhos. – Não, a menos que eles o reconstruam em menos pedaços do que eu o deixei.

Qualquer empatia que Malcolm sentisse pelo claro remorso de Berry, pela luta de enfrentar o que ele havia feito como um viciado preso em um sistema corrupto, endureceu em um instante.

– Isso foi uma criança, disse ele calmamente. – O filho de outra pessoa, e se você acha que é uma misericórdia que pelo menos Sam Christiansen não esteja vivo para sentir falta de seu filho, você está errado. Então, eu agradeceria a você que não fosse tão superficial.

– Eu sinto Muito. – Berry inclinou a cabeça para a frente, e aqueles glóbulos de lágrimas se derramaram à medida que a tensão superficial quebrou seu domínio trêmulo e os enviou correndo para o poço e se acumulando nos poros grossos das bochechas de Berry. – Eu não... Quero dizer isso assim. Estou apenas sendo honesto. Estou lhe dizendo por que não há como ser ele, a menos que essa foto tenha sido tirada antes de eu... Fazer o que fiz. Você não quer que eu diga isso, senhor. Você não quer essa imagem na sua cabeça.

Não. Malcolm não. Não quando abaixo da calma que ele estava mantendo tanto para ele quanto para Seong-Jae, seu intestino balançava em redemoinhos lamacentos.

Seong-Jae cutucou o telefone um pouco mais perto. – E você tem certeza de que não sabe quem é essa criança? Preciso que *pense,* Sr. Berry.

Berry abriu os olhos miseravelmente, olhando para aquela página. No mínimo ele parecia estar tentando, olhando fixamente sobre a impressão, e Malcolm pôde seguir os contornos das feições do menino no caminho das pupilas de Berry antes de Berry balançar a cabeça.

– Eu não sei, disse ele hesitante. – Ele pode ter... – Seus lábios se torceram. – Eu te disse que não trabalhava com as crianças, sabe? Eu era execução. Alguém trabalhou com as mulas. Você não mandou caras grandes como eu com crianças. As pessoas percebem crianças conversando com alguém que se parece comigo. As próprias crianças ficam com medo, não lembram o que mandam fazer. Como eu disse, eu vi aquele garoto louro e magrelo algumas vezes, mas não perto o suficiente para dizer... Quer dizer... É isso que você está dizendo, não é? Que pode haver dois garotos assim, e eu matei um deles, mas esse está vivo. Mas eu não sei. Eu não posso te dizer merda nenhuma sobre isso. – Ele ergueu a cabeça, seus olhos suplicando a Malcolm que entendesse; ele não olhava diretamente para Seong-Jae, como se Seong-Jae quase o assustasse.

– Tudo o que posso dizer é que não conheço aquele garoto. Eu sinto muito.

– Quem poderia? – Malcolm pressionou. – Quem cuidou das crianças?

– Capitão. Eu não sei qual era o nome verdadeiro dele, mas ele era aquele tipo de Mr. Rogers de fala mansa. Cara de colete de camisola. Acho que ele era realmente um professor. – Por um momento, Berry quase soou melancólico, antes de evaporar novamente em grave miséria. – E você está sem sorte lá. O capitão está morto há muito tempo.

Malcom suspirou. Bem, isso poupou o trabalho de descobrir se algum dos presos sentenciados – vivos ou mortos – era *Skipper.* – Quão?

– Atirou na própria cabeça, – Berry disse sem rodeios – antes que seus olhos se desviassem novamente, e desta vez ele não encontrou o olhar de Malcolm. – Às vezes você não pode viver com o que você fez.

– Você já tentou, não é. Malcolm inclinou a cabeça. – E claramente não teve sucesso.

Os dedos de Berry apertaram o telefone até que a carne rangeu contra o plástico. – Lençóis na minha cela, ele sussurrou. – Não sei por que eles me pararam. Planejando colocar aquela agulha no meu braço, não é? Eu estava apenas salvando o trabalho. Ele sorriu, então; uma coisa terrível, medonha e cheia de dor. – Por que demora tanto para chegar a alguém no corredor da morte, hein? Por que temos que ficar nessas celas por anos?

Malcolm considerou sua resposta. Ao lado dele, Seong-Jae vibrou com um silêncio pesado e raivoso, mas Malcolm achou que ele não diria nada. Malcolm não tinha certeza *se* deveria dizer alguma coisa... Mas no final, ele só podia ser honesto.

– Para que ninguém cometa um erro que não possa voltar atrás, disse ele.

Berry exalou lentamente, seu corpo maciço cedendo, e ele enxugou o rosto molhado com dedos grossos e um chacoalhar de correntes. – Respondi às suas perguntas. – Formal, apesar daquela voz grossa e arrastada. – Posso ficar sozinho agora, por favor?

Houve um momento em que Seong-Jae deu um leve puxão para frente, os pés de sua cadeira raspando, antes de parar como se tivesse pegado e puxado para trás em sua própria coleira, os lábios entreabertos o suficiente para mostrar a linha cerrada de seus dentes. Malcolm estudou seu parceiro em silêncio; ele entendia aquela raiva, mais do que entendia, mas simplesmente não conseguia encontrar a energia para ela dentro dele; não conseguia nem mesmo encontrar a energia que o impulsionou para fora daquela janela e para este caminho desonesto ontem de manhã. Aquele

obelisco frio de raiva dentro dele estava desmoronando sob o peso de algo ainda mais pesado, algo esmagador:

Tristeza.

Às vezes, estar certo era quase pior do que estar errado.

Ele preferia estar errado sobre quem Sila realmente era do que saber com certeza que aquele garoto, Mik Christiansen, se foi.

Sinto muito, ele pensou para um menino que não podia ouvi-lo, que tinha partido metade da vida de Malcolm, que teria quase a idade de Seong-Jae se estivesse vivo. *Nunca houve qualquer chance de eu ter salvado você... Mas saber a verdade sobre você pode salvar tantos outros.*

Malcolm empurrou sua cadeira para trás; seu tempo estava quase acabando de qualquer maneira. Ele não se despediu de Berry. Ele apenas enrolou a mão sobre a de Seong-Jae, contra o telefone; o plástico estava quase escorregadio com o calor do aperto feroz de Seong-Jae.

– Nós devemos ir, – ele murmurou.

Seong-Jae não respondeu.

Ele apenas colocou o telefone em silêncio, muito deliberadamente no gancho, sem tirar os olhos do rosto de Berry enquanto fechava a pasta com movimentos incisivamente prolongados e o guardava dentro do casaco.

Antes que ele se levantasse e girasse nos calcanhares com precisão militante, o corpo alto se movendo com a graça espreitadora de uma garça de caça enquanto se afastava.

Seong-Jae não respirou até que eles passaram pelo portão de segurança externo, derramando-se sob um céu muito brilhante e um sol muito cheio para a escuridão dentro dele.

Oleoso. Poço. Descontrolado. Um poço de alcatrão borbulhando e ameaçando transbordar e cobrir tudo com sua feiúra pegajosa, manchando o mundo inteiro tão negro quanto o interior de sua cabeça.

Por um momento, apenas por um momento, ele teria visto James Berry morto de bom grado.

E não era quem ele queria ser.

O arrastar suave dos passos de Malcolm, sapatos sociais na calçada, o alcançaram – antes que mãos quentes e familiares o tocassem, agarrassem seus braços por trás, gentilmente o guiassem para encarar Malcolm; parar, olhando para aqueles olhos azuis de ardósia preocupados que pareciam como se seu calor pudesse queimar sozinho qualquer vestígio de sombra fria dentro de Seong-Jae.

Se ao menos pudesse ser tão fácil.

– Ei. Inspire por mim. Desacelere. – Os dedos ásperos e reconfortantes de Malcolm embalaram o rosto de Seong-Jae; Malcolm tinha uma maneira particular de *segurá*-lo daquele jeito que reduzia o mundo inteiro de Seong-Jae a Malcolm, seu campo de visão capturado entre aquelas mãos e travado naquele rosto amado, suas percepções sensoriais fixando-se nos calos das palmas de Malcolm contra sua pele, a forma como as pontas de seus dedos sempre mal brincavam com as franjas do cabelo de Seong-Jae, a forma como seu cheiro pedregoso e masculino se intensificava quando enjaulado entre eles dessa maneira. – Você está aguentando? Você está bem?

Ainda não.

Mas respirações lentas e calmantes. Lembrando a si mesmo que isso era *agora,* e ele tinha um caso para se concentrar…

E ele seria.

Contanto que ele tivesse Malcolm para apoiá-lo, ele estaria bem.

E estava perto o suficiente da verdade quando ele conseguiu dizer: – Eu sou. Ao olhar duro e inquisitivo de Malcolm, uma sobrancelha espessa e duvidosa, Seong-Jae conseguiu dar um leve sorriso. – Eu sou. Juro.

Ele se inclinou mais forte em Malcolm, pressionando em seu toque, curvando suas mãos contra os pulsos de Malcolm, as saliências duras de seus ossos de pulso pressionando as palmas de Seong-Jae através dos punhos da camisa de Malcolm.

– É... – Seong-Jae engoliu em seco, garganta seca. – Simplesmente me ocorreu que este homem era um dos muitos dominós tombados para formar um... – Ele lutou por palavras. – Um mapa, nas linhas colocadas atrás. Um mapa que eventualmente levou Sila até mim, e talvez também o tenha levado

por aquele caminho sombrio para o vício. Um evento em tantas cadeias de eventos que poderia ter... Poderia ter mudado tanto.

Quando Malcolm se inclinou para ele... Foi como se Seong-Jae pudesse sentir o oceano profundo e interminável das emoções de Malcolm movendo-se com as marés daquele corpo musculoso. Ele nunca tinha conhecido alguém com tanta empatia como Malcolm tinha, até se ele confiasse em alguém para entender, quando Malcolm assumiu a dor dos outros como se fosse a sua própria…

Ele confiava em Malcolm.

– Nós não podemos desfazer o que aconteceu então, – Malcolm sussurrou, a voz profunda uma coisa de granito gravada com as marcas mais suaves de simpatia, mágoa. – Mas podemos mudar o que acontece a seguir.

– Podemos. Devemos. – Mas Seong-Jae não podia deixar Malcolm sofrer por ele. Não quando Malcolm tinha suas próprias dores, e Seong-Jae apenas se questionou por um instante antes de soltar os pulsos de Malcolm - e passou os braços em volta dos ombros, enfiando os dedos nos fios de cabelo grisalho que escapavam. O nó na nuca de Malcolm e guiando Malcolm para dentro. Oferecendo seu ombro, se Malcolm quisesse. – Você me perguntou se eu estou bem, – ele murmurou. – Mas você não me disse se está.

Malcolm sorriu levemente – mas então aquele sorriso desapareceu, escondido pelo arco de sua cabeça enquanto ele o apoiava no ombro de Seong-Jae. – … Você poderia simplesmente perguntar, 'ei, Mal, você está bem?'

– Já disse o que disse e não vou reformular. Pare de desviar.

A estrutura pesada do velho lobo balançou contra Seong-Jae com uma risada curta e quase silenciosa, apenas algumas respirações ásperas. – Não. Eu não estou bem. Berry pode ter tentado nos poupar dos detalhes, mas minha imaginação é um canalha. Eu *sei que* isso foi décadas atrás. Nada a ser feito. É história. Mas eu... – Ele afastou uma mão de Seong-Jae, fechou-a em punho, bateu-a sobre seu peito largo exatamente onde aquele coração poderoso e lindo estava. – Eu sinto isso aqui. Como agora. Como se eu tivesse falhado com Mik Christiansen de alguma forma. Eu provavelmente nem estava neste *país* quando ele morreu. Eu ainda era um soldado, não um policial.

Instintivamente, Seong-Jae gravitou para aquela tatuagem de insígnia do Exército no braço de Malcolm, escondida debaixo de sua roupa. Ele sabia de cor, tinha traçado mil vezes enquanto Malcolm dormia enquanto Seong-Jae memorizava Malcolm com a ponta dos dedos. E ele reconstituiu aquela memória agora, seguindo aquele lembrete das coisas que Malcolm tinha feito para lutar pelos outros; manter-se fiel aos ideais que o tornaram o homem que era agora.

– Você não pode salvar todo mundo, Malcolm, disse Seong-Jae. – Mas se desvendarmos essas estranhezas em torno da morte de Mik Christiansen, ainda podemos evitar que muitas outras vidas sejam perdidas. Não há retrocesso. Só para a frente.

– Não para trás... Apenas para frente. Eu sei. – Com uma respiração profunda, Malcolm assentiu levantando a cabeça. Aqueles olhos azuis ardósia estavam sombreados... Mas claros e resolutos. – Então vamos em frente. O que falar com Berry nos diz?

Seong-Jae levantou a cabeça, olhando para os olhos vermelhos das câmeras de segurança alinhadas no topo da cerca. – Talvez devêssemos migrar essa discussão para o carro.

– Justo.

Relutantemente, Seong-Jae se separou de Malcolm, embora andassem quase de braços dados de volta ao aluguel; o peso da pasta dentro da jaqueta de Seong-Jae parecia muito pesada, e quando eles se acomodaram no Prius Seong-Jae puxou-a e abriu-a em seu colo. A página mais alta, a foto do menino, olhava para ele, e ele se perguntou se estava imaginando o que achava ter visto naqueles olhos arregalados.

Sob o olhar assustado de um menino traumatizado...

Risadas silenciosas.

Como se Sila alcançasse o passado e dissesse, *eu vejo você.*

Eu vejo você, e em breve vou envolver minha mão em sua garganta.

Ele exalou, folheando aquela página e as cópias dos documentos do tribunal. – Temos duas linhas de fatos fortemente conflitantes que não podem ser ambos verdadeiros. James Berry não pode ter certeza de que matou Mik Christiansen quando temos registros de Mik Christiansen sendo levado para o sistema e sendo colocado em proteção a testemunhas como Lucas Aleks.

– A única coisa que possivelmente torna isso verdade é que estamos certos, disse Malcolm. – O garoto que se tornou Lucas Aleks nunca foi Mik Christiansen. Ele apenas tomou o seu lugar.

– Joshi vai, para usar um coloquialismo inglês delicioso, 'merda em tudo isso'.

– O que significa que precisamos trabalhar as razões pelas quais isso pode estar errado e, em seguida, refutar cada uma delas.

Seong-Jae suspirou. – Quanta evidência será suficiente? Parece que nada do que fazemos vai convencê-lo.

– Algo tem que. Não podemos continuar nestes mesmos círculos. Assim. – Malcolm se acomodou mais fundo no banco do motorista, o volante parecendo como se o prendesse no banco muito pequeno. – O mais óbvio é

que o testemunho de James Berry não é totalmente confiável. Ele mesmo admitiu que estava drogado com alguma coisa, provavelmente cocaína, quando atacou os Christiansen. Matar Mik Christiansen pode ter sido um sonho de cocaína. Ele machucou o menino, mas não o brutalizou tanto quanto ele se lembrava.

– Plausível, disse Seong-Jae. – O suficiente para Joshi jogar fora toda essa linha de raciocínio. Outra possibilidade é que Mik Christiansen *foi* espancado severamente, mas conseguiu sobreviver contra todas as probabilidades. Berry o deixou para morrer, mas não percebeu que ele estava apenas inconsciente e preso por um fio.

– Eu não sei sobre esse. – Malcolm estendeu a mão entre eles e virou a página com a fotografia do menino de costas. – Olhe para ele. Não é um menino que quase foi espancado até a morte.

Franzindo a testa, Seong-Jae se obrigou a olhar novamente. Obrigou-se a parar de ver *Sila* e simplesmente veja a evidência à sua frente; o sangue manchado em seu rosto, a sujeira. Por baixo disso, leves marcas arroxeadas.

– ... Pequenas contusões e hematomas, disse ele lentamente. – Não acredito que ele esteja gravemente ferido. O sangue não parece vir de nenhum ferimento aparente em sua pessoa.

– Então, estamos de volta a James Berry e testemunho não confiável. James diz que matou um menino; temos uma pessoa viva que diz que não. Assim-

Malcolm parou quando seu toque soou de dentro de seu casaco. Nenhum dos toques especialmente designados que Seong-Jae tinha vindo a reconhecer, também, e a expressão no rosto de Malcolm dizia o mesmo: um intrigado *Quem estaria me ligando agora?*

Levantando um dedo, Malcolm pegou seu telefone, passou um número sem nome no identificador de chamadas e respondeu: – Detetive Khalaji, BP – er, FBI.

Ele fez uma pausa, então – e Seong-Jae franziu a testa quando os olhos de Malcolm se arregalaram.

Antes de Malcolm olhar para ele.

E murmurou, *é Hannah Yardley... E ela quer falar.*

7: UM MILHÃO DE PEÇAS

Quando Malcolm parou o alugado do lado de fora da antiga casa de Christiansen, agora a casa de Yardley, não parecia diferente — exceto pelo velho Toyota verde-claro na entrada, um junker que parecia que seus melhores anos haviam sido quando Betamax ainda era uma coisa.

Mas a casa parecia *habitada.*

Uma presença inquieta lá dentro, observando e esperando.

Malcolm estacionou o carro alugado no meio-fio, então olhou para Seong-Jae. – Esta pronto?

– Eu tenho que ser. – Seong-Jae tamborilou as unhas contra o jeans sobre o joelho, seu olhar preocupado fixo na janela. – Não posso fazer o meu trabalho se não conseguir falar com ex-viciados. Espero que isso nos dê um terreno comum para nos entendermos, em vez de fintar as linhas inimigas.

Malcolm se absteve de apontar que James Berry também tinha sido um ex-viciado.

Para algumas coisas, não havia um terreno comum.

E ele sinceramente duvidava que qualquer coisa que Seong-Jae tivesse feito durante suas lutas com heroína pudesse chegar perto das atrocidades que Berry havia cometido.

Então Malcolm apenas sorriu. – Precisa de um palito de dente?

– *Tch,* – Seong-Jae retrucou. AKA, *cale a boca.*

Mas depois de um momento rabugento, ele enfiou a mão no bolso interno do casaco, saiu com um palito de dente - verde desta vez - e, amuado, o prendeu entre os dentes.

– Sabe, – Malcolm apontou, – eu ouvi pirulitos ajudarem com a parte de fixação oral do cigarro cravi—

– *Cala a boca,* – Seong-Jae disse sem rodeios desta vez.

Malcolm começou a sorrir, mas então percebeu um movimento quando a porta da frente se abriu em movimentos furtivos e incertos. A princípio ninguém apareceu, antes que uma mulher se esgueirasse como um camundongo com um olhar atento para qualquer gato à espera: altura média, tão finos que os tendões de seus pulsos formavam uma linha reta de conexão visível até o bico de navalha de seu cotovelo, sua palidez pele manchada com

os rastros de velhas cicatrizes. Cabelos ruivos desbotados, mais próximos do louro-avermelhado, despejados escorridos, mas limpos, cachos escovados pelos ombros, emoldurando um rosto pontudo e cansado com olhos verdes cautelosos em um tom estranho que beirava o cremoso; musgoso. O mesmo tom estranho que o de Katie. A mulher podia ter trinta ou cinquenta anos, pelo desgaste de sua pele e pelas rugas ao redor de seus olhos que a deixavam ao mesmo tempo envelhecida e sem idade.

Ela abraçou seus braços para si mesma, sua camiseta enorme amontoando e ensacando contra seu peito estreito, a bainha levantando sobre shorts rasgados; ela arrastou os pés com sandálias sobre o tapete de boas-vindas enquanto os observava com expectativa.

Malcolm inclinou a cabeça para Seong-Jae. – Parece que estamos acordados.

– Só espero que não estejamos ressurgindo as velhas dores de outra pessoa por nada.

– Eu também, disse Malcolm, e empurrou a porta do carro.

Enquanto subiam os degraus juntos, Hannah Yardley ofereceu-lhes um sorriso trêmulo, ainda inquieto e se movendo com tiques nervosos e vacilantes, como se alguma parte de seu corpo tivesse esquecido como ficar parada.

E antes que eles pudessem se apresentar, ela disse: – Vocês são os policiais fazendo perguntas sobre o assassinato de minha irmã e sua família, certo? – Ela sorriu com tristeza, seus lábios ligeiramente esbranquiçados finos. – Katie ligou. Gritou muito comigo. Ela pensou que eu lhe disse para ir vê-la.

Seong-Jae abaixou a cabeça, as mãos enfiadas no bolso do casaco, e apontou a ponta do palito para cima. – Pedimos desculpas por qualquer conflito que possamos ter causado em sua família, senhorita.

– Não. Katie e eu nunca nos demos bem. Ela só tem um motivo real para me odiar agora. – Hannah deu de ombros tristemente, virando a cabeça, olhando para trás e para frente entre Malcolm e Seong-Jae. – Aqui está a coisa, no entanto. Eu nunca vi vocês na minha vida, e eu conheço Parma PD. E Cleveland PD. E metade dos oficiais em Ohio. Neste ponto, eles me prenderam tanto que praticamente chamamos de noite de encontro. – Seus olhos se estreitaram, mas ela parecia menos desconfiada do que divertida. – Mas você parece meio familiar. Então, quem é você, realmente?

Malcolm pesou suas opções e então tomou uma decisão rápida. Eles já estavam condenados; poderia também violar um pouco mais de protocolo.

– Eu vou fazer um acordo, disse ele.

Hannah olhou para ele com curiosidade. – OK.

– Se eu for direto com você, você será direto conosco. Troca equivalente.

Sua boca se moveu vagamente para cima. – Esse é o meu tipo de negócio.

– Somos a polícia de Baltimore, mas estamos trabalhando com o FBI em um caso especial, disse ele sem rodeios. – Você provavelmente já nos viu na TV. É por isso que parecemos familiares.

Seong-Jae pegou seu cotovelo, puxando Malcolm para perto o suficiente para sibilar palavras baixas e sombrias em seu ouvido, palito de dente arranhando levemente a barba de Malcolm. – Joshi vai te matar.

Malcolm virou a cabeça para Seong-Jae. – Já estamos mortos. Vamos apenas ordenhar enquanto temos rédea solta.

– Você não está preocupado em comprometer a segurança deste caso?

– Não enquanto estivermos um passo à frente de nosso suspeito, – Malcolm sussurrou, apenas para o suspiro de Hannah cortá-lo.

– O tiroteio no cinema em Phoenix! – Ela olhou para eles. – Vocês são heróis.

Seong-Jae se endireitou, dando-lhe um olhar de dor e desconforto. – Não particularmente.

– Humilde *e* bonito. – Hannah fez covinhas para Seong-Jae, que a encarou como se ela fosse algum tipo de criatura marinha estranha que ele nunca tinha visto antes, enquanto ela ria, cobrindo a boca com as pontas dos dedos. – Oh, ele parece *tão* desconfortável. É adorável.

Seong-Jae fez uma careta. Malcolm, porém, apenas a observava – o sorriso forçado transformando seu rosto em uma máscara, a forma como suas pupilas tremeluziam.

– É uma espécie de marca dele, – ele murmurou. – E você está com medo e tentando desviar.

– Uau. Então esse é o instinto de navalha de um policial, hein? *assim* atento. – Sua boca se torceu cinicamente, mas ela abraçou seus braços protetoramente mais perto de si mesma.

Não era difícil dizer que ela queria colocá-los na defensiva. Qualquer coisa para não se sentir encurralada. Em menor número.

Capturada.

– Hannah. – Malcolm se aproximou, mas ainda manteve uma distância cuidadosa, mantendo contato visual. – Está bem. Você não está em apuros.

– Isso seria a primeira vez. – Mas a amargura em sua voz era mais honesta do que seus sorrisos, e sua boca se formou em uma linha plana

enquanto ela desviava o olhar, olhando para o pátio com uma sensação de descontentamento desconfortável. – Então, qual é o problema?

– Como você observou, disse Seong-Jae, – precisamos fazer algumas perguntas sobre o que aconteceu com sua irmã, Wendy – e com a família dela.

– … Sim. Katie disse... Você trouxe isso à tona. Os dedos dos pés de Hannah se curvaram contra seus chinelos surrados e surrados, o azul neon em desacordo com o short jeans tie-dye rosa quente e a camisa verde-clara. Ela mordeu o lábio inferior. – Eu já estava... Eles me liberaram. Eu não fiz nada de *errado*.

– Mas você se sente como se tivesse, não é? – Seong-Jae perguntou.

– Eu... Eu não... – Ela se encolheu, seu corpo praticamente ficando côncavo, afundando em si mesmo. – Apenas me diga o que você quer saber. Por favor. Eu não... Por que você ainda precisa de mim? O que eu tenho a ver com esse caso doentio em que você está? É disso que se trata, certo? Aquele que está na TV?

– Infelizmente, – Malcolm disse gentilmente, – há algumas coisas que não podemos revelar. É altamente sigiloso e envolve a segurança de várias pessoas vulneráveis. Mas você pode ter informações que podem nos levar ao assassino que estamos perseguindo. A conexão entre os casos é extremamente complexa, mas você pode resolver uma questão muito simples para nós.

Hannah mordeu ainda mais forte o lábio, praticamente mutilando pequenas marcas vermelhas nele até que Malcolm teve medo que ela tirasse sangue. Ela olhou não para eles, mas entre eles, como se o ponto médio além de seus ombros fosse de alguma forma mais seguro.

Antes que ela perguntou abruptamente: – ... Você quer ver o quarto deles? – Sua voz falhou um pouco. – Quero dizer... Mik e Mita . *O* quarto deles.

Malcolm piscou, olhando para Seong-Jae. Isso... Foi repentino.

Mas agora, talvez fosse melhor seguir a direção de Hannah Yardley.

Seong-Jae piscou também, uma pequena ruga beliscando a cicatriz entre seus olhos, palito ficando mole, antes de assentir lentamente. – Eu sim. Se você quiser nos mostrar.

Ela se virou tão rápido quanto um cervo fugaz, então, e desapareceu dentro, deixando a porta aberta para eles; seus chinelos bateram contra o piso de madeira, depois ficaram ocos com o som de passos.

Bem... Tudo bem, então.

Malcolm fez um gesto para Seong-Jae. – Depois de você.

O palito de dente de Seong-Jae se contraiu.

Antes ele apenas balançou a cabeça e entrou.

Malcolm fechou a porta cautelosamente em seu rastro, deixando seu olhar vagar pela sala, absorvendo-a. Este, de acordo com o relatório não lacrado, foi onde Sam, Wendy e Mita Christiansen morreram, enquanto Mik foi encontrado na varanda da frente. Coberto de sangue, soluçando, clamando por socorro e mesmo assim ninguém respondendo, as luzes apagadas nas casas dos vizinhos como se, àquela hora da noite, ninguém quisesse o problema convocado por uma criança gritando no escuro.

A sala de estar nas fotos havia sido destruída, peças seccionais e cadeiras outrora bonitas rasgadas, lascadas e inchadas em pedaços pelas línguas dos pés de cabra, parede de acento pintada de escuro cortada em listras brancas que expunham o gesso, cerâmica esmagada por toda parte. A sala de estar agora era bastante estéril, com peças velhas de móveis manchados que provavelmente tinham sido remendados por necessidade um pouco enquanto Hannah limpava após o assassinato. As paredes estavam todas esbranquiçadas, agora, mas por baixo da tinta manchada de água Malcolm podia ver as cicatrizes no gesso que tinha sido preenchido e pintado.

E na madeira de freixo sem verniz dos pisos, correndo ao longo das escadas…

Manchas antigas, pensou.

Escuro, agora, a madeira cinzenta e as manchas apenas um tom mais escuro de cinza.

Mas eles pareciam ter sido *molhados uma vez,* espalhando e encharcando e derramando nas rachaduras das tábuas.

Ele contornou aquelas manchas quase instintivamente; Seong-Jae também, e parecia que eles estavam seguindo uma trilha enquanto, em passos rangentes, cada um deles se movia ao redor dos velhos respingos marcando o chão, seus passos espelhando.

No andar de cima, no corredor, as portas estavam fechadas, exceto uma, a luz fraca do sol se derramando no corredor estreito. Na outra extremidade, pensou Malcolm, atrás da porta fechada do quarto maior... Que seria onde Wendy ligara para a irmã de um telefone fixo, depois deixara o telefone pendurado no gancho, balançando enquanto Katie ouvia os sons brutais do outro lado. fim da linha e gritou e gritou e gritou para que parasse; para alguém lhe dizer o que estava acontecendo, que sua família estava bem.

Esta casa estava cheia de fantasmas.

Convocado pela história contada em fotografias e relatórios policiais para repassar os últimos momentos de suas vidas com cada peça do quebra-cabeça que ele reconhecia, vinte anos à frente do passado. Que coisa

melancólica, tocar o estuque arenoso das paredes e sentir como se estivesse em adoração em um túmulo.

Ele não sabia como Hannah suportava viver nesta casa, impressa com o toque dos mortos.

Mas então Seong-Jae passou por ele, e Malcolm se virou para segui-lo, seguindo-o até aquela única porta aberta e o quadrado de luz do sol acenando na madeira gasta e incolor. Passando pelo batente da porta pintada de branco, eles olharam para uma sala decorada com paredes cor de pervinca, desbotadas em manchas pela luz do sol, pontilhadas de adesivos descascados naquele tom luminoso específico de branco-esbranquiçado com tons amarelo-esverdeados que diziam que eles poderiam ter brilhado um dia. a escuridão como as estrelas das quais eles tomaram sua forma. Por todo o quarto, pedaços de tecido branco esfarrapado e apodrecido pendiam do teto, suspensos em ganchos de bronze perfurados e cascateando, embora a maioria emoldurasse duas camas de solteiro cuidadosamente feitas cobertas por edredons azuis salpicados de estrelas. Na mesinha de cabeceira entre eles não havia nada além de um único abajur, e um livro de capa dura fechado virado para baixo, um marcador saindo.

O marcador e a degradação das cortinas eram os únicos indicadores de que este não era um quarto pertencente a alguém que havia dormido ali menos de doze horas antes.

Todo o resto estava meticulosamente limpo, limpo e arrumado diariamente.

O marcador, no entanto, não havia sido tocado, seu laminado de plástico estava tão completamente sujo com camadas e camadas de poeira acumuladas ao longo dos anos que era impossível distinguir o padrão no papel embaixo.

Isso não era um túmulo.

Era um mausoléu.

Hannah estava na janela. As cortinas eram da mesma rede branca dura e irregular que as cortinas ao redor da sala, e ela as empurrou para o lado para olhar para o pátio; ele mal podia pegar a borda de seu perfil, dourado na luz do sol.

– Você deve pensar que estou tão fodida, – ela sussurrou. – Eu… Eu não... Eu sei que deveria jogar tudo fora, mas eu mantive do mesmo jeito. Tudo a mesma coisa desde aquela noite.

– Todos nós lidamos de maneiras diferentes, disse Seong-Jae gentilmente. – Isso é seu. Não prejudica ninguém. Então, por que se recriminar por isso?

Hannah não respondeu. Seus ombros tremeram e seus dedos se apertaram contra a borda da cortina, enrugando o material entre eles.

Malcolm deixou-se dar outra varredura lenta da sala... Então parou na parede lateral, não muito longe de Hannah. Uma luz noturna estava em uma tomada rente ao chão, pairando logo acima da guarnição branca do rodapé. Uma pequena lua crescente, plástica e translúcida, que sem dúvida iluminaria o ouro branco e brilharia no escuro como a lua real nas noites mais assustadoras.

Aproximando-se da parede, ele se abaixou para olhar a luz noturna, então apertou o interruptor manual e sorriu levemente quando ela se acendeu, sua luz eclipsada pelo sol, mas ainda brilhando o suficiente para fazer o plástico brilhar.

– Quando eu era pequeno, eu tinha uma luz noturna como essa, disse ele. – Só a minha era uma estrela, em vez de uma lua. – Ele se deteve no brilho suave, lembrando daquelas noites – lembrando-se de observar aquela estrela em chamas até adormecer, convencido de que um pouco de brilho do céu era tudo o que ele precisava para ficar a salvo das coisas ruins. Se ao menos... Se ao menos fosse tão simples. Mas ele apagou a luz novamente e levantou a cabeça, olhando para os ombros tensos e trêmulos de Hannah. – Eu tinha pavor do escuro. Tive terrores noturnos enquanto estava bem acordada, apenas trancado e gritando enquanto via as coisas mais horríveis. Meu pai me disse que era a luz que me fazia forte. Então eu não teria medo do escuro, quando eu pudesse ver por mim mesmo que não havia nada nele.

– Mita e Mik eram meio assim. – Hannah soltou um som vacilante. – Eles disseram que o luar ativou seus poderes gêmeos para que pudessem derrotar qualquer monstro. – Uma fungada alta se seguiu, seus ombros estremecendo, antes que ela jogasse o cabelo para trás aos solavancos. – Eu gostaria muito que eles estivessem certos.

Os olhos escuros de Seong-Jae caíram para Malcolm, antes de mudar para Hannah. – Conforta você passar um tempo neste quarto?

– ... Não. Não, realmente não. – Ela deu uma risada amarga, então se virou para eles, lágrimas brilhando nuas em suas bochechas, embora ela sorrisse. – Talvez seja egoísta da minha parte, mas eu sinto que... – Com um som frustrado, ela correu a mão em seu rosto, manchando a umidade em sua pele. – Toda vez que passo por este quarto, um dia vou dar uma olhada e eles estarão lá, dormindo profundamente. Assim como nada aconteceu e o tempo nunca passou, e assim posso parar tudo e não me odiar pelo resto da minha vida. É horrível fazer isso comigo mesmo, não é? Porque toda vez que não é verdade, dói ainda mais.

– Às vezes, apontou Seong-Jae, – as pessoas tentam se anestesiar pela dor através da exposição.

– É isso que estou fazendo? – Ela atirou de volta. – Eu pensei que eu era apenas uma masoquista autodepreciativa. – Amarga, tão amarga, quando ela virou a cabeça, abraçando os braços contra o peito. –... A culpa foi minha. Apenas diga. Foi minha culpa porque eu era a drogada. Big Jim e Skipper e Candlewick... Eles eram meus traficantes. Eles me deram a minha correção. Se eu não tivesse... Se eu não tivesse...

Malcolm se endireitou, observando-a, desejando que pudesse... Pudesse... *Qualquer coisa.* Segurá-la. Confortá-la. Diga-lhe a verdade: que ela era uma vítima tanto quanto sua família, que aqueles traficantes a atacaram muito antes de um sádico usá-la como uma ferramenta para conseguir o que queria. Que não era culpa dela.

Ele não poderia cruzar essas linhas profissionais, não importa o quanto ele quisesse.

E ele não achava que isso aliviaria nada para ela, quando a culpa com a qual vivia era algo que havia crescido dentro dela até se tornar uma entidade própria, que ela mantinha como um animal de estimação e um parasita, uma coisa que ela tanto precisava. E que a comeu viva por dentro.

Não muito diferente das drogas que deixaram suas cicatrizes em seus braços.

Nem todo vício teve que ser injetado.

– Hannah, – ele murmurou. – Você quer nos ajudar a descobrir o que realmente aconteceu naquele dia? Isso te ajudaria?

– C-como? – Ela lançou olhos verdes desconfiados para ele, e ele foi mais uma vez atingido por sua sombra estranha e musgosa. – Já se passaram vinte anos. Como posso fazer alguma coisa? – Então ela assobiou, estalando a língua contra o interior de seus dentes, desviando o olhar novamente. – Não, não, eu, me diga o que é. Se isso... Se isso... Me ajudar a fazer o certo por eles, eu sei que eles se foram, mas eu só... Eu quero fazer *o certo*...

O coração de Malcolm se apertou, vendo-a tremer. Observando-a lutar contra ainda mais lágrimas. – É difícil honrar uma memória quando a memória é tudo que você tem.

– Algo assim, sim. – Ela sorriu fracamente. – Você faz isso soar muito melhor do que eu faria.

– Passei muito tempo tentando encontrar as palavras para perda e tristeza. Tentando explicá-los.

– Sim? – Ela perguntou. – Você consegue entender tudo isso, então? Você pode explicar tudo isso?

– Talvez, – Malcolm disse. – Mas primeiro... Precisamos fazer algumas perguntas.

– Como o que?

Antes que Malcolm pudesse responder, Seong-Jae o interrompeu, inclinando a cabeça, estudando Hannah Yardley com aquela sensação de curiosidade gentil que o fazia parecer um pássaro preto curioso e brilhante, estranho e inescrutável e ainda assim nunca, nunca querendo ferir.

– Primeiro, Srta. Yardley, – ele disse, – você se importaria de me mostrar seu medalhão?



Se perguntado, Seong-Jae não poderia ter dito o que o levou a perguntar naquele momento em particular.

Talvez ele fosse sempre e sempre uma criatura de impulso.

Ou talvez ele visse muito de si mesmo no olhar trêmulo de Hannah Yardley, os olhos voltados para dentro, de modo que ela só podia se cortar com a mágoa e o ódio em cada olhar.

E na desconfiança que a envolvia como os espinhos de um porco-espinho, quando ela recuou contra a janela e voltou seu olhar desconfiado para ele. – *Por quê?*

Seong-Jae balançou a cabeça levemente. – Não é nada para se envergonhar. Você, pelo menos, me agradaria?

Ela olhou para ele estranhamente, mas então abaixou a cabeça, menos um aceno de cabeça e mais batendo o queixo contra o peito e mantendo-o lá, a cabeça baixa enquanto ela se movia entre eles. – C-claro. Qualquer que seja. Eu volto já.

Ela quase fugiu da sala, e Seong-Jae pensou... Talvez tenha sido uma misericórdia não intencional, dando-lhe um momento para se recompor deles.

Ela parecia precisar disso. Espaço, sem olhares atentos e estranhos trazendo lembranças terríveis.

Ele observou o último movimento de sua camiseta desaparecendo no batente da porta. Ele e Malcolm ficaram em silêncio por vários momentos; o estranho santuário desta sala parecia exigir isso, um lugar para sussurros e passos suaves e respeitosos.

Mas quando seu olhar se desviou para Malcolm, Seong-Jae olhou além dele, para a luz noturna. – Eu não sabia disso sobre você, disse ele. – Que você tinha medo do escuro, quando criança.

Olhos azuis ardósia se moveram para ele, assustados, quase encabulados, antes que Malcolm desviasse o olhar com aquela leve sugestão de um sorriso juvenil que parecia cortar os anos longe dele.

– É uma coisa bem comum, não é?

Apesar do ambiente... Seong-Jae, de alguma forma, encontrou nele para sorrir. – Você é sempre e sempre incomum, Malcolm. Aprendi a não assumir nem a menor coisa. – Ele encolheu os ombros. – Se eu fizer isso, você inevitavelmente me surpreenderá.

– Isso é bom ou ruim?

– Eu vou deixar você saber quando eu decidir. – Seong-Jae se aproximou do velho lobo. – Você está bem ?

– Não, – Malcolm admitiu francamente. – Mas eu não posso mudar isso. – Ele levantou a cabeça, olhando para Seong-Jae, uma mão pesada empurrando para trás através de seu cabelo, cavando profundamente nos fios prateados e cinzas, ameaçando arrancá-lo de sua gravata. – Tudo o que posso fazer é fazer o meu melhor para esclarecer as coisas e ter certeza... – Ele parou, os lábios ainda entreabertos, os olhos escurecidos indo para aquela luz noturna.

– Certificar-me de que isso não foi à toa.

palavras, Seong-Jae observou Malcolm ir até a janela, olhando para fora. Ele tinha uma figura muito diferente de Hannah Yardley, de pé emoldurado pelas cortinas de gaze caindo... E ainda assim ele carregava consigo a mesma sensação de perda silenciosa; aquela mesma presença que era mais a ausência de alguém que deveria estar aqui, e Seong-Jae lembrou…

A filha que Malcolm havia perdido.

A fragmentação de seu caminho de vida planejado, que o tirou do curso e em uma estrada que o levou a…

Isso agora.

Esse lugar.

O homem que ele era neste momento, ao invés do homem que ele pensou que se tornaria quando o futuro estivesse tão claro diante dele.

Seong-Jae se perguntou como ele se sentiria sobre aquele homem, se tivesse conhecido o outro Malcolm. Ou se ele tivesse tido a oportunidade de saber, quando talvez naquele tempo...

Ele teria sido um Seong-Jae diferente.

Alguém que não se livrou das garras de Sila ou da heroína logo o suficiente para impedi-lo de seguir um caminho bastante sombrio.

Ele seguiu Malcolm para ficar ao seu lado, olhando pela janela e para o jardim coberto de flores e coberto de vegetação. Malcolm, pensou ele, associava flores à morte...

E à sua maneira, agora mesmo, Seong-Jae podia ver isso.

O pátio inteiro era uma coroa de flores em homenagem à família que havia morrido ali.

Cada nova vida brilhante desdobrando suas pétalas para sussurrar oração, in memoriam.

Ele deixou sua mão cair para descansar ao lado de Malcolm, seus dedos roçando, e ele se lembrou de uma vez, tantos meses atrás, de pé ao lado de Malcolm em outra janela e em outra cena de crime em Baltimore, dedos mal se tocando enquanto Seong-Jae lutava contra seus dois. Dor pela vítima e a crescente compulsão magnética que continuamente o puxava para mais perto de Malcolm Khalaji.

A vida realmente não era nada além de ciclos.

– Isso nunca para? – Ele sussurrou. – O assalto constante.

– Não. – Os cantos da boca de Malcolm se contraíram, depois relaxaram. – A vida te atropela na rua e depois diz que é melhor você levantar a bunda ou vai fazer de novo.

– Então... Nos levantamos?

– Nós nos levantamos, disse Malcolm. – E continuamos nos levantando. – Seus dedos se contraíram, até que se entrelaçaram com os de Seong-Jae nas pontas, calor e aspereza se entrelaçando para conectá-los daquela maneira silenciosa que sempre fazia o coração de Seong-Jae pular. – Eu não sei você, mas eu não gosto de marcas de pneus nas minhas costas. – Então ele sorriu. – Mas todos nós temos nossos problemas.

Seong-Jae gemeu, fechando os olhos. – *Malcolm Ibrahim Khalaji.*

– Eu amo escandalizá-lo o suficiente para fazer você usar meu nome completo. – Mas aquele peso ainda estava na voz de Malcolm, mentindo a leviandade, e depois de um momento ele perguntou mais baixinho: – O medalhão dela, hein?

– Terra em comum, respondeu Seong-Jae. – Eu posso ver a vergonha que ela usa. Como se estivesse agachado em seu ombro, sussurrando em seu ouvido. Eu sei isso. É o mesmo que a vergonha que carrego nos ombros, todos os dias.

– Você ainda ouve?

– Alguns dias, ultimamente... Eu não consigo nem ouvir.

E Seong-Jae deslizou sua mão mais completamente na de Malcolm, apertando palma com palma... E segurou ali, até que o som de passos no corredor os avisou que não estavam mais sozinhos.

Eles se separaram, assim que Hannah entrou hesitantemente na sala. Ela segurou as palmas das mãos juntas como se estivesse rezando; como se o que quer que estivesse entre eles fosse um objeto precioso e sagrado.

Ela demorou a se aproximar, seus passos pararam, antes com um movimento abrupto e decisivo, ela estendeu uma mão para Seong-Jae, a forma familiar do medalhão estampado com aquele *XV* descansando no centro de sua palma como uma moeda brilhante .

– Aqui.

Seong-Jae não aceitou. Era *dela*, e ele não queria que ela sentisse que o toque de um policial havia de alguma forma manchado o que significava. Ele apenas olhou para baixo, então ofereceu a ela um pequeno sorriso.

– Quinze anos, disse ele. – Logo para fazer vinte anos, não é?

– … Sim.

Ela parecia intrigada, observando-o, enquanto ele tirava a carteira do bolso, abria-a e a inclinava para que o pequeno medalhão dentro dele caísse na palma da mão, gêmeo da dela... E polido pelo mesmo manuseio constante, que certo acobreado que vinha com um toque incessante de conforto, de força, de orgulho.

– Oh, – ela respirou, enquanto ele oferecia seu medalhão. Ela também não tocou no dele, embora tenha puxado o dela de volta para agarrar contra o peito mais uma vez. – Você... Você também? E... Você acabou sendo um policial?

– Sim. – Seong-Jae encontrou seus olhos; ele não se esconderia disso, ou dela. – Então eu entendo como você deve se sentir. – Ele deslizou o medalhão de volta em sua carteira, então, e o guardou, sempre ciente da presença de apoio de Malcolm ao seu lado, a aprovação silenciosa nos olhos azuis ardósia, aquecendo-o mesmo enquanto ele mantinha seu foco em Hannah. – É por isso que falar conosco não é tão difícil para você quanto foi para sua irmã, não é? Você já vive isso todos os dias. Falar conosco é apenas vocalizá-lo.

Ela olhou para ele com novos olhos, como se ainda não o tivesse visto antes. – Então você sabe.

– Dolorosamente assim. – Ele inclinou a cabeça. – Assim, ofereço-lhe minha gratidão. Por nos deixar entrar e por falar conosco. Por nos deixar ficar aqui e conhecê-los através do que você preservou de quem eles eram.

– Eu só... – Ela engoliu em seco, seu olhar brilhando molhado. – O que eu posso fazer para te ajudar? Eu só... Eu não entendo o que você precisa de mim. Já contei à polícia tudo o que sei. Tudo que eu lembrava. Tudo era tão confuso então, sabe? Mas não pude ajudar muito. Não é como se Big Jim tivesse me dito o que eles iam fazer. Eu nem *o via,* na maioria das vezes. Ou qualquer um dos outros. Eu só... Eu só... – Sua respiração tremeu. – Eu os identifiquei na programação. Eu tenho que... Eu tenho que fazer parte daqueles filhos da puta que vão para a cadeia.

Tentativa, trêmula, mas havia orgulho ali.

Seong-Jae entendeu muito bem.

– Precisamos que você identifique um menino em uma foto, disse ele.

– Precisamos que você confirme, sem dúvida, que o menino é seu sobrinho.

Ela ficou tão pálida que a única cor em seu rosto eram as pálpebras avermelhadas de seus olhos, seus lábios, duas manchas altas em suas bochechas. – Os... Os policiais nem... Me deixaram ver, depois que eles o encontraram... – Ela olhou para ele como se ele fosse se transformar no corpo brutalizado de seu sobrinho bem diante de seus olhos, olhos verdes cheios de fantasmas. – Disseram que era muito horrível. Que o corpo nem era reconhecível. Você não vai... Me fazer olhar para isso, vai?

– Não, senhorita. – Seong-Jae enfiou a mão na jaqueta para pegar a pasta, mantendo seus movimentos lentos para não assustar essa mulher arisca. – O menino nesta fotografia está muito vivo até hoje.

Ele retirou a pasta, mas esperou – esperou até que ela assentiu minuciosamente, nervosa e ainda assim consentindo com uma certeza silenciosa que parecia dizer *faça o seu pior.*

Ele abriu a pasta na fotografia de entrada, em seguida, virou-a para que ela pudesse ver. Seus olhos se fecharam imediatamente, seu rosto se virando bruscamente em uma respiração ofegante. Mas lentamente ela se virou, espiando um olho aberto... Então abrindo os dois rapidamente, confusão desenhada sobre suas feições como uma sombra abaixada.

Ela olhou, e por um momento, mesmo que isso tornasse essa busca por nada, mesmo que isso significasse que eles perderam um tempo valioso...

Por ela, Seong-Jae queria que fosse verdade.

Por ela, ele queria que aquele garoto fosse Mik Christiansen para que ela pudesse viver o resto de sua vida sabendo que seu sobrinho sobreviveu, sem nunca precisar saber no que ele havia se tornado Lucas Aleks. Como Sila.

Mas então ela balançou a cabeça.

E olhou para Seong - Jae, sua boca trabalhando silenciosamente antes que ela finalmente dissesse, – Isso é... Você tem certeza que pegou o arquivo do caso certo? Esse não é Mik.

Seong-Jae respirou fundo. Malcolm deu um passo à frente, irradiando uma tensão repentina e alerta. – Tem certeza, Hannah? Você tem certeza absoluta de que não é seu sobrinho.

– Eu o *conheço,* ok? – Suas palavras estranguladas molhadas, e ela balançou a cabeça. – Olha, talvez eu fosse uma bagunça na época, mas eu amava aquele garoto. Eu conheço o rosto dele. Está estampado no meu cérebro como se alguém tivesse cavado com um cinzel. Isso não é ele. Eu conheço aquele garoto, mas isso não é... Esse não é o Mik.

Seong-Jae quase encolheu em nada, recusando-se a se mover, mas ele forçou, seus pulmões apertando com força enquanto ele tentava manter sua voz firme. – Você o conhece? Se ele não é seu sobrinho, quem é ele?

– Eu... Eu não sabia o nome dele. Ele disse que não tinha nome. Que ele estava procurando a pessoa certa. Sempre achei que ele era um pouco estranho.

Ela sorriu ironicamente mesmo quando aquelas lágrimas brotaram em seus cílios novamente, pairando como orvalho agarrado a fios finos de agulhas de pinheiro, buscando fino e verdadeiro para perfurar seu coração.

– Mas... Ele era o único, disse ela. – A mula que me trouxe meu estoque. O filho da puta era meio fofo, sempre me provocando, andando por aí. Eu o alimentaria quando tivesse um pouco mais de sobra, ele era tão maldito magro. Ele sempre me disse como meus olhos eram bonitos sem minhas lentes de contato coloridas, você sabe, eu estava sempre tentando escondê- los ' porque eu estava nessa fase estranha onde eu odiava o quanto eu me pareço com minhas irmãs. – Suas sobrancelhas franziram. – Eu... Eu nunca entendi por que ele estava tão fascinado, mas um dia ele simplesmente... Desapareceu. Roubou minhas lentes de contato coloridas, e então eu só... – Ela deu de ombros. – Nunca mais o vi. Mas eu conheço esse rosto.

Ela bateu na impressão, fazendo a pasta estremecer nas mãos dormentes de Seong-Jae.

– Esse é o garoto... E essas são minhas lentes de contato, porque da última vez que o vi... Ele tinha um olho verde e um azul.

8: VOCÊ DERRUBE-O

Malcolm não podia desbloquear seu voz até que saíram daquela casa para a luz do sol, o brilho da luz varrendo a sensação sufocante de muitas sombras assombrosas, todas elas *querendo* algo dele, o testemunho de Hannah praticamente uma lâmina de guilhotina pairando sobre sua cabeça e implorando:

Pressa.

Depressa, depressa, agora você sabe.

Faça alguma coisa.

Faça a coisa Certa.

Antes que outra pessoa morra.

Hannah não tinha muito mais para lhes oferecer; Malcolm havia tentado, empurrando-a gentilmente para ver se ela conseguia se lembrar de mais alguma coisa, perguntando sobre as tábuas quebradas no convés de trás e apenas obtendo uma resposta confusa sobre guaxinins – assumindo o comando depois que Seong-Jae ficou em silêncio. Tão silencioso quanto ele estava agora, enquanto eles desciam os degraus sob o olhar atento de Hannah da janela do andar de cima e deslizavam para fora do portão até a calçada ao lado do carro alugado.

Malcolm pegou o cotovelo de Seong-Jae gentilmente e o puxou para o lado oposto do carro. Ele não suportava ficar confinado dentro daquelas paredes de metal esmagadoras agora, quando sentia que estava prestes a explodir em todos os lugares, sua mente muito cheia, correndo em círculos como um cachorrinho superexcitado que acabou de descobrir as maravilhas de sua própria cauda indescritível.

Mas o silêncio rígido e de olhos arregalados de Seong-Jae o preocupava. E ele pelo menos queria o carro como um escudo bloqueando-os do olhar curioso que os seguia enquanto cuidadosamente virava Seong-Jae, pegando seu rosto nas palmas das mãos de Malcolm e procurando seus olhos vazios.

– Seong-Jae. Ei. – Ele traçou seus polegares sob os olhos de Seong-Jae.

– Saia daí. Por favor. Onde você foi?

– Eu... – Um estremecimento vibratório percorreu Seong-Jae da cabeça aos pés enquanto ele trabalhava seus lábios de novo e de novo, mas sem som:

apenas o mesmo movimento, *eu, eu, eu* sem sua voz por trás. Lentamente, seu olhar se concentrou, mas ele não olhou para Malcolm. Ele olhou para a pasta ainda apertada em suas mãos trêmulas. Naquela foto. – … Sila... Sila... É...

– Seth Duvonne, – Malcolm terminou suavemente. – E Lucas Aleks. E ele tomou o lugar de Mik Christiansen. Nós sabemos disso agora. Não tem como não ser verdade. Por que isso fez você desligar, amor? O que está acontecendo lá dentro?

– … Isso… Eu… – O rosto de Seong-Jae se contorceu. Do entorpecimento à emoção crua em menos de um segundo, atormentado por linhas de dor. – Ele... era apenas um garoto... E ele *matou*... Ele matou... Aquela família... Como? O que... O que faz alguém assim?

– Eu não sei. – E Malcolm não sabia o que fazer por Seong-Jae além de puxá-lo para perto, envolvendo seus braços em volta dele e enrolando os dedos em seu cabelo, pedindo a Seong-Jae que se apoiasse nele, puxando aquela cabeça de fios pretos macios para o seu. ombro. – Acho que às vezes não quero saber por quê. Sempre tenho medo de um dia ouvir esses assassinos, seus pensamentos… E eles começarem a fazer sentido.

Seong-Jae ficou rígido por apenas mais alguns segundos - antes com um som quase como um gemido, ele enterrou o rosto na garganta de Malcolm e passou os braços em volta dele, papéis esmagando contra as costas de Malcolm. – … Às vezes eles fazem sentido para mim, – ele sussurrou. – Mas não Sila . *Nunca* Sila.

Malcolm pensou ter entendido, então, por que Seong-Jae estava tremendo. Tremendo.

Era como aquelas histórias vistas na internet todos os dias - a história em que alguém pega um carona apenas para deixá-lo ir e encontrar uma nota que diz que *eu decidi não te matar hoje*, então ver o rosto do homem no noticiário no dia seguinte como um serial killer fugitivo. Onde alguém desce para tomar café pela manhã e encontra a porta dos fundos destrancada, e mais tarde ouve que seu vizinho foi assassinado por alguém que se esgueirou pela porta dos fundos. Aquela sensação horrível de que sua vida foi tocada por algo insondavelmente maligno, algo que poderia ter destruído você em um piscar de olhos...

... E você nem percebeu o quão por pouco você escapou até mais tarde.

Seong-Jae poderia ter pensado que conhecia as profundezas da depravação de Sila.

Mas Malcolm sabia, agora...

Nenhum dos dois tinha ideia.

Então ele simplesmente segurou Seong-Jae, deixou seu omr-am processar, deixou Seong-Jae se apoiar nele pelo tempo que ele precisasse, mesmo que eles estivessem na rua no meio da tarde e provavelmente chamando a atenção das casas suburbanas. onde, em uma cidade tão pequena, em um bairro tão isolado, todo mundo provavelmente reconhecia todo mundo e sabia quais carros pertenciam e quais não pertenciam.

Ele sentiu o momento em que Seong-Jae se reuniu, o momento em que ele fez aquele *empurrão* para empurrar tudo para baixo. Às vezes eles simplesmente... Não precisavam de palavras, e depois de longos minutos preenchidos com nada além do som da respiração ofegante de Seong-Jae, aqueles braços musculosos soltos ao redor de Malcolm, o aperto mortal nas costas do paletó de Malcolm se iluminando, o calor de A respiração de Seong-Jae contra seu pescoço se retraiu quando Seong-Jae se endireitou. Havia algo vulnerável e quase apologético naqueles olhos escuros enquanto eles passavam pelo rosto de Malcolm, mas Malcolm apenas sorriu e pressionou seus lábios na bochecha de Seong-Jae.

Sua própria maneira de dizer, *está tudo bem.*

Leve todo o tempo que precisar até estar pronto para falar sobre isso.

Seong-Jae virou-se para encostar sua bochecha na de Malcolm, antes de se separarem, encostando-se no carro lado a lado, enquanto Seong-Jae arrumava os papéis na pasta, alisando a fotografia de onde seus dedos haviam cortado rugas. isto.

Malcolm deixou seu olhar vagar pela rua, onde depois de uma cerca de arame se estendia a grama seca e amarelada de um campo de beisebol, o prédio da escola pertencia a uma forma distante e pesada na extremidade do campo.

– Então, – Malcolm disse lentamente. – Acho que agora temos um cronograma definido.

– Eu acredito que sim, – Seong-Jae respondeu, olhos pensativos demorando na fotografia. – Aleksander Normand mata a família de Seth Duvonne, mas leva Seth Duvonne com ele como filho substituto. Ele tenta integrá-lo em sua vida através de documentos falsos... Mas quando percebe que está apenas chamando mais atenção para os dois, possivelmente levando à identificação do menino como Seth Duvonne... Gratuitamente.

– Você acha que essa foi a motivação dele para ser preso?

– Eu sim. – Seong-Jae franziu a testa. – Eu... Eu te disse isso... Às vezes...

– É muito fácil pensar como eles, disse Malcolm.

– Inteiramente. E se eu me colocar no lugar do coelho branco, Seth Duvonne é um objeto de fetiche. Assim como as bonecas que nosso suspeito

faz, apenas Seth vive e respira. O coelho branco iria querer preservá-lo como um troféu tanto quanto preservou os outros troféus que mantinha. Ele também teria querido evitar atrair suspeitas para si mesmo. Quando penso dessa maneira, o insensível faz sentido. – Seong-Jae bateu os dedos rapidamente sobre a página, o único sinal de sua agitação, um som rápido de chuva. – Oculte-se à vista de todos, permitindo-se ser encarcerado por um crime menor, e dissociando-se de Seth Duvonne. A criação de um acordo de falsa custódia significa que ninguém procuraria o filho que ele supostamente havia levado em violação ao acordo. Ele simplesmente seria considerado seguro com Linda Lewis, e assim... Aleksander Normand submerge no sistema, não é mais um suspeito como o assassino da Proporção Áurea, enquanto o menino agora sem nome e sem identidade não é mais um suspeito como a criança desaparecida da Califórnia... Seth Duvonne simplesmente *desaparece*.

– E encontra seu caminho por conta própria, possivelmente com orientação prévia sobre o que fazer, continuou Malcolm. Ele deixou seus olhos vagarem sobre as linhas de giz branco no campo, seguindo-as da mesma forma que seus pensamentos seguiam os caminhos traçados diante dele. – Então ele encontra o caminho para Parma, Ohio. É possível que ele tenha tentado muitas comunidades de cidades pequenas, até encontrar uma com uma família onde ele poderia facilmente substituir o filho. Alguém que se parecia o suficiente com ele para poder fingir. Aos poucos, ele se integrou à periferia da vida da família Christiansen como mula para a organização de James Berry, focada na irmã viciada de Wendy Christiansen. Tudo o que ele tinha que fazer era colocar algumas palavras nos ouvidos errados, deixar a gangue pensar que Mik Christiansen era a mula de drogas que os havia entregado, e seu pai a denúncia anônima…

– … E então eles matam os Christiansen. Inclusive o jovem. Criando uma situação em que qualquer pessoa que vivesse seria colocada em proteção a testemunhas para sua própria segurança, depois de atrair a ira de uma organização criminosa tão vingativa, concluiu Seong-Jae. – Então ele substituiu o menino Christiansen morto como sobrevivente… e obteve uma nova identidade totalmente legal que lhe permitiu apagar qualquer conexão com o coelho branco, enquanto enterrava Seth Duvonne com sucesso.

Malcolm explodiu lentamente. – Isso é... Um monte de merda para uma criança de doze ou treze anos.

– Sila sempre foi um intelecto excepcional. É o seu desenvolvimento emocional que foi atrofiado, ou até mesmo regrediu. – Seong-Jae levantou a cabeça, olhando para ele. – A linha do tempo faz sentido. Os motivos. O

entrelaçamento dos acontecimentos. Mas temos uma peça que falta que confirmará isso sem sombra de dúvida.

Fechando os olhos, Malcolm lutou para lutar contra a sensação horrível dentro dele enquanto dizia: – ... O corpo de Mik Christiansen.

– Sim, – Seong-Jae confirmou suavemente. – Para ocupar seu lugar, Sila teria que se desfazer do corpo antes que a polícia chegasse à cena do crime.

– Eu sei. – Malcolm esfregou a garganta, a dor ali - mas então parou, abrindo os olhos, olhando para o borrão de verde, amarelo e marrom do outro lado da rua, enquanto as pontas dos dedos deslizavam sobre o anel ceroso da cicatriz de arame farpado contra seu rosto. pele. – Você acha que alguém o ajudou na cena?

– Eu duvido. – Lento, parado. – Ele não gosta de deixar cúmplices vivos. Às vezes vítimas vivas, que devem sofrer com o que ele fez com elas, as manipulam para... Mas não cúmplices vivos. Hannah Yardley, talvez, considerando que ela foi involuntariamente usada e sua morte teria colocado muitas coisas em dúvida como parte de sua decepção...

– Como seus parceiros, – Malcolm disse, focando seu olhar, olhando para a expressão perdida de Seong-Jae.

– … Sim. – Essa carranca se aprofundou, pesada e taciturna; O olhar de Seong-Jae se voltou para dentro, como se procurasse no passado. – Eu me pergunto, agora, se havia outra razão para ele querer meus agentes supervisores mortos. Mais do que mostrar o que suas manipulações podiam fazer, e me lembrar que ele poderia me levar a qualquer momento; me machucar a qualquer momento.

– Sabemos que é possível que ele os tenha usado para obter informações... Mas você acha que eles sabiam coisas que ele não poderia arriscar que ninguém descobrisse?

– Neste momento, acho que é altamente possível. Ele e o coelho branco planejam claramente seus movimentos de xadrez com décadas de antecedência.

– Essa é a coisa com o xadrez. – Malcolm cruzou os braços contra o peito, batendo os dedos na parte interna dos cotovelos. – Às vezes, o resultado final já é decidido pela jogada de abertura.

– Então qual é o nosso próximo passo? – Seong-Jae perguntou.

– Devemos exumar o caixão do menino?

– Não. – Malcolm olhou por cima do ombro; A presença de Hannah já não montava guarda na janela, mas ele ainda a *sentia,* vigilante. – Isso só vai aborrecer Katie e Hannah ainda mais, e sabemos que não vamos encontrar nada independentemente de estarmos ou não certos. Mesmo que essa história

de proteção a testemunhas se mantenha... Isso é um caixão vazio, de uma forma ou de outra.

– Então, nossa próxima tarefa é descobrir onde o corpo pode estar.

Malcom estremeceu. – … Sim.

Dedos quentes tocaram seu braço, logo acima de onde sua mão se curvava contra a parte interna do cotovelo; apenas o suficiente para roçar o lado de sua palma. – Malcom...?

– Não é nada. – Ele arrancou um sorriso para Seong-Jae, mesmo que parecesse uma máscara fina engessada sobre um poço de pavor de eras.

– Somente. Ossos velhos... E me pergunto se resta alguma coisa para assombrá-los.

Seong-Jae apertou seu braço, quente, reconfortante, e Malcolm se acomodou para se inclinar sobre ele, ombro a ombro. Ele só... Precisava disso, por um momento. Como Seong-Jae, ele tinha seus demônios; suas mágoas que às vezes se elevavam para tornar difícil até mesmo pensar em um caso quando só de lembrar fazia o ar ao seu redor se transformar em espinhos que arranhavam sua garganta até o fundo. Ele só... Tinha que superar isso.

Pode doer.

Mas era melhor do que deixar Mik Christiansen enterrado e esquecido, sua verdade nunca dita.

Por enquanto, porém, ele se apoiou em Seong-Jae, tirando consolo de sua solidez e calor; pela maneira como Seong-Jae ofereceu a ele essas coisas sem hesitação, disposto a deixar Malcolm ser fraco pelo tempo que ele precisasse quando tantos olhavam para ele - a maior parte dele, sua idade - e esperava que se ele fosse forte agora, ele sempre seria forte, e nunca alguém como ele precisaria de um momento para apenas...

Quebrar.

No entanto, quando ele deixou seu olhar vagar pelo campo, ele se deteve no monte vazio do jarro; com os círculos mórbidos em que sua mente estava no momento, parecia muito com um túmulo, uma cova anônima, um...

Malcolm ergueu a cabeça bruscamente. – Song-Jae.

Seong-Jae piscou para ele como uma coruja. – Um. Sim?

– Sila não é um homem grande. Ele não teria sido um menino muito grande. Ele está magro nessa foto. Pequeno. – Malcolm olhou para o monte de terra nua no campo. – Sem um cúmplice, não há como ele ter movido o corpo de Mik Christiansen para muito longe sem deixar um rastro perceptível que até duas mil eras forenses teriam pego. Especialmente quando ele teria tempo limitado depois que Berry e companhia desocuparam a cena do crime, e antes que a polícia chegasse. Se vamos encontrar os restos...

Ele se afastou do carro, olhando para a casa cinza, o próprio prédio como uma assombração silenciosa.

– … Vai ser em algum lugar ao redor daquela casa, – ele terminou.

Ele só... Ele *sentiu*. Como se aquele garotinho tivesse estendido a mão e enrolado seus dedos frios e pálidos ao redor do pulso de Malcolm e *puxado.*

Mik Christiansen estava *aqui.*

Seong-Jae se virou também, colocando a pasta no teto do carro, seus braços cruzados seguindo; ele apoiou o queixo neles, olhando para a casa. – Isso significa que precisaremos de cães de cadáveres.

-… Sim.

– O que significa, disse Seong-Jae, – precisaremos de Joshi.

Malcolm cerrou os dentes. – Sim.

Seong-Jae suspirou. – Poderíamos tentar ver até onde podemos estender a autoridade de nossos distintivos com o departamento de polícia de Parma.

– … Acho que estamos no nosso limite. – Gemendo, Malcolm bateu a testa contra o metal aquecido pelo sol em cima da porta do carro. – Não há como eles enviarem cães de cadáveres em um caso de vinte anos que foi tecnicamente resolvido. Não sem intervenção de cima. E considerando se eles ligarem para verificar nossas credenciais, Joshi provavelmente vai dizer a eles que estamos se passando por agentes do FBI ilegalmente para se vingar de nós…

– Você realmente acha que ele seria tão mesquinho?

Malcolm apenas levantou a cabeça e encarou Seong-Jae.

Seong-Jae revirou os olhos. – Ponto feito.

– Eu não posso acreditar que você me perguntou isso.

– Estou tentando otimismo. Não está indo muito bem. Seong-Jae franziu o nariz. – Então o que vamos fazer agora?

– Confessar tudo. Traga Joshi e *faça*-o ouvir. Faça-o acreditar em nós. Precisamos do apoio dele para ir mais longe com isso.

– Estou muito feliz que você não seja um homem de jogo, Malcolm. Você teria perdido muito dinheiro agora.

– Eu não jogo. Eu corro riscos calculados. – Malcolm pressionou os dentes no interior do lábio, franzindo a testa. – E acho que vale a pena arriscar, com Joshi. Há um monte de emoções pessoais fodidas entrando em todos os nossos caminhos. Ele está de luto. Mas por baixo disso, *ainda* estamos do mesmo lado. Ele quer resolver este caso. Ele quer vingar Shane Luxe. Nós apenas temos que fazê-lo acreditar *que* queremos isso também.

– Você acha... Que ele não acredita que queremos resolver o caso?

– Acho que ele sente que nossos objetivos são opostos. – Malcolm deu um meio sorriso, o cansaço se instalando tão profundamente que ele o sentiu em sua medula. – E ele e eu, especificamente, paramos de falar de homem para homem… E começamos a falar de ego para ego. Então, talvez, se eu deixar meu ego de lado, ele deixará de lado o dele.

– Eu… suponho que vale a pena tentar, – Seong-Jae disse duvidosamente. – Você não é um homem que geralmente associo a um ego avassalador.

– Eu costumo reprimir isso para você. Vales a pena.

Um feroz olhar negro se voltou para ele. – Besteira. Você brinca de ter um ego como mecanismo de defesa. Nem mesmo finja que é algum sacrifício romântico.

– Deus, eu amo o quão irritado você fica quando eu te elogio. – Animado um pouco, Malcolm cutucou o cotovelo de Seong-Jae com o dele. – Vamos voltar para o hotel, por enquanto. Podemos ligar para Joshi no caminho e falar com Hannah novamente se conseguirmos colocá-lo do nosso lado.

– Ah. Como você diz.

Malcolm sentiu como se estivesse se preparando para um sparring, enquanto se acomodava atrás do volante e puxava o carro alugado para a rua – enquanto Seong-Jae apoiava o telefone no painel, o contato de Joshi esperando na tela. O dedo de Seong-Jae pairou sobre o botão de chamada, e ele olhou para Malcolm.

– Você está pronto para isso?

Malcolm apoiou os ombros firmemente no assento e assentiu. – Deixe-o fazer o seu pior.

– O pior dele pode ser nos jogar na cadeia por impedir uma investigação sem autoridade oficial.

– Eh, na pior das hipóteses ele vai nos despedir. Eu ainda posso conseguir um emprego como professor.

– E o que devo fazer? Tentar uma estreia tardia no American Idol?

– Eu pediria um voto para você. – Malcolm ergueu o queixo, puxando-o para o telefone. – Acerte.

Com um som duvidoso, Seong-Jae apertou o botão, depois o ícone do alto-falante.

O telefone só deu meio toque antes que a chamada ganhasse vida, a voz furiosamente fervente de Joshi soando no carro. – Vocês dois estão demitidos. Eu já revoguei seu acesso e terei seus dois malditos crachás.

Seong -Jae recostou-se em seu assento. – Mentiroso.

– Desculpe a porra de você? EU-

– Eu conheço você, – disse Seong-Jae. – Você é praticamente um gato quando se trata de sua curiosidade. Você esperou para ver o que estávamos fazendo antes de tomar a decisão final de nos demitir. Ele arqueou uma sobrancelha para o telefone. – Estou errado?

– Foda-se.

Seong-Jae olhou para Malcolm. – Eu não estou errado.

– Foda-se *duas vezes*, – Joshi assobiou.

Malcolm sorriu levemente. – Vou entender que isso significa que ele está correto. – Joshi começou a balbuciar alguma coisa, mas Malcolm continuou rapidamente, levantando a voz o suficiente. – Josh. Eu preciso que você nos *ouça.* Já lhe perguntei isso duas vezes – mais do que isso – e não deu certo. Então agora eu estou implorando. *Por favor.* Ouça até terminarmos o que temos a dizer. Não nos corte. Considere seriamente o que estamos prestes a lhe dizer... E então, se você quiser gritar conosco e nos mandar para o inferno quando terminarmos, fique à vontade.

Nenhuma resposta de Joshi, exceto por um silêncio fervente e raivoso.

Seong-Jae suspirou, as mãos curvadas contra suas coxas. – Aanga, – ele implorou suavemente. – Isso é importante. Por favor, olhe além do seu orgulho. Você sabe no fundo que não teríamos feito nada tão drástico se não tivéssemos certeza.

Ainda assim, Joshi não disse nada. Seong-Jae deu a Malcolm um olhar impotente.

Malcolm apertou os lábios, batendo os polegares contra o volante. – Eu não arriscaria meu pai, minha mãe, se não fosse importante, disse ele. – Eu não arriscaria minha carreira inteira. Se você não acredita em nós, eu aceitarei qualquer punição que você der. Mas espero que acredite em nós. Espero que você trabalhe conosco.

O silêncio de Joshi quebrou com um gemido longo e suspirante. – Se eu ouvir, e ainda não encontrar mérito nisso... Você vai largar isso?

– Eu não posso prometer isso, disse Malcolm. – Mas apenas nos dê um momento para convencê-lo.

– Você tem sessenta segundos.

Porra. Malcolm olhou da estrada para Seong-Jae, olhos arregalados, mas Seong-Jae apenas fez um gesto rápido com a mão. *Apresse-se.*

Eu?! Malcolm murmurou.

Seong-Jae apenas contraiu a boca, estendendo as mãos insistentemente, e Malcolm mordeu de volta um *foda suave.*

OK.

Sessenta segundos.

– Encontramos evidências de que documentos judiciais e registros de nascimento foram adulterados para criar uma criança que não existia, disse ele rapidamente. – A análise forense digital deve apoiá-lo. Linda Lewis estava dizendo a verdade. Ela nunca teve um filho. Aleksander Normand matou a família de Seth Duvonne, tomou Seth como seu troféu e seu filho substituto, não conseguiu criar uma maneira convincente de integrar Seth em sua vida e, em seguida, para evitar a detecção e ligação com a família Duvonne como seu assassino, ele deliberadamente se encarcera em falso acusações baseadas em um acordo de custódia forjado para que ninguém o investigasse pelas acusações reais. Ele levou meio segundo para respirar fundo, então continuou. – Falamos com James Berry, o prisioneiro condenado como líder do assassinato de Christiansen. Ele confirma que sem dúvida matou toda a família, sem possibilidade de sobreviventes. Também conversamos com uma das irmãs da falecida Wendy Christiansen. O menino retratado na foto de entrada, o menino que foi colocado em proteção a testemunhas, *não é* seu sobrinho. Ela o identificou como uma mula de drogas, um menino com um olho azul e um verde que roubou suas lentes de contato coloridas e as estava usando naquela foto. Acreditamos que Seth Duvonne, antes de assumir o pseudônimo de Sila, armou o assassinato da família Christiansen para que ele pudesse tomar o lugar do menino e adquirir uma nova identidade legal ao entrar em proteção a testemunhas como Lucas Aleks, utilizando as táticas de manipulação que tornar-se sua assinatura - o que significa que todas as suas ações desde aquele momento foram com o objetivo final de se reunir com sua figura paterna. Sila e o coelho branco estão convergindo um para o outro. Encontre um e encontre o outro. – Então ele soltou uma respiração afiada, o peito apertado. – ... Eu fiz isso em sessenta segundos?

– Eu parei de contar, Joshi disse secamente, mas ele parecia muito menos zangado, contemplativo. – Você está absolutamente certo disso.

– Totalmente, – Seong-Jae disse, firme, inegável, e o coração de Malcolm inchou tanto; Seong-Jae frequentemente questionava e contestava suas teorias, mas quando importava, Seong-Jae estava de costas. – É mais do que um instinto. Fizemos o trabalho braçal. Conversamos com as pessoas envolvidas. Confirmamos nossas teorias e a linha do tempo funciona; a coisa toda é *sólida.* Normand é nosso suspeito, Lucas Aleks é Seth Duvonne é Sila, e essa conexão é o que precisamos para passar de um passo atrás deles para um passo à frente deles. Mas para realmente confirmar isso, precisamos de mais uma coisa.

– Claro que sim, – Joshi murmurou. – O que é isso?

– Cães cadáveres, – Malcolm respondeu suavemente. – Precisamos do corpo de Mik Christiansen. E temos motivos para acreditar que está enterrado em algum lugar ao redor da antiga propriedade de Christiansen.

– Vocês dois violaram tantas leis jurisdicionais de vários estados nas últimas quarenta e oito horas que é *melhor* ter um corpo ou nenhuma dessas provas será admissível. – Um rosnado saiu na voz de Joshi, antes de se transformar em um som cansado e rouco. Malcolm podia imaginá-lo empurrando os óculos para cima, beliscando a ponta do nariz. – Então você finalmente me dá algo concreto que eu possa realmente usar. Eu esperava que você fizesse, mas *Cristo,* você levou seu tempo doce - e você teve que fazer isso da maneira mais dramática e exagerada possível?

– Você esperava... – Malcolm deu um puxão tão forte que ele quase pisou fundo no acelerador, o aluguel sacudindo antes que ele relaxasse. – Seu filho da puta.

– Você estava nos provocando, – Seong-Jae falou, olhando para o telefone, sua expressão preta de irritação. – Este tempo todo. Seu *idiota.*

– Eu estava pressionando você para fazer melhor do que você era, disse Joshi sem o menor sinal de remorso. – Você está girando suas rodas. Eu precisava de você para empurrar mais forte. Para fazer o verdadeiro trabalho. Para cavar. Para me trazer provas reais — provas admissíveis, provas *censuráveis* — em vez de suposições. O tempo para teorias e adivinhações já passou há muito tempo.

– Você poderia ter dito isso, – Seong-Jae resmungou.

– Teria sido tão eficaz?

Malcolm engoliu suas maldições frustradas e furiosas. – Eu preciso me corrigir, ele murmurou. – Eu *definitivamente estou* começando a odiar você.

– Não, você não é. Você está chateado por ter tentado me manipular e eu acabei sendo melhor do que isso com você, mas você não me odeia.

– Vou considerar parar em uma semana ou duas, mas agora, sim, eu realmente faço.

Silêncio no telefone, exceto pelo leve estalo do som no alto-falante que dizia que eles ainda estavam conectados - e uma sugestão de digitação em segundo plano, provavelmente os analistas na sala de guerra ainda fazendo isso com a mesma diligência de sempre.

Então, – Você sabe o que Shane me disse uma vez? – Joshi perguntou. Tanta melancolia, tanta tristeza no nome *Shane.* – Que a vantagem que esses assassinos têm sobre nós é o ódio. – Ele parou por um momento, a última palavra falhando levemente, mas quando ele falou novamente sua voz estava firme, calma, quase serena. – Eles prosperam no ódio. Viva nele, alegremente.

Coma como se fosse a melhor iguaria que possam imaginar e anseie por mais. Dá-lhes uma vantagem que não temos. Porque sendo quem somos... Não podemos odiar assim. O ódio que sentimos... É uma coisa que nos machuca, em vez de nos alimentar. Mas tudo bem se você quiser me odiar. – Palavras suaves, quase arrependidas, nem perto das coisas duras e cortantes que Joshi jogava neles com tanta frequência. – Odeie-me, se isso o mantém afiado. Resolva este caso para me irritar, se é isso que o motiva. Um gole grosso veio sobre a linha, respiração irregular. – Faça o que você tem que fazer. Desde que encontremos esse filho da puta. Vou pegar seu ódio e me envolver nele para me manter aquecido quando as coisas ficarem muito sombrias, muito frias.

Malcolm olhou da estrada para o telefone novamente, franzindo a testa. Ele desejou poder ver o rosto de Joshi agora; leia algo nele, algo que possa dar alguma visão sobre esse sentimento desconcertante.

– Eu não entendo você – , disse ele.

– Me entender não é necessário, – Joshi respondeu. – Você vai pegar seus cães. É melhor eu pegar meu assassino.

Seong -Jae tinha uma expressão estranha no rosto, mas disse: – Estamos fechando a lacuna.

– Veja que você faz. – Agora aquela nota severa voltou à voz de Joshi.

– Embora da próxima vez, tente evitar danos à propriedade. Apesar da apólice de seguro que contratamos naquele motel, sua pequena façanha, no entanto, nos custou taxas de reparo e prejudicou imensamente nosso relacionamento com o proprietário do prédio.

– Desculpe, disse Malcolm.

– Você está?

– Não, na verdade não. – Mas Malcolm podia sentir Joshi recuando, de uma maneira estranha, como se a distância além da linha estivesse aumentando, e ele se obrigou a continuar, obrigou-se a falar a coisa que estava pendurada em sua consciência há dias. – Josi.

– Sim?

Malcolm respirou fundo, então soltou: – Sinto muito. Mas suas palavras falharam, enquanto ele tentava dizer do que sentia muito – e mesmo que *Seong*-Jae achasse que Malcolm não era particularmente orgulhoso, foi o orgulho que quase o impediu de dizer o que precisava dizer. Ele se obrigou a passar por isso. Porque estava certo; porque ele precisava. – Independentemente de quaisquer outras complicações, a maneira como chegamos até você antes de sairmos foi desrespeitosa. E cruel. – Sim... Isso parecia certo, aliviando aquele nó até que ele pudesse respirar, pudesse falar

com mais facilidade. – Não estava certo. Não era quem nós... Quem *eu* queria ser, e não estava certo.

Joshi não disse nada por tanto tempo que Malcolm pensou que o silêncio por si só era uma rejeição ao seu pedido de desculpas. Esse era o direito de Joshi, e se ele não quisesse aceitar, não precisava.

Mas então Joshi falou, quieto e contemplativo. – Não. Não foi, – ele concordou, então – mais lentamente, – Mas pode ter sido algo que eu precisava. E estou ciente de que cruzei linhas que não deveria, também. Disse coisas que estavam abaixo de mim. Abaixo de todos nós. Desnecessário. – Ele estalou a língua, então, rápido e impaciente; uma retirada definitiva. – Farei com que os moradores entrem em contato com você quando puderem tirar uma equipe. Você precisa de um mandado?

– Ainda não sei. A irmã provavelmente nos deixará procurar, mas tenha uma para o caso.

– Muito bem. Vá, Khalaji — disse Joshi com firmeza. – Você também, Seong-Jae. Você não é meu parceiro de conversa favorito agora.

A linha ficou muda, então, sem dar a nenhum deles a chance de responder. Malcolm bufou e verificou o espelho retrovisor antes de entrar nas pistas em direção à curva para o hotel. Ele não tinha certeza se realmente acreditava nisso, que Joshi estava incitando-os o tempo todo; a animosidade tinha sido muito real, muito pessoal, e soava como uma desculpa para desviar de um comportamento cada vez mais merda, errático, volátil e teimoso agora que, por algum acaso, valeu a pena. Mas se esse era o escudo que Joshi precisava, então Malcolm estava cansado o suficiente para deixá-lo tê-lo.

E Joshi não estava totalmente errado.

Se eles iam pegar esse filho da puta e fazê-lo ficar, eles precisavam de provas infalíveis. Eles precisavam de algo *sólido,* e isso…

Isso era sólido.

– Estranhamente, estou começando a entender o que você viu nele, – ele murmurou.

Seong-Jae foi um sorriso pensativo, porém, quando ele encostou a cabeça na janela. Até que ele disse: – ... Obrigado.

– Para que?

– Por dizer o que você disse a ele. – Seu sorriso se fortaleceu, e ele estendeu a mão para descansar a mão no joelho de Malcolm. – Eu vou... Falar com ele em breve. Eu também deveria me desculpar. E então grite com ele. E possivelmente pedir desculpas novamente.

– Ter uma consciência é um pé no saco, não é?

– Sim, – Seong-Jae disse com humor seco. – É realmente.



Aanga olhou para a tela preta e silenciosa de seu telefone.

E por razões que ele não conseguia entender...

Ele *sorriu.*

Porra, porra. Ele queria que eles se saíssem melhor, que parassem de lhe trazer merda sem graça e esperando que ele aceitasse como um fato, queria que eles ultrapassassem seus próprios preconceitos e fixações para fazer um trabalho investigativo real, mas...

Eles sempre tinham que ir longe demais, fazer demais.

Malditas *rainhas do drama.* Ambos. Tão fodidamente *extra* que o fez ranger os malditos dentes.

– Eu vou matá-los, ele murmurou para si mesmo, e enfiou o telefone no casaco. – Eu vou matá-los, porra. Porra Jesus *Cristo.* Tudo – *tudo* em extremos com esses dois. – Ele beliscou a ponte de seu nariz. – Eu só quero um dia tranquilo. Apenas *um.*

Gretchen ergueu a cabeça, olhando-o por cima da tela do computador.

– Um. Chefe...?

– Nenhuma coisa. Nada, apenas... Me dê o número dos moradores de Parma, Ohio. Ligue para Cleveland se precisar. Aanga suspirou. – Aqueles idiotas. – Caramba, por que ele não conseguia parar de sorrir? – Aqueles lindos idiotas.

Gretchen se levantou, cruzando os braços sobre o monitor e olhando para ele com um pequeno sorriso simpático. – Algumas pessoas realmente resistem quando você as empurra, hein, chefe.

– Sim. Sim, eles fazem. – Ele gemeu. – Eles ainda estão prestes a me fazer arrancar meu maldito cabelo. Como diabos Zarate os atura?

– Provavelmente puxando o cabelo deles, não o dela. – Gretchen *tsk* ed alegremente, afundando de volta em sua cadeira. – Agora pare de falar comigo. Tenho trabalho a fazer.

– Insubordinação. Estou cercado por uma insubordinação grosseira.

Mas ainda assim, Aanga sorriu, enquanto ouvia Gretchen discar e falar com alguém em tom nítido e educado.

Finalmente, uma boa pista. Uma *verdadeira* pista. Progresso.

Nós vamos pegá-lo, Shane. Eu te prometo isso. Nós vamos pegá-lo.

E quando o encontramos...

Eu vou fazer aquele filho da puta pagar.

9: AINDA NÃO FORTE O SUFICIENTE

Gabrielle Leon não conseguia se mexer.

Ela só podia olhar para Anji, aqueles olhos castanhos olhando para ela de seu colo. Anjulie tinha um jeito de olhar para alguém como se ela pudesse ver através de cada mentira, cada meia verdade, até mesmo aquelas auto-ilusões que qualquer um poderia convencer a si mesmo que eram reais, desde que as repetisse com bastante frequência.

E ela estava olhando para Gabi daquele jeito agora, um olhar inabalável emoldurado pelas pontas negras e selvagens de seu cabelo até que ela se tornou um falcão caçador afiando sua presa enquanto ela exigia: – Você está apaixonada por mim, não é? ?

Mentir, foi o primeiro instinto de Gabi.

Mentir, rir disso, enterrá-lo. Pelo bem de Anjulie.

Mas isso também seria uma mentira.

Ela só estaria fazendo isso para se proteger.

Para impedir que a massa suave e lentamente desinflada de seu coração se decompusesse completamente dentro de seu corpo ainda vivo quando Anjulie se fechou, a cortou e ela perdeu sua amiga não apenas por quebrar a regra fundamental, mas por mentir para ela sobre isso.

– Eu sinto Muito. – Saiu antes que ela pudesse impedir, e Anji fez uma careta, sentando-se, deixando apenas a marca quente de si mesma nas coxas de Gabi.

– Você sempre pede desculpas por tudo. Eu não quero ouvir que você sente muito.

Gabi estremeceu. — Então o que você quer ouvir? Ela olhou para os joelhos, puxando as pernas para mais perto dela no sofá, puxando as pontas de seu roupão. – Que eu tentei não? Que eu sei o que isso faz com você, e eu *tentei?*

– Você poderia tentar me dizer por quê.

Gabi quase riu, mesmo sentindo vontade de chorar, o pânico subindo pela garganta até que cada respiração dela fosse um grito silencioso.

Por quê.

Ela nem sabia.

Talvez porque ela teve um caso de amor autodestrutivo com os intocáveis.

Talvez porque ela era egoísta, e Anjulie estava *lá.*

Ou talvez porque Anji era feroz e selvagem e maravilhosa e brilhante, e era tão malditamente difícil não amá-la do jeito que ela não queria ser amada. Mas essa dificuldade, essa luta, era problema de Gabrielle. A única coisa que Anjulie nunca quis, e Gabi tinha cruzado essa linha.

Por que, então, ela pensou em Mal agora?

Sempre segurando suas emoções para os outros. Ele tinha suas regras também, e uma de suas regras era que no final ele era responsável por suas próprias emoções, não pelos outros. Que talvez ele não pudesse evitar o que sentia, mas podia escolher o que fazer a respeito. Secretamente, Gabi sempre sentiu como se estivesse ficando aquém de suas *regras,* sua maldita honra e nobreza, como no fundo ela sempre foi um pouco egoísta demais e um pouco imperfeita demais e um pouco carente demais e ele simplesmente foi e perdoou-a por isso de qualquer maneira, porque foi isso que ele fez.

Porque ele também era egoísta.

E ele nunca tinha entendido que às vezes você não estava fazendo nenhum favor a ninguém, engarrafando tudo em um muro e isolando-os enquanto você se martirizava em qualquer colina que você escolhesse para morrer.

Mas ela não tinha palavras para Anjulie. Ela só podia balançar a cabeça, enfiando os dedos até que eles enrolaram as bordas de seu roupão em pequenas dobras sulcadas contra sua palma. Ela não conseguia olhar para cima. Não olharia para cima.

Não quando ela não suportava ver sua melhor amiga olhando para ela como se ela fosse uma estranha; alguém com quem Anjulie tinha parado de se importar.

O silêncio contava entre elas por tantos segundos dolorosos, cada um balançando um pêndulo estrondoso e destrutivo dentro do peito de Gabi.

Até Anjulie dizer: – Não há razão para não continuarmos amigas. Silencioso, cuidadoso, depois virando afiado, áspero. – *Preciso* continuar amiga, Gabi. – A voz de Anji falhou, mas a voz de Anji nunca *falhou* quando a dela era uma coisa rouca e áspera que apenas arranhava e raspava em todos

os lugares como uma lixa quando ela estava chateada. – Eu não posso perder você também. Não faça isso comigo.

Gabi fechou os olhos, sugando várias respirações que ela não conseguia forçar de volta, até que sua caixa torácica parecia estar descascando para fora.

Isso não deveria deixá-la feliz?

Que Anji não estava dizendo a ela para fazer as malas e sair?

Ela abriu os olhos, olhando para os pequenos vincos entre os dedos apertados. – Estou tentando não, ela sussurrou. – Estou tentando com tudo em mim. Eu preciso ser sua amiga mais do que eu preciso ser qualquer outra coisa para você. Talvez uma parte de mim tenha se ferrado pensando que você me manteria como aquele cachorro, aquele cachorro ao qual você é tão alérgico, mas que você não larga – e isso é algo errado em *mim,* que eu me vejo dessa maneira. Que eu acho que posso trocar meu valor dessa forma, desde que você me mantenha. Talvez devêssemos... – Ela engoliu em seco. Todas aquelas respirações haviam formado um bolsão em sua garganta, o ar de alguma forma duro como uma rocha. – Talvez devêssemos parar de dormir juntos. Minha cabeça e meu coração ficam muito emaranhados. Eu não posso... Separar do jeito que você pode.

Anjulie ficou quieta... Até que seu calor caiu no sofá ao lado de Gabrielle, ombro a ombro, enquanto Anji suspirava. Gabi arriscou espiá-la por baixo dos cílios, escondendo-se atrás do próprio cabelo, mas Anji não estava olhando para ela; ela olhou para o teto, e o olhar de exaustão pura e crua em seu rosto deixou o estômago de Gabi afundando com a culpa, tão pesada que praticamente caiu *pelo* chão.

– Por que isso era tão mais fácil na faculdade? – murmurou Anji.

– Nós éramos mais jovens naquela época. Pessoas diferentes. – Gabi sorriu; impediu que sua boca tremesse. – Tudo parecia tão complicado, mas realmente não era. Não, então.

– Somente agora.

– … Sim. Somente agora.

Gabrielle não estava pronta para a cabeça de Anji virar bruscamente para ela – e não havia como escapar da mira daqueles olhos que exigiam pura honestidade, como se qualquer outra coisa fosse uma traição.

E o coração de Gabi parou quando Anjulie perguntou sem rodeios: – Então é isso que você quer? Parar de dormir junto?

Diga sim.

Diga sim, porque é melhor para ambas.

Diga sim, porque se você continuar assim você vai foder anos de amizade, e será tudo culpa sua.

Mas ela não podia.

Ela não podia dizer nada, seus lábios congelados.

E ela poderia ter explodido de alívio quando Sade apareceu na porta da cozinha, inclinando-se ao redor da moldura com seus longos cabelos castanhos escuros balançando sobre o espaço vazio.

– Anji? – Olhos castanhos esvoaçavam entre eles, perturbados, pesados, seu rosto de duende escuro marcado com linhas de exaustão tão profundas que se tornaram gravuras. – Você pode querer entrar aqui. Temos companhia.



De todo o maldito tempo.

Anjulie observou o alívio no rosto de Gabrielle como se ela tivesse sido poupada de uma sentença de morte, e Anji se perguntou o que diabos ela estava prestes a dizer.

Sim. Não.

De qualquer forma, que merda de confusão.

Deus, ela odiava ser puxada entre prioridades.

Mas o olhar no rosto de Sade dizia que isso não podia ser ignorado, e considerando que ela ainda tinha uma porra de uma investigação de policial morto para lidar e o assassino de policiais que estava fazendo ovos em sua maldita cozinha, bem...

Acho melhor ela responder ao puxão de pelo menos uma das dez milhões de coleiras presas a ela.

Ela começou a dizer algo para Gabrielle— *Nós conversamos mais tarde* ou *vai ficar tudo bem* ou ela nem *sabia,* mas ela não podia prometer o último e não sabia se ela queria ter essa porra de conversa no tudo. Era sua própria culpa, deixar sua amizade se complicar com o sexo. Só porque tinha funcionado quando elas tinham vinte anos não significava que funcionaria

agora, e Anji deveria ter dado um passo atrás e reconhecido que ela não estava ajudando uma única maldita coisa enquanto Gabi estava finalmente, depois de tantos anos, trabalhando no destroços que seu divórcio havia deixado dentro dela.

Mas... Caramba, Anjulie nunca teve permissão para querer *uma* coisa fácil para si mesma?

Um sorriso minúsculo e triste passou pelo rosto de Gabi até desaparecer quando ela abaixou a cabeça, o escudo de cachos acobreados caindo sobre seu rosto bronzeado. – Está bem. Vá em frente.

Está tudo bem.

Claro que estava tudo bem, porque Gabi sempre dizia que estava tudo bem, mesmo que não estivesse.

Anjulie apenas... Explodiu palavrões, palavras suaves cuspindo por entre os dentes, e se levantou do sofá para entrar na cozinha, seguindo Sade com o olhar assombrado de Gabrielle atrás dela, Roscoe trotando em seus calcanhares e tentando tropeçar nela como o monstrinho. Pensou que ele estava recebendo guloseimas.

Sade havia deixado as cortinas abertas sobre a janela da pia da cozinha, e eles se acomodaram ao lado do fogão, apoiando o quadril no balcão e cruzando os braços sobre o peito magro como um pássaro, encolhidos dentro de um moletom roxo pálido com capuz que haviam roubado de Gabi.

– Dê uma olhada, eles disseram.

Anji afastou ainda mais as cortinas e espiou pelo vidro.

Onde, do outro lado da rua, uma figura bastante familiar se escondia sob um poste de luz, indescritível contra a luz cinzenta, meio escondida por uma velha caminhonete. Homem mais velho, cabelos pretos grisalhos, olhos escuros, pele morena desgastada, jaqueta sensata e jeans sobre uma camisa confortável. Ele tinha um filhote de beagle de orelhas caídas na coleira, logo após o estágio de filhote de patas grandes e na adolescência, e parecia que o cachorro havia parado para cheirar e vadiar enquanto seu dono esperava pacientemente. Ninguém que normalmente chamava atenção.

Mas era nisso que Santiago Vasquez era bom.

Afinal, parte da arte do engano era ser o mais comum possível.

Anji apenas... Bateu a testa contra a janela com força suficiente para fazer o vidro chacoalhar.

De jeito nenhum Vasquez decidiu sair na rua dela para o inferno.

Ela realmente não gostava que as pessoas de Huang soubessem onde ela morava.

Afastando-se da janela, ela lançou a Sade um olhar severo. – Fique aqui porra. Fora de vista. Ele viu você?

Eles balançaram a cabeça. – Não. Ele está sendo um pouco óbvio demais sobre não olhar para a casa.

– O que poderia muito bem ser gritar 'saia e brinque'. – Ela suspirou e se jogou na sala de estar. – Eu cuido disso, – ela atirou de volta para Sade, então apontou um dedo para Gabrielle. – Roupas. Sapato. Esteja pronto para correr.

Gabi sentou-se tensa, puxando o roupão por cima de um ombro curvo.

– O que está acontecendo?

– Talvez nada. Mas se a merda acontecer, você não precisa estar em um roupão de banho com a bunda para fora. – Anjulie verificou sua arma, vestiu o casaco, enfiou os pés nas botas e empurrou a porta da casa.

E mal conseguiu fechar a porta a tempo de impedir Roscoe de segui-la, deixando seus latidos ocos ecoando pela madeira pesada.

Agora?

Agora não era a porra da hora para *walkies*.

Além disso, ela não podia confiar naquele pequeno barril de pólvora desalinhado para não tentar *comer* o beagle.

No momento em que seus saltos bateram nos degraus da frente de sua casa, Vasquez olhou para cima — cuidadosamente, cauteloso, a cabeça não virando diretamente para ela, mas os olhos fixos nela infalivelmente por baixo das sobrancelhas. Ele pairou sob a sombra de uma árvore, seu esconderijo um pouco óbvio demais, e Anjulie rosnou enquanto lançava um olhar para a esquerda, para a direita, então atravessou a rua e se espremeu entre os carros estacionados na calçada.

Ela não deu a Vasquez a chance de falar, aproximando-se rapidamente e curvando-se para sibilar para ele. – Não *podemos* ser vistos conversando um com o outro. Que porra você está fazendo aqui?

– Passando, capitã Zarate y Salazar. Passeando com meu cachorro. – Seu sotaque colombiano suave fez o nome dela soar diferente; não totalmente *errado,* mas apenas o suficiente para que não soasse como ela. – Não sabia que essas calçadas eram regulamentadas. – Mas a leveza aérea foi forçada, a voz e a expressão de Vasquez graves, enquanto o beagle olhava para ela com um sopro curioso*, as* orelhas balançando. O sorriso de Vasquez veio e se foi, antes que ele dissesse: – Quero saber o que você sabe. E em troca, você pode saber o que eu sei. Parece justo?

A desconfiança a picou como dentes minúsculos. Ela se balançou sobre os calcanhares, enfiando as mãos nos bolsos do casaco. – Depende do que você quer saber.

– Tudo que eu preciso é saber que o chefe está bem.

Anjulie arqueou uma sobrancelha. – Por que? Huang morrer, você pode conseguir uma promoção.

– Eu não quero uma promoção. Eu gosto da minha vida tranquila. Eu fico baixo. Não tire fumaça. Não quero calor. Eu tenho crianças para pensar. – O olhar de Vasquez se desviou, desfocado e pensativo. Ele passou o polegar preguiçosamente pela coleira do beagle. – Além do mais. Para algumas pessoas… A lealdade importa mais do que o poder.

Ela o estudou, examinando seu rosto quase pacificamente impassível. Agora Vasquez estava em sua lista de suspeitos, e ela conhecia o tipo dele. Calmo, o tio gentil favorito de todos que provavelmente assassinou uma dúzia de malditos homens só no último mês e depois riu e perguntou quem queria sorvete. Dick van Dyke com um canivete, sorrindo enquanto cortava garganta após garganta.

Sim. Ele gostava de ficar baixo.

Mas isso só significava que era mais difícil saber do que ele era capaz.

Ainda assim, um pouco de informação médica não era difícil de desistir. E ele poderia oferecer algo útil, se não fosse uma orientação errada.

O cachorro se inclinou para ela, ganindo. Ela se inclinou o suficiente para oferecer a mão para deixar o beagle cheirar e inclinou a cabeça em aquiescência, considerando, então disse: – Ele está tão estável quanto pode estar agora. Ele quase caiu na mesa de operação. Ele vai precisar de um extenso enxerto de pele e cirurgia reconstrutiva, se conseguir. Metade de seu corpo foi basicamente queimado e de volta ao lado que sofreu o impacto da explosão.

– E ele vai conseguir?

– Isso ainda não é uma coisa certa, disse ela. – Mas quanto mais ele aguentar, mais provável é que ele consiga sobreviver.

– Estranho como isso aconteceu, Vasquez murmurou. – Ouvi dizer que alguém rompeu uma linha de gás natural e a acendeu colocando baterias no micro-ondas?

– Você ouve, hein.

– As pessoas falam. Ele deu de ombros, assobiando baixinho por entre os dentes. – Parece-me um crime de oportunidade. Agora, essa tentativa de assassinato, por outro lado…

– Você tem algo que você quer me dizer sobre isso?

– Só que não fui eu. Não era alguém em quem eu confiasse. Mas eu não deixaria passar por algumas pessoas em minha associação geral que querem ficar um pouco mais ricas, pagas diretamente de certos bolsos forrados de ouro.

Anjulie fez uma careta. – Então aquele WASP em particular está zumbindo por aí, hein?

– E ela é notavelmente difícil de golpear. – O olhar de Vasquez voltou-se para ela, afiado. – Ela me ofereceu bastante dinheiro e meu próprio território.

— Então por que você não pegou?

Ele sorriu, então. – Eu sei quem assina meus contracheques. E ele ainda não está morto.

Quando o beagle pôs o focinho molhado e quente em sua palma, ela acariciou preguiçosamente entre suas orelhas, mas não desviou o olhar de Vasquez — e tentou ao máximo não espirrar, o nariz coçando e formigando.

– Você sabe que se ele sobreviver, eu vou prendê-lo.

– Eu sei que você vai tentar. Mas eu não iria contar com ele ainda. Agora. – Aqueles olhos escuros afiados, atentos, toda a leviandade desaparecendo para deixar o homem atrás da máscara – não apenas calmo. Resfriado. Metódico.

– Acho que temos outra coisa para conversar.

Anjulie não se moveu, mas no fundo de sua mente calculou os milissegundos que levaria para tirar a arma do coldre. – O que é isso?

— No que você e o chefe estão trabalhando. E o sorriso de Vasquez, então, era desagradável, sombrio, deixando-a com calafrios. – Porque eu tenho uma mulher por dentro... E eu acho que você e eu? Podemos nos ajudar muito mais do que você imagina, querida capitã.

Daniella Vasquez estava trabalhando até tarde esta noite.

E agradecendo a suas estrelas que sua supervisora havia dito que estava doente naquele dia.

Ela preferia ser deixada sozinha, de qualquer maneira. Gabrielle Leon era uma espalhafatosa, uma microgerente, muito amigável, sempre por cima do ombro. Daniella não desgostava dela, não realmente.

Mas Daniella não estava aqui para fazer amigos.

Ela estava observando Matheson durante toda a semana – e ele estava olhando de volta. Apenas o ocasional olhar medido e ilegível, mas ele geralmente demorava. Sobre como ela sempre usava suas saias um pouco mais curtas; sobre como ela sempre desabotoava a camisa um botão a mais; na meia-calça de seda que ela usava, chamando a atenção para suas pernas toda vez que ela passava por sua mesa e escovava o cabelo de seus ombros apenas para ver como seu olhar pensativo seguia o caminho de sua mão e permanecia em seu pescoço.

Seu rosto não revelava nada.

Mas ela conhecia os homens.

Ela sabia como eram *fáceis.*

E ela não podia deixar de notar como a língua dele se movia levemente contra o interior de sua bochecha, a mais leve pressão externa; como ele ajustou seu assento para abrir um pouco mais as pernas; como ele moveu seus quadris para frente quando a observou. É claro que o promotor público não iria querer se entregar. Ele tinha uma esposa, uma imagem a zelar, e não arriscaria dar um passo em um novo contratado vulnerável.

Mas nada dizia que ela não poderia fazer um movimento sobre ele.

Ela se inclinou ao redor do balcão da recepção; além da entrada de vidro, os corredores estavam escuros, outros desocupando seus escritórios, o público em geral conduzido há muito tempo. Ela podia ouvir Matheson ao telefone em seu escritório, apenas um murmúrio baixo de barítono através de sua porta fechada. Ele parecia que terminaria em breve; aquela certa cadência de uma chamada terminando, mesmo que ela não pudesse arriscar tentar ouvir o que ele estava dizendo sem ser pega.

Pelo menos ela tinha uma desculpa para entrar lá e ver o que ela poderia fazer com um pouco de tempo sozinha.

A Sra. Leon havia avisado desde cedo para tratar Matheson como se ele realmente se encaixasse em sua auto-imagem como o Don Draper da política de Baltimore, e sempre estar pronta com um quinto de Bourbon depois de um longo dia. Com a constante enxurrada de tarefas embaralhadas enquanto fazia

a transição de mais e mais funções administrativas para Daniella, ela ainda não tinha tido a chance de trazer a Matheson sua bebida de encerramento.

Mas a Sra. Leon não estava aqui hoje.

E quando Daniella ouviu o leve clique do telefone no gancho, ecoando pela pesada porta de carvalho, ela ficou de pé e tirou uma garrafa e um copo do armário de bebidas em miniatura escondido debaixo da mesa. *Ele gosta puro,* a Sra. Leon advertiu. *Dois dedos, embora às vezes ele queira mais. Depende do tipo de dia que ele teve. Imbecil que ele é, ele espera que você adivinhe.*

Daniella se deteve em como seu tom soou pela porta.

Derramou três dedos.

Não—quatro.

Ela o faria beber mesmo se ele tivesse o melhor dia de sua vida.

E, sorrindo, ela abriu outro botão de sua blusa, expondo o bojo preto e sedoso de seu sutiã, antes de bater na porta do escritório de Matheson.

– Senhor. Matheson? – Ela ronronou, então empurrou a porta e foi recompensada por um olhar, um segundo olhar, então um lento e crescente sorriso, seus profundos olhos escuros brilhando ardentemente. – Se você terminou o dia... Eu trouxe sua bebida.



No momento em que a batida da porta da frente reverberou escada acima, anunciando o retorno de Anjulie, Sade havia se retirado para o quarto de hóspedes para se enroscar na cama com o telefone.

Em sua tela, várias linhas rolavam lentamente pela superfície plana em cores diferentes marcadas com números. A frequência cardíaca de Min Zhe . Sua pressão arterial. Ondas cerebrais. Todos os seus sinais vitais mapeados, até que Sade pudesse contar cada respiração e imaginá-lo sozinho naquele quarto de hospital, a imagem de sua forma em repouso e enfaixada pintada em números e métricas quando Sade não podia estar lá com ele.

Seus olhos ardiam ardentemente, o interior de seu nariz formigando. Isso era culpa deles, e agora... Agora tudo tinha dado tão errado que eles não podiam voltar atrás.

Quem sou eu para julgá-lo agora?

O que me fez pensar que alguma vez tive a moral elevada?

Eles ainda podiam sentir isso. Aquele *estalo*, aquela sensação horrível, reverberando em seu braço quando osso e ligamentos atingiram aquele ponto de ruptura perfeito e se *partiram.*

Eles salvaram a vida de Min Zhe .

Não deveria parecer certo?

Eles não deveriam ser capazes de raspar esse sentimento horrível como se tivessem mergulhado as mãos na lama pantanosa da morte e os revestidos de culpa?

Algumas coisas não podem ser consertadas.

Achei que te salvaria.

E eu só me amaldiçoei.

Eles observaram esses sinais vitais pelo que pareceram horas. A Mercy Medical nem notaria a intrusão em seu sistema. Os hospitais pareciam nunca esperar qualquer tipo de intrusão, e sua segurança digital era a pior. Talvez houvesse algum pequeno risco de alguém perceber, rastrear, mas…

Sade precisava disso.

Essa conexão, quando eles não podiam estar lá para segurar a mão de Min Zhe e esperar que ele voltasse à vida.

Eles pressionaram os nós dos dedos contra a boca, então levantaram a cabeça bruscamente quando o rangido do piso de madeira soou do lado de fora da porta. Uma leve batida de nós dos dedos e, em seguida, Anjulie empurrou a porta, apenas de pé na porta, uma mulher espantalho de ponta de machado com o cabelo espetado em um spray preto selvagem de agitação intermitente.

Ela olhou para eles por vários momentos, então suspirou e sentou-se no pé da cama, o corpo esguio curvado para a frente como se ela fosse magra demais para ficar em pé, seu próprio peso a dobrando, sua rica pele marrom-dourada brilhando. na tênue luz que entrava pelas janelas.

– Oi, – ela disse.

– ... Oi, – Sade respondeu, pressionando o telefone contra o peito, escondendo a tela. – O que aconteceu?

– Nada com que você precise se preocupar. Vasquez não estava aqui para você. Anjulie apontou o queixo para o telefone. – Vamos lá. Vamos ver isso.

Sade mordeu o lábio. – Veja o que?

– O que você está escondendo de mim.

Estremecendo, Sade baixou os olhos – então relutantemente tirou o telefone do peito e mostrou a tela para Anjulie. Ela olhou para ele de forma neutra, depois para longe, o olhar vagando para a janela.

– Pelo menos esses sinais vitais ainda estão se movendo, disse ela.

– Você... É... É estranho ouvir isso vindo de você.

– Sei melhor do que ninguém que o caso dele é complicado. Ele fez coisas imperdoáveis, mas há mais do que isso. Há sempre mais do que isso. – Seus olhos se fecharam. Suas mãos se curvaram contra o velho edredom acolchoado. – Ele não pode ficar lá para sempre, você sabe.

Sade inclinou a cabeça, observando o aumento lento, mas constante, da frequência cardíaca de Min Zhe, deixando que esse ritmo acalmasse seus próprios batimentos cardíacos. – Eu sei. O que... O que vai acontecer com ele quando se estabilizar?

– Instalação segura, disse Anji. – Provavelmente prisão estadual ou federal. Nós não temos nada oficialmente para segurá-lo, ainda não. Mas eles dirão que é para a própria proteção dele, depois... – Ela parou de repente, então terminou, – Depois do que aconteceu no quarto dele.

– Oh.

– Sim. Oh. – Ela sorriu amargamente... E muito incisivamente não olhou para Sade. – Eu estava pensando... Se alguém quisesse chegar até ele, eles teriam que fazer isso antes que ele fosse transferido, você não acha?

Sade apenas olhou para ela, seus dedos ficando dormentes.

Sem esperar por uma resposta, Anjulie se levantou – e foi embora com seu passo lento e cansado, deixando Sade sozinho.

10: POR FAVOR NÃO VÁ

Seong-Jae estava na beira da propriedade de Christiansen-Yardley, mantendo-se ao longo da cerca e fora do caminho dos tratadores caninos e suas cargas. Hannah Yardley pairava no convés, uma estátua que parecia intocada mesmo pelo vento que não movia suas roupas, nem seus cabelos, nem mesmo o mais fino tremor de um chicote.

Ela assistiu como se fosse seu dever.

Para ficar de sentinela e testemunhar como esta saga de décadas finalmente chegou ao fim.

Malcolm ficou igualmente imóvel, ao lado de Seong-Jae.

E Seong-Jae só podia imaginar o que passou pela mente de Malcolm neste momento, quando mais do que tudo Seong-Jae sabia que Malcolm reviveu cada criança perdida como se aquela perda fosse sua; como se mais uma vez tivesse perdido a chance de ser um pai, um mentor, um homem que amava uma família que agora nunca existiria.

O rosto de Malcolm era uma máscara de pedra e, no entanto, era a rigidez de sua postura que o denunciava enquanto observavam os donos andarem lentamente com seus cães pelo pátio, permitindo que cheirassem cada centímetro da grama, tanto na frente quanto atrás.

– Eles estão pisoteando as flores, – Malcolm sussurrou, suas narinas dilatadas. – Eu posso sentir o cheiro deles sendo esmagados.

Seong-Jae enrolou as pontas dos dedos com os de Malcolm, mal se tocando. – Você acha que eles vão encontrá-lo?

– Espero que sim. – Os olhos de Malcolm se fecharam. Ele usava dor como se tivesse sido pintada em seu rosto para mudar sua paisagem. – Mas eu também não.

– Malcom.

– Eu sinto Muito. – Rouco, quebrado, mas Malcolm não abriu os olhos, suas pálpebras abaixadas um escudo escondendo-o de Seong-Jae. – Estou sendo ridículo.

– Você não é. – Seong-Jae se sentiu tão impotente para fazer qualquer coisa por seu omr-am, neste momento; para trazer-lhe algum conforto, mas ele poderia fazer isso. Ele podia falar com honestidade, e acreditar nisso o

suficiente para o bem de Malcolm. – Você está sendo humano. Um belo humano com um coração grande demais para seu próprio bem. Grande o suficiente para cuidar de um menino que se foi há décadas.

– A maioria das pessoas não chama homens como eu de bonitos, – Malcolm murmurou, mas seus lábios levemente curvados.

– Eu não sou a maioria das pessoas. – Entrelaçando suas mãos mais completamente, Seong-Jae se inclinou contra Malcolm. Ele não tinha palavras para lhe dizer que se Malcolm precisasse se esconder, ele poderia se esconder contra Seong-Jae; se esconderia *de* Seong-Jae se ele precisasse, e Seong-Jae esperaria por ele, cuidaria dele, suportaria o peso de testemunhar isso por ele, desde que desse paz a Malcolm. Não, essas palavras eram grandes demais para ele, demais para lutar contra seus lábios teimosos e aquela incerteza terrível e hesitante que se mascarava de orgulho, mas era realmente sua insegurança. Mas o que ele podia dizer, sem hesitar, era: – Eu te amo. Você só pode ser bonito aos meus olhos.

Os dedos de Malcolm se apertaram contra os de Seong-Jae; um aperto de morte. E o velho lobo virou a cabeça, descansando a testa nos ombros de Seong-Jae, seu cabelo solto caindo – um escudo, uma cortina – para mascarar completamente seu rosto. – Obrigado por isso, – emergiu passando por gavinhas prateadas.

– Por que você está me agradecendo?

– Para... – Malcolm exalou lentamente. – Por me lembrar de uma das razões pelas quais eu aguento.

Então eles se agarraram – até aquele momento, um ao outro, ao pavor silencioso que crescia a cada segundo contado nas chamadas do posto de controle entre os oficiais que cuidavam dos cães cadavéricos, os comandos suaves dados aos animais, o ocasional ganido baixo, o farfalhar de grama e folhas. No fundo, Seong-Jae doía, porque ele sabia.

Ele sabia que um corpo esperava aqui embaixo da terra, tão certo como se ele mesmo o tivesse colocado lá, a parte de Sila que vivia dentro da escuridão de Seong-Jae os pensamentos sussurrando para ele sobre como foi, como foi fácil, quão pouco Sila se importava.

A sombra dentro dele respirou.

Meu toque foi aqui.

Talvez não seja minha mão no trabalho... Mas isso traz minha marca, no entanto.

Você sabe disso, Jamjali.

Você sente isso.

Você vê através dos meus olhos e sabe que isso faz parte do padrão.

No entanto, essa litania insidiosa era uma coisa dupla, sobreposta entre uma voz e outra.

Um monstro com olhos azuis e verdes.

E a criatura do pesadelo que o criou, falando com uma voz, uma mente, um propósito. Não havia dúvida em Seong-Jae, agora.

Sila e o coelho branco se moveram como um só.

E seus dedos fantasmagóricos envolveram sua garganta, sufocando sua respiração quando um dos cães, um pastor holandês lustroso com um casaco preto e marrom manchado e um ruído graciosamente pontiagudo, soltou um latido decisivo. Um grito de alerta, e a tensão do pátio silencioso mudou, todos se aquietaram, todos os olhos se voltaram para aquele som.

Onde o cão esticava a ponta da coleira, as orelhas erguidas para a frente, o focinho fino apontado para aquela mancha selvagem de flores densamente crescidas contra a cerca dos fundos.

Com um som doloroso, Malcolm começou a levantar a cabeça, mas Seong-Jae se moveu sem pensar. Seguindo apenas o instinto, e o instinto disse...

O instinto disse para proteger Malcolm.

E Seong-Jae se deslocou para colocar seu corpo entre Malcolm e os oficiais reunidos ao redor daquele canteiro de flores, latindo comandos e pedindo equipamentos para que pudessem *cavar.* Ele enterrou os dedos no cabelo de Malcolm, puxando aqueles olhos azuis angustiados e úmidos para encontrar os seus, olhando ferozmente para Malcolm.

– Não olhe, – Seong-Jae sussurrou. – Não olhe até que não haja outra escolha. Olhe só para mim. Olhe apenas para *mim,* Malcolm.

Sulcos profundos de dor esculpidos no rosto de Malcolm, como atrás deles veio o som áspero, quase metálico de uma pá afundando no chão.

– *Seong-Jae,* – Malcolm sussurrou, fechando os olhos e pressionando sua testa urgentemente para Seong-Jae, mãos fortes curvando-se contra seus ombros e agarrando-se. A necessidade de Malcolm estava em cada toque, cada respiração irregular.

Quando Malcolm precisava... Seong -Jae só podia dar com tudo nele.

Então juntos…

Juntos, em silêncio, eles esperaram.

E juntos, em silêncio... Eles choraram.



Sem Seong-Jae, Malcolm poderia ter quebrado e ido embora.

Se a força era o que precisava para ficar impassível enquanto a equipe de busca rasgava a terra, raízes finas, folhas, flores esmagadas...

Ele não queria ser tão forte.

Ele disse a si mesmo repetidamente que havia perdido sua fé, mas algumas coisas eram inatas e não podiam ser cortadas dele apenas dizendo *que renuncio a isso, não acredito mais em Deus, em Yah, nos ensinamentos de um mundo que não reflete a feiúra que vejo todos os dias, todos os dias, me dizendo que essa benevolência divina é uma mentira e Deus abandonou os corações dos homens para murchar, sozinho, em nadas negros sem compaixão ou paz.*

A crença ou a falta dela não mudava que era errado, sacrilégio, perturbar esses ossos tranquilos.

Mas o mais errado seria deixá-los sem nome, desconhecidos, sem pelo menos alguma coisinha oferecida em nome dessa criança perdida.

Nunca conseguimos enterrá-la.

Isso o atingiu com força quando ele se agarrou a Seong-Jae, olhos fechados, forçando-se a não olhar além do escudo protetor do corpo alto de Seong-Jae, como se seus ombros largos tivessem sido feitos para salvar Malcolm de enfrentar a realidade por apenas alguns momentos. mais longo.

Ele não conseguia respirar além do nó em sua garganta.

Era terrível pensar que, de certa forma, isso era um presente. Encerramento, para Hannah Yardley – talvez para Katie também. Elas iriam enterrar adequadamente o sobrinho.

Mas então eles já tinham, uma vez.

E ele não podia deixar de se perguntar se doeria mais na segunda vez.

– Eu preciso parar, – ele sussurrou no pescoço de Seong-Jae, a pele macia contra seus lábios úmidos de sua própria respiração. – Eu preciso parar de usar essa dor como se fosse minha. Não é. Eu não posso tirar isso deles e fazer isso sobre mim.

– Você não é. – As mãos de Seong-Jae moviam-se contra suas costas, tão fortes e ainda segurando Malcolm tão delicadamente, como se ele fosse quebrar com a menor pressão. A voz de Seong-Jae rolou rouca contra seu

ouvido, abafando o terrível ruído de fundo repetitivo, o *ch-shhk* de uma pá deslizando em solo úmido e cheio de cascalho, seguido pelos leves tambores opacos de terra atirada em pelotas soltas. – Você me disse que empatia não é crime, Malcolm. Isso se aplica a você também. Você acha que Hannah Yardley prefere saber que você se importa com a dor dela ou acreditar que você é completamente indiferente ao que ela perdeu?

Malcolm levantou a cabeça apenas o suficiente para se permitir ver além da queda de seu cabelo; apenas o suficiente para ver o convés de trás sem absorver nada além dele. Hannah ainda estava tão congelada, apertando os braços contra si mesma, mas seu rosto estava molhado, brilhando como chuva fresca em uma janela, seus olhos brilhando com lágrimas.

Como se ela sentisse o peso de seu olhar, porém, ela finalmente quebrou sua imobilidade, virando a cabeça apenas o suficiente. Seus olhos encontraram os dele.

E através do véu aguado de suas lágrimas...

Ela sorriu.

O sorriso mais estranho, vazio e cheio de dor, de culpa — mas também de alívio, e Malcolm sentiu a dor daquele sorriso; dos sentimentos complexos com os quais ela devia estar lidando, e ainda assim permanecia imóvel, testemunhando cada momento.

Isso, pensou ele, exigia muito mais força do que desapego.

E ele desejou poder dizer a ela que a admirava por isso, se isso lhe trouxesse o menor conforto.

Este foi um momento solene, um momento fúnebre, o mundo parando no tempo exceto pelos segundos contados pelos metrônomos daquelas pás cavando – mas a realidade forçou seu caminho, então, quando seu telefone vibrou suavemente contra seu peito.

Ele não queria largar Seong-Jae. Não quando Seong-Jae era a força que Malcolm não tinha, agora. Mas aquele zumbido insistente chamou, e relutantemente Malcolm deixou seus braços caírem, mantendo seu olhar naqueles olhos negros, a mecha de cabelo caindo sobre eles em pequenas lanças finas e macias de coelho, nada mais.

Seong-Jae o observou com uma pequena ruga entre as sobrancelhas, fazendo sulcos naquela cicatriz em diagonal. – Está tudo bem em ignorá-lo, se você precisar.

– Eu não. Eu preciso da distração agora. – Malcolm forçou seus lábios a se esticarem em algo que parecia um sorriso, mas apenas... Parecia errado, e ele o soltou enquanto pegava seu telefone – e no momento em que viu o nome no identificador de chamadas, ele passou o polegar sobre ele. ele, virando-se

para olhar fixamente para a cerca com aqueles sons constantes de escavação em suas costas. – … Sten. Ei.

Cara Stenson entrou sem nem mesmo dizer olá, sua voz estridente fazendo o som do telefone crepitar e gaguejar. – Mal, você nunca vai *acreditar nisso,* porra.

– Neste ponto, os limites da minha crença estão bem distantes, considerando este caso, disse ele. – Bata em mim.

– Eu tive um palpite sobre aquele boneco de cabelo. Fios diferenciados, mais do que apenas variações de tonalidade normais. Textura diferente também. Forma do fio, largura. Então peguei outro e fiz uma análise de DNA. Agora... Eu não tenho nenhuma porra de ideia de quem o primeiro fio que testamos pertencia. Ela parou, seja para efeito dramático ou para descobrir as palavras que ela queria, Malcolm não sabia, mas fez seu coração pular. – Mas a segunda vertente? Combinação de DNA familiar para Sindy Carmichael, também conhecida como Sindy Duvonne.

Ela estava dizendo outra coisa, ao mesmo tempo zangada e triunfante como só Sten poderia estar, mas sua voz se transformou em um ruído branco quando, atrás de Malcolm, alguém chamou: vão danificar os restos, tome cuidado com essa porra de pá!

Os restos.

Malcom se virou. Ele não podia não, como se aquele garotinho mais uma vez tivesse Malcolm pela mão e puxado, envolvendo seus dedos no toque frio e pegajoso de um fantasma e exigindo que ele *visse.* Em algum lugar distante ele estava ciente de Seong-Jae sussurrando seu nome, preocupado, mão em seu braço, dizendo *não, não, Malcolm* —

Mas a compulsão era mais forte.

E Malcolm observava, fixado, seu corpo tomado por calafrios trêmulos enquanto um oficial uniformizado se ajoelhava e, com as mãos enluvadas, limpava a sujeira de um fêmur pequeno, delgado e amarelado, todo do formato e tamanho errado para um animal pequeno, mas exatamente certo para um menino de doze anos.

Depois uma patela, depois os ossos dos dedos minúsculos e depois…

A cúpula redonda do crânio.

Malcolm teve que fechar os olhos... Mas não antes de ver, além da cerca, Katie Hancock de pé e olhando por cima das grades de madeira inclinadas para o quintal, a cor de seus olhos perdida além da parede de suas lágrimas e uma mão segurando sua boca.

O único calor que ele podia sentir, agora, era a mão de Seong -Jae na sua.

– Eu sei, ele se forçou a dizer a Sten, cortando tudo o que ela estava dizendo. – Eu sei... É ele. E acho que sabemos a quem pertence o outro cabelo.

Ele perdeu tudo o que ela disse. Estava vagamente consciente de resmungar adeus através de lábios dormentes, e a ligação caindo, sua mão caindo para cair frouxamente com o telefone mal preso na ponta dos dedos. Além do véu negro de sua recusa, mais uma vez, em olhar... Ele não podia perder o som de Hannah explodindo em soluços silenciosos e estrangulados, como se ela estivesse tentando sugar cada um de volta para dentro de si apenas para que ele se libertasse e escapasse. desesperado pela luz.

– Então agora nós temos a imagem maior, – Seong-Jae murmurou, a tristeza em sua voz não menos grande por tudo que era calma, sutil, contida como se ele falasse em silêncio por respeito aos mortos.

– Sim, – Malcolm resmungou, e desejou como o inferno que as coisas não tivessem sido assim. – E parece que Aleksander Normand é definitivamente o nosso homem.

X: NÓS COSTUMÁVAMOS ACREDITAR

Angelina Garza enxugou o suor da testa e viu as últimas cabeças de coelho subirem pela borda do poço como uma espécie de jack-in-the-box assustador, pendurado pelo pescoço em um gancho enquanto foi puxado por uma corrente, depois manobrado delicadamente para dentro do enorme saco de provas mantido aberto em mãos enluvadas e esperando.

Esse é o último deles, xerife, disse um de seus ajudantes, inclinando-se sobre a borda do poço e espiando. Mas... Uh... Acho que há algo mais lá embaixo.

Ela se afastou da parede da casa abandonada e caminhou até o poço, ficando na ponta dos pés e apoiando as mãos contra a borda para espiar dentro. O delegado iluminou obedientemente uma lanterna pelos lados escorregadios e úmidos, captando a textura arenosa da pedra e o verde suave do musgo e depois, mais abaixo...

Uma fivela de cinto, ela pensou.

Piscando prateado, piscando como algum tipo de símbolo de código morse lá embaixo.

Ela não conseguia distinguir muito mais. Não o suficiente para a luz refletir, e muito profundo para que o feixe penetre com uma luz forte o suficiente para iluminar o fundo do poço. Não podia ser nada, apenas um pedaço de roupa abandonado depois que aqueles homens ficaram presos lá por tanto tempo, suando e mijando e cagando e morrendo de fome até que o coelho branco tivesse um uso para eles.

Ou.

Foda-se.

Ela sempre odiou aquele maldito *ou.*

Ela assobiou, caindo de volta para as solas de seus pés. – Diga-me que não temos um corpo lá embaixo. Alguém pode me dar uma luz mais forte?

– Nele.

Dentro de instantes, vários oficiais correram com alguns dos grandes pontos de inundação de seu estoque de equipamentos táticos, geralmente

reservados para lidar com cenas ativas à noite. Eles colocaram os pontos ao redor da borda do poço, conectaram-nos às baterias dos grandes caminhões de transporte de equipamentos, ligaram-nos... E inundaram o poço com um brilho forte de luz.

Luz que revelava carne branca como a morte, inchada e estriada com veias e manchas roxas de decadência inicial.

E um rosto tão coberto e emaranhado de sangue que era impossível distinguir até mesmo o mais leve indício de feições. Só que o corpo era vagamente masculino, esparramado sem camisa e descalço em um par de jeans manchados e molhados.

– *Maldição.* – Ela puxou inquietamente seu rabo de cavalo, puxando-o e, em seguida, enrolando-o em torno de seu punho, soprando bruscamente.

– Podemos levar alguém lá embaixo para verificar sem perturbar a cena?

O policial que o viu pela primeira vez - Lark, seu nome era Lark, Lark Jenkins ou algo assim - balançou a cabeça. Ele era uma coisa magra, recém-saído do ensino médio, sardento e com uma mecha de cabelo que ficou quebradiça por repetidas descolorações. – Acho que não, xerife, disse ele.

– Não sem quebrar o pescoço de alguém. E como provavelmente sou o mais magro aqui, esse alguém definitivamente seria eu... E não estou me voluntariando para isso, desculpe.

– Eu não pediria a você. – Suspirando, ela levantou o braço, sacudindo a mão em um círculo e sinalizando para o oficial que operava o guincho.

– Arraste para cima. Você deve ser capaz de prender o cinto, a roupa dele, alguma coisa.

– Farei o que puder – , o oficial chamou - antes que o rangido do guincho começasse novamente quando a corrente desceu, tinindo e balançando, para dentro do buraco, o gancho balançando para frente e para trás e ressoando nas paredes do poço. Como um badalo de sino.

Ela se inclinou novamente para assistir, mal se movendo, mal respirando enquanto o gancho afundava cada vez mais baixo – até atingir o corpo na barriga, com força suficiente para fazer o estômago afundar e a boca abrir enquanto um pouco de ar preso soprou. Ela exalou por entre os dentes.

– Cuidado!

– Desculpe! Alguém ilunina, né? Eu não consigo ver lá dentro.

Lark olhou para o lado, apertando os olhos nervosamente. – Estava... Ele estava respirando? Ele ainda está vivo?

– De jeito nenhum, respondeu Garza. – Acontece às vezes com corpos que começam a azedar. Todo esse gás se acumula dentro deles e, quando encontra uma saída, sai. Às vezes não sai da boca deles.

– … Você está dizendo que cadáveres peidam.

– Estou dizendo que cadáveres expelem gases acumulados de todas as maneiras possíveis. – Ela sacudiu dois dedos para o operador do guincho.

– Arraste um pouco em sua direção. Delicadamente.

O operador do guincho obedeceu, puxando a corrente em pequenos estalos até que o gancho encostado na barriga do cadáver deslizou em direção à fivela do cinto, sacudiu — errou. Angelina cerrou os dentes e o instruiu a fazer isso de novo, e de novo, e de novo, até que parecia tentar jogar um jogo de máquina de garra e pegar um brinquedo enquanto a pessoa que movia a garra tinha os olhos fechados. Ela chamou isso de novo e de novo, até que ela estava prestes a subir lá e pegar aquela porra de cadáver ela mesma – até que o gancho pegou, prendendo não no cinto, mas na presilha do cinto do corpo, enganchando no jeans.

– Bom o suficiente, ela chamou. – Pegue-o. Rápido, antes que os fios se quebrem sob seu peso.

Ela tinha visto muito em sua carreira. Incluindo aquele pesadelo mar de sangue no curral estadual onde o coelho branco trouxe pela primeira vez seu tipo particular de carnificina em sua jurisdição.

Mas havia algo singularmente nauseante em ver um corpo puxado para cima pela cintura, balançando flácido e elástico enquanto era puxado para cima tão rapidamente que parecia algum tipo de pesadelo animado, correndo em direção a eles com velocidade não natural, sua estrutura curvada em um frouxo. arco e cabeça pendendo para trás, braços balançando frouxos e sem ossos, pés sujos se debatendo, os dedos dos pés e as pontas dos dedos tão vermelhos de sangue que ela se perguntou se ele havia tentado escalar os lados do poço até ficar em carne viva. Doentio, ela pensou.

Ela não tinha ideia de como ela estava certa.

Não até que o corpo saísse completamente da boca do poço, pairando sobre ele como isca em um anzol, girando tão lentamente quanto uma dançarina de cabaré descendo em uma corda.

Balançando a cabeça em sua visão completa.

E ela percebeu...

Isso não era sangue.

Isso era *carne.*

O horror visceral de um rosto que havia sido removido, expondo todos os músculos abaixo em mechas ásperas esticadas sobre o osso, delineando

contornos sem pele. Sem olhos também — os globos oculares arrancados, as cavidades vazias rodeadas de crostas vermelho-escuras de sangue seco, a boca uma farsa sem lábios aberta em um grito silencioso para expor outro vazio vazio desprovido de dentes ou língua. Até o cabelo tinha sumido, completamente escalpelado, como se uma máscara tivesse sido arrancada do pescoço para cima.

Angelina pensou que ia vomitar.

A cena inteira parou - cada oficial e membro da equipe forense congelando, olhando, um silêncio doentio e horrorizado caindo sobre o pátio gramado.

Até que Lark, trêmulo, mergulhou para espiar sob o corpo solto. – Um... Um, xerife, – ele sussurrou, engolindo, suas palavras grossas. – ... Tem... Algo nas costas dele. Pode ser capaz de identificá-lo.

Angelina parou de se fixar naquele rosto de pele horrível e contornou para o lado para se abaixar e espiar a carne de cera das costas da vítima.

E olhou.

Enquanto olhos arregalados e ferozes olhavam para ela, tinta marrom-avermelhada gravada profundamente em um intrincado afresco de algum estranho demônio com chifres e crânio adornado cercado por impressões estilizadas de chamas.

– Isso é uma tinta impressionante, disse ela sombriamente. – Entre na linha com Joshi. Ele vai querer saber sobre isso... E talvez ele possa nos dizer exatamente quem *diabos* é esse.

FIM

[SÉRIE Q&A COM O AUTOR!]



Olá, Cole aqui. Recebo muitas perguntas sobre a série, então vamos responder algumas das mais comuns!

P. Por que esses livros ainda demoram tanto para serem lançados, em vez de serem lançados uma vez por mês?

R. Porque estou cansado de uma maneira que o sono não pode consertar.

Porque estou *quebrado.*

Minha saúde mental e física estão abaixo do vaso sanitário e no esgoto. 2020 é uma paisagem infernal, e há coisas particulares na minha vida pessoal, mas tudo isso me custou muito e meio que me pegou de surpresa toda vez que tento recuperar a velocidade e o impulso. Um dos meus amigos próximos morreu. Meu gato foi diagnosticado com uma doença terminal (e eu tive que largar tudo, incluindo as edições finais deste livro, para pegar algum trabalho de projeto para cobrir suas despesas médicas). Minha doença crônica piorou porque envelhecer é uma *merda*, e minha capacidade geral de colher é tão baixa em alguns dias que a única coisa que posso fazer é agradecer por não ser terminal, mas *é* miserável. Algum filho da puta idiota desperdiçou cinco meses da minha vida e roubou cinco meses de trabalho/progresso de mim alegando que sua tentativa de controlar cada minuto que eu acordava (e dormia) enquanto sufocava a independência e a energia criativa de mim era *amor.* Um cliente freelancer para o qual fiz quatro meses de trabalho estressante me pagou fiança e se recusou a me pagar porque não queria ser seu melhor amigo depois de meses de seu comportamento abusivo, então tive que encontrar um trabalho extra para compensar esse dinheiro perdido, mas nada poderia compensar o tempo perdido. Bem quando eu estava prestes a pegar isso de volta depois de cuidar do meu gato, fui derrubado pelos joelhos pela pior infecção que já tive na minha vida, e por uma semana só consegui sair da cama tempo suficiente para alimentar os gatos e enfiar mais antibióticos na minha garganta.

E esse é apenas o prato de amostra dos últimos meses, nem mesmo o bufê completo de merda deste ano esteve no topo do que todos estamos lidando com o COVID e a turbulência da democracia americana e *tudo mais.* 2020 simplesmente não vai parar de se acumular. Foram 12 meses de hipervigilância ininterrupta, reações de estresse/trauma e – Jesus foda-se, e *agora?* – —e o cérebro humano não pode funcionar quando inundado com tanto cortisol 24/7/365.

Eu não estou bem, mas estou tentando, pessoal. Eu sinto Muito. Eu continuo tropeçando, mas enquanto eu continuar tentando, estou avançando com *alguma* velocidade.

Tenho a sensação de que depois deste ano, muitos de vocês sabem exatamente como me sinto.

Espero que eu possa… Redefinir e começar de novo em 2021.

P. Sobre o que Malcolm estava falando, com o bindi negro e a Dra. Karandikar ?

A. Um bindi vermelho é tradicionalmente um significante de um casamento auspicioso. Com o tempo e a evolução, às vezes o significado de bindis e suas cores podem mudar, mas um bindi preto geralmente é um sinal de uma viúva. Malcolm reconhece que a Dra. KarandiKar perdeu seu esposo e usa o bindi preto em reconhecimento, e estava oferecendo suas condolências à sua maneira.

P. ... Sua linha do tempo está fora de sincronia entre Mal/ Song-Jae e Anjulie /Gabrielle/Sade novamente.

A. EU SEI E ESTÁ ME LEVANDO PARA O LADO

Acho que vou ter que deixar isso até chegarmos um pouco mais perto do final com alguns saltos de tempo em Baltimore, no entanto. Com o ritmo da história, eu encaixo as cenas baseadas em Baltimore onde eu acho que elas melhor pertencem, e às vezes isso é depois que mais tempo se passou em Los Angeles ou onde quer que Mal e Seong-Jae estejam agora.

... Não significa que eu goste.

P. Aanga realmente não está se apaixonando agora. Eu não gosto dele.

R. As pessoas lidam com o luto de maneira diferente. Mas acredite em mim, não estou tentando pintá-lo como alguém que você deveria gostar. *risos* Se dei essa impressão, me desculpe. Eu acho que ele é um idiota orgulhoso que deixa seu ego atrapalhar muitas coisas, embora ele tenha alguns momentos de simpatia aqui e ali. Ele é definitivamente um humano muito falho, e quero dizer... Há uma razão para Seong-Jae estar com Malcolm, e não com Joshi.

P. Ele... Ele é um dos mocinhos, certo?

R. Sim. Ele é apenas um idiota arrogante.

P. Eu não entendo como Malcolm e Seong-Jae podem estar rindo e brincando agora.

R. Eles são porque precisam ser. O cérebro humano é uma coisa estranha. Na verdade, fomos projetados para ser infelizes; sempre que atingimos um estado chamado – feliz, nosso cérebro move as traves do gol e, de repente, *feliz* não é bom o suficiente. Feliz é mediano, comum, básico, então temos que nos esforçar por *mais* para sermos felizes, e é preciso um esforço consciente e condicionamento mental para olhar para o que temos e dizer – Isso é o suficiente, e estou contente. Está embutido no design de nossa espécie para nos manter empurrando e nos esforçando e constantemente buscando *mais* para não estagnarmos em uma escala evolutiva, mas também pode sair pela culatra quando coisas como depressão e ansiedade ficam emaranhadas nessa programação até que esse sentimento de não ser/fazer *o suficiente* nos esmaga além da capacidade de rastejar para fora dela.

Esse é o interior do meu cérebro, na maioria das vezes. Eu tenho aquela vontade de pressionar por *mais*, mas muitas vezes me prendo em um buraco miserável de disfunção de saúde mental que piora à medida que eu estagno – ou, para colocar de forma mais sucinta, em uma *queda.* Mas às vezes eu esqueço que a fiação no meu cérebro é meio *foda* e nem todo mundo vive assim 24 horas por dia, 7 dias por semana, lutando constantemente com respostas de depressão/ansiedade/trauma/pessoas me chutando na cara e depois zombando de mim por estar no chão. Então eu tenho que dar um passo para trás, olhar para meus personagens e lembrar de outra coisa:

O cérebro humano também não foi projetado para ser consistentemente miserável.

Inferno, 90% ao terminar este livro eu saí de um foda ano e apenas decidi que estava cansado de estar cansado, cansado de me sentir um merda, e eu só queria fazer a porra - então eu *fiz* a porra. Porque meu cérebro atingiu seu limite para esse mal-estar contínuo e disse: – Não, não vamos mais fazer isso.

O que se resume é que somos *adaptáveis,* e nossos cérebros farão o que precisam para sobreviver. Às vezes, esses mecanismos de sobrevivência ficam fora de controle e se transformam em um prejuízo (um dia me pergunte como a ansiedade é na verdade a tentativa do seu cérebro de protegê-lo de coisas ruins, deu *super* errado, mas achando que está agindo com boas intenções), mas esses mecanismos de sobrevivência vão ainda nos ajudam a nos adaptar para que não fiquemos presos em um lugar e sejamos capazes de nos levantar e seguir em frente e procurar uma solução - quando as coisas estão funcionando como pretendido, pelo menos. Isso inclui nos dizer que – feliz – não é suficiente, então nos esforçamos por mais. Isso inclui nos dizer que não podemos ficar presos em um lugar por muito tempo, então aqui está um pouco de dopamina para manter essa motivação e nos levantar.

Inclui motivar Mal e Seong-Jae com uma nova explosão de energia e deixá-los procurar as coisas brilhantes, as coisas calorosas, as coisas para sorrir, para que possam continuar com a determinação e o coração necessários para proteger as pessoas. Eles amam e veem este caso até o fim.

Além disso, Mal está farto da porra e fazendo suas próprias coisas, e Seong-Jae está cansado de ter seu gás negado, e então ambos têm um fogo aceso sob suas bundas - o que os torna um pouco ferozes, e um pouco perverso.

E eu os amo assim.

P. Estou um pouco confuso porque a polícia não procurou por Mik Christiansen e percebeu que Sila /Lucas/Seth não era ele. Suas tias Katie e Hannah não teriam revelado a verdade anos atrás?

R. Eles não procuravam um corpo quando não sabiam que havia um corpo para ser encontrado. Eles pensaram que tinham um filho sobrevivente e, com a possibilidade de os membros restantes da gangue que mataram sua família ainda serem uma ameaça, eles fizeram uma escolha para não colocá-lo em perigo, deixando saber que ele sobreviveu. Eles deixaram até suas tias pensarem que ele morreu, relataram sua morte nos registros policiais e o colocaram sob proteção a testemunhas para mantê-lo seguro. Portanto, não haveria ninguém para verificar se eles não tinham o filho certo - especialmente 20 anos atrás, quando o rastreamento e a verificação de identidade não correspondiam às mesmas tecnologias, métodos e padrões que temos agora.

P. E Sila fez tudo isso quando era *pré-adolescente?*

R. ... Você ficaria surpreso com o que um pré-adolescente particularmente inteligente pode fazer quando foi treinado o suficiente. Algumas das histórias de merda *que eu* me meti nessa idade (sim, merda ilegal, mas nada que machuque alguém) deixaria seu cabelo branco.

POSFÁCIO

Sim. Nós estamos ainda fazendo isso. Porque negros e negras ainda estão sendo assassinados pela polícia.

Por favor, nunca esqueça que Malcolm e Seong-Jae são exceções.

Não a regra.

Mesmo policiais bons são policiais ruins se forem silenciosos, cúmplices e olhando para o outro lado. A menos que eles estejam trabalhando ativamente para mudar o sistema de dentro, empurrando contra a linha azul, mantendo outros policiais em um padrão mais alto... Eles estão apenas permitindo que o sistema que nos mata se perpetue.

Eu gostaria que policiais como Malcolm e Seong-Jae não fossem apenas uma fantasia.

Mas eles são.

Então, até que vivamos em um mundo onde eles sejam uma realidade, temos que recuar. Temos que buscar a justiça. E temos que nos *importar* o suficiente para ajudar as pessoas abandonadas por um sistema que trata suas vidas como descartáveis, sem valor.

A inação ou ação de uma pessoa pode não parecer muito.

Mas se soma.

Cada pequena coisa que podemos fazer *importa.*

E cada pequeno passo que damos é tão importante quanto as vidas que estamos tentando proteger.

-C

AGRADECIMENTOS

Eu estou escrevendo isto primeiro para mim mesmo.

É um pouco estranho escrever agradecimentos para si mesmo, não é?

Mas recentemente eu, como Seong-Jae, reconheci que estava em uma situação ruim e saí antes que isso consumisse anos do meu tempo, vida e saúde mental, em vez de ficar por aqui porque – um dia vai melhorar – e – não é quem ele *realmente* é.

Deixe-me te contar algo.

Se alguém é feio, desagradável e mordaz com outras pessoas, mas sempre tem uma razão pela qual merece, está mostrando quem realmente é.

E não importa o quão legal eles sejam com você agora, é apenas uma questão de tempo antes que eles fiquem sem inimigos e de repente há uma razão *para você* merecer também quando há uma pequena lista de alvos disponíveis e eles precisam de alguém para machucar. Eles sempre encontrarão uma razão pela qual a culpa é sua. Por que eles não podem ser responsabilizados pelos danos que causaram. Por que eles não puderam deixar de machucá-lo porque você fez X, Y ou Z, então você mesmo o provocou. Por que realmente, você é o único que não é razoável por esperar que eles não o machuquem; por que você está pedindo demais, sendo muito exigente.

Por que eles não levaram você a sério quando você disse *não*.

Então eles vão se virar e dizer... Não, eles são uma boa pessoa, realmente. É só que você se preparou para isso, você sabe. Eles só são horríveis para as pessoas *realmente* más, então se eles foram horríveis para você, bem, você deve ter feito algo para criar essa situação em primeiro lugar, na verdade, é assim que a culpa é *sua.*

Como Maya Angelou disse... Quando as pessoas te mostrarem quem elas são, acredite nelas.

Eu tenho minha própria regra sobre as pessoas:

Se eles vão fazer isso com outra pessoa, eles vão fazer isso com você.

Quase me esqueci dessa regra.

Então, estou muito orgulhoso de mim mesmo por não ter feito isso, e não acho que isso seja uma coisa ruim de se reconhecer.

...

Além disso?

Eu escrevo livros de merda quando estou em um relacionamento, não é?

Talvez um dia eu encontre o relacionamento que realmente acrescenta à minha vida, em vez de tirar as coisas e tirar cada vez mais o coração e a alma de que preciso para escrever esses livros.

Mas até lá…

Acho que ficarei feliz escrevendo sobre isso.

nas redes sociais, você geralmente pode encontrá-lo nesses lugares habituais: